

ISAAC NICOLAU SALUM

A PROBLEMÁTICA
DA NOMENCLATURA SEMANAL ROMÂNICA

Tese apresentada
à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,
da Universidade de São Paulo,
para Concurso de Provimento
da Cadeira de Filologia Românica.

São Paulo, 1968

A PROBLEMÁTICA DA NOMENCLATURA SEMANAL ROMÂNICA

INTRODUÇÃO

O presente estudo é a seqüência do meu trabalho anterior, apresentado como tese de Livre Docência para a Cadeira de Filologia Românica e defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a 14 de junho de 1967 - uma semana depois do edital que punha a Cadeira em concurso -, sob o título: A Semana Astrológica e a Judeo-Cristã (Introdução à problemática da nomenclatura semanal românica). Embora elaborado durante cerca de treze anos, a redação daquêle se fez meio atordoada, em menos de 50 dias, em virtude de circunstâncias especiais. Por isso omitiram-se fatos importantes no campo da introdução e incluíram-se indiscretamente outros não menos importantes da problemática, quase comprometendo irremediavelmente a sorte dêste, que naquela ocasião já estava esboçado e com quase toda a matéria levantada.

Retomando o trabalho, logo no começo do segundo semestre de 1967, defrontei de início com êsse impasse, ao qual se seguiram alguns outros. Primeiro, a rotina das ocupações docentes e administrativas a interromper as atividades. Depois, a impossibilidade de conseguir imediatamente, em microfilmes ou ampliações, alguns estudos que na bibliografia da tese introdutória foram precedidos de asterisco, como indicação de que só eram conhecidos pelo título. Depois ainda, a necessidade de algumas consultas demoradas à Biblioteca do Mosteiro de São Bento, para preenchimento de várias lacunas de informação. Finalmente, o reexame de muitos fatos que antes me pareciam claros, mas depois se complicaram.

As insuficiências que sentimos quando tentamos estudos de natureza mais ampla, como o que pretendeu o trabalho anterior e como o que êste pretende fazer, não são apenas de conhecimento de fatos linguísticos, mas também lacunas graves - ouso confessá-lo candidamente - nos conhecimentos de História Antiga e de Geografia Antiga e Moderna. Há também outros "handicaps", ou "breques" linguísticos, à primeira vista estranhos à Romanística. De um lado, a problemática da nomenclatura semanal da periferia do mundo judaico antigo e a da periferia da Românica antiga e atual, porque aquela tese pretendeu deixar claro que, para compreensão dos fatos românicos, não se pode dispensar o domínio dos fatos periféricos. E não é fácil ser poliglota. Aliás, o espírito do poliglota em geral não se casa bem com o do linguista, ou, se me é permitido aplicar a expressão ao meu caso, com o do "aprendiz de linguista". O poliglota usa as línguas, mas não as explica nem as compara necessariamente. Por outro lado, a bibliografia alemã não se devora nem se digere rapidamente. Mais rapidamente se lêem os latinos, especialmente os autores da Patrística, do que os especialistas

alemães. Não é por culpa deles, não, mas da versatilidade do seu vocabulário. E quem quiser dispensá-los deveria começar por desistir de fazer lingüística, especialmente histórica. É preciso que eles sejam assimilados, ainda que os dedos lixem ou manchem as folhas do dicionário alemão-português.

Todos esses obstáculos quase me fizeram desistir da empresa. E não foi só porque Camões, ou Marte, advertiu que

"é fraqueza

desistir-se da coisa começada" (Lus., I, 40)

que eu achei melhor continuar até o fim, embora Marte seja "uma das autoridades" da semana. Há ainda outras razões. Lembrei-me primeiramente das parábolas de Jesus (Luc., 14, 28-32): quem quer construir uma torre assente-se primeiro e calcule se tem com que a acabar, quem quer declarar guerra veja primeiro se consegue vencer. Verdade é que a exortação me ocorreu um pouco tarde demais. Para remediá-lo resignei-me a fazer a torre só com o material já reunido sem pensar em desistir. Além dessa exortação severa, há aqui um pouco do desejo meio ambicioso de colaborar, modestamente embora, com o nosso esforço universitário no fornecimento de informação que tivesse consistência a essa onda de gente sedenta de cultura que busca os estudos superiores e aos que por eles já passaram. Há também um pouco da consciência da responsabilidade que incumbe a um professor universitário, que distribui temas aos estudantes para que eles façam seus arremedos de pesquisa, e sente que deve dar-lhes o exemplo, se não de esforço esclarecido, pelo menos de paciência e teimosia e algo de método. Ademais, isto é acaciano, quem faz a introdução à problemática deve tratar da problemática também(1).

Há um provérbio que eu não citaria agora, se atrás do sorriso que estas palavras velam ou revelam não estivesse a compunção de um "confiteor" ou uma preocupação apologética: "O gênio é uma longa paciência". Aliás, isso é apenas meia verdade, porque eu conheço por experiência própria, e pela análise das experiências dos outros, um ingrediente bem mais humilde do que a paciência, mas que com ela se tem associado para criações e descobertas que a hipérbole e a bondade da crítica às vezes chama "geniais". É o acaso. Acaso ou Providência? Chamem como quiserem: eu creio que é Providência, mas vou aqui chamar de "acaso". O acaso é um excelente aliado do pesquisador paciente. Mas ele só funciona quando a gente tem o livro na mão. Estou dando um testemunho. E, graças a Deus, porque desse modo, apenas com inteligência lúcida, mas absolutamente comum, sem estalos de cabeça, alguma coisa se pode construir, ainda que fazendo tese, chamando-lhe pesquisa, e, em última análise, realizando a ta-

refa nada inglória de "vulgarizador". Uso o termo sem grande receio, embora ele me dê alguns calafriosinhos.

Os problemas da nomenclatura semanal românica são inúmeros - fonéticos, morfológicos, estruturais, históricos, exegéticos - e todos eles têm sido muito discutidos, e continuam sendo discutidos, às vezes até com certa paixão. Romanistas há que os têm versado três e quatro e mais vezes sob diferentes aspectos e que certamente ainda os retomarão. Basta um exame rápido da bibliografia de estudos especiais que vem disposta segundo a ordem das datas do seu aparecimento no fim deste trabalho. E ela está longe de pretender ser completa.

Alguns desses problemas foram estudados quando se tratou da formação e estrutura da semana astrológica ou da semana judeo-cristã. Outros foram apenas apontados. Há em cada um dos dois sistemas questões fonéticas ou analógicas internas que precisam ser esclarecidas ou simplesmente apontadas, ou exploradas em relação aos fatos atuais, isto é, românicos. Há problemas ligados à hibridação (2) - que não foi homogênea - de boa parte dela ou a expansões da semana astrológica, que não foram uniformes. Há o caso interessante do sintagma ordinal + feria, que coloca nossa língua em posição tão particular, assim como outras inovações cristãs de menor extensão, mas não de menor interesse. Há a questão da anteposição ou posposição de dies nas fórmulas planetárias, ou sua ausência delas, assim como seu uso nos dias cristãos.

Como uma grande parte dessas questões são já velhas - não para nós, contudo, nem para nossa cultura - os dois problemas fundamentais são: a explicação da vitória ou da derrota das fórmulas cristãs e a da posição de dies. São essas as duas questões postas especialmente na ordem do dia por dois diálogos ou mesas-redondas realizadas no decorrer destes dois últimos decênios e das quais participaram romanistas de renome.

A posição ou supressão de dies é o problema sentido mais recentemente. Apesar disso, que eu saiba, tem mais de meio século, pois foi proposto, de modo um tanto displicente, por Meyer-Lübke, em 1901, num artiguinho - perdoe-se-me o diminutivo - rico de informações, mas tão mesquinho e apressado, encerrando como sétimo estudo, uma série em que os seis precedentes - de Jensen, Nöldeke, Thumb, Gundermann e Thurneysen - fizeram levantamentos de fatos e exames válidos até hoje. Retomaram-no Gilliéron e Mario Roques em 1908, Walther von Wartburg, de 1934 até estes últimos anos, em substanciosos artigos nos vols. III, V e XIV do seu monumental Französisches Etymologisches Wörterbuch ou FEW (pronuncie-se EF-E-VE) e num longo artigo na Revista de Filología Española, 33 (1949), H.P.Bruppacher, em parte duma alentada obra de coragem, paciência e lucidez, em 1948,

Albert Henry, num substancioso e bem documentado artigo, em 1950, Gerhard Rohlfs, num artigo rápido, mas muito claro e interessante, em 1954, Per Nykrog em 1953, num lúcido estudo, sóbrio e modesto, apesar da impressão em contrário dada pela segunda parte do seu título - "Dilun - lun - lundí. Une mise au point" -, e Rudolf Baehr, em 1957, num artigo longo, de 31 páginas, que examina todos os problemas da semana românica, reservando 14 páginas, ou pouco menos, para essa mesa-redonda, e, finalmente, Constant Maneca, em 1958, num belo artigo, que parece ter lançado, quase, a última pá de cal sobre a questão, embora o estudo de Baehr, que Maneca não conhecia ao escrever o seu, já lhe antecipava as conclusões. Voltarei ao caso daqui a pouco.

A fórmula com feria vem preocupando religiosos e cronologistas e linguistas há mais tempo. Vem também mais bojudá de problemas: lugar e meio de origem, data da constituição, uso do singular e semântica de feria, adoção "oficial" luta com a planetária, razão de se ter implantado em tão pequena área, ou antes, razão de se ter implantado nessa área. Alguns deles já foram sentidos ali pelos sécs.V a VII, outros são mais tardiões; e é possível que tôdas as soluções estejam condenadas a ficar eternamente no plano das hipóteses. A mais grave das questões, ligada ao destino do sintagma, foi posta na ordem do dia por um artigo do romanista alemão Wilhelm Giese, publicado no Boletim de Filologia, tomo VI (1939), que deu origem ao segundo diálogo, este entre Manuel Paiva Boléo e o autor, de que surgiu o opúsculo Os nomes dos dias da semana em português, publicado por Paiva Boléo em 1941. Outros romanistas sentaram-se à mesa-redonda, alguns deles participantes da primeira atrás mencionada. Não será aqui o lugar de introduzir os pormenores do diálogo e a discussão do problema, que virá a seu tempo. Esta notícia geral é só para mostrar que não estamos absolutamente diante duma floresta virgem, mas em terreno bastante trilhado, tanto no domínio dum sintagma como no do outro - dies + nome planetário e variantes, ordinal + feria, - na expressão dos dias de dilun, lun, lundí a divendre, vendre, vendredi (ou variantes) ou de segunda a sexta-feira.

Per Nykrog, na sua "mise au point", depois de apresentar como tipo herdado do latim o tipo dies lunis, do qual teria vindo dilun e dêste mais tarde lun, encerrava o seu estudo com estas palavras:

"Mais deux régions, pour des raisons qui nous sont inconnues, ont créé un nouveau type, lundí, à savoir la France proprement dite et des parties de l'Italie du Nord avec les Alpes rhétiques. Plus tard ce type, d'abord ni plus, ni moins distingué que les autres, a étendu son domaine, par le prestige des dialectes d'où il sort, tant en France qu'en Italie". (3).

Ignorando o trabalho e a conclusão de Baehr, Maneca, em

1958, e certamente impressionado com a restrição de Nykrog - "pour des raisons qui nous sont inconnues" - assim inicia o seu estudo:

În limbele romanice zile-
le săptămîni au trei tipuri de
nume la baza cărora stă în gene-
ral un nume de planetă. O singură
chestiune se pare că nu a fost încă
lămurită, și aceasta este în le-
gătură cu explicarea răspîndirii
celor trei tipuri: lunis, martis,
etc; dies lunae, dies martis etc;
lunae dies, martis dies etc.(4).

Nas línguas românicas, os
dias da semana têm três tipos
de nomes em cuja base está em
geral um nome de planêta. Uma
única questão parece que não
foi ainda esclarecida e essa
está em ligação com a explica-
ção da propagação desses três
tipos: lunis, martis, etc; dies
lunae, dies martis, etc; lunae
dies, martis dies, etc:

Se é ^{isto} fato uma única questão que "parece não ter sido esclarecida" até então, e se êle e Baehr já a esclareceram, então nada mais há a dizer sobre o caso." O terreno não é mesmo virgem. Mas aqui é que entra o que eu atrás chamei "tarefa nada inglória de vulgarizador", porque o que êste trabalho pretende ser não é uma "mise au point" para europeus, mas uma apresentação do conjunto dos problemas da nomenclatura semanal românica, para brasileiros, para a nossa cultura, com base em muito levantamento pessoal dos fatos. Temi de início usar um termo que seja mais pretensioso do que êste trabalho. Mas declaro, sem muita convicção, que o que êle pretendia era ser uma espécie de "consolidação" dos estudos e textos documentários e fontes relativas à semana como contribuição para a cultura brasileira. Para isso tentei aproveitar tudo o que foi possível consultar dos estudos dos romanistas do passado e do presente, aos quais desde já apresento o meu mais profundo agradecimento: muito ^{que} aqui se vai dizer representa manipulação de material que êles forneceram, ou sugeriram, e, se aparecer alguma novidade, é porque êles abriram o caminho, ainda que nem sempre eu concorde com êles.

Uma primeira parte tratará de questões gerais como o empréstimo lingüístico ilustrado pelos nomes dos dias da semana, o esvaziamento semântico colaborando na integração dos nomes de origem diversa dentro dum sistema, as grandes áreas dos principais sistemas europeus, a visão conjunta dos sistemas românicos. A ela seguir-se-á a exposição dos problemas fonéticos e estruturais do sistema planetário, desde os documentados em latim, mesmo dos que já ficaram por outros resolvidos. E a esta seguir-se-á o exame da sorte da nomenclatura eclesiástica, das inovações internas, suas linhas de penetração, dos problemas das fórmulas com feria, da formação de sistemas híbridos com as fórmulas planetárias e de inovações tardias. Se o tempo disponível permitir, ver-se-á algo da se-

mana no folclore e um quadro mais completo do panorama românico com um exame de algumas oposições entre as diferentes áreas.

Haveremos de ver ainda como nas duas mesas-redondas de que atrás se falou cada um foi contribuindo para avançar o marco e alcançar o outeiro de onde o horizonte se mostraria mais amplo e o céu mais limpo. Não é preciso ter-se experiência muito vasta ou profunda no campo da pesquisa, especialmente da pesquisa histórica, para se convencer de que a roda foi mesmo concebida quadrada: a tarefa de torná-la redonda é operada pelo desgaste - experiência da roda e não do operador - e por pequenas intuições e intervenções que vão tendo gerações sucessivas no seu uso. Espero que este trabalho ajude um pouco a "arredondar" a roda da semana.

Disseram várias vezes que Musset imitava Byron. Duas vezes, pelo menos, em 1832, em La Coupe et les lèvres (versos 77-84), e em Namouna (II, VIII-IX, vv.47-54), êle deu resposta a essas críticas, da primeira com certa altivez, da segunda, prevenindo nova crítica, em tom brincalhão. Só me interessa aqui esta última:

VIII

.....

"Byron, me direz-vous, m'a servi de modèle".

Vous ne savez donc pas qu'il imitait Pulci?

IX

Lisez les Italiens, vous verrez s'il les vole.

Rien n'appartient à rien, tout appartient à tous.

Il faut être ignorant comme un maître d'école

Pour se flatter de dire une seule parole

Que personne ici-bas n'ait pu dire avant vous.

C'est imiter quelqu'un que de planter des choux.

(Namouna, II, 47-54).

Esta citação não visa a justificar imitação alguma, pois que aqui não houve imitação propriamente. É apenas para declarar que quem estuda com cuidado o que fazem os mais entendidos aproveita duplamente: apreende informações e aprende método de trabalho. Em qualquer dos dois aspectos está aprendendo a "plantar couves", na expressão irônica e pitoresca de Musset.

Mas às contingências, que me levaram a fazer uma introdução à problemática - na minha opinião, incompleta e indiscreta -, obrigam-me agora a complementá-la, dando guarida aqui a matéria de natureza introdutória, e, outras vezes, retomando problemas que lá se infiltraram sorrrateiramente. Procurarei salvar a unidade do trabalho tentando fazê-lo de leitura amena e não muito insípida. Como também a antologia de textos documentários que o outro procurou abrigar ficou incompleta, êste se vê forçado a continuá-la.

Naturalmente, o plano heterogêneo levar-me-á a idear capítulos ou secções de capítulos deslocáveis, de modo que uma segunda redação de ambos, da Introdução e da Problemática se êste corresponder à expectativa, os refunda totalmente com vistas à sua edição definitiva, realizando mais ou menos o que em Química se chama "reações de dupla troca", com transposição de secções de um para o outro. Assim, também êste, como o primeiro, "renuncia à aspiração de vir a ser um "belo livro", como dizem os críticos franceses acêrca dos trabalhos agradáveis pela forma e ricos de conteúdo". E essa citação da p.6 da parte introdutória daquele bem mostra que êste foi também redigido nas mesmas circunstâncias e dentro das mesmas perspectivas.

É evidente que tôdas estas informações são apenas explicações. Não há prefácio capaz de eximir da responsabilidade das lacunas e deformações que um trabalho dado a público trazer consigo. Quem "põe as cartas na mesa", porém, revela que tem intenção de "fazer jogo limpo". E é isso que êste exame de consciência a respeito da Introdução e dêste estudo pretende demonstrar.

Mas é também exame do que se conseguiu fazer. Por isso, digo sinceramente que tenho a impressão de que os dois, já na sua forma atual, apresentam, apesar de tudo, para uso brasileiro, uma vista geral bastante compreensiva dos problemas históricos e das implicações lingüísticas fundamentais que a nomenclatura da semana e dos dias envolve. Se em muitos pontos esta síntese exigiu a aceitação consciente da tarefa de "divulgador", uma parte substancial dela há de revelar, espero eu, organização pessoal e crítica, constantes interferências pessoais na análise dos fatos, e preocupação de rever ou complementar soluções em tôda a linha.

Não posso calar também uma certa alegria de estar pondo ao alcance dos brasileiros amigos da cultura lingüística e filológica, de formação cultural universitária, e, talvez, média, assim como, naturalmente, ao alcance dos meus colegas brasileiros dos Cursos de Letras - "aprendizes de lingüistas ou de filólogos", como eu mesmo - um conjunto válido de documentação e de informações não muito indigestas, ao lado de sugestões de método de investigação e de exposição, evidentemente com as deformações que cada um de nós imprime naquilo que tenta criar.

Será que isso é vaidade?! Perdoe-se-me esta vaidadezinha. O tema não produz alimentos, nem instrumentos eletro-domésticos, nem carros, nem é de interesse estratégico, mas nos envolve mais intimamente do que as nossas vestes. Vivemos mergulhados no cotidiano e mais condicionados pela semana do que certamente pelo mês e pelo progresso. E a família lingüística neolatina é mais variegada que muitas outras na designação dos dias. Quem conhece duas ou três línguas românicas e algumas outras de outro grupo há de ter sido já

visitado pela curiosidade de entender ou de explicar as concordâncias e as oposições nas designações dos dias entre língua e língua ou, dentro duma só língua, as oposições internas no sistema. Se é certo que essa explicação não mata fome de alimentos nem satisfaz a ambição de possuir um aparelho ou um carro, nem mata um inimigo na guerra, nem nos leva à Lua ou a Marte, trará Marte, a Lua e até Saturno, nos nomes dos dias, à nossa convivência semanal e diária, e matará a curiosidade, que, ao contrário do que se diz, é muito mais humana que genuinamente feminina, e, quando não é satisfeita, comicha e incomoda demais.

Não me entendam mal, nem me objetem que esta linguagem não é científica. Nem me censurem esta introdução apologética. Há certas ciências que no mundo de hoje vivem tão desmoralizadas que precisam defender o seu direito de um lugar ao sol. E, se é verdade que aquele que tem a dar uma mensagem de umas duas centenas de páginas não pode começar "enchendo lingüiça", também é preciso sentir o feriado na vida, mesmo quando se atola no trabalho, o ócio quando se empenha no negócio, o desopilante do fígado precisamente quando se fala sério. Para não cansar a "vítima". Os dias da semana são dias de trabalho. Nós os chamamos feiras, termo que, segundo o étimo latino, era a designação dos dias feriadados. A não ser os galegos em parte, ninguém mais na România assim os chama. Só nós assim os chamamos. Valorizemos o que é nosso.

Se o outro estudo foi Introdução à Problemática, este há de ser apenas A Problemática da Nomenclatura Semanal Românica. O tema é tão discutido que se desgastaram até os títulos: hoje é muito difícil encontrar um título que seja original e curto e bom. Mas o assunto não só nos envolve: empolga também. Daí a emoção com que escrevo esta introdução, que, contrariamente ao costume geral, é redigida antes do trabalho, por causa das circunstâncias. Estas impedirão também, no momento, a elaboração de índices especializados, e, talvez até, um elenco completo de abreviaturas, do que desde já se apresentam aqui as escusas.

Ao folhear livros e fazer fichas e esboçar o tratamento da matéria, assistindo ao flagrante das vicissitudes dos dias e de seus nomes, lembrava-me das velhas sofridas da minha terra, ao contarem para as amigas os vai-vens da sua sorte: "Minha vida, D. Cotinha, dá um romance, dá muitos romances!" Por isso mesmo, cheguei a pensar que o melhor título seria: "O romance da semana". Mas esse não é muito científico: "problemática", que é proparoxítono, além de mais respeitável, diz bem o que eu quero discutir.

Há um mundo de pessoas a agradecer por terem colaborado para que este trabalho chegue a bom termo. Primeiro aqueles cujos estudos foram aqui usados e discutidos, como já o fiz. Depois, os

colegas e amigos, que aqui se mencionam globada e anônimamente, por serem muitos os que me ajudaram na sua elaboração. Mencionam-se especialmente: o meu caro colega, Prof. Áttico Vilas Boas, da Universidade Federal de Goiânia, pela indicação do precioso trabalho de Constant Maneba e pela sua paciência e dedicação em extrair dêle uma cópia manuscrita fidelíssima numa ocasião em que ainda não havia "Xerox"; o meu caro Prof. Dr. Mário Pereira de Souza Lima, tão pronto a tirar do bolso o seu caderninho e a fazer mais uma preciosa indicação bibliográfica, assim como a emprestar livros; o Prof. D. João Mehlmann, O.S.B., cujo fichário complementou meus apontamentos de atestações de feria e cujas observações pessoais sugeriram ou corroboraram soluções que seriam propostas a mēdo; o Prof. Dr. Theodoro Henrique Maurer Júnior, exemplo de método, reflexão e trabalho, meu confidente, sempre atento, pronto a ouvir a notícia duma descoberta, real ou imaginária, às vēzes reduzindo-a discretamente a proporções mais modestas e mais justas. As bibliotecas do Mosteiro de São Bento e do Colégio São Luiz, ou aos responsáveis por elas, agradeço a facultaçāo e a facilitaçāo da sua consulta. Agradeço ainda ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentaçaō, do Rio, e ao Serviço de Documentaçaō da Reitoria da Universidade de São Paulo os excelentes serviços pondo ao meu alcance, em ampliaçōes, estudos sem os quais nem o pouco que eu pude fazer teria sido possível. À datilógrafa um agradecimento especial pela sua paciência e dedicação e ao Oswaldo e ao Bruno, da gráfica da Faculdade, a paciência e boa vontade de mimeografar o trabalho, em horas extras e a prestaçōes, isto é, à medida que os capítulos iam sendo preparados e "a toque de caixa".

São Paulo, Abril 1968.

Isaac Nicolau Salum.

- 1) Aquêlê trabalho será aqui citado freqüentemente como INTROD.
- 2) Na INTROD. chamei "amalgamada" à semana românica em geral e à semana céltica. Maior reflexão sôbre o processo histórico da sua formação leva-me agora a preferir chamá-la "híbrida" e ao processo "hibridação". Fica mais bem ressaltado o caráter anômalo, de "colcha-de-retalho", que ela apresenta, naturalmente sanado pelo esquecimento etimológico.
- 3) "Dilun", Studia Neophilologica, XXVI, 1953, p.142.
- 4) "Considerații", Omagiu lui Iorgu Iordan, 1958, p.547.

CAPÍTULO I - A SEMANA: EMPRÉSTIMO CULTURAL E RELIGIOSO.

1 - Dizer que a semana é empréstimo cultural é já dizer que ela é um empréstimo religioso: o fenómeno religioso é um fenómeno cultural. Mas a semana foi, inicialmente, em sua criação, em sua evolução e em sua difusão, nos primeiros séculos, banhada densamente numa atmosfera religiosa (1). E não é ocioso notá-lo. Foi o impulso religioso que determinou muitas das inovações sofridas nas suas "peregrinações" pela Ásia, pela África e pela Europa. E não só isso: o processo pelo qual ela passou de povo a povo e de língua para língua obedeceu a uma cosmovisão religiosa.

a - Eis por que, este capítulo tenta ressaltar esse fato em seus pormenores. Mas, como isso implica em fazer história, ele tentará uma visão crítica da expansão da semana e das alterações por ela sofridas. A tarefa é penosa, pelo que ele foi de lenta e trabalhosa elaboração. Mas, embora seja essa uma questão introdutória e devesse por isso mesmo competir ao trabalho que precedeu a este, como aquêle não o fez, aqui se procura remediar a falta. Com isso, talvez, se reúnam subsídios para solução de problemas de detalhe da semana romana, à custa da semana mediterrânea em geral. Ele vai ser muito longo, mas espero que, dado o seu interesse, não seja fastidioso. E tentarei fazer o possível para torná-lo claro.

b - Nas suas duas formas - a judaica e a astrológica -, ela saiu do Oriente Médio. A judaica, um pouco mais antiga, passou o período da sua gestação ou formação no mundo palestino, no egípcio e no babilônico. A astrológica parece ter sido gerada no Egito, nos meios caldaicos, numa espécie de bas-fond, ou pelo menos num centro incapaz de registros escritos (2).

c - Procedem ambas de vivência semita, com substrato lingüístico semítico. A primeira, inicialmente do ramo semítico central (ou cananita), isto é do hebraico, e, depois, continuada no ramo semítico setentrional (ou aramaico), porque o povo de Judá, ali pela séc.VI A.C., mudou de dialeto, em consequência do Exílio Babilônico. De volta do Exílio, enquanto Esdras lhes ia lendo a Tora, em hebraico, os escribas lhes iam explicando o texto, em aramaico (cf. Neem., 8,8). O novo dialeto que abrigou a semana apresentava duas modalidades - o aramaico oriental, também chamado siríaco, e o aramaico ocidental ou palestino, também chamado, imprópriamente, caldaico (3). A segunda semana, a astrológica ou planetária, vem também do ramo aramaico; mas aí o elemento semítico é subterrâneo, apenas substrato, visto que os mais antigos traços históricos que dela temos são do mundo helênístico, ou, até, do mundo romano, um e outro indo-europeus.

d - Devido à natureza fechada da sociedade do povo hebreu antigo, a semana judaica ficou por muito tempo encerrada no seu grêmio. Mais tarde, com a Diáspora, ela se fez conhecida no meio grêco-romano, mas, ainda aí, gregos e romanos, quando a notavam, observavam-na de fora, em geral fazendo troça do Šabbāth: era "conhecida", mas não "usada" pelos estranhos. Foi, talvez, com a LXX que, linguisticamente, ela começou a penetrar no mundo helênico. E foi com a LXX, e depois com os escritos neotestamentários, por escritos gregos de alguns escritores judeus da Diáspora, e por escritos subapostólicos, que ela penetrou efetivamente no mundo helênico e bateu às portas do mundo romano.

e - A força expansiva da semana judaica, agora cristã, no mundo greco-romano e a que determinou mesclagens ou hibridação na germânica e na céltica e em outros domínios periféricos do Império Romano foi o cristianismo. O judaísmo a criou: passou-a ao cristianismo, e, talvez sem a colaboração deste, ao islamismo, ou, melhor, provavelmente, ao mundo árabe (4) antes do advento do islamismo (5). Cristianismo e islamismo difundiram a semana judaica, com algumas adaptações religiosas. Seriam, pois, três os elementos difusores: o judaísmo,^o islamismo e o cristianismo.

2 - O judaísmo, na medida em que fazia prosélitos, aumentava o número dos "usuários" da semana. Também, na medida em que espalhava as comunidades judaicas no mundo mediterrâneo, ia tornando conhecida de todos os povos, e reconhecendo isso com um grande entusiasmo, como notam Filão de Alexandria e Flávio Josefo (6):

a - Mas, como as comunidades judaicas mais tarde acabavam por ser assimiladas linguisticamente, o que ficava externamente da semana era a impressão do Šabbāth, que se tornou o núcleo em torno do qual ela gravitava, donde a sua visão como centro da semana, na anedota rabínica, havendo três dias "antes do Šabbāth" e três dias "depois do Šabbāth" (7) e donde ainda Šabbāth, "repouso", ter passado a significar também "semana". É possível que isso tenha colaborado um pouco para que o sabbatum/a e o *sambatum/a, sobretudo o falso feminino - que depois virou naturalmente feminino - tivesse tão larga aceitação. Apparently só a parte noroeste do mundo germânico antigo, todo o mundo céltico, um estranho ponto da România - a Toscana antiga - e, talvez, o basco, dão notícia do dies Saturni (8), o turco e o leto ignoram o Šabbāth: todas as demais línguas do mundo islâmico e cristão que convergem para o Mediterrâneo o conhecem.

b - Testemunho tácito, mas eloquente, dessa assimilação linguística, já na época antiga, é o fato de os próprios judeus chamarem ao planeta Saturno, Šabbthai (9), com um termo derivado de

sābbāth. É também o fato de que, todas as vezes que Dion Cássio se refere ao $\eta\ \tau\omicron\upsilon\ \kappa\rho\omicron\nu\omicron\ \eta\mu\acute{\epsilon}\rho\alpha$, ele está pensando é no šabbāth judaico (10).

c - Da semana judaica pura restam apenas dois traços: um, mais antigo, é a siríaca, dos cristãos sírios da Mesopotâmia (11), que mantém a forma aramaica do séc. I A.D. Os seus únicos dias que têm nome especial são a "sexta-feira", arūbhtā, e o "sábado", sabthā. Deve ter começado a difundir-se antes da época em que se escreveu o Apocalipse, pois ignora a grande inovação cristã que é a designação $\kappa\rho\iota\alpha\ \kappa\eta\ \eta\mu\acute{\epsilon}\rho\alpha$, documentada pela primeira vez nesse livro (Apoc., 1, 20). Designa os dias de "domingo" a "quinta-feira" pela fórmula numeral + bšabbā: hadh, trem, tlathā, arb'a, hamšā + bšabbā (12). Hadh bšabbā é, em siríaco, o $\mu\acute{\iota}\alpha\ \sigma\alpha\beta\beta\acute{\alpha}\tau\omicron\upsilon$ dos textos dos Evangelhos (Mat., 28, 1; Marc., 16, 9, etc.), dos Atos dos Apóstolos (Atos, 20, 7) e das Epístolas (I Cor., 16, 2) (13).

d - O outro é a semana da língua que é hoje oficial no Estado de Israel, o neo-hebraico, que representa um retôrno às formas clássicas da língua, de antes do Exílio Babilônico. Por isso, ignora quase completamente as alterações da semana aramaica da época talmúdica, embora a "sexta-feira" seja sempre mencionada como a "véspera do šabbāth" (14). O Estado de Israel ocupa todo o Negev da Palestina, do paralelo 31° e 30' para o sul até o Golfo de Aqaba, toda a faixa ao norte, do Jordão ao Mediterrâneo, e do Líbano ao paralelo 32° e 30', e, depois, a faixa litorânea que liga essas duas regiões.

3 - O islamismo não fêz muita alteração. As oposições à aramaica reduzem-se às seguintes:

1º - Os cinco primeiros dias, do "domingo" à "quinta-feira", são expressos pelos sintagmas:

- a) { yôm ou yaum, "dia," } + art. + numeral cardinal;
- b) { n'har, "dia" } + art. + numeral cardinal;

2º - A "sexta-feira" é:

{ yôm ou yaum, "dia" } + art. + jum'a, "reunião".

3º - O "sábado" é:

{ yôm ou yaum } + art. + sabt
 { n'har } + art. + sabt (15).

a - Ora, se exceptuarmos o nome da "sexta-feira", dia-da-reunião, que se liga às atividades do culto islâmico na mesquita, o que resta de novidade é o uso do cardinal em vez do ordinal. Mas parece que é o cardinal o que usa a semana siríaca, e é certamente cardinal o numeral da semana aramênia e da persa (15). Fora disto, temos a designação religiosa da "sexta-feira": yôm

aljum'a, "dia da reunião", ou, simplesmente, aljum'a, "{dia-da} reunião".

b - O islamismo se tornou o veículo da semana judaica, apenas com a inovação básica da "sexta-feira", por uma vasta região, na qual, em boa parte, êle entrou em concorrência com a forma cristã helênica ou latina, è, talvez, com a forma planetária, no ocidente da África Setentrional.

c - A expansão islâmica começou no séc.VII (17). Por ocasião da morte do Profeta em 632, o mundo islâmico ocupava a Líbia, o Egito, a Arábia, a Síria, a Palestina, a Mesopotâmia, a Armênia e a Pérsia. Ia até quase o Rio Indo. Menos de um século depois, eram ocupadas a Tripolitânia, a África Proconsular, a Numídia, a Mauretânia e a Tingitânia. Dessas regiões - as do Mediterrâneo meridional, bastante helenizadas, do Golfo de Sidra para o Oriente, e bastante latinizadas e cristianizadas a África Proconsular e a Numídia - a invasão islâmica varreu definitivamente a semana cristã (18) e, talvez, a planetária, esta provavelmente radicada só na parte ocidental.

d - Quanto à Mesopotâmia e à Pérsia, é provável que a expansão islâmica se tenha superposto a traços da semana cristã oriental. O zoroastrianismo fêz resistência séria ao cristianismo nos primeiros séculos, como blasfemo, por fazer Deus criador do mal, e como religião que desprezava as crianças e as riquezas. A resistência chegou à perseguição feroz em 343. Mas, um século depois, a controvérsia nestoriana levou para lá muitos cristãos nestorianos. É possível que, quando em 652 os árabes conquistaram a Pérsia, à semana herdada de elementos cristãos se tenha superposto apenas o traço islâmico, que é o nome da "sexta-feira".

e - A semana persa justapõe ao cardinal, nos cinco primeiros dias, o complemento adnominal šamba - forma nasalada do hebr. šabbāth, ou antes provavelmente do siríaco, šabba - mas o numeral parece indo-europeu: yak-šambá, dōšambá, siššambá, tšahar-šambá, pandšambá; a "sexta-feira" é ādhīna, e o "sábado", šambá. A única alteração é a religiosa, embora a influência lingüística do árabe sobre o moderno persa seja muito ampla. Ao árabe o persa tomou até o alfabeto.

Há apenas um pequeno problema: Que é que significa mesmo ādhīna? Nöldeke, especialista em línguas semitas, disse cautelosamente em 1901: "Den Namen des Freitags kann ich nicht erklären. Er stammt jedenfalls aus vorislamischer Zeit; freilich gilt das von allen diesen neupersischen Wochentagsnamen" (19). Seria por causa dessa hesitação que Tagliavini, em 1963, também afirmou sobre a palavra o seguinte: "Molto oscuro è il termine persiano adīne "venerdì" che si suole connettere con āyīn "festa" (e in origine legge,

regola, consuetudine"? (20). A mim me parece que a ligação de ādīna com "lei", "religião", indicando êsse termo exatamente o dia santificado dos mussulmanos, não daria lugar a dúvidas. É uma observação meio a mêdo, mas que não me parece muito tôla.

f - Com a Pérsia devem ter os turcos entrado em contacto no séc.VII, quando se converteram ao islamismo. Falavam língua uralo-altaica e habitavam ao nordeste da Pérsia e ao oriente do Mar Cáspio. É a sua conversão ao islamismo que os faz entrar na História. Receberam certamente da Pérsia alguns dos ingredientes da semana - os nomes da "quarta" e da "quinta-feira", - e dos Árabes o nome da "sexta-feira". É possível que o "domingo", a "segunda-feira" e a "terça-feira" e o "sábado" tivessem nomes aramaicos, tendo sofrido substituições ulteriores. É outra hipótese que faço a mêdo, porque a semana turca parece uma colcha-de-retalhos.

g - Eis a semana turca:

Domingo - Pazar gūnū (pron.pazár gūnú), "dia da feira" (21)
 Segunda-feira- Pazar ertesi (pron. ertessi), "depois da feira"
 Terça-feira - Sali (pron. salí), "terceiro" ou "três"(22)
 Quarta-feira - Çarşamba (pron.tcharchambá), "quarto da semana"
 Quinta-feira - Parşembe (pron. perchembé), "quinto da semana"
 Sexta-feira - Cuma (pron. jumá), "reunião"
 Sábado - Cuma ertesi (pron.jumá ertessi), "depois da reunião" (23).

Uma ligeira comparação com a persa mostra^{que} os termos turcos Çarşamba e perşembe são formas correspondentes ao persa tšahrşamba e pandşamba; cuma (pron.jumá) corresponde ao ár.aljum'a Pazar gūnū, "dia da feira", faz lembrar o húng.vasárnap (pron. voşarnop), formado de vasár, "feira"(24) e nap, "dia". E essa expressão, dia da feira, no húngaro, faz lembrar o nome do "domingo" em todas as línguas eslavas, vizinhas da Hungria.

h - Se consultarmos o célebre decreto de Constantino, que fez as nundinae, que eram feriae (25), coincidir^{durante} todo o ano com o dies Solis, que correspondia ao "domingo", teremos a chave do enigma. Ora, a famosa inscrição foi encontrada no Zagreb, perto da cidade húngara de Varazdin. Não é necessário tomar essa região especificamente como centro dessa designação: pode-se tomar a Península Balcânica - Mésia, Dalmácia e Panônia - que seria o centro de elaboração da semana eslava.

i - Mas... e o turco, onde e quando é que êle entra?

Entra pelo Império Otomano, que nos sécs.XI-XV foi comprimindo o Império Bizantino, progressiva e inexoravelmente: nos sécs.XI e XII corta-lhe a Ásia Menor oriental e central; no séc.XIV, corta-lhe o ocidente da Ásia Menor e a parte meridional da Península Balcânica, ao sul do Danúbio e a leste do Drina, até os confins da Tessália e da Albânia; no séc.XV, a 29 de maio de 1453,

toma-lhe a Capital, Constantinopla.

j - Assim, é de se supor que, pazar gũñũ, "dia da feira"

(= "domingo") e a fórmula relativa que lhe segue, pazar ertesi, "depois da feira" (= "segunda-feira"), não sejam anteriores ao séc.XIV. Nessa altura, já a semana húngara, e sobretudo a eslava, tinham quase seis séculos de existência. Ora, ali, sem exceção - a não ser o russo voskresenie, "ressurreição", e o eslavão gospodnica, "dominica" - o "domingo" é nedelja, "dia em que não se trabalha", e a "segunda-feira", pondelik, "depois do dia em que não se trabalha (27)", do que é decalque o turco pazar e pazar ertesi. O húngaro vasárnap coincide com o turco pazar gũñũ, mas a "segunda-feira" é hétfő, "cabeça", que em tradução livre é "dia primeiro", metáfora semelhante à do hebr. yôni ri'son, "dia cabeça" (ou "capital") para o "primeiro dia" (28)."

k - Todos êsses fatos parecem mostrar que o turco, que chegou

depois, e que trazia influência persa e árabe, veio a trocar os nomes de três dias, por influência balcânica. E aí, fato curioso, se formaram dois polos - um religioso e o outro, comercial e recreativo: pazar gũñũ e pazar ertesi é o polo comercial-recreativo, e cuma e cuma ertesi o polo religioso. Note-se que cuma ertesi é um decalque de pazar ertesi, como êste o é de pondelik.

l - Essas reflexões autorizam-nos a designar a semana turca como um tipo curioso de semana conflata (29), pois se pode observar:

- 1º - Influência siríaca: Sali, "têrça-feira", e o segundo elemento de çaršamba e de peršembe;
- 2º - Influência persa: o primeiro elemento de çaršamba e peršembe, bem como o processo de composição;
- 3º - Influência árabe: cuma, "reunião";
- 4º - Influência balcânica: pazar - que é já um empréstimo léxico persa - por empréstimo semântico de nedelja, pazar ertesi, por decalque de pondelik, e cuma ertesi, por decalque inspirado no polo inicial (30).

Ainda hei de voltar a êste problema e ao centro balcânico de reelaboração da semana e da sua expansão.

4 - O centro cristão trabalhou em três setores lingüísticos, ou, talvez, quatro: o setor semita, o helênico, o latino, e, talvez, o eslavo, ou balcânico. A princípio êles se sucedem em cadeia, mas depois passam a operar individualmente, ou superpondo camadas ou interferindo em domínios vizinhos. Também a literatura patrística apresenta essa tríplice, talvez quádrupla, divisão. Se não se pode falar de Padres Eslavônicos por oposição à trilogia Padres Orientais (que escreveram em siríaco), Padres Gregos e Padres

Latínos, podemos pensar pelo menos em quatro línguas litúrgicas famosas na História da Igreja Cristã, talvez cinco: siríaco, grego, latim, copta, eslavão.

5 - O setor semita deu origem à semana siríaca ou neo-aramaica, dos cristãos da Mesopotâmia, de que já se falou, à semana etiópica e à armênia. Da siríaca não trataremos de novo aqui: vejamos apenas a etiópica e a armênia.

a - A etiópica distingue-se da rabínica por duas inovações: a supressão dos determinantes nas fórmulas de ordinal + bšabba e novos nomes para o "domingo" e o "sábado". A primeira inovação é puramente lingüística e corresponde à que se deu independentemente em árabe e também em grego. A segunda é de cunho religioso. O "domingo" é o sambata krestyān, "sábado dos cristãos" ("descanso" dos cristãos), e o "sábado", o sambata nihūd, "sábado dos judeus" (= "descanso" dos judeus). Duas outras oposições, também de cunho religioso:

- 1a - Domingo: sambata ehud, "sábado do 1º dia";
Sábado: gādamīt sambat, "sábado mais antigo";
- 2a - Domingo: "sabado maior" (31);
Sábado: "sábado menor".

Esta segunda é da linguagem popular da região litorânea.

b - A semana armênia transpõe as fórmulas rabínicas, menos para o "domingo": traduz os numerais e toma emprestado o hebr. šabbāth na forma šapath, cujo gen. no adj.adnominal das fórmulas que designam dias da semana de "segunda" a "quinta-feira", é šapti (32). A "sexta-feira" provém de arūbhath (33). O "domingo" é a Κυριακή do grego, com uma pronúncia que reflete seu caráter tardio como empréstimo. Eis a semana armênia:

- Domingo - Guiragui -- (arc. Kiraki)
- Segunda-feira - Iergu šapti - ("Dois da semana")
- Têr-a-feira - Ierek šapti - ("Três da semana")
- Quarta-feira - Tšorek šapti - ("Quatro da semana")
- Quinta-feira - Čink šapti - ("Cinco da semana") (pron. čink)
- Sexta-feira - Urnat - ("Véspera" ou "Preparação")
- Sábado - šapāt or - ("Dia de sábado") (34).

c - Não tratarei aqui dos documentos apócrifos conservados por Eusébio, na História Eclesiástica I, XIII, 5: carta de Abgaro, toparca de Edessa, a Jesus, e resposta de Jesus a ele. São apócrifos, mas são antigos e, como atestações de evangelização anterior à do cristianismo helenista, podem ter algum valor: Edessa foi sede do bispado de Santo Efrém, o Siro, e essa lenda parece de-

nunciar um fato histórico que as formas siríaca e armênia da semana corroboram (35). Naturalmente quiriaghi, ou kiriaki é o retoque cristão, vindo mais tarde por influência grega. Note-se a iotização do υ e do η de κυριακή. Não é fácil fixar as datas desse ato. Parece que a do η foi mais antiga: entre 150 e 400 A.D., segundo Sturtevant (36). A do υ parece ter sido mais tardia, e um dos critérios de seu estabelecimento é precisamente a pronúncia iu, algumas vezes i, do υ nos empréstimos gregos ao armênio.

d - Tudo isso parece mostrar que o nome do "domingo" veio da Igreja Grega já nos primeiros contactos, pela pregação de Gregório o Iluminador, o apóstolo da Armênia, no fim do séc.III A.D. Os missionários que vieram colaborar com o Iluminador eram de Cesaréia da Capadócia ou da Osroene, e "implantaram como línguas litúrgicas o grego e o siríaco", pois "o armênio era apenas uma língua oral " (37).

1ª - Arûbhâth foi continuado por sua evolução fonética urpât (nôte-se que šaptî também ensurdeceu o b);

2ª - Os dias de "segunda" a "quinta" exprimem-se pelos cardinais e o complemento adnominal se põe como o persa, apenas não se aglutinando ao numeral;

3ª - O "domingo" é quiraguî ou kiriaki.

e - Uma vez que mencionei o copta como uma quinta língua litúrgica, ocorre-me que teria sido interessante registrar aqui a semana cóptica, uma vez que êle foi língua viva do séc.III ao séc.X(38) e, depois do séc.XIV, foi tomado como língua litúrgica da Igreja Cóptica. Existe mesmo hoje uma Sociedade Ortodoxa Cóptica, (39), que publicou em 1934 a segunda versão do Novo Testamento em cóptico. Foi a invasão islâmica que causou o desaparecimento dessa língua, que é "uma descendente do antigo egípcio com alguma mistura de greg " (40). O termo copta é uma deformação de Αἰγύπτιος, Aegyptus, na pronúncia dos árabes: coptos (41). Mas da semana cóptica não tenho informação alguma. Fica para outra ocasião.

6 - O setor helênico difundiu a semana cristã nos sécs.I e II A.D. nas orlas do Mediterrâneo oriental e, até, no mundo latino, na região que depois se chamou Romania (42), em centros mais densos na Itália, na Dalmácia e na Ilíria, e nalguns pontos do litoral e do interior das Gálias. Essa difusão se fez pelos textos vetero e neotestamentários, pelos Padres Apostólicos e pelos Padres Apologistas, bem como, oralmente pelos missionários cristãos dos dois primeiros séculos. A partir do fim do séc.II, o latim tendeu a substituir o grego no uso eclesiástico em todo o território da Romania.

a - A confinação da língua grega à parte oriental deu-se no fim do séc.II e início do séc.III A.D. No último quartel deste último século, Diocleciano começou a divisão do Império em dois: o Império do Oriente e o Império do Ocidente, Constantino reconstruiu Bizâncio, meio século depois, de 324 a 330 A.D., e deu à nova cidade o nome de Nova Roma, mas o nome que pegou foi Constantinopolis, do seu fundador(43). Esta ficou como o grande centro político do Oriente, sobretudo depois da morte de Teodósio o Grande, em 395 A.D.

b - Foi assim no séc.IV que, com êsses acontecimentos, ficou nítida a oposição entre as duas civilizações: a România, ao Ocidente, e o mundo grego, ao Oriente. A linha divisória entre o Império Oriental e o Ocidental, na Europa, parte de Singidunum (atual Belgrado), deixa o Danúbio e segue pelo seu afluente Sava até pouco adiante de Sirmium, onde o Rio Drina desemboca no Sava, sobe o curso do Drina até o seu ponto mais ocidental, a sudoeste de Sarajevo, e daí atinge o Adriático um pouco a leste de Ragusa (atual Dubrovnic).

c - Mais, porém, do que a divisão político-administrativa dos dois Impérios interessa a êste estudo a linha divisória das duas línguas, nos Balcãs e na África. Essa linha parte da penúltima grande curva do Danúbio, na Mésia Inferior, desce até a altura de Mesembria(atual Nesebur), daí segue para o Ocidente, passando por Scupi (hoje Skopje), atravessa a Albânia até pouco acima de Dyrrhachium (atual Durrës), no Adriático. Penetra na Apúlia (Calabria antiga) pouco acima de Brundisium (atual Brindisi), sai na altura de Tarentum (Taranto), entra na Calábria, na foz do Rio Chathis (hoje Crati) e sai no Mar Tirreno a noroeste de Consentia (hoje Cosenza), penetra na Sicília na altura de Agathyrnum(hoje S.Agata) e sai nas proximidades de Gela, atinge a África no Golfo de Sidra, um pouco a leste de Charax.

d - O que ficava na Europa, a leste e ao sul dessa linha, e na África, a leste do Golfo de Sidra, era o mundo helênico, ou de maior influência lingüística helênica: Epiro, Macedônia, Acaia, Trácia, Ásia Menor (toda), Mesopotâmia e Armênia ocidental, Síria, Fenícia, Palestina, Egito, Líbia Inferior e Superior, Chipre, Creta, Ilhas do Mar Egeu, extremidade meridional da Itália e faixa oriental da Sicília. Naturalmente, na faixa oriental do Mediterrâneo, o helenismo entrava em concorrência com o mundo semítico (44).

e - A expansão islâmica, como já se viu, estreitou tremendamente os limites do mundo helênico, e a semana grega circunscreveu-se à Grécia, a ilhas do Mar Jônico e do Mar Egeu, à faixa litorânea da Ilha de Chipre, à Ilha de Creta, ao extremo meridional da Itália e à faixa oriental da Sicília.

f - No mundo helênico, a semana cristã firmou-se integralmente sem nenhuma concorrência planetária, mas, como vimos, cedeu terreno, na maior extensão, ao árabe e à semana islâmica e à semana turca, também islâmica. A semana grega constituiu um sistema, se não totalmente homogêneo, bastante uniforme. Alinhemos num quadro o que poderemos chamar de suas duas fases:

1a. fase	2a. fase
ἡ κυριακή (ἡμέρα)	ἡ κυριακή
ἡ δευτέρα σαββάτου	ἡ δευτέρα
ἡ τρίτη σαββάτου	ἡ τρίτη
{ ἡ τετάρτη } σαββάτου	{ ἡ τετάρτη
{ ἡ τετράς }	{ ἡ τετράς
ἡ πέμπτη σαββάτου	ἡ πέμπτη
ἡ παρασκευή	ἡ παρασκευή
τὸ σάββατον (45).	τὸ σάββατον (46).

Como se vê, com exceção do "sábado" todos os demais dias são femininos e têm a terminação feminina normal — -η ou -α —, salvo a "quarta-feira", que admite hesitação de formas: τετάρτη ou τετράς. Mas é bem provável que tenha ficado homogênea por se ter restringido a uma pequena região. Se, apesar da alteração do panorama lingüístico, a semana grega tivesse sobrevivido em toda a região em que se estendeu o Império Bizantino — inclusive a Tripolitana, a Líbia e o Egito —, não teríamos hoje uma semana tão homogênea, nem deixaria ela de ter sido alcançada pela hibridação, como aconteceu com a sua companheira românica. A semana turca parece mostrar que seria efetivamente êsse o seu aspecto.

7 - A semana eclesiástica latina também apresenta, como a grega, duas fases, mas estas se interpenetram, sem perfeita sucessão cronológica. Na primeira, ela decalca a grega, com menos originalidade do que aquela decalcou a judaica. Na segunda, ela apresenta uma solução própria, que só vingou na portuguesa. Nesse ponto, as duas tiveram destino bem semelhante: a sobrevivência de ambas restringiu-se a uma pequena faixa. Mas a portuguesa ainda foi dado expandir-se muito, com os descobrimentos e o movimento colonizador iniciado no séc. XVI. Eis, nas suas linhas gerais (47), as duas fases da semana eclesiástica latina:

1a. fase	2a. fase
(Dies) <u>Dominicus/a</u>	(<u>Dies</u>) <u>Dominicus/a</u>
<u>Secunda Sabbati</u>	<u>Secunda FERIA</u>
<u>Tertia Sabbati</u>	<u>Tertia FERIA</u>
<u>Quarta Sabbati</u>	<u>Quarta FERIA</u>

Quinta SabbatiSexta SabbatiSabbatumQuinta FERIASexta FERIA(Dies)Sabbatumou Dies sabbati

Mas, como no mundo românico, diferentemente da helênica, ela encontrou o terreno ocupado pela planetária e teve de lutar para sobreviver, convém que a deixemos por um pouco até que a planetária seja devidamente introduzida.

a - A semana astrológica não deixou vestígios semíticos. Sendo, como se aceita, criação de semitas no mundo helenístico, tem no mundo latino atestações mais antigas e mais abundantes do que as do helênico, e estas mesmas são especialmente da Magna Grécia e da Sicília. Por outro lado, o mundo helênico, depois de transmiti-la ao latino, atrofiou-se, de modo que ali ela morreu. No mundo latino, ela assumiu grande vitalidade. Ignorada quase completamente pela gente culta e pelos escritores (48), aparece o seu primeiro eco no mundo romano ali pela segunda metade do séc.I A.C.(49); mas as atestações dos sécs.I A.C. e I A.D. são poucas, mais freqüentes as do séc.II A.D., ainda mais freqüentes as do sec.III e sobretudo as do séc.IV. Fazendo uma triagem no levantamento que Bruppacher apresenta nas pp.16-34 do seu trabalho entre os nos.9 e 205 e que reúnem 92 atestações (50), suprimi alguns por não serem datados e outros por serem viciosos e inexatos (17 ao todo) do que resulta o seguinte quadro:

1 - Séc.I A.C.	1 só exemplo
2 - Séc.I A.D.	4 exemplos
3 - Séc.II A.D.	4 "
4 - Séc.III A.D.	4 "
5 - Séc.IV A.D.	26 "
6 - Séc.V A.D.	25 "
7 - Séc.VI A.D.	7 "
8 - Séc.VII A.D.	4 "

A coletânea de Bruppacher está longe de ser completa e nem pretendo sê-lo. Também, embora dê indicação precisa (51), não opõe formalmente as atestações dos escritores às das inscrições. Mas parece fornecer uma preciosa demonstração de que a maior popularidade da semana planetária foi atingida nos sécs.IV e V. Depois destes, é natural que decresçam as ocorrências, pois, em consequência das invasões dos bárbaros, a documentação, incluindo mesmo a epigráfica, tenderia a rarear.

b - Falta ainda, infelizmente, um levantamento sistemático e completo de todas as atestações datáveis da semana plane-

tária existentes no Corpus Inscriptionum Latinarum e no Corpus Inscriptionum Graecarum e em publicações epigráficas suplementares, assim como de outras atestações não epigráficas, mas populares e técnicas - e, até, literárias (52) - , para se estabelecer um mapa que registre rigorosamente as etapas da sua expansão no Império Romano, sob o ponto de vista do tempo e das regiões. Os levantamentos de Thumb, em 1901, para as inscrições gregas, os de Gundermann, na mesma ocasião, para as latinas e gregas, os de Schürer, em 1905 (53), declaradamente dependentes dos dois precedentes (54), talvez já não fôsem completos na ocasião, e certamente estão superados agora, mais de 60 anos depois. Façamos um apanhado Objetivo desses levantamentos e vejamos qual é a sua lição.

c - As fontes dos três são comuns (55), mas os resultados não são totalmente coincidentes.

Thumb reúne 14 inscrições - 2 do Egito, 8 da Sicília, 2 de Roma, 1 de Marselha e 1 de Salerno. Apenas 3 são precisamente datadas, 3 outras têm datação aproximada, 2 são dadas vagamente como tardias; as seis restantes, sem data. As datadas são dos sécs.IV-V, a mais antiga delas, do fim do séc.III (ano de 294).

Gundermann reúne 60 inscrições: 14 gregas e 46 latinas; 23 de Roma, 10 (todas gregas) da Sicília, 15 da Itália, 6 da Gália, 2 da Germânia, 4 de outros lugares; 1 do séc.I A.D., nenhuma do séc.II, 2 do séc. III, 16 do séc.IV, 17 do séc.V; as restantes sem data.

Schürer reúne 51 inscrições, 35 latinas e 16 gregas, 31 datadas e as demais sem data. As datadas assim se distribuem: 1 do séc.III, 14 do séc.IV, 14 do séc.V e 2 do séc.VI. Quanto aos lugares, 20 são de Roma, 10 da Sicília, 3 da Gália, 7 da Itália, e as demais de outras procedências.

Será possível tentar-se uma triagem dos fatos comuns aos três elencos cotejados com o de Bruppacher e uma oposição entre os de origem epigráfica e os dos escritores, para uma visão mais homogênea dos dados. Mas isso não me foi possível fazer agora, a não ser a condensação dos exemplos gregos de Thumb, Gundermann e Schürer, que dou no quadro abaixo. Mas creio que esses fatos só vêm corroborar as conclusões que tirei dos dados de Bruppacher.

d - Eis o quadro com a síntese dos levantamentos de Thumb, Gundermann e Schürer para as inscrições gregas.

Atestação	Data	Local	Fonte	Oc.
Hemera Heliou	294	Egito	Tábua de madeira	T'
Hemera Selónes	344	Egito	Bul. com. heL	TS
Hemera Hermou	c.400	Sicília	CIG.9521 = K. 251	
Hemera Diós	c.400	Sicília	CIG.9520 = K. 249	TSG

Hemera Heliou	s.IV-V	Catânia Sic.	CIG 9475 = K. 525	TSG
Hemera Krónou	" "	" "	" " "	"
Hemera Selónes	411	Tauromenium	K. 444	
Hemera Aprhodítes	Tardia	Sicília	K. 696	TSG
Hemera Krónou	"	Siracusa	K. 82	TSG
Hemera Heliou	S/d	Siracusa	CIG 9463 = K. 165	TSG
Hemera Heliou	"	Sicília	CIG 5465 = K. 235	TSG
Hemera Heliou	"	Gemaldi	CIG 6731 = K. 2184	SG
Hemera Heliou	"	Siracusa	K. 142	SG
Hemera Selónes	"	Sicília	CIG 9523 = K. 252	TS
Hemera Selónes	"	Roma	CIG 9810	TS
Hemera Áreos	"		Tab.Execr.	SG
Hemera Selónes	"	Modia Sic.	CIG 9522	S
Hemera Diós	"	Roma	CIG 9621	TSG
Hemera Aphrodítes	"	Marselha	CIG 6769 = K. 2436	TSG

Abreviaturas:

Bul.Corr.hell.-Bulletin de correspondance hellénique, I, 322.

K. = Kaibel, Inscriptiones Graecae Siciliae et Italiae.

T = Thumb; G = Gundermann; S = Schürer.

Note-se que não há um só exemplo da Grécia ou da Ásia Menor, ou das ilhas do Mar Egeu ou do Mar Jônico. Só duas do Egito. E posteriores a Dion Cássio! O maior volume é da Sicília e da Itália Meridional. Uma só ocorrência na Gália Narbonense. Quase todas cristãs; do contrário, não se inseririam no estudo de Schürer (56). Por outro lado o caráter tardio das datadas faz quase pensar que Dion Cássio não tem razão trazendo a semana planetária do Egito. Contra o que atrás se disse, a gente é tentado a pensar que no mundo romano é que ela nasceu, ainda que de "pais" caldaicos e helenísticos. A verdade é outra: é que a semana planetária se definiu primeiro entre os analfabetos...

e - Bruppacher, nas pp.11 e 38 do seu trabalho, apresenta dois mapas que indicam os locais onde se encontraram achados arqueológicos - placas, pinturas murais, vasos com desenhos dos deuses da semana - ou inscrições da semana planetária (57). Superponho-os aqui porque me parece de grande interesse a fixação das regiões em que se notaram os dois fatos, absolutamente coincidentes (ver página seguinte).

Aí vemos a Itália peninsular, a Gália Cisalpina, a Ístria, a Gália Lugdunense, a Dácia, o Nórico e os Campos Decumates - vales do Pó, do Ródano, do Reno e cabeceiras do Danúbio - como os pontos de convergência de atestações. Faltam apenas as da Sicília e do Egito, que são gregas. A primeira carta levanta 24 pontos, com maior concentração na Lugdunense e nos Campos Decumates; a se-

gunda assinala 17 pontos, 12 dos quais na Itália. É a convergência de três domínios linguísticos: o românico, o céltico e o germânico. É natural que haja mais inscrições na Itália. Que me conste, não há inscrições célticas ou germânicas documentando dias da semana. Quanto a objetos arqueológicos, são mais facilmente deslocáveis. Por outro lado, o fato de os nomes dos dias em todos os dialetos célticos serem simples empréstimos latinos - com exceção apenas das formas cristãs que se superpuseram às planetárias nos do grupo goidélico (58) - está a mostrar bem donde partiu a corrente.

f - O germânico estava em plena vitalidade, mas o céltico, pelo menos o continental, achava-se em fase final de superação pelo latim. Na Gália Cisalpina certamente já tinha cedido o terreno; assim também na Narbonense. Mas, na Gália central e ocidental, tinha ainda sua vida. Há notícia de que o céltico se falava em Augusta Trevirorum até o séc.IV, no tempo de São Jerônimo (59). Foi nessa época que a semana planetária passou integralmente aos povos célticos insulares e aos germânicos. Mas, como a Gália ainda era bilingue, é possível que, nos estertores do gaulês, tenha sido ele mesmo, antes de desaparecer, o iniciador do empréstimo.

g - Duas outras cartas que podem ter interesse para o caso são as que traz o Westermanns Atlas zur Weltgeschichte, edição de 1963, à p.44 - "O Cristianismo e as religiões orientais na época imperial" -, apresentando a primeira a expansão do culto de Mitra, do culto de Júpiter Doliqueno (60), e do judaísmo antes de 330 A.D. e depois dessa data, e a segunda, a expansão do cristianismo no séc.V. Levando-se em conta, por enquanto, apenas o culto de Mitra e o de Júpiter Doliqueno e desprezando as atestações orientais, pois é de cultos orientais mesmo que se trata, encontramos de novo a concentração na Itália, nos vales do Pó, do Ródano, do Reno e do Danúbio. Ora, a expansão desses cultos associou-se à da semana planetária em três aspectos muito importantes.

1º - Eram cultos populares e difundidos no Império por gente da plebe. O de Mitra diz Plutarco que foi introduzido no Ocidente por piratas derrotados por Pompeio (61). Se isso é verdade e se a documentação dele é tardia, então ele ficou por algum tempo na camada que não deixaria facilmente atestações. O seu principal veículo foram os soldados e os mercadores asiáticos. A difusão do culto de Júpiter Doliqueno também, como assinala Salomão Reinach, foi "surtout l'oeuvre des légions, comme le prouvent les dédicaces à ce dieu dues à des soldats (62)". E Reinach acrescenta que três das legiões romanas - a IIIIª Gállica, a Vª Macedônica e a VIIIª Augusta - estiveram aquarteladas muito tempo nos arredores de Doliche e que os escravos e mercadores sírios contribuíram para a sua difusão. Um e outro cultos foram, pois, difundi-

dos por dois fatores populares da latinização: exército e mercadores.

2º - A difusão desses dois cultos no séc.II A.D. coincidiu também com a época mais intensa da latinização da Europa: ia com eles a língua latina e, se eles foram superados, nem por isso escasseiam vestígios do culto de Júpiter e do seu dia, e também do culto do Sol, que ficou associado ao de Mitra. Na semana planetária, se o dies Solis era communis, o dies Iovis era bonus.

3º - H.J.Rose observa que o culto de Mitra apresentava sete graus de que fala São Jerônimo na Epist., 107, 2 (63) - e acrescenta que não é por acidente que esse número coincide com o dos sete planetas (64). Por outro lado, o culto de Júpiter Doliqueno, segundo a carta do Westermanns Atlas, teve grande repercussão na Mésia Inferior, e Superior, na Dácia, na Panônia, no Nórico, nos Campos Decumates, na Dalmácia, na Istria, na Venécia Emília, em Roma e na Calábria. O gentílico de Júpiter é Iovius, a, ium. Não está parecendo demasiada coincidência aí figurarem as principais regiões em que a "quinta-feira" na semana planetária românica vem de Iovia ({dies Iovia}), e não de dies Iovis?! (65).

h - Já notei o fato estranho de Macróbio - no séc.IV, época de Santo Agostinho - tratar do calendário, do mês e suas divisões em Kalendae, Nonae e Idus, das Nundinae, dos dias consagrados a Júpiter e Juno, e ignorar totalmente a semana planetária e a cristã (66). Vá lá que ignorasse a cristã, pois ele era pagão. Mas a planetária, no séc. IV?! Dir-se-á o mesmo de Censorino, gramático do séc.III, que em seu estudo De die natali trata do saeculum (cap.17), do annus (caps.18-21), dos menses e, se bem que mal, das suas divisões em Kalendae, Nonae e Idus (caps.21-22) (67), do dies e da nox e suas divisões (caps.23-24) e aí pára! Nos Fragmenta (astronômicos) fala das stellae fixae et stantes - do Sol, da Luna, da Saturni stella, da Iovis stella, da Martis stella, da Mercuri stella, da Veneris stella - mas não fala nos dias da semana. Ora, os dois tratam de questões técnicas. Se é certo que não se deve invocar o argumentum e silentio, aqui temos dois silentia, coincidentes ou concordantes, que, se não tiverem uma mensagem, só poderiam ser coniventes. Mas não há motivo para isso. Eis por que eu acho que o seu silêncio apenas se explica se a semana planetária era exclusivamente popular. Objetar-se-á que dela há atestações em Tibulo, Petrônio, Marcial, Tácito, Júlio Frontino, Plutarco, Dion Cássio e Tertuliano, Justino o Mártir, Clemente Alexandrino, entre os cristãos antigos. Não há dúvida que há; mas ou são ocasionais, ou são referências ao dies Saturni na forma, pensando-se de fato no šabbāth. Mas não parece que a classe culta "usasse" a semana; alguns deles "conheciam-na", como um escritor conhece coisas de

que o seu leitor só tem notícia depois de lê-lo. Eu insisto que as Saturnalia no livro I, caps.XII a XVI de Macróbio e o De Die Natali de Censorino são estudos de cronologia. E, se Macróbio deu o nome de Saturnalia ao seu livro por nêle registrar conversas do dia das Saturnais, não tinha o direito de omitir uma referência que fôsse, ao menos, ao dies Saturni, se êste já pertencesse à vivência de um vir clarissimus et illustris da ordem senatória.

8 - Após tudo isso, creio que se podem explicar os fatos da maneira seguinte. A semana planetária, criada no Egito, por homens de fala aramaica e helênica, mas expressa já inicialmente em grego veio - não em textos, mas em consciências e corações humanos, com elementos da massa vulgar, alimentada por superstições - e plantou-se no solo romano no séc.I A.C. Alí só começou a vicejar no séc.I A.D. e estava em plena expansão nos sécs.II-V, sempre na massa popular. A semana cristã, anunciada pelo Šabbāth judaico nas formas sabbata e sabbatum - a primeira mais freqüente -, entrou já com plena vida no séc.II A.D., mas, embora o cristianismo também se dirigisse às massas, operava num meio mais culto, alfabetizado ou alimentado por alfabetizados, meio que se opunha intransigentemente às superstições pagãs. Na medida em que elementos da massa, "clêntes" da semana planetária, eram apanhados nas malhas do cristianismo, a luta se definia.

a - O campo dessa luta foi todo o território da România. A linha divisória entre o mundo helênico e o românico dá apenas os limites orientais da România. Quais os outros limites? Uma linha que parta do litoral do Mar Negro, da foz do Rio Tyras, e segua o seu curso até as suas cabeceiras e depois continua pelo do Rio Tísia até a desembocadura do Danúbio; depois, seguindo o curso deste até a sua nascente perto do Lago de Constança, alcança o Reno e acompanha todo o seu curso até a sua foz no Mare Germanicum, incluindo na Romania a Britânia, com exclusão da Escócia. Tudo o que fica a oeste e ao sul dessa linha e o que ficava a oeste da linha Mésia Inferior - Golfo de Sidra era Romania.

A România compreendia, pois, o norte da Mésia Inferior, a Dácia, a Mésia Superior, a Dalmácia, a Panônia, o Nórico, a Récia, a Itália (incluindo Istria, Venécia, Gália Cesalpina e Ligúria), a Gália Narbonense e a Lugdunense, a Germânia Superior e Inferior (68), a Bélgica, a Aquitânia, a Britânia (Britânia Superior e Inferior, Máxima e Flávia Cesariense), a Hispânia (Taraconense, Bética e Lusitânia), a Mauretânia (Tingitana e Cesariense), a Numídia, a África Proconsular e as Ilhas do Mediterrâneo.

b - Foi nesse mundo que se operou o choque entre as duas semanas. Cabe notar, porém, que as invasões germânica,

magiar e eslava, a árabe e a céltica, tardias, estreitaram um pouco esse amplo território, modificando o panorama.

1º - A germânica tomou a România, do ponto de vista lingüístico, a Britânia oriental, a Germânia Superior e Inferior, parte da Récia, e o Nórico: aí a semana que predominou foi a planetária germânica, na parte meridional com incrustações cristãs, talvez do centro balcânico;

2º - a magiar e a eslava tomaram a Mésia Inferior e Superior, a Dalmácia (quase toda) e a Panônia: a semana que aí predominou não tem nenhum traço da planetária, porque as línguas húngara e eslavas passaram a esponja em tudo e só a começaram sob uma nova tradição cristã, mas meio descristianizada, séculos depois, não muito clara, como ainda se verá;

3º - a árabe varreu a latinidade da África setentrional e ocidental e ali implantou a semana islâmica;

4º - a céltica, do grupo britônico, trouxe de volta a semana planetária para a cristã do noroeste da França (Bretanha).

c - Mas que a planetária já se tinha implantado definitivamente nos meios populares, quando veio o impacto cristão, fica evidente pelos fatos seguintes:

I - Os celtas receberam as fórmulas dos sete dias tais quais em latim, sem mesmo traduzir dies, até com a pronúncia Mércuris para Mercurii (69). Esse comportamento lingüístico, a meu ver, só se explica se se partir duma convivência lingüística mais íntima (na Gália ou na Britânia) por uma fase de binlingüismo, e se se puderem considerar os nomes dos dias em latim como fórmulas estereotipadas naquela data, pois o empréstimo é total e uniforme nos dois grupos - o britônico e o goidélico. A base latina só pode ter sido: Dies Solis, dies Lunis (Lunae), dies Martis, dies Mércuris (Mércuri), dies Iovis, dies Veneris, dies Saturni (70). Um fato de especial significação românica é que os dialetos célticos e o albanês - como os dos domínios castelhano, gaulês meridional, itálico, sardo, dalmático e romeno - usam também formas sem di, de, da, dyw, dydd (= "dia") (71).

II - Os germânicos, que viviam como vizinhos na România - os que nela entraram, como escravos e imigrantes ou mesmo como invasores mais tarde, foram lingüisticamente assimilados -, receberam a semana planetária latina como modelo e inspiração, mas plasmaram a sua com seus próprios ingredientes e de acordo com seus hábitos sintáticos:

a) traduziram dies por daga;

- b) traduziram os genitivos Solis e Lunis (Lunae) pelos termos vernáculos correspondentes na língua geral;
- c) adaptaram nomes (e funções) de seus deuses para traduzir os genitivos dos planetas - deuses romanos, uniformemente, para designar a "terça", a "quarta", a "quinta" e a "sexta-feira";
- d) para o "sábado", os germânicos continentais tomaram emprestado o genitivo Saturni (72) mas os peninsulares da Escandinávia, ao que parece, arranjaram um sintagma em que não entra nome de deus (73);
- e) firmaram a ordem determinante + determinado - isto é, nome da divindade + daga -, que já aparece estereotipada no gótico com sabbato: sabbato daga (74).

Esse testemunho do gótico é também muito importante. Por isso dou aqui um resumo dos fatos que eu levantei quanto ao σάββατον, no que resta da Bíblia Gótica de Úlfilas (75):

A - Sabbato daga (ou variantes de número e caso): 11 ocorrências. Em nenhuma delas, no original, σάββατον, (em diferentes casos e números) vem precedido ou seguido de ἡμέρα; portanto, não houve influência do original para a posposição de daga.

B - daga sabbato (Luc., 4,16) - 1 ocorrência - in daga sabbato: ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῶν σαββάτων. A anteposição no original é que sugeriu a anteposição em gótico.

C - Três casos diversos:

- 1) jah filu air this dagis afarsabbate (Marcos, 16,2).
καὶ λίαν πρὶ τῆς μιᾶς σαββάτων.
- 2) paraskaiwe, saei ist fruma sabbato (Marcos, 15,43).
παρασκευή, ὅ ἐστιν προσάββατον
- 3) usstandands than in maurgin frumin sabbato (Marcos, 16,9).
ἀναστὰς δὲ πρὶ πρῶτῃ σαββάτου

Nêsses três casos não há a fórmula: apenas a de Marcos 16,2 tem dāgis afarsabbate, "o dia depois do sábado" (Vulg: una sabbatorum), mas aí não é fórmula estereotipada.

D - Sabbato (com variantes de flexão)-12 ocorrências. Traduz σάββατον (com variantes de flexão) sem ἡμέρα.

Eliminados os itens C e D, por não interessarem ao caso, e o item B, por já explicado, pode-se dizer que as 11 ocorrências do item A são absolutamente convincentes: desde antes de 383 A.D., a ordem germânica fixada era já determinante + determinado. Foi esse fato que determinou a rejeição ^{latino} na "fusão" dos dias germânicos: (do "molde")

III - A semana albanesa (76), nos cinco primeiros dias,

é planetária, portanto de fonte latina, mas, nos dois últimos, ao que parece, reflete uma cunha de penetração grega, talvez balcânica:

- a) traduz literalmente dies Solis e dies Lunis (Lunae) respeitando a ordem (dita, "dies", + e, "de", + nomes do Sol e da Lua);
- b) traduz dies e toma emprestados Mart e Mercur, que vêm precedidos de e, "de";
- c) para "quinta-feira", é possível que a expressão traduza dies Iovis (77);
- d) se G.Meyer tem razão na explicação do albanês pramte ou prente, como (m)breme (dial.gueg mramε), "tarde", "véspera" (= "sexta-feira") e de Šetunε, Štunε (dial.gueg stunde e štunnε, "sábado", como formas vindas de "sambatum" - então a fonte dessas cunhas na semana albanesa seria o grego balcânico.

Dois outros fatos são de especial significação;

1º) Como nos dialetos célticos, dita, "dia", pode ser dispensado, o que ajuda a compreender os domínios castelhano, provençal (em parte), italiano (antigo e dialetal), sardo, dalmático e romeno;

2º) A "quarta-feira" pode ser também merkuria, forma que lembra as românicas vindas de Iovia na região balcânica e no domínio itálico e sardo.

IV - No domínio basco, também, a semana planetária entrou traduzida. O que dela resta hoje reduz-se, talvez, aos nomes da "quinta", da "sexta" e do "sábado". Mas não se sabe se os dos outros quatro dias refletem influência cristã. Parece que não.

a) A primeira metade forma um sistema: astelen (astelehen), astearte e asteasken (= "primeiro da semana", "intermédio da semana" e "último da semana").

b) A segunda metade parece resto do sistema planetário traduzido: ortzegun ou ostegun, "dia do trovão" ou "dia do céu sereno", ou "do céu tempestuoso" (= "quinta-feira"); ortzirale, ortzilarre e ostiral (= "sexta-feira"), enigmático; e larunbat (a), "melancólico", "soturno" (= "sábado") (78).

c) Igande (= "domingo") é enigmático;

d) O dialeto biscaíno tomou para "domingo" e "sábado" os empréstimos cristãos ao latim: domeka e zapatu.

e) Há algumas variantes regionais para o "sábado": ebiakoi, talvez simplificação de egunbakhoitz, "dia último"; neskanegun, "dias das moças" (79).

V - O que acabamos de ver foi a sorte da semana planetária em quatro pontos da periferia românica.

a) Albânia - Orla oriental da România, com grande influência latina popular, mas ponto de encontro do Império Oriental (helênico). A camada popular, que deu os nomes básicos dos dias foi a românica. Portanto, nomes planetários, em parte tomados de empréstimo, em parte traduzidos (solução vernácula). A influência cristã, se veio, veio do lado oriental, e não do ocidental:

b) Germânia - Orla setentrional da România, de contactos periféricos. A camada popular traduziu os nomes planetários, fazendo adaptações vernáculas. A influência cristã só atingiu a parte meridional e ocidental, dos cursos do Danúbio e do Reno. Eu creio que ela se deve, sem dúvida alguma, a um núcleo vivaz de ação missionária cristã sediado nos Balcãs, porque foi parte da sua influência que atingiu a România.

c) Céltica - Orla ocidental, ou antes, parte ocidental da România, durante algum tempo bilingue, celto-latina, e em que depois o céltico acabou por sobreviver. Aí a corrente foi só a popular. A ação cristã foi tardia e só atingiu um bloco - o goidélico (80).

d) Vascônia - Insula montanhosa. Meia semana - de "quinta-feira" a "sábado" - traduções da planetária; a outra metade é meio enigmática, mas não parece cristã. Penetração cristã só no dialeto biscainho (81).

9 - E no território da România, que é que se deu? Da Itália partiu, com o latim da latinização, que atingiu os povos periféricos, de que acabamos de falar, a semana planetária, levada por soldados, colonos, mercadores, nos sécs. I e II A.D. Implantou-se nos sécs. III-V A.D.

a - O cristianismo iniciou sua penetração na România no fim do séc. I A.D. Mas então só atingiu a Itália peninsular, a Sicília, a Gália Cisalpina, parte da Lugdunense e da Narbonense e as costas da Dalmácia. Mas não foi com a latinização, nem usando o latim, mas o grego. No séc. II difundiu-se um pouco mais: atingiu a cristã da África Proconsular, pontos da Ibéria, espalhou-se pela Gália, mas ainda em grego. No séc. III, difundiu-se por todo o litoral do Mediterrâneo e adensou-se nos vales do Ebro, do Loire, do Ródano do Tibre e do Pó, no Alto Danúbio, em Cartago. Adotou o latim. Sua "clientela" era especialmente a massa mas a massa urbana, que incluía todas as classes. A massa rural dos pagi, começou a ser chamada pagana ou, substantivamente,

seus habitantes eram os paganí, "pagãos", o que mostra a oposição religiosa ~~antiga~~ entre populações urbanas e rurais. Ora, a atestação mais antiga que se conhece de paganus nessa conotação é de 368 A.D. (Cod.Theod., XVI, 2, 18), mas nessa época já se tinha criado paganitas. É verdade que, desde Harnack, se tem proposto também como significação de paganus, "civil", por oposição a "militar". Discuti rapidamente essa tese no meu trabalho A Contribuição Lingüística do Cristianismo na România Antiga, ainda inédito (82). Eis alguns outros textos que documentam o termo: Cod.Theod., XVI, VII, 2 (ano 383) paganos ritus cultusque; XVI, X 20 (ano 415) Sacerdotes paganae superstitionis; Const.Sirmondianae, 14 (ano 409): gentiles quos vulgo paganos appellant; S.Agost., Epist., 184 bis, III, 5 (ano 417): infidelium quos vel Gentiles vel iam vulgo usitato vocabulo Paganos appellare consuevimus; id. Retract., II, 43 (ano 426/427): decorum falsorum multorumque cultores, quos usitato nomine paganos vocamus... (83). Daí a preocupação de alguns em catequizá-los: o De Catechizandis Rudibus (ano 400) de S.Agostinho e, especialmente, o De Correctione Rusticorum, de São Martinho de Braga (séc.VII, ao qual voltarei ainda. Notem-se os termos: rudes, rustici, e o loei agrestes, compita et pagi de Orósio. Os ensinamentos e a semana cristã tentavam penetrar em todos os meios, mas em muitos casos só conseguiram superpor-se a ensinamentos e práticas pagãos, mesmo no meio urbano.

b - Se a sua mensagem teológica era a redenção em Cristo, os traços externos dela, de choque ético com o paganismo, acusam certas ênfases, que aparecem claras nos Atos dos Apóstolos, nas Epístolas, na carta de Plínio a Trajano sobre os cristãos, nos Padres Apostólicos e nas Atas dos Mártires. A carta de Plínio relata os hábitos dos cristãos: "reuniam-se num dia fixo bem de manhã para entoar em conjunto um cântico a Cristo como seu Deus, ligavam-se por juramento não a cometerem algum crime, mas a não praticarem roubos, adultérios, a não faltarem à fé, a não negarem depósitos" (84). Tudo isso e mais a idolatria e as superstições pagãs, nos primeiros séculos, o cristianismo combateu de fora. Os Stromateis de Clemente Alexandrino naquele passo célebre, tratando do jejum, falam de abstenção da φιλαργυρία, filargiria, "amor ao dinheiro" (= avareza) - em alusão ao ἡμέτερος Ἑρμοῦ, pois Mercúrio era deus do comércio - da φιληδονία, filedonia, "amor aos prazeres" - em relação ao ἡμέτερος Ἀφροδίτης, pois Vênus era deusa do amor - e da εἰδωλολατρεία, idolatria, "adoração de ídolos", pois os nomes planetários eram pelos cristãos, como foram pela massa germânica, entendidos como divindades consagrados a deuses (85).

c - Mas esse combate, essa oposição intransigente às superstições astrológicas, aos vícios e pecados sexuais do paganismo, com a "conversão" em massa no séc.IV, os sermões e os concílios locais passam a combatê-los internamente e a condená-los no povo cristão, e, até, em membros do clero. Este capítulo já vai longo, pelo que não vou aduzir aqui documentação disso, mas lembro, por exemplo, os sermões de São Cesário e de São Martinho de Braga, no séc.VI, condenando, a propósito dos vícios e superstições, também os nomes pagãos dos dias (86). Veremos, no próximo capítulo, os principais textos de combate às denominações planetárias, que começam a aparecer no séc.III, e continuam nos sécs. IV, V, VI, VII e VIII. Não era necessário invocar os mais tardios para provar a sobrevivência das fórmulas planetárias: elas estão aí, da "segunda" à "sexta-feira", em quase toda a România, com a exceção notável do português, talvez parcial do galego, e com algumas incrustações cristãs na Alta Itália, na Récia, no Nórico, na Sardenha e na Dalmácia, assim como no domínio céltico goidélico e no germânico ocidental.

d - Hábitos lingüísticos e práticas supersticiosas arraigadas, de um lado, ação cristã menos profunda, nos dias que não tinham conteúdo religioso ou litúrgico, do outro lado. Com o esvaziamento semântico, foi possível até entrarem na liturgia os nomes planetários: Jueves Santo, Viernes Santo, Jeudi Saint, Vendredi Saint, etc.(87). Esse esvaziamento foi sentido já por Santo Agostinho, como adiante se verá.

e - O panorama românico atual é, pois:

1) Uma pequena faixa européia ocidental, estendida com a colonização do séc.XVI e seguintes - Portugal e colônias e ex-colônias, inclusive Brasil - usa integralmente a semana eclesiástica;

2) A maior parte da România antiga, alargada a partir do séc.XVI, com a colonização espanhola, francesa e italiana, só usa da semana eclesiástica os nomes do "sábado" e do "domingo": Romênia, Itália, França, Catalunha, Espanha, e colônias romanizadas;

3) Uma ilha, a Sardenha, em sua maior parte, usa também, da semana eclesiástica africana, o nome da "sexta-feira";

4) Uma área mais vasta - Itália setentrional, Récia, Nórico e Dalmácia - usa nome eclesiástico, não originado provavelmente na Itália, para a "quarta-feira".

10 - Nos Bálcãs, talvez em torno e em consequência da obra cristianizadora de Úfilas, atingindo o extremo no

do domínio helênico e as partes do nordeste românico, deve ter-se formado, desde o fim do séc.IV, um centro misto greco-latino, de inovações cristãs nas designações dos dias da semana. A fonte parece helênica, mas dentro do domínio balcânico: não há documentação latina, mesmo dos fatos que tiveram repercussão românica local, salvo um passo de São Jerônimo adiante citado.

a - Dêsse centro balcânico ter-se-ão expandido inovações, pela ação das missões góticas nas suas incursões "Danúbio-acima" e Reno-abaixo" (88), atingindo inicialmente três domínios:

- 1º - domínio balcânico, heleno-românico, hoje eslavizado;
- 2º - domínio germânico meridional e ocidental, com difusões avulsas em dialetos mais setentrionais;
- 3º - domínio românico oriental e central (Récia, Itália Setentrional e Dalmácia).

b - O exame dos fatos põe em evidência a uniformidade das inovações nesses três domínios, apesar de a aparência negar uniformidade formal.

O centro balcânico formou-se na zona de convergência do mundo helênico e do romano na Mésia, na Ilíria, na Panônia, estendendo-se com a ocupação dos ostrogodos ao Nórico e à Itália. Deve ter passado por três etapas, com centro deslocado no eixo Mésia Ilíria-Panônia. Os godos ocupam o norte do baixo Danúbio no fim do séc.III; deslocam-se para o Sul, um século depois, em 376 e por mais um século ocupam os Balcãs e toda a parte que fica ao sul de todo o curso do Danúbio e toda a Península Itálica (reino dos Ostrogodos). As três etapas dêsse centro inovador devem ter sido: a greco-romana, a goto-greco-romana e a greco-eslavomagiar.

A) Etapa greco-romana - até a ocupação e as incursões missionárias góticas: seria *a* de fermentação e radicação local de formas como:

- 1a) ἡμέρα / feriae, para o "domingo" (89);
- 2a) *μέση εβδομάς / media hebdomas - cor sabbati, para "quarta-feira";
- 3a) παρασκευή / *vigilia sabbati, para "sexta-feira";
- 4a) σάββατα - *σάμβατα / sabbata - *sambata, para o "sábado".

B) Etapa goto-greco-romana - Com a ocupação da bacia meridional do Danúbio pelos góticos arianos, com o movimento cultural e missionário do episcopado de Úlfilas (anos 350-383), com as viagens dos missionários góticos "Danúbio-a-

Reno-abaixo," com a ocupação da Itália durante o reinado de Odoacro (476-493), especialmente da Itália setentrional, difundem-se com ênfase desigual, na Alemanha meridional e ocidental e em parte da România alguns desses fatos - o segundo e o quarto especialmente.

C) Etapa greco-eslavo-magiar.- Dos sécs. IV a VIII devem ter-se sedimentado três fatos importantes na Panônia e na Mésia:

- 1º - a designação do "domingo" como "feria" ou *ἡμέρα ;
- 2º - A designação da "quarta-feira" como *μέση ἑβδομάς *media hebdomas ou media hebdomada, e como *καρδία σαββάτου ou *καρδία ἑβδομάδος cor sabbati ou cor hebdomadis;
- 3º - a designação do "sábado" como σάββατα - *σάμβατα sabbata - *sambata.

D) Na etapa greco-goto-romana, os missionários góticos introduziram na semana planetária da Alemanha ocidental as seguintes inovações cristãs, algumas delas frustradas:

- 1º - a designação do "domingo" como "dia do Senhor" em tradução germânica, de que são dröttinsdagr (inovação frustrada)(90);
- 2º - a designação da "quarta-feira" como "meio da semana", tradução de *μέση ἑβδομάς, donde med.a.al. mittewoche, ant.a.al.tardio mittawëkha, med.b.al. middeweke (fem.) ant.nórd. midvikudagr, isl. midvikudagur, dial. das Ilhas de Färöer mikudagyr, nórd. moekedag, al. Mittwoch (inovação em parte vitoriosa)(91);
- 3º - a designação da "sexta-feira" como "dia da preparação", tradução do gót. paraskaiwe (ou do seu equivalente na Bíblia Gótica, em Marc.15,42: paraskaiwe, saei ist fruma sabbato), donde o ant.báv. pferintag (inovação frustrada)(92);
- 4º - a designação do "sábado", de duas maneiras diversas:
 - a) Uma delas, por imitação de uma das designações aramaicas da "sexta-feira", "véspera do domingo", donde o méd.al. e al.mod. Sonnabend, e o méd.a.al. sun(nen)abend, que partem de Sonntagabend;
 - b) Na outra, pelo empréstimo aramaico por intermédio do grego balcânico *σάμβατον, em formação germânica: *sambatis+daga, donde o ant.a.al. sambatzttag, donde a forma sincopada Samstag do alto alemão (ambas formas vitoriosas)(93);

Na região do bispado de Augusburgo, a forma Ziestag (= "Dienstag") foi substituída por Aftermontag, "depois da segunda-feira", em virtude da ação eclesiástica. Mas essa substituição parece denunciar influência eslava, pois transfere para a desig-

nação da "terça-feira" o mesmo processo pelo qual as línguas eslavas designam a "segunda": a expressão relativa "depois da segunda-feira" (94).

Parece que dos góticos arianos só ficou uma designação de cumho planetário: seria a forma hipotética *Areinsdags, "dia de Ares", cuja presença e sobrevivência nas formas Ertag, entre os rios Lech e Inn ao norte do Tirol, méd.a.al.ertac, mais antigo erintag (95). Supõe-se que aí houve influência duma etimologia popular *Ariidaga, "dia de Ário", na mente dos missionários arianos.

2 - É certo que ainda, nessa etapa, a Dalmácia, e o norte da Itália, o Tirol e a Récia, receberam, por meio das missões góticas, apenas duas ou três das inovações cristãs. O nome do "domingo" não foi atingido porque ali pelo fim do séc.IV Dominica na região, já teria suplantado dies Solis: exatamente a partir de 399 A.D., as constituições do Codex Theodosianus já não o denominam dies Solis, mas (dies) Dominicus/Dominica. Portanto, os missionários arianos não tinham coisa melhor para oferecer. Para a "sexta-feira" - a não ser na Albânia, como se viu, e na Sardenha central e meridional, para onde, porém, não foi influência européia -, continuou a designação planetária dies Venëris.

Entretanto, três inovações - na designação da "quarta-feira" e do "sábado" - se expandiram pelas regiões acima referidas:

1º - A "quarta-feira" passou a ser designada por media hebdomas: velh.missédma, misedma, rético dos Alpes Dolomíticos mesalèdema, eng.mezèmda ou mietsevna, sobress. mesjamna, tosc. mezzèdima, mezèzima, mezèlima, Capo Corso mezètima (e também na Ilha de Elba). De alguns desses pontos já desapareceu (96).

2º - Alcançando região mais ampla, estende-se também sabbata e sambata. Sabbata é da Dalmácia, da Istria e do Friul; sambata é da Dácia e dos Grisões: velh. sábata, friul. sábide (97); rom. sîmbătă; eng. sanda e sanda, sonda e somda (98).

3º - A mesma fórmula sambatis + daga comunicada pelos missionários góticos ao frâncico germânico foi por este transmitida ao frâncico românico como fórmula vivaz e fecunda, produzindo, ali pelo fim do séc.V e início do séc.VI, uma revolução em todo o sistema do sabbatum ao dies Lunis, apenas dies Dominica oferecendo resistência. Mas isso se discutirá melhor depois.

3 - Pelo fato de não conhecer nenhuma atestação latina tardia da fórmula media hebdomas, Rohlf s acha a proto-história desse sintagma muito obscura e pergunta "se essa formação não seria um decalque duma palavra germânica empregada entre os

ostrogodos para indicar a "quarta-feira"(99). Parece-me que não há dúvida de que foram eles que a difundiram. Mas não é exato que falte documentação latina tardia, e não muito, pois é do início do séc.V, de São Jerônimo, que era natural da Dalmácia, ou antes, da Panônia, da Hungria atual, de Strido, antiga Stridonia, hoje Szalad, a 25 k.a NNW de Varaždin, onde se encontrou a inscrição que consagra a decisão constantiniana de igualar dies Solis com Feriae Nundinae, isto é, o "dia de descanso" com o "do mercado". É esse exemplo que nos assegura que a inovação germânica e eslava e das orlas setentrionais e orientais da România teve um centro único, no "coração da Europa", digamos assim, porque essa metáfora agora se impõe, embora, encarada a Europa, pela forma, como uma grande dama com a cabeça na Hespânia (cf. Lus, III, 17-18), a Panônia seja o "ventre" e não o "coração"!

f - Deixemos, porém, de lirismo e vejamos o precioso texto que São Jerônimo nos oferece, como se costuma dizer, "de mão beijada". Ele é, ao mesmo tempo, a atestação latina e a da metáfora eslavo-magiar, aliás hebraica, como adiante se verá. "Mata dois coelhos de uma só cajadada"! Eis o generoso texto:

... in corde sabbati,
id est in medio hebdo-
madis (100).

"... no coração" do sábado"
(=da semana), isto é, no meio
da semana".

Se ele não fôsse exegético, isto é, se o segundo membro não fôsse uma explicação do primeiro, é possível que São Jerônimo usasse in media hebdomade, e não in medio hebdomadis, a menos que o exame crítico venha a apontar, até, essa variante de lição. Mas, mesmo como está, ele é muito precioso. Não estaríamos diante dum texto forjado por um romanista do séc.XX, a serviço desse problema lingüístico europeu?! Se Rohlfis ainda não tomou conhecimento desse texto, até agora não o vi citado, a não ser por D. João Mehlmann a 14 de junho de 1967, na arguição do meu trabalho que fez a introdução deste --, há de senti-lo como um presente caído do céu. Vou escrevendo e me perguntando se isso não é sonho ou se "la folle du logis" não estará muito excitada! Pois não é sonho, não, nem sonho nem excitação!

g - Mas a coisa não pára aí, porque o sintagma cor sabbati ou cor hebdomadis, reduzido a cor com omissão do determinante, embora apoiado numa metáfora comum, é de cunho hebraico, inspirada na leitura de alguns passos vetero-testamentários, e, de um neotestamentário: Ez, 27, 4, 25, 26 e 27; 27, 2, 8; Jon., 2, 4; Salmo 45, 2 (texto hebr. 46, 3); Prov, 23, 34; hebr. bēlēbh yāmīm, LXX, ἐν καρδίᾳ θαλάσσης, ἐν καρδίαις θαλάσσων,

Vulg., in corde maris; Mat., 12, 40: ἐν τῇ καρδίᾳ τῆς γῆς,
Vulg., in corde terrae. Úlfila sabia grego, latim e gótico, mas, como acontece com as versões bíblicas, a sua versão é literal. Infelizmente, porém, do Velho Testamento não restou praticamente nada da Bíblia Gótica, e de São Mateus há uma lacuna entre o cap. 11, 24 e cap. 25. Exatamente o nosso passo se foi! Mas é possível que tenha sido ele o criador da fórmula. Entzmayer supôs a fórmula já de origem gótica *midjis sabbato; Bruppacher, observando entre parênteses, que o got. sabbato com valor de "semana" não é atestado (101), declara não ver a necessidade de construir essa fórmula hipotética. Mas a atestação existe, no passo de Luc., 18, 12:
 gr.: νηστεύω δις τοῦ σαββάτου.
 got.: fasta twaim sintham Sabbataus.

Apesar disso, o passo de São Jerônimo parece indicar criação grega ou latina da fórmula. É bem provável que, pensada naquela faixa greco-romana da România por um bispo capadócio gótico, ela já tenha saído em tríplice forma. Mas isso não interessa muito. Está fundamentada a origem das duas expressões competidoras na Mésia ou na Panônia.

h - E isso nos põe em condições de refletir sobre como se ^{teria} desenvolvido a formação da terminologia eslava na etapa greco-eslavomagiar. Na Panônia ^{teria} desenvolvido, no séc. IV, uma semana com ingredientes cristãos, que não sabemos bem quais foram salvo em três dos seus elementos:

1º - A igualdade dies Solis = Feriae Nundinae, da inscrição de Varaždin, do CIL, III, 4121, embora esta não venha datada, deve ser posterior à do famoso decreto imperial de 7/3/321, do Cod. Iust. III, XII, 2, que mandava que omnes iudices urbanaeque plebes et artium officia cunctarum venerabili die Solis quiescant, mas os ruri positi agrorum culturae libere licenter inserviant. Mas essa permissão de trabalho afastava o camponês do culto cristão na cidade. Por isso, como complemento, e, talvez, para, permitindo aos camponeses um certo tipo de trabalho diferente do que o decreto de 321 autorizava, criar condições para trazê-los à cidade, não de nove em nove dias, em dias diversos da semana, mas no dies Solis, que era dia de repouso (quiescant), veio o novo decreto da Panônia. Dêsse modo, o dies Solis ficou sendo, ao mesmo tempo, um dia de repouso, "dia em que não se trabalha", e um dia de feira, em que se comercia. Não estaria nisso uma ação do clero?! Não estaria a feira trazendo à cidade, ao culto cristão, no domingo, os camponeses, que precisavam comprar e vender?!

A consequência imediata foi que, do ponto de vista se-

mântico, o dies Solis, que noutras regiões recebia o impacto do dies Dominicus, ali se secularizou: tomou dois sentidos - dia de folga, ou, como diz Miklosich, ἄπρακτος ἡμέρα, que é um dos sentidos de feriae, e dia de mercado, que era uma das suas funções (902). Daí, o nedělja (103) eslavo e vasárnap (bazar) húngaro. Que nome lhe deu o húngaro antes do contacto com os turcos nós não sabemos, mas é provável que tenha sido o termo eslavo.

2º - A "quarta-feira", dia do primeiro jejum, foi provavelmente designada como *καρδία σαββάτου, cor sabbati, que é a fórmula de São Jerônimo. Mas, como o mundo grego, bem cedo dispensou o determinante σαββάτου, como já vimos para os nomes cristãos dos dias em grego, seu nome ter-se-ta-reduzido a *καρδία (104), que, quando vieram os eslavos, foi traduzido por sreda, que, na verdade, é o mesmo termo indo-europeu herdado pelo mundo eslavo (105). Mas houve uma certa diferença de tempo entre a criação da expressão grega balcânica e a sua tradução em eslavo. Daí a obliteração da idéia de "centro da semana", sem o complemento "da semana", na mente da massa popular. A cristianização dos eslavos se deu no séc.IX e veio da Morávia, que ficava do outro lado do Danúbio, ao norte da Panônia.

"Si le christianisme pénètre peu à peu en ces régions de l'Elbe et de l'Oder"; diz Émile Amann, "ce n'est pas de l'Allemagne qu'il vient; ce sont les Slaves plus méridionaux qui le transmettent à leurs frères du Nord. C'est de la Moravie qu'il s'infiltrera lentement à travers la Bohême, pour atteindre peu à peu les grandes plaines riveraines de la Baltique" (106).

3º - Os irmãos Cirilo e Metódio levaram o cristianismo aos morávios no séc.IX, quatro ou cinco séculos depois de se ter formado a expressão *καρδία σαββάτου, reduzida a *καρδία, e, portanto, sem significação ostensiva de "meio da semana". Nessa altura, na mente popular, o início da semana só poderia ser depois do dia de descanso, pois não se descansa antes de cansar; nedělja seria já considerado o último dia. Sendo um dia importante, o seguinte receberia designação relativa a êle, o seguinte a êsse a de "segundo dia", o seguinte à sredá a de "quarto dia", o seguinte a êsse a de "quinto dia".

4º - Para o "sábado" seriam correntes as duas formas σάββατα e *σάμβατα, recebidas, pelo grego balcânico, do Oriente, como ainda haveremos de ver. A distribuição das duas formas é a seguinte:

a) Sabbata restringe-se ao eslavo ocidental, checo, velho prúsio, polábio, polonês;

- b) Sambata é a forma do búlgaro, do sérvio-croata, do russo, do húngaro, além de ser, como já se disse, a do albanês, do romeno e do rético, na România.

Dêsse modo, vemos na semana eslava, apesar dos três marcos cristãos - nedêlja, sreda, subota -, e da ausência total de reminiscências planetárias, uma semana totalmente neutra e secularizada, ressaltado apenas reslavão gospodnica, "dia do Senhor" certamente da linguagem litúrgica, talvez já do tempo de Cirilo e Metódio, e o rus. voskryssyn'ie, "ressurreição", de cuja criação ignoro a época e o agente, certamente de inspiração eclesiástica.

11 - Em toda a România, como se viu, Dominicus e Sabbatum deslocaram completamente, ali pelo fim do séc.IV, os dois concorrentes, dies Solis e dies Saturnis (Saturni). Nenhum vestígio do primeiro, um curioso vestígio do último, "detectado" inesperada e emocionadamente por Rohlfis em 1942 (107). A presença de dies e o gênero das duas formas ainda se discutirá adiante.

a - Os outros dias, os chamados "dias-de-semana" - é curioso que o sábado não o seja! - ficaram na forma planetária salvo as seguintes exceções:

1a - A "quarta-feira" nas regiões atrás mencionadas, que provém de media hebdomas;

2a - A "sexta-feira", que na Sardenha central e meridional (logudorês e campidanês) recebeu o nome de cena pura. Contrariamente ao caso de media hebdomas, cena pura é atestada com certa freqüência - uma ou duas dezenas de vezes - uma única vez na ordem pura cena, que pelo consonantismo, exceto o da sílaba final, e pelo vocalismo, exceto o da inicial, lembra parasceve. O caso é tanto mais curioso, quanto no dialeto campidanês o vocalismo é totalmente coincidente, e Bonfante, depois de notar que o campid. ċenapara "ricorda stranamente" a glosa Parasceve cena para (sic) idest preparatio que fit pro sabbato (CGIL, 4, 137,13), pergunta: O dobbiamo forse pensare al para- de para-sceve? (108). Eis as principais formas: sardo arc. kenapura, log. kenábura, kenápura, kenáura, campid. cen(n) á bara, ċenárbara, ċenárba (109).

3a - Apenas na faixa ocidental da Península Ibérica - em Portugal - é que a nomenclatura eclesiástica, na sua "segunda fase", conseguiu vitória completa, sem, nenhuma reminiscência atual, dos nomes planetários, mesmo na linguagem popular. Mesmo na documentação escrita, parece que alguns exemplos alegados de nomes planetários na época arcaica (110) não são de textos genuinamente portugueses, mas de influência castelhana ou galega. A única hesitação que o português se permite nas formas é a omissão ocasional de feira, na linguagem coloquial, e na popu-

lar, o que se dá apenas em alguns casos:

- a) ~~Por~~ zeugma, quando ocorre outro dia com feira na mesma frase ou no contexto (coloquial);
"A terça e à sexta-feira, não cases a filha nem urdas à
teia" (Provérbio dos Açores) (Rev. Lus., XXI, 290).

Meu amor anda-me ver

Lá p'ra quarta ou quinta-feira;

Não quero 'star sem te ver

Uma semana inteira (quadra de Santo Tirso, Rev. Lus., XVII, p. 323, n.º 241);

- b) ~~h~~avendo outro dia da semana na frase ou no contexto, mesmo domingo ou sábado (coloquial):
"Chegou sábado, falhou domingo, saiu segunda de manhã";
 c) ~~h~~avendo no contexto idéia implícita de data próxima (coloquial):
Hoje não posso; segunda eu vou à sua casa (= "segunda-feira próxima");
Ontem não, foi quarta que ôle me procurou (= "quarta-feira passada") (111).

d) Na linguagem popular, em certas regiões, no interior do Brasil (112), no sintagma dia-de-segunda, dia-de-terça, abreviações de dia-de-segunda-feira, etc., inspirado em dia-de-domingo, dia-de-sábado, dia-de-semana, Exemplificação muito frequente em Guimarães Rosa. Se houver tempo, voltarei ao assunto.

Os casos da linguagem coloquial são comuns em Portugal e no Brasil, mas do último não tenho informações sobre Portugal: Talvez não seja estranho lá, pois no francês ^{se documenta} já em Joinville: a un jour de vendredi, jour de lundy (113).

4a - Na Galiza, o "domingo" e o "sábado" coincidem com o português e o espanhol. Os outros dias apresentam panorama diverso:

- a) Nos escritores por vezes se nota hoje um nivelamento planetário, por influência castelhana. É o caso, por exemplo, do pequeno poema satírico de Rosalía de Castro,

Sábado à noite

Marica pilla a roca (114),

onde se sucedem luns, martes, miércoles, xueves, viernes, sábado e domingo. Miercoles, xueves, viernes, ditongados, apesar do ensurdecimento galego da palatal em xueves, mostram que as formas não são vernáculas.

- b) Os textos medievais dão-nos uma informação que me parece de grande interesse:

- Para "segunda" e "têrça" se preferem lus, luns e martes, embora não se desconheçam segunda feira e terça feira;
- Para "quarta"; "quinta" e "sexta", preferem-se carta feira, quinta feira, sesta feira, embora não se desconheçam mércores, xoves e vernes (115).

b - Lúgrís Freire começa recomendando ou apresentando esta solução como a norma, mas logo a seguir, dá seu apoio à solução castelhanizante:

"Os dias da semana desínanse da seguinte maneira: lus, martes, carta feira, quinta feira, sesta feira, sábado, domingo".

"En algús escritores temos visto que a carta, quinta e sesta feira, súplena coas palabras mércoles, xoves, vernes. Estas voces, de xeito inteiramente galego, e conforme coa orixe latina (Mercurii, Jovis, Vênêris dies) poñen d'acordo os nomes dos días da semana coa maioría dos idiomas neolatinos, como son o castelán, catalán-provenzal, francés, italiano e picardo" (116).

Antilusismo ou gôsto do sistema? Deixo de discutir a expressão "conforme coa orixe latina", pois o português também é "conforme com a origem latina", assim como também são os dialetos célticos goidélicos e os da Itália setentrional. Apenas, por influências eclesiásticas, em certos dias ou em todos êles discrepam da herança popular planetária.

c - Mas o que é de especial interêsse é notar que a solução galega medieval cristianiza, além do "sábado" e do "domingo", os mesmos dias que os dialetos célticos goidélicos cristianizaram: os dós dois jejuns e o do entrejejum. É pura coincidência também a de que o nome do galego conserva o do velho povo céltico da Lusitânia. Para o momento, fiquemos por aqui.

d - Creio que podemos concluir as reflexões sôbre a competição entre a semana cristã e a planetária, relembrando os seguintes fatos:

1º - Houve uma luta surda e generalizada, disputa de terreno entre as duas, da qual os protestos de escritores eclesiásticos ou referências de passagem que chegaram até nós são apenas alguns ecos apagados;

2º - O "domingo" e o "sábado" tiveram vitória total na România, parcial no basco biscainho; só o "domingo" venceu no grupo céltico goidélico;

3º - A vitória dos nomes que designam a "quarta" e a "sesta-

feira" na România foi ganha por termos desprovidos, ou bem cedo esvaziados, de conteúdo religioso e se atesta em pontos dispersos : Sardenha (cena pura), domínio itálico e rético, mais generalizado no passado, hoje restrito quase só à parte setentrional (media hebdomas), ponto isolado dos Abruzos (Carmine), noroeste ibérico (quarta, quinta e sexta-feira).

4º - Só em Portugal a denominação eclesiástica obteve vitória em toda a linha. Ainda voltaremos a este ponto, mas aqui se pode adiantar que só venceu por se ter generalizado a fórmula com feria. Secunda sabbati, ou simplesmente secunda, como no grego moderno, dificilmente sobreviveria, e ainda veremos por quê.

5º - Não há dúvida de que a luta pela substituição foi ditada por motivos religiosos. Teria sido também essa a causa da vitória? Creio que em parte o foi. Mas há um elemento linguístico de especial importância que não deve ser esquecido ou subestimado! É que, deixando o caso do português à parte, os nomes eclesiásticos que venceram eram nomes de dias e não simples ordinais. Mas para se tornarem "nomes de dias" era necessário que se esvaziassem do seu conteúdo religioso. E esvaziaram-se. Domingo hoje, vale tanto como nedelja ou como vasárnap. A vitória cristã aí foi uma autêntica vitória de Pirro!

12 - Está terminada a história da semana até o fim da Idade Média. Essa história, como eu a vejo - toda reconstituição histórica é uma visão pessoal, uma deformação, e, portanto, discutível - aqui exposta por vezes com certa redundância canhestra, às vezes, contra a vontade, em tom meio dogmático (117), pode estar cheia de "calcanhares de Aquiles". Isso não me importa muito: é uma hipótese, uma série de hipóteses de trabalho, tentando uma visão global dos fatos, valorizando o método comparativo e os motivos religiosos, tão desdenhados hoje em dia. Para isso foi às vezes necessário lançar mão de fontes muito humildes e despretensiosas (118). Os problemas do nordeste românico do sudoeste germânico e do mundo eslavo, os dos dialetos célticos e germânicos, mostraram como, apesar das diferenças, todos os fatos são solidários.

a - Não seria possível ficarmos no fim da Idade Média, porque depois dela a História continuou. Veio o Renascimento, vieram os grandes descobrimentos do séc.XVI, veio a Reforma e a Contra-Reforma, vieram os novimentos colonizadores para a América, a África, a Ásia e a Oceania, veio o movimento missionário católico e protestante. E a expansão da semana continuou. Alguns dos fatos são palpáveis. Quando, com a colonização, a semana viajou (119) com a língua - a portuguesa para o Brasil e as colô-

nias de fala portuguesa, a francesa para as colônias que foram assimiladas linguisticamente, a espanhola para as colônias espanholas, a inglesa para as inglesas -, as modificações internas ^{por ela} sofridas ~~podiam ser~~ foram tardias e de detalhe, que não me cabe agora examinar.

b - Quando, porém, com a colonização incompleta ou com o movimento missionário, a semana penetrou na língua pré-existente na América, na África, na Ásia ou na Oceania, não é fácil imaginar o que se deu sem exame direto do fato. As missões da língua inglesa levaram uma semana, as francesas outra. E eu não estou em condições de tratar do assunto. Tenho apenas informações seguras sobre a semana japonesa, que transcrevo a seguir.

Domingo -	<u>Nichi yō bi</u>	= "dia do brilho do Sol"
Segunda-feira-	<u>Getsu yō bi</u>	= "dia do brilho da Lua"
Têrça-feira-	<u>Ka yō bi</u>	= "dia do brilho de Marte"
Quarta-feira-	<u>Sui yō bi</u>	= "dia do brilho de Mercúrio"
Quinta-feira-	<u>Moku yō bi</u>	= "dia do brilho de Júpiter"
Sexta-feira-	<u>Kin yō bi</u>	= "dia do brilho de Vênus"
Sábado -	<u>Do yō bi</u>	= "dia do brilho de Saturno".

Ka, "fogo", Sui, "água", moku, "árvore", kin, "ouro", do, "terra", aí estão como formas abreviadas de Kasei, Suisei, Mokusei, Kinsei, Dosei, que significam "Marte", "Mercúrio", "Júpiter", "Vênus" e "Saturno" (120).

A atual semana japonesa foi adotada a 1º de maio de 1873. Poder-se-ia dizer que não seria necessário argúcia para ver aí um decalque da semana inglesa, isto é, de um empréstimo cultural por via inglesa. Mas, se o fôr - eu não conheço a história do empréstimo aos japoneses -, então houve reelaboração, reinterpretação planetária, pois a semana germânica, como vimos, não é astrológica, mas mitológica, com nomes de deuses da mitologia germânica, e não dos planetas do septizônio.

c - O mesmo informante me disse que, segundo lhe explicaram, a semana entre a gente culta chinesa é:

Segunda-feira	-	<u>Sinky Um</u>
Têrça-feira	-	<u>Sinky Dois</u>
Quarta-feira	-	<u>Sinky Três</u>
Quinta-feira	-	<u>Sinky Quatro</u>
Sexta-feira	-	<u>Sinky Cinco</u>
Sábado	-	<u>Sinky Seis</u>
Domingo	-	<u>Sinky Sol</u>

Dou os numerais e o nome do Sol traduzidos porque não me deram de outro modo. Sinky significa, segundo o informante, "pe-

ríodo das estrêlas". Das estrêlas ou dos planêtas? É possível que também dos planêtas. Seria, provavelmente, "semana". Seria então: (dia) um da semana, (dia) dois da semana, (dia) três da semana, (dia) quatro da semana, (dia) cinco da semana, (dia) seis da semana, e (dia) do Sol (da semana). Se êsse raciocínio está exato, então essa semana também é de origem planétária, mas retrabalhada e começando pela "segunda-feira", como é a tendência popular da européia (121).

d - Enveredo-me de propósito por êsse rumo escabroso, no sentido menos mau que a palavra tem, que é o próprio. Um "caminho tão árduo, longo e vário, como diz o Poeta no seu caso, navegação "por alto mar com vento tão contrário" (Lus., VII, 78). Não entro nêle, porém, ingênuamente, mas de olhos abertos, porque a esta altura quero formulá um voto. Antes disso, refletamos. A semana é, do ponto de vista histórico, antropológico e lingüístico, um tema por demais "sovado", mas ainda longe de ser esgotado. Apenas sete dias e oito nomes, com o dela. Sujeita a tantas vicissitudes, lançada ao capricho dos ventos e das ondas, chega a assumir complexidades de colcha-de-retalho, mas continua viva e solidária. A gente passa indiferente pelas séries sucessivas de nomes e não vê, como as soluções se sucedem novas e inéditas estruturalmente, ou repetindo e refletindo processos criadores do espírito.

e - Agora o voto. Eu nela vejo um tema fecundo para antropólogos, filólogos e lingüistas. Creio que, se as três classes formulassem uma série de quesitos-roteiros, atendendo a problemas históricos, sociais, psicológicos e lingüísticos, sobretudo os estruturais, conseguissem de especialistas em cada língua e civilização ou língua e cultura as dissertações ou informações básicas que formassem uma "consolidação dos estudos da semana", se não no mundo todo, pelo menos nas civilizações e culturas típicas, ter-se-iam os instrumentos de trabalho para considerações fecundas sobre o mecanismo da comunicação e se poderia ver, nesse microcosmo de oito formas, a versatilidade criadora do espírito do outro microcosmo que é o homem. Então se poderiam dispensar os Lyall's Guides e os informantes individuais, porque se teria a orientação de especialistas (122).

f - Este capítulo, afinal, tentando uma visão orgânica e ampla das peregrinações e metamorfoses dos dias da semana e dos seus nomes, esboçou os problemas fundamentais e adiantou a solução de alguns dêles. É conveniente que os textos latinos que refletem a luta das duas na Europa Medieval sejam reunidos numa antologia que os ponha ao alcance dos interessados. Depois dela, um exame da riqueza de formas que assume o empréstimo lingüístico

nessa verdadeira "reação em cadeia", que é, do ponto de vista das soluções formais, o modo original como cada civilização ou cultura reage diante da matéria prima e dos moldes oferecidos pela entidade emprestadora. Com essa visão clara, e talvez com a do quadro geral da semana românica, entraremos na segunda parte, que é o exame específico e particular dos problemas. Mas para alguns dêles, agora, a tarefa se reduzirá a simples operação de limpeza (123).

- 1) Algumas das idéias expressas neste capítulo retomam o que já se disse na INTROD., parte I, cap.III (fim), p.49. Pareceu-me conveniente retomar a questão para dar uma visão mais clara das peregrinações e da essência da semana, nas suas duas formas; e da sua importância na explicação das inovações lingüísticas.
- 2) É o que se depreende de serem latinas as suas primeiras e mais abundantes atestações e de ter sido o mundo latino, e não o helênico ou semita, o responsável pela sua sobrevivência.
- 3) A divisão das línguas semitas por Meillet-Cohen, Les langues du monde, pp.98-148, é pormenorizada, mas pouco clara; a de Dhorme, Langues et écritures semitiques, Paul Gauthier, 1930, em 14 variedades não se retém facilmente; a de Gesenius, Hebrew Grammar, edição de Kautsch-Cowley, Oxford, 1930 (reimpr.de 1952), pp.1-3, é menos completa, mas mais clara; com ela quase coincide o quadro do NIDEL, 1946, p.2276. É a de Gesenius que eu aqui esquematizo com poucas alterações: I- Ramo Meridional ou arábico: 1) árabe antigo das inscrições sabéias (ou himiarítico); 2) árabe moderno; 3) Ge'ez ou etiópico (vindo do himiarítico). II - Ramo Central ou cananita: 1) hebraico clássico; 2) moabita; 3) fenício; 4) púnico; 5) neo-hebraico (michnaico, rabínico e, acrescento, o israelense de hoje). III - Ramo Setentrional ou aramaico: A - aramaico oriental: 1) aramaico oriental ou siríaco (língua literária dos cristãos sírios); 2) língua dos sabianos, nasoreus e mandeus (variante degradada da anterior); 3) aramaico talmúdico; 4) aramaico babilônico; B - aramaico ocidental ou palestino: 1) aramaico palestino (chamado incorretamente caldaico); 2) samaritano; 3) nabateu; IV - Ramo Oriental [ou acádico] - antigo assírio-babilônico.
- 4) É digno de nota que em c.29 A.D., no dia de Pentecostes, em Jerusalém, entre os conversos ao cristianismo, havia prosélitos árabes (cf.Atos, 2,11). Na Introduction à sua edição de Le Coran (Payot, Paris, 1949, p.29), Ed.Montet afirma enfaticamente: "Il est absolument certain qu'il (=Maomé) n'a jamais eu entre les mains les livres sacrés des Juifs et des Chrétiens". E logo depois: "Les emprunts faits au Judaïsme par Mahomet l'ont été à la tradition orale juive et à l'haggadâh ou légende pieuse, d'origine talmudique ou rabbinique". Mas a insistência com que o Corão fala no "Livro" (= a Lei), e as referências frequentes a Moisés e a passos do Pentateuco, assim como especialmente a forma do empréstimo da semana, levam-nos a pensar numa influência direta da Tora, ainda que recebida de oitiva, e não em influência rabínica.
- 5) Foi Maomé que unificou as tribos árabes. A data do início da contagem dos anos no mundo islâmico é o dia 16 de julho de 622, dia da Hégira ("fuga"), quando Maomé fugiu de Meca para Medina, mas a submissão das tribos se deu nove anos depois, em 631.
- 6) Cf.INTROD., pp.105, n.1 e 2, e 114.
- 7) Cf. INTROD., pp.54-55, e 64, n.6.
- 8) Cf. INTROD., pp.196, 199-200, 208, Cf. Tagliavini, Storia di Parole, 1963, p.492 (fim da nota no § 20).
- 9) Cf. INTROD., p.94.
- 10) Cf. INTROD., pp.44, 89 e 27.
- 11) Cf. Meillet-Cohen, op.cit. pp.125-128; Dhorme, op.cit., pp.37-38; Nöldeke, DNWG in ZfdW, I, 1901, p.162. É provável que tenham sido estes o veículo da semana armênia, como adiante se verá.

- 12) O complemento adverbial bšabbā, "na semana" (ou, talvez literalmente, "em semana"), pode vir também justaposto, como o status constructus hebraico. Cf. Schürer, DsWGChK, 1905, p.9, citado na INTROD., p.123, n.6.
- 13) Em Jerusalém, no dia de Pentecostes (Atos, 2, 9-11), c.29 A.D., havia judeus e prosélitos da Mesopotâmia que se converteram ao cristianismo. Pouco tempo depois, de Antioquia da Síria, ao sudoeste de Edessa, e não muito longe, se iniciou o antigo movimento missionário cristão.
- 14) Enquanto eu redigia este capítulo, num programa israelita de rádio, o locutor, falando das comemorações do 20º aniversário do Estado de Israel e referindo-se a uma "sexta-feira", usou a fórmula portuguesa e acrescentou: "Véspera do šabbath" (era o dia 26/4/1968).
- 15) Para o quadro completo, cf. INTROD.; pp.118-119 e 122, n.1, 2, 3.
- 16) Mesmo o da etiópica dá impressão de ser cardinal mas Nöldeke o traduz como se fôsse ordinal: cf. DNWS, in ZfdW, 1901, p.163.
- 17) Cf. nota 5.
- 18) Muitos problemas, como, talvez, o das fórmulas com feira, hoje seriam mais claros, se tivesse persistido a latinidade africana.
- 19) "O nome da "sexta-feira" eu não o posso explicar. Procede em todo o caso de tempo pré-islâmico; isso vale certamente a propósito de todos esses nomes de dias da semana do moderno persa" (DNWS, in ZfdW, 1901, p.163). Se minha suposição fôr justa, não é "pré-islâmico", mas exatamente "islâmico".
- 20) Storia di Parole, 1963, p.109, fim do § 19.
- 21) É dessa palavra persa que nos veio bazar. O empréstimo no turco e no húngaro deve ser antigo, mas no port., no esp. e no fr. é do séc.XVI. Bloch-Wartburg, DELFL, s.v., supõe o port. como intermediário. Corominas, DCELC, I, 1956, s.v.p.432, igualmente. Em J.P.Machado, há boa documentação. Até o REW³, 1010, registra o termo, apesar de recente.
- 22) Sali será, talvez, uma forma foneticamente alterada do numeral semita para "três": Cf. hebr. šlīšī e etiópico salūs (Ver INTROD., pp.83 e 120). Se assim fôr, temos bem claro que os três dias em que entram numerais não usam numerais turcos, para os quais só com as informações do Lyall's Guide (p.267) e de Meillet-Cohen, Les langues du monde (2), p.364.
- 23) As informações sobre a semana turca, informações e não hipóteses explicativas, devo-as ao Lyall's Guide, p.271, e ao Rev. Aharon Sapseizian, Secretário da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos do Brasil (ASTE), o qual é de origem armênia, tem formação literária e universitária e tem conhecimentos práticos de turco, e, por sua vez, consultou outros mais entendidos em turco.
- 24) Também empréstimo persa ao húngaro, mas certamente por meio do turco.
- 25) Cf. INTROD., p.31-34 e Macróbio, Saturnalia, I, 16,31 ali discutido, e o texto da inscrição de CIL, III, 4121.
- 26) Cf. P.Skok, em RES¹, 1925, pp.14-15 e INTROD., pp.192 e 203, notas. Pelo fato de o "domingo", no mundo eslavo, lembrar o

- lat. feriae, Skok prefere ligar a semana eslava à Igr. ocidental. Mas isso não me parece necessário.
- 27) Esse processo relativo de exprimir é freqüente e geral: Pode ser: véspera de, dia anterior a, dia posterior a, dia intermediário entre. Vemo-lo na semana hebraica, em Justino o Mártir, no caso presente, e em certas expressões do mundo italo-rético (cf. Brupp, DNWR, 1948, pp. 112-113), nos dialetos célticos, e, até, em media hebdomas. Nöldeke, DNWS, in ZfdW, 1901, p. 163, cita maksano, do amhárico popular, que se traduz: "(o dia) posterior à segunda-feira".
- 28) A metáfora é natural e geral. Cf. cabeça do livro (= o título), cabeça de rol, cabeça de um movimento (= iniciador), cabeça de distrito (cidade) capital (= principal), encabeçar um desfile, um movimento, um discurso (= dar o início, escrever o início). O Aulete, DCLP³, ignora esse sentido, mas os nossos dicionários não. Seria "brasileirismo"?:
- 29) Conflo, em latim, de cum + flo, "soprar", significa "acender", "atizar", e, por metonímia, "fundir" (metais). Daí a crítica textual tomou o part. pass. para designar manuscritos resultantes de cópia de dois ou mais, pois o manuscriptus conflatus "funde" dois ou mais outros. Poder-se-ia usar os part. amalgamada, fundida, sincrética, mestiça, composita, ou híbrida, como ultimamente tenho preferido chamar a semana românica resultante de uma superposição de formas cristãs sobre as fórmulas planetárias. Algumas vezes tem-se a impressão de conglomerado.
- 30) Os pares de designações nos pontos extremos da semana turca - pazar / pazar ertesi, e cuma / cuma ertesi - tornam-na bastante simétrica. Se sali também fôsse seguido de -şamba seria perfeitamente simétrica.
- 31) Cf. Nöldeke, DNWS, in ZfdW, 1901, p. 163.
- 33) ʿarūbhāth é variante aramaica de ʿarūbhā, Cf. INTROD., quadro, p. 83.
- 32) Nessas formas fixas, o gen. é šaptī; em outras conexões, é šaptū.
- 34) Informações fornecidas pelo Rev. Aharon Sapsezian, a quem registro aqui meus agradecimentos.
- 35) Sobre esses documentos, ver Los Evangelios Apócrifos, edição de Aurelio dos Santos, BAC. 148, 1956, pp. 703-711 (introd. e texto grego e trad. espanhola). Ver também os arts. do Pe. Fr. Tournebize S. I. "Abgat V Aukhama, Le Noir e "Aménie" em DHGE, Letouzey et Ané, Paris, vols. I, 1912, col. 113, e IV, 1930, cols. 293-296 §§ IV-VI (o art. todo: cols. 290-391).
- 36) Edgar A. Sturtevant, The Pronunciation of Greek and Latin, Ling. Soc. of America, Univ. of Penns. 1940, p. 38, § 28.
- 37) Ver J.-R. Palanque, em Histoire del'Eglise, dir. de Fliche e Martin, Bloud et Gay, 1950, vol. 3, parte III, cap. V, p. 490. Cf. Pe. Fr. Tournebize, S. I., art. cit. na nota 34; DHGE, IV, 1930, cols. 294-295.
- 38) Cf. Meillet-Cohen, Les langues du monde, 1958 pp. 154-156. Ver também, Eric M. North, The Book of a Thousand Tongues, 1938, n° 190-192 (p. 100).

- 39) Cf. Meillet-Cohen, op.cit., p.156, e E.M.North, op.cit., n.º 190.
- 40) Cf. E.M.North, op.cit. p.100, n.º 190.
- 41) Cf. Meillet-Cohen, op.cit., p.155: Nascentes, DELP, 1932, s.v.
- 42) Romania é termo cujas primeiras atestações até agora levantadas eram: 1) Pauli Orosii, Hist. Adv. Paganos, III, 20, 11; 2) Id., ibid., VII, 43, 5 (ambas anteriores a 418 A.D.); 3) Possidii, Vita Sancti Augustini, cap. XXX (não muito depois de 430 A.D.). D. João Mehlmann, O.S.B. comunica-me duas ocorrências mais antigas, de c. 380 A.D.: estão em Maximini Contra Ambrosium Dissertatio, § 59 e 60, in Migne, Patrologiae Latinae Supplementum, Garnier, 1959, vol. I, col. 706.
- 43) Esse nome perdurou até os tempos modernos: com ele, ela foi a Capital do Império Bizantino até 1453, quando os turcos a tomaram. Como era o ponto de atração, o sintagma que marca a direção para Constantinopla - que era a $\pi\omicron\lambda\iota\varsigma$ por excelência - $\epsilon\iota\varsigma\ \tau\eta\ \nu\ \pi\omicron\lambda\iota\varsigma$ = "para a cidade", pronunciado pelos dominadores is-tan-bul, deu Istambul. Cf. Joseph Perin, in LTJ, V, s.v. p. 412, e A. Nascentes, DELP, II, 1952, p.152, s.v.
- 44) Escuso-me dêste exame um tanto escolar: é por intenção pedagógica que assim procedo. E para chegar a êsses pormenores foi preciso confrontar demoradamente fontes e mapas, o que parece justificar a exposição. Os Atlas históricos com os quais trabalhei foram o de Vidal-Lablache, s/d, e o de Westermann, Atlas zur Welt Geschichte, 1963.
- 45) A forma do plural $\sigma\acute{\alpha}\beta\beta\alpha\tau\alpha$ - que na origem era antes a transliteração do aram. šabb'ṯā - ocorreu na primeira fase, mas em frequência muito pequena e geralmente nas citações de passos bíblicos que a documentam. Era mais frequente no judaísmo da Diáspora (ou do mundo helênico) e pode-se entender por quê: era inspirada pelo aramaico.
- 46) A diferença entre esta e o neo-helênico é apenas de pronúncia, admitindo êste ainda $\sigma\acute{\alpha}\beta\beta\alpha\tau\omicron\nu$ ou $\sigma\acute{\alpha}\beta\beta\alpha\tau\omicron$. Uma forma * $\sigma\alpha\mu\beta\alpha\tau\omicron$ tem sido suposta, certamente para explicar a semana balcânica e boa parte da eslava.
- 47) Desprezo aqui algumas variantes como uma sabbati, prima feria, cena pura (= "sexta-feira"), como, aliás, já fiz para a grega.
- 48) Adiante se discutirá a presença em alusões ocasionais, mas não no "uso" consuetudinário da semana em alguns escritores dos sécs. I e II A.D.
- 49) Tibulo, Eleg. I, III, 17-18 (entre 30 e 20 A.C.).
- 50) Desde Tibulo até S. Isidoro de Sevilha, extraídas de escritores e inscrições, respigando estudos e dicionários.
- 51) O levantamento de Bruppacher é muito claro e é um bom "instrumento de trabalho".
- 52) Parece-me que é necessário distinguir os tipos seguintes de atestações para uma visão objetiva: a) dados epigráficos de inscrições fixas; b) dados epigráficos de inscrições em placas ou objetos móveis; c) atestações literárias (ou simplesmente de escritores); d) achados arqueológicos (sem nomes de dias), com os deuses da semana, também aí distinguindo-se os fixos dos objetos ou placas móveis.
- 53) Cf. Thumb, DNWG, in ZfdW, 1901, p.171; Gundermann, DNWR, ibid..

- pp.181-183; Schürer, DsWGchK, in ZfNTW, 1905, pp.36-37.
- 54) Op.cit., p.36, nota 1.
- 55) São elas: 1) Corpus Inscriptionum Graecarum (vol ?); 2) G.^o Kaibel, Inscriptiones Graecae Siciliae et Italiae, etc., 1890; 3) J.B.Rossi, Inscriptiones Christianae Urbis Romae etc.; 4) Corpus Inscriptionum Latinarum; 5) Paras publicações avulsas.
- 56) O seu estudo só versou sobre a semana em uso na Igreja Cristã dos primeiros séculos.
- 57) O mapa da p.11 é tirado do artigo de Haug, "Die Wocheng"ottersteine", in Westdeutsche Zeitschrift, 9 (1890); o da p. 38 foi levantado por Bruppacher.
- 58) Para a divisão dos dialetos célticos, ver Vendryes em Meillet-Cohen, Les langues du monde, pp.52-56, e Sever Pop, La dialectologie, II, pp.925 e ss.; para a questão da semana, ver INTROD. pp.198-202 (e notas 35-43).
- 59) Cf.P.Savy-Lopez, Origenes Neolatinos, Labor, p.85. Paul-Marie Duval, em La vie quotidienne en Gaule, etc., 1952, pp.48-49 e nota 9 (p.340), indica os principais testemunhos de sobrevivência do céltico na Gália até o séc.VI.
- 60) Doliqueno é o gentílico de Doliche, cidade situada ao nordeste de Tarso e ao sudoeste de Samósata, não longe da curva do Eufrates na sua parte mais ocidental. É de lá que procede um culto de Baal, ligado pelos ocidentais a Júpiter. Cf.Salomão Reinach, art."Dolichenus Deus Jupiter", in DAGR, 1892, tome II, 1ère partie, pp.329-332.
- 61) Plutarco, Pompeio, 24 apud H.J.Rose, in OClD, 1949, s.v. Mithras, p.576.
- 62) Art.cit., p.330.
- 63) Ver o texto em BAG, vol.220 (1962), p.231.
- 64) Art.cit., p.576.
- 65) Para a frequência e as variantes das formas vindas de Iovia, ver: REW, 4591, e, sobretudo Bruppacher, DNWIR, 1948, pp.137-139 (atestações 77-101; 111 e 117), sua discussão (pp.139-154), e a carta 7 da p. '240'.
- 66) Cf.INTROD., p.34
- 67) Censorini De Die Natali Liber, ed.de Fridericus Hultsch, Teubner, Lipsiae, 1867.
- 68) Esta provavelmente não assimilada linguisticamente, pela sua situação marginal e pelos contactos com Germania.
- 69) Eles poderiam ter traduzido as fórmulas, como fizeram os germânicos: entre os seus deuses havia alguns que os próprios latinos assemelhavam aos seus. Cf.César, De Bello Gallico, VI XVII. Ver ainda: Raymond Lantier, "La religion celtique", in Histoire générale des religions, Quillet, 1948, tome I, pp.498-503; J.Vendryes, "La religion des Celtes", in Les religions de l'Europe ancienne, col."Mana", vol.2, PUF, 1948, pp.261-289.
- 70) Esse testemunho de todos os dialetos célticos, corroborado por alguns dos dias do albanês e pela quase unanimidade das ins-

crições gregas e latinas, é de grande interesse para a solução do importante problema românico da oposição diluns/luns/lundi.

- 71) Nas orlas orientais da România, o albanês (ver adiante), nas ocidentais, os dialetos celtas, e na România, desde a Dácia até a Ibéria, o mesmo fenómeno.
- 72) As soluções de "domingo" a "sexta-feira" foram uniformes, tanto entre os do sul como entre os nórdicos. Discrepantes são as do "sábado", mas só no ingrediente e não na estrutura, que é a mesma: determinante + dag. Para os sistemas nas seis línguas - alemão, neerlandês, inglês, dinamarquês, sueco, norueguês - ver INTROD. pp.196 e 204, nota 29. Outras fontes de informação: Ideler, Handbuch, 1825, II, pp.181-183; Kluge Mitzka, EWdSp, , , nomes dos dias, Carl Clem., "Les Germains", in Histoire générale des religions, Quillet, 1948, tome I, pp. 450-463; E. Tönnelat, "La religion des Germains", in Les religions de l'Europe ancienne, col. "Mana", vol. 2 PUF, 1948, pp.341-348 e 362-375; E.L. Rochholz, Deutscher Glaube und Brauch im Spiegel der heidnischen Vorzeit, vol. II, cap. I, Börlin, 1867, "Die deutsche Wochentage. Geschildert nach dem Grund ihrer wechselnden Namen und Zeitbräuche", pp.1-63; Tagliavini, Storia di Parole, etc., (Não pude ver a Deutsche Mythologie de Grimm, nem os trabalhos de Kluge e Kranzmayer).
- 73) A única informação que encontrei para o "sábado" escandinavo é de Rochholz, Deutscher Glaube, vol. II, p.55, segundo o qual o dim., nor. e sueco Lördag e lördag (diferença apenas ortográfica) seria formado da raiz de lukan, "fechar", e dagr, "dia", donde a forma Laugdagr, "dia do fecho", do qual viria o moderno lördag. Seria, então, como um dos nomes do "domingo" basco ebiakoitz, vindo de egunbiakhoitz (segundo Lhande, citado por Tagliavini, Storia di Parole, p.114) e com o sentido de "dia último". No basco a semana começa pela "segunda-feira".
- 74) Veja-se Die Gotische Bibel, ed. de Wilhelm Streitberg, Heidelberg, Carl Winter, 2a.ed., 1919.
- 75) Só nos restam os quatro Evangelhos (com lacunas) e as epístolas paulinas (também com lacunas).
- 76) Cf. INTROD., pp. 194-195 e nota 28, p.2 03.
- 77) Sobre o basco, há um estudo de J. Gorostiaga, "La Semana Vasca: el sistema y los nombres de los días" in Eusko-Jakintza - Revista de Estudios Vascos, Bayonne, 1947, I, pp.51-56. Infelizmente, só o conheço pelas citações que dele faz Tagliavini (Storia di Parole, pp.114, 486, 487-488, 489 e 492; cf. ainda ibidem, pp.83, 94, 99, 104, 109). Não se leve em consideração o que eu supus na INTROD., p.198, nas considerações finais.
- 78) Cf. Nascentes, DELP, v. Soturno, p.744, J.P. Machado, DELP, s.v. Soturno, p.2023, e sobretudo, Corominas, DCELC, IV, s.v. Saturno, p.161; REW, 7624.
- 79) Para mais informações, cf. INTROD., pp.197-198 e Tagliavini, pp. acima citadas (nota 77).
- 80) Cf. INTROD., pp.200-202: atingiu só os dias que tinham sentido cristão: "domingo" e dias de jejum ("quarta" e "sexta") e o que fica "ensanduichado" entre eles: a "quinta-feira". E um dos componentes da designação desses três dias é precisamente o que resta da palavra latina ieiunium, no irl. áin ou óin, de *iaiuniu(m) > *aiuniu(m). Cf. port. arc. jajum, esp. ayuno, rom. ajun. Ver Vendryes e Pedersen, citados por Tagliavini, Storia di Parole,

p. 488 (O que aí fica dito refuta a alegação de J.P.Machado em DELP, p. 1260).

- 81) O interesse desses quatro pontos, talvez com exclusão apenas do basco, cujo testemunho, até certo ponto, pode ser dispensado, é muito grande para compreendermos os fatos românicos. E, lamentavelmente, o REW — nos verbetes nº 2632 (dies), 2738 (dominus/a), 4591 (jovia), 4594 (jovis dies), 5164 (lunae dies), 5382 (martis dies), 5519 (mercuri dies), 7479 (sabbatum/sambatum), 7624 (Saturnus), 8059 (sol) e 9197 (venēris dies) — é omissa e inexata: omite fatos românicos, omite sabbata, sambata, omite dados célticos e bascos, todos os germânicos e albaneses, e parte de fórmulas com dies posposto, as quais não pode haver dúvida nenhuma que são de introdução tardia, em época românica, se não gótica, e por via franco-lombarda, como ainda se verá.
- 82) pp. 271-273 3 notas 703-711. Um levantamento maior de passos eclesiásticos encontra-se em MLA-se, DLFACH, s. v. paganus e derivados.
- 83) Dois textos claros, com a noção de "rústico", são: de Severo Santo Eudelequio, De Mortibus Boni, 109 (c.ano 400) onde não ocorre o termo: Magnis qui colitur in solis urbibus Christus, ("Cristo que só é adorado nas grandes cidades"); de P. Orósio, Hist. Adv. Paganos, praef. I (início do séc. V): Ex locorum agrestium compitis et pagis pagani vocantur (Chamam-se "paganos" por serem dds encruzilhadas dos lugares agrestes e dos "pagos" (=aldeias)).
- 84) Plínio o Moço, Epist., X, 96 (in medio): Affirmabant autem hanc fuisse summam vel culpae suae vel erroris, quod essent soliti stato die ante lucem convenire carmenque Christo quasi deo dicere secum invicem, seque sacramento non in scelus aliquod obstringere, sed ne furta, ne latrocinia, ne adulteria committerent, ne fidem fallerent, ne depositum appellati negarent...
- 85) Stromateis II, VII, 75 (séc. II-III). A oposição, na verdade, é triplíce, em pé de igualdade: a "idolatria" aí não parece especialmente ligar-se aos nomes da semana. Ver o texto do passo clementino em INTROD., pp. 132-133.
- 86) Até hoje, correm, na Toscana, na Espanha, na Galízia, em Portugal, nos Açores, provérbios e superstições referentes a dia de casamento, ao trabalho, ao início de viagem, que refletem resíduos do culto do deus Júpiter ligado à "quinta-feira", de temores ao deus Marte, ligados à "terça-feira", de escrúpulos à influência má de Vênus, deusa adúltera, para dia de casamento, isso, talvez, combinado com respeito a superstição cristã por ser o dia da crucifixação de Jesus.
- 87) Ver documentação já no lat. medieval em Bruppacher, DNWIR, 1948, p. 62, nº 38, jovis sanctae (ano de 1945); p. 63, nos. 41 d 42, jovis sancta e nocte jovis sancte (séc. XV); p. 63, nº 50, in Veneris sancti (séc. XIV) nº 51, sancta die Veneris, nº 52 feria sexta Veneris sancta (ambos séc. XV).
- 88) Essa expressão, que eu creio já ter empregado atrás, traduz a de Kluge-Mitzka, EWdSp., 1957, p. 623, tratando de Samstag. Falando das missões arianas do sudoeste europeu, diz ele: Bei seiner Wanderung donauaufwärts und rheinabwärts ist Samstag auf den Süden und Westen des dt. Sprachgebiets beschränkt geblieben, vgl. auc frz. samedi. Por sua (= das missões arianas do sudoeste) migração "Danúbio-acima e Reno-abaixo", ficou Samstag circunscrito ao sul e ao ocidente do domínio lingüístico alemão, cf. também o fr. samedi).
- 89) A designação ἡμερᾶς τῶν ἡμερῶν é a dos dias feriados gregos: está documentada em Plut. Alcebi., 34 e M. 270, a, (segundo Bailly); aparece também num papiro do séc. VI (Liddell

and Scott, s.v.). Quem a lembra como fonte de nedelja é Miklosich (p.20). Mas já se encontra em Du Gange.

- 90) Cf. Kluge-Mitzka, EWdSp.¹⁷, s.v. Sonntag, p.717.
- 91) Cf. Kluge-Mitzka, s.v. Mittwoch, p.482. Rohlf, Les noms, in Bol. Fil. X, p.93, nota 10. O exame da distribuição da fórmula na Europa, levando-se em conta as atestações antigas, divide-a em três faixas: 1) Faixa eslavo-magiar, a leste da Bulgária e Iugoslavia até a Rússia, incluindo, além desses países, a Hungria, Checoslováquia, Polónia e parte da Lituânia (zona de sreda); 2) Faixa germânica, no centro, da Alemanha aos países escandinavos, incluindo, além destes, a Suíça alemã, núcleos românicos da Dalmácia, da Itália setentrional e central, da Récia, e, ao norte, o prússio antigo (eslavo), Lituânia (em parte) (báltico), e a Finlândia (em parte) (finco) (zona de média hebdomas); 3) Faixa ocidental, incluindo toda a România e Países Baixos e Inglaterra. A faixa central de média hebdomas está em recessão.
- 92) Cf. Kluge-Mitzka, op.cit., s.v. Freitag, p.217.
- 93) Cf. Kluge-Mitzka, op.cit., s.v. Samstag, p.623. Resta uma forma para "terça-feira".
- 94) Cf. Kluge-Mitzka, op.cit., s.v. Dienstag, p.132. Nos Alpes Dolomíticos, não muito ao sul de Augsburgo, a "terça-feira" é de dedo lunes, de dō^a lūnaš, "dia depois da segunda-feira", que deve ser expansão posterior da inovação alemã. Esta parece explicar-se por influência eslava. Note-se que a Checoslováquia não fica longe da Suábia, e que ali, como nas demais línguas eslavas, a "segunda-feira" é pondelik e pondeli, "depois do domingo". Cf. Miklosich, p.20; Bruppacher, DNWIR, p.112.
- 95) Cf. Kluge-Mitzka, s.v. Dienstag, citado na nota precedente; Dei apenas as formas ali registradas. Tagliavini, Storia di Parole, pp.92-93, traz ainda Erintag e Ergetag, e Bruppacher, l.c. na nota precedente, dá Ershtag e Erchtag (do mapa 4 de Kranzmayer).
- 96) Para média hebdomas em geral, consulte-se: REW, 4090; P. Skok, La semaine slave, in RESL, v.1925, pp.14-15; Meyer-Lübke, DNWR, in ZfdW, pp.192-193; Rohlf, Les noms, in Bol. Fil., X, 1949, pp.92 e 93 e nota 10; Bruppacher, DNWIR, 1948, pp.116-117 (nos.65-70 e 73) e pp.128, 131-135 e carta n.º 5, p.239; FEW, IV, 395; Tagliavini, Storia di Parole, pp.98-99 e 488; INTROD., pp.158-160 e 213. Para os exemplos dalmáticos, cf. Bartli, Das Dalmatische § 92, col.124; Elmendorf, EDDDV, 1951, p.73; para os do norte da Itália e dos Erisões, Cf. Bruppacher, op.cit. pp.116-117 (exs. 65-69 e 73) e pp.133-134. Uma forma local nos Abruzzos para "quarta-feira" é karmana, segundo Salvioni, do culto da Madonna del Carmine: lu karmana, lu koarmana, di lu quàrmene. Cf. Bruppacher, op.cit. pp.135-136.
- 97) Cf. Bruppacher, op.cit., exs. nos.160, 161, e 168, p.167; Ascoli, Saggi Ladini, in AGI, I, p.372.
- 98) Para o eng., ver ainda Vonmoos, Lehrbuch, p.113; ver também Ascoli, Annotazioni soprasilvane, in AGI, VII (1880-1883), pp.531-532.
- 99) Les noms, etc., in Bol. Fil., X, 1949, p.93, nota 10.
- 100) tract. in Psalm., I, p.127,4. Cito-o em fragmento por tê-lo tomado a Blaise, DLFACH, s.v. Cor, p.223. Já estava redigido o texto quando a generosidade de D. João Mehlmann me fêz chegar às mãos a bela passagem jeronimiana, que eu aqui reproduzo sem

traduzir: Semper de titulo disputamus, ut ex titulo intelligatur et psalmus. Psalmus David quarta sabbati, Quarta sabbati in medio sabbati est: quasi in corde sabbati, hoc est, in medio hebdomadis. Dies enim quarta est, et quarta dies ex utroque latere aequales dies habet. Habet enim ex uno latere diem primum, secundum, tertium: et ex alio latere habet diem quintum, sextum, septimum. Videtis igitur quoniam dies quarta, hoc est, quarta sabbati, ex utroque latere duplici trinitate firmatur (Tract. de Psalmo. XCIII, v.1 Corpus Christianorum, 78, 142).

- 101) Eberhard Kranzmayer, Die Namen der Wochentage in den Mundarten von Bayern und Österreich, Wien-München, 1929, p.79, apud Bruppacher, DNWIR, p.132 (e nota 4 da p.131).
- 102) Cf.o que eu disse sôbre o domingo católico do nosso camponês, em INTROD., pp.35-36-e; Cf.REW, 5996.
- 103) Será ocioso citar aqui as formas para o "domingo" nas línguas eslavas: salvo duas exceções, que se darão depois, são ligeiras variantes fonéticas e morfológicas de nedělja.
- 104) Isso ainda mais me convence deque a origem foi no grego balcânico: em latim, cor "tout court" seria impossível, como secunda, tertia, salvo nas fórmulas ordinal + feria.
- 105) Sendo do grupo satem, a vogal K passou a sibilante. Cf. Meillet-Ernout, DELL³, s.v. cor, p.254; Walde-Hofmann, LEW² s.v., p.271; Boisacq, DELG⁴, s.v., καρδία, p.412.
- 106) in Histoire de l'Eglise, de Flich et Martin, Bloud et Gay, 1947, vol.6, "L'Epoque Carolingienne", p.450.
- 107) ZtW, in StnSp, 180, 1942, p.117-118. Cf. INTROD., p.208.
- 108) "Tracce", in Word V, 1949, p.172, nota 2. O passo que traz pura cena é de Ticônio, Liber de Septem Regulis, V (De Temporibus) (PL, 18, 49): cum esset pura coena..., mas, como ele cita João, 19, 42, onde está parasceve, pode tratar-se de um lapsus calami.
- 109) Além de Bonfante, art.cit. na nota precedente, cf.: Wagner, Sardisch Kenabura, in ZfrPh, XL, 1920, pp.619-621; REW, 1806; Bruppacher, DNWIR, 1948, pp.156-157; 166; INTROD., pp.77, 80, 81 208-209, e fontes aí citadas.
- 110) P.ex., as ocorrências, de lues, martes, mercures, joves e vernes até o séc.XIV, mencionadas por Car.Mich.in Das Liederbuch, etc. (observações à edição de Lang) em ZfrPh, XIX, 1895, p.614 e nota 1. Igualmente a de Lang, Das Liederbuch, etc.p.XXIV, nota 2, e as de F.López Estrada como de Portugal, in RFE, XXV, 1941, p.566: Lunes (de Xeres), mercures (Badajoz), Martes (Mérida), talvez aí citados por descuido.
- 111) Exs.forjados, mas correntes entre nós.
- 112) Freqüentes na minha região do sul de Minas. O uso abundante em Guimarães Rosa mostra que também no norte de Minas.
- 113) Apud L.Foulet, art.Sire, Messire, in Rom., 72, 1951, pp.37 e 521. *Aparece já em Adamano (670 A.D.): in die quartae feria.*
- 114) Rosalía de Castro, Obras Completas, I, Cantares Gallegos, Ed. Páez, poema XXXVI, pp.287-289.
- 115) O levantamento de Paiva Boléo, em Os nomes etc., pp.24-25 apresenta 5 exs.: lues, martes, mercures, joves (uma vez cada

- um) e IIII ffeyra. Note-se que as formas planetárias são galegas, e não castelhanas. O ¹F.L.Estrada na recensão ao estudo de P. Boléo apresenta em 18 ocorrências: 3 lues para 1 II feria; 2 martos para 2 III feira; o (zero) mércoros para 1 quarta feria; o (zero) yoves para 6 V feira; 1 viñes, de Burgos (note-se a ditongação e a procedência) para 2 VI-feira (RFE, 25, 1941, pp. 565-566). Cumpre notar, porém, que os de feria são latinos e eclesiásticos.
- 116) M. Luguís Freiro, Gramática do Idioma Galego, A Cruña, Imprenta Moret, 1931, 2a.p.117.
- 117) Esta redação, a toque-de-caixa, não me permite revisão que corte as redundâncias ou que atenuie algumas afirmações entusiastas.
- 118) Citando o Lyall's Guide, eu por vezes me rio por dentro, mas vou-o usando porque ele funciona como um "guia-leal". Voltarei a ele na conclusão deste capítulo.
- 119) "Viajou" literalmente. Leia-se o Diário da Viagem de Vasco da Gama, de 1497. Eles viajavam envolvidos pela semana: cada fato narrado vem datado, em geral, pelo dia da semana e depois pelo dia do mês, às vezes só pelo dia da semana, raras vezes só pelo dia do mês. Tomemos apenas as ocorrências das duas primeiras páginas do Diário: Partimos... hũa sabado q eram oytº d.do mes de julho...; ... chegamos ao sabado seguinte...; Ao domingo seguinte...; até a quarta firª....; E ao outº d. que era qinta firª; E hũa quynta feira q eram tres d.dagosto; e foy e XVIIJ d.dagosto; e e XXIJ d.do dito mês; Item a vinte e sete dias do mes doutubro vespera de sam simam e judas q hera sexta firª; Item hũa quarta firª pmoº d.do mes de novembro; Item aos tres d.do dito mes sabado. A Carta de Pero Vaz Caminha é a mesma coisa; a História da Índia de Castanheda, também.
- 120) Estas informações sobre as semanas japonesa e chinesa me foram fornecidas pelo Prof. Kikuo Endo, instrutor da Cadeira de Japônês da Faculdade. As da japonesa ela me deu com segurança; as da chinesa, com as reservas de quem transmite informações recebidas. Aqui registro os meus agradecimentos a esse distinto ex-aluno, hoje prezado colega.
- 121) Hesitei em registrar essa informação da semana chinesa. Mas, afinal, como ilustração linguística, sem compromisso, não há mal em recebê-la com cautela.
- 122) Não seria necessário ficar dentro da visão só da semana: expressão do tempo, do movimento, da localização, do número (inclusive ordem), do valor, relações diárias, vocabulário básico, visão básica da vida e do mundo: um plano melhorado do Lyall's Guide ou do Linguistic Museum de The Loom of Language.
- 122) Escuso-me deste capítulo tão longo. Mas ele se tornou, em verdade, o grande esboço da minha tese e creio que é ele que transformou em tese um trabalho que não pretendia nem pretende mais que divulgar conhecimentos e sugestões de trabalho.

CAP. II - OS FLAGRANTES DA LUTA

1 - A semana planetária era da massa ignara: os primeiros a documentá-la não foram os seus "clientes", os que lutaram por ela fizeram-no sem manifestos (1). A semana cristã era dos alfabetizados: os seus "usuários" e divulgadores lutaram por ela, argumentando e protestando. Foi sobretudo o púlpito, a cátedra, o epistolário cristão que nos conservaram alguns testemunhos da luta, afora as brechas que elaborou no sistema adversário, segundo se viu no capítulo precedente. Fazemos neste capítulo uma "antologia" dos textos fundamentais que testemunham essa reação eclesiástica. A data desses textos é outro marco para se avaliar a época da implantação ou das penetrações da semana cristã.

a) No domínio helênico, de escassa documentação lingüística da semana planetária, como se viu, e essa mesma em geral mais abundantemente representada pela epigrafia tumular cristã ou pela pena dos apologistas e pregadores, antes que começassem a manifestar-se os seus teóricos - o retórico Plutarco, no início do séc.II A.D., o gramático Dositeu, êsse num quadro bilíngüe, no limiar do séc.III, em 207, o historiador Dion Cássio, em 229, Paulo Alexandrino, o $\Pi a \tilde{\nu} \lambda o \varsigma \varphi \epsilon \lambda \acute{o} \sigma \tau o \varphi o \varsigma$ de Suídas, ou o poeta e apostelemático", para não dizer "astrólogo", em 378 A.D., e Joannes Laurentius, o Lydus (=lídio), no meio do séc. VI - todos êles objetivos e sem nenhum espírito de combate (2). Mas os próprios escritores gregos cristãos que empregam fórmulas planetárias na designação dos dias - como Justino, o Mártir, em 135 e em 155 A.D., e mesmo Clemente Alexandrino, na famosa alusão aos $\eta \mu \acute{\epsilon} ρ α ι$ 'Ερμιοῦ e 'Αφροδίτης dos Stromateis, II, VII, 75, entre 193 e 217, apesar da lição ética - não parecem alimentar espírito agressivo (3). Talvez seja porque no mundo helênico a adversária não estava tão arraigada nos meios populares.

b) Já as referências eclesiásticas latinas aos dias planetários ou são polêmicas ou apologéticas, em geral severas e violentas, algumas com mais equilibrada visão do processo lingüístico, as mais tardias como reflexões sobre um costume cuja significação é sentida como do passado. As vezes elas aludem aos planetas, mais freqüentemente elas os atribuem a deuses, com um julgamento moral dos seus costumes (4).

c) Podem-se distinguir duas fases na luta no mundo romano. A primeira é dos sécs.III-IV e refere-se ao culto do Mitra e do Sol Invictus, atingindo especialmente o dies Solis. Mas nesse caso, de um modo geral, alguns passos bíblicos levaram escritores

cristãos - como Tertuliano (Apol. 16 e Ad. Nat. 13), em 197, o Pseudo-Crisóstomo, no fim do séc. IV, o Ambrosiaster, ali por 375, São Paulino de Nola, em 409 e muitos outros (5) - a dar-lhe uma reinterpretação alegórica. Partiam, sobretudo, do célebre texto de Malaquias Et orietur vobis timontibus nomen meum Sol iustitiae, et sanitas in pennis eius (Mal., 4, 2) (6). Encontramos nota polêmica apenas nos passos indicados de Tertuliano, que não transcreverei aqui (7). A segunda fase é que atinge a semana toda, sécs. IV em diante (até séc. XII), e será examinada nos parágrafos seguintes (8). Tentarei seguir a ordem cronológica. Como boa parte d'esses ^{escritos} documentam, ao lado da fórmula eclesiástica e da fórmula com "feria", as fórmulas planetárias, irei também tirando ilações que ajudem a compreender os fatos lingüísticos, e não apenas documentando a luta.

2 - O primeiro texto é um trecho longo de Prisciliano, condenado no Concílio de Saragossa em 380 e desde então bispo de Ávila na Lusitânia, morto em 386. É um discurso retórico, dirigido a membros do clero. Depois duma caracterização geral da idolatria planetária, repetem-se, em sete antíteses, ataques aos sete "deuses", aos quais se opõem as posições cristãs. Três vêzes se enumeram os "deuses", duas na introdução e uma na série de antíteses: a primeira inicia a série com "Saturno", de trás para diante, a segunda com o "Sol" e a terceira com "Saturno". Em tôdas elas inexplicavelmente há erro interno de distribuição; na primeira, em que o "Sol" e a "Luá" vêm como ceterosque deos gentilium, Mercúrio se antepõe a "Júpiter"; na segunda, "Júpiter" se antepõe a "Marte" e "Mercurio"; na terceira, "Júpiter" se antepõe a "Mercúrio" (9).

Apesar de longo, incluo ~~o~~ quase inteiro em nossa antologia (§§ XV, XVII-XIX), eliminando apenas as citações bíblicas mais longas (10), mas indicando entre parênteses os lugares citados, de modo que uma consulta à Vulgata (melhor seria à Vetus Latina) preencha os espaços de reticências.

Illud autem, beatissimi sacerdotes, quod idolicas formas, Saturnum Venerem Mercurium Iovem Martem ceterosque deos gentilium protulerunt, etiamsi tam otiosi ad deum et nulla eruditi per scripturas fide viveremus, tamen cum adhuc in conversatione mundialis stultitiae delectaremur, sapientia saeculari licet adhuc

Meus prezadíssimos sacerdotes, aquilo que ôles inventaram - formas de ídolos, como Saturno, Vênus, Mercúrio, Júpiter, Marte, e os demais deuses dos gentios -, ainda que nós vivêssemos tão despreocupados em relação a Deus e não instruídos em fé alguma pelas Escrituras, contudo, como até então nos deleitávamos nos ideais da sabedoria d'este mundo,

inutiles nobis, haec tamen fidei
nostrae adversa cognovimus et
deos gentilium deprahendentes
risimus stultitias saeculares
et infelicitates, quorum tan-
quam ad ingenii instructionem o-
pera legebamus. Sed si etiam in
his professionis nostrae fides
queritur, anathema sit et fiat
mensa eorum in laqueum et in
scandalum his, qui Solem et Lu-
nam, Iovem Martem Mercurium Ve-
nerem vel Saturnum omnemque mi-
litiā caeli, quos sibi in cae-
rimoniis sacrorum ritus et, ig-
narus deo, gentilium errores
adsciuit, deos dixerit(*) et qui
eos, cum sint idola detestanda
gehennae digna, veneratur; cum
scriptum sit... (11).....

Fingant enim sibi Saturni au-
reum saeculum qui diligunt. au-
rum: nobis divina sapientia omni
auro et argento et pretiosior
lapide pretioso est; dicant de-
um suum Solem quibus gehennae
ignis habitatio est et eius se
confiteantur aelementum, qui de-
um Christum nolunt sibi esse
principium; nobis omnia quae
sub sole sunt vana sunt et
praesumptio perversi spiritus,
scientes eum cum mundo esse pe-
riturum, confiteantur in malis
suis deum Lunam qui circumducti
omni vento doctrinae dies tem-
pore et annos et menses obser-
vare disponunt; dicant sibi
deum Martem qui adultero sibi
Marte placuerunt et concupis-

apesar de êles nos serem ainda inú-
 teis, contudo, nós conhecemos tudo o
 que é contrário à nossa fé e, pe-
 rante os deuses dos gentios, rimo-
 nos das estultícies e depravações
 d'êste século cujas obras líamos a-
 penas para nossa formação. Mas, se
 também nelas se busca a fé da nossa
 profissão, seja anatema e torne-se
 a mesa dêles um laço e um escânda-
 lo para os que chamarem deuses o
 Sol e a Lua, Júpiter Marte Mercú-
 rio Vênus ou Saturno e tôda a mi-
 lícia celeste - práticas religiosas
 e erros de gentios que êles, igno-
 rando a Deus, tenham adotado em
 suas corimônias - e que os veneram,
 sendo êles ídolos detestáveis dig-
 nos do inferno, quando está
 escrito.....

.....
 Imaginem para si o século de ouro
 de Saturno aquêles que amam o ouro;
 para nós a sabedoria divina é mais
 preciosa do que todo ouro e prata
 e pedra preciosa; chamem ao Sol
 seu deus aquêles para quem o fogo
 do inferno é a habitação, e se con-
 fessem elemento dêle os que não
 querem que o Deus Cristo seja para
 êles o princípio; para nós tudo o
 que há sob o sol é vão e presunção
 do espírito mau, e sabemos que êle
 perecerá com o mundo; confessem,
 nas suas desgraças, o deus Lua a-
 quêles que, cercados por todo ven-
 to de doutrina, desejam observar
 os dias, tempos e anos e meses, di-
 gam que Marte é seu deus aquêles
 que se agradam do adúltero Marte e,
 entregues à concupiscência da car-

(*) Este texto é muito confuso; a única solução para se chegar a
 algum sentido será lermos ignari, adsciuerint (ou adsciverint),
dixerint e venerantur.

centiae carnis addicti fornicationibus obligantur, et facti velut aeramentum sonans aut cymbalum tinuens; deum suum Iovem iudicent patre suo sicut ille auctore perituri: nobis autem deus Christus Iesus est, qui

{cum.....semetipso
(Col.2,13-15)}

Qui enim talia daemonia colunt, similes diis suis percutiuntur gladio domini et nescientes verum patrem et Christum deum dei filium similes idolis suis facti apparebunt, sicut scriptum est: pater super filium, filius super patrem, nurus super socrum, socrus super nurum et inimici hominis domestici eius (cf. Mat. 10, 35-36 e Luc. 12, 53). Colant Mercurium deum qui terrenorum thesaurorum tiniantes sacculos adquirentes caduceum eius venerantur aut saeculum: nos requirimus thesauros in caelis abscondos et invisos, quos nec erugo adprehendit; nec tinia corrumpit (cf. Mat. 6, 18-20) scientes quoniam dives non intravit in regna caelorum (cf. Mat. 19, 23), sicut scriptum est:

{age.....sicut ignis (Tiag. 5, 1-30)}; nos autem scimus quia deus elegit pauperes mundi divites fidei heredes regni. Venerem autem velut deum venerentur qui operantur turpitudines et recipiunt mercedem erroris secundum quod oportet expectant: nos autem respicientes in Abraham patrem nostrum et in Sarram parturientem, nos ecclesia matre

ne, se entregam a fornicaciones, e se tornaram como bronze que soa ou ou cimbalo que retine; julguem Jupiter seu deus os que perecerão com seu pai, assim como êle com o seu autor; nosso Deus é Jesus Cristo, que,.....

Os que adoram a tais demônios, semelhantes aos seus deuses, serão feridos pela espada do Senhor, e, desconhecendo o verdadeiro Pai e Deus, Cristo, o Filho de Deus, se tornarão semelhantes aos seus ídolos, assim como está escrito: o pai contra o filho e o filho contra o pai, a nora contra a sogra, a sogra contra a nora, e os inimigos do homem são os seus domésticos. Adorem Mercúrio como deus os que, adquirindo os saquinhos tilintantes de tesouros terrenos, veneram o seu caduceu ou o mundo; nós buscamos os tesouros escondidos nos céus e invisíveis, que nem a ferrugem ataca, nem a traça corrompe, sabendo que o rico não entrará no reino dos céus, assim como está escrito:.....

mas nós sabemos que Deus escolheu os pobres do mundo, ricos de fé, para herdeiros do reino. Venerem a Vênus como deus os que obram torpezas e esperam uma recompensa recíproca do erro, segundo o que convém mas nós, olhando para Abraão, nosso pai, e para Sara dando à luz, nós, nascidos da madre Igreja e, vindos à luz auxiliados pela Sabedoria,

editi et sapientia obstetricante | avançamos para.....
producti tendimus [ad consummatio-
nem..... Christi (Ef.,4,12-13)] }

3 - Depois de Prisciliano, de Córdova, na Hispânia, vem Filástrio, de Bréscia, da Gália Cisalpina (hoje Lombardia), bispo de 383 a 391. Filástrio declara que os nomes planetários são uma heresia de origem grega, isto é, gentílica. Para ser "heresia" seria preciso que ela fôsse surpreendida em lábios cristãos. Não se pode, contudo, concluir depressa assim, pois o conceito que Filástrio tem de heresia não é muito ortodoxo, mas vago e arbitrário (13). Também não é muito clara a sua linguagem.

Haeresis de septem planetis

<u>Habenda est et haeresis, quae dicit nomina dierum Solis, Lunae, Martis, Mercurii, Iovis, Veneris, Saturni, a Deo haec ita posita ab origine mundi, non hominum vana praesumptione nuncupata, cum a prima origine usque ad Graecos reges, et Hermen fallacissimum illum, qui haec nomina vanissima, et frivola, si quaerere volueris, invenies multum fluxisse temporis, et sic Paganos, id est Graecos, haec nomina posuisse; cum etiam secundum septem stellas dixerint hominum generationem consistere, ut ille ipse delirans hoc definit. Dierum enim numerus primus, secundus, tertius, quartus, quintus, sextus, septimus, a Deo est appellatus (Gen,1), non in hac vanitate nuncupationis turpissimae initio enuntiatus aut traditus (15).</u>	Deve-se considerar também heresia a que dá os nomes dos dias (como dia) do Sol, da Lua, de Marte, de Mercúrio, de Júpiter, de Vênus, de Saturno, (astros) que foram postos por Deus desde a origem do mundo, e não denominados pela vã presunção dos homens, visto que desde o início até os reis gregos e até Hércules Trimegisto, aquele grandíssimo mentiroso, que, mentindo, cusou dar-lhes esses nomes frívolos e completamente vãos (14); quem quiser investigar descobrirá que decorreu muito tempo, (=até qu) e assim os pagãos, isto é, os gregos puseram esses nomes, como também disseram que a geração (o nascimento) dos homens se faz segundo as sete estrelas, como aquele maluco o define. Ora, a designação dos dias pelo número — primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo — foi criada por Deus (Gen,1), e não enunciada ou transmitida desde o início por essa designação vã e inteiramente estúpida..
--	---

Filástrio prende-se à tradição do Gênesis: ordinais, sem qualquer complemento, do "primeiro" ao "sétimo." Digamos de passagem

que, se êle omite o t rmo dies, não parece que seria boa interpretação dos fatos ling sticos querer ver aí já uma documentação do tipo que explicaria as formas da Ven cia, da Sicília ocidental, da Calábria, da Ilha de C rsoga, da Rom nia e de Castela, para os dias, de "segunda" a "sexta-feira" (16). ~

4 - Chegamos a Santo Agostinho, cuja intervenção   preciosa. O famoso bispo de Hipona   um cicerone excelente no esclarecimento de problemas da semana. Para o caso da luta contra a nomenclatura planetária, há dois textos agustinianos que devem entrar nesta antologia:

1  - Contra Faustum Manichaeum, XVIII, 5.

Nec nos terret insultatio tua,
quod sabbatorum otium, catenas
Saturniacas appellas. Vana est
enim et inepta; nec tibi hoc di-
cere venisset in mentem, nisi
quia vos in die, quem dicunt So-
lis (17), Solem colitis. Sicut
autem nos eundem diem Dominicum
dicimus, in eoque non istam So-
lem, sed resurrectionem Domini
veneramus; sic otium sabbatorum
sine Saturni Veneratione a pa-
tribus observatum est cum sic
illud observari oportebat, erat
enim umbra futurorum, sicut Apos-
tolus testis est (Col., 2, 17).
Diebus quippe istis, quorum sep-
tenarius numerus in orbem redit,
decorum suorum nomina Gentes im-
posuerunt. De quibus ait Apos-
tolus quod coluerunt et servie-
runt creaturae potius quam Cre-
tori (Rom. 1, 25). Quos in hac
parte etiam vos imitamini, nisi
quod cum eis lucidiora duo lumi-
na, caetera vero sidera non cum
eis adoratio?.....
.....
Vultis ergo ut et vos dicamini
in mense Martio Martem colere?

E não nos *espanta* o teu insulto, chamando ao nosso descanso semanal "cadeias Saturn acas". Pois   um insulto v o e absurdo: se isso te vem   mente   porque v s adoraes o Sol no dia que chamam (dia do) Sol. E, assim como nós o chamamos "dia Dominico" e nêle veneramos não êsse Sol, mas a ressurreição do Senhor; assim foi observado pelos nossos pais o descanso s batico sem veneração de Saturno, como importava observ -lo, pois era sombra das coisas futuras, como atesta o Apóstolo (Col., 2, 17). De fato, a êsses dias cujo número seten rio recorre no mundo os gentios puseram os nomes dos seus deuses. D les diz o Apóstolo que  les "adoraram e serviram   criatura antes que ao Criador" (Rom. 1, 25). Nesse ponto também v s os imitais porque com  les pelo menos os dois luminares mais lúcidos adoraes, embora não participeis com  les da adoração dos demais astros.
.....
.....
Quereis, pois, que se diga que também v s, no mês de março, adoraes a

Illo enim mense Bema vestrum cum magna festivitate celebratis. Si autem vobis in mense Martio lice- re arbitramini aliud considera- re, non Martem, cur ex die sep- timo, quod sabbatum a requie no- minatum est, divinis Scripturis Saturnum importare conamini, quia eum diem Saturni Gentes ap- pellaverunt? Nempe iam videtis cum quanta impietate delire- tis (19).

Marte? Com efeito, nesse mês vós ce- lebrais o vosso Bema(18) com gran- de festa. Se julgais que vos é lícito no mês de março considerar outra coisa e não Marte, por que é que ^{no dia} ~~no dia~~ sétimo, que foi cha- mado sabbatum "descanso", tentais introduzir Saturno, porque a êsse dia os gentios chamaram "dia de Saturno". Estais vendo agora com que impiedade vós *delirais*."

Santo Agostinho não critica os pagãos e a semana planetá- ria, mas refuta a crítica dos maniqueus, ou do maniqueu Fausto, contra o preceito vetero-testamentário de repouso no sábado. Mas nessa refutação alude à idolatria dos pagãos e à sua designação dos dias. É de interesse notar que alguns dos nomes dos meses tam- bém se tomam a deuses - desta vez a "deuses" mesmo, e não a planê- tas - como é o de "março" que S. Agostinho invoca; mas os cristãos não combateram tais designações, nem o faz Santo Agostinho, pois não se sentia nôles culto aos deuses.

2º - Enarratio in Psalmum 93, 3 - 414 A.D. (20).

Psalmus hunc titulum habet, id est hanc inscriptionem: Psalmus ipsi David, quarta sabbatorum. Docturus est psalmus iste pa- tientiam in laboribus iustorum: contra iniquorum felicitates pa- tientiam docet, patientiam aedi- ficat. Hoc habet totus a capite usque in finem. Quare ergo talem habet titulum, in quartam sabba- ti? (21). Una sabbati, dies do- minicus est; secunda sabbati, se- cunda feria, quem saeculares diem Lunae vocant; tertia sabba- ti, tertia feria, quem diem illi Martis (22) vocant. Quarta ergo sabbatorum, quarta feria, qui Mercurii dies dicitur a Paganis, et a multis Christianis: sed nollemus; atque utinam corrigant,

O salmo tem êste título, isto é, esta inscrição: Salmo do próprio Davi, quarto (dia da ~~semana~~ ^{semana}). Ês- te salmo ensinará a paciência contra os sofrimentos dos justos, e ensina a paciência contra as fe- licidades dos iníquos. Ele todo, do princípio ao fim, trata disso. Por que, pois, tem tal título - Para o quarto (dia) da semana? Primeiro (dia) da semana é o "dia domingo"; segundo (dia) da semana, é "segunda-feira", que os seculares (=os não cristãos) chamam "dia da Lua"; terceiro (dia) da semana, "terça-feira", que ôles chamam "(dia) de Marte". Portanto, quarto (dia) da semana, "quarta-feira", que é chamado "dia de Mercúrio" pelos pagãos,

et non dicant sic. Habent enim linguam suam qua utantur. Non et in omnibus gentibus ista dicuntur: multae gentes aliae atque aliae aliter atque aliter vocant. Melius ergo de ore Christiano ritus loquendi ecclesiasticus procedit. Tamen si quem forte consuetudo traxerit, ut illud exeat ex ore quod improbat corde, intelligat illos omnes, de quorum nominibus appellata sunt sidera homines fuisse, nec ex eo esse coepisse ista sidera in caelo, ex quo illi coeperunt: et ante ibi fuerunt; sed per beneficia quaedam mortalium mortalia, illi homines pro tempore suo, quia plurimum potuerunt et eminuerunt in hoc saeculo, cum chari essent hominibus, non propter vitam aeternam, sed propter commodum temporale, deferebantur eis divini honores. Veteros enim saeculi decepti, et decipere volentes, in eorum adulationem qui sibi aliquid secundum amorem saeculi praestitissent, sidera ostendebant in caelo, dicentes quod illius esset illud sidus, et illud illius: homines autem qui antea non aspexerant, ut viderent quia ibi erant et illa sidera antequam nascerentur, decepti crediderunt; et concepta est opinio vanitatis. Hanc opinionem erroris diabolus confirmavit Christus evertit. Nos ergo secundum quod loquimur, quarta sabbatorum quartus dies intelligitur a die dominico.

Attendat itaque Charitas

E também por muitos cristãos, mas nós não aprovamos. E oxalá se corrijam e não digam mais assim, porque têm a sua língua da qual devem usar. Aliás não são todos os povos que usam êsses nomes. Muitas gentes os denominam umas de um modo e outras de outro modo. Fica, portanto, melhor aos lábios cristãos o modo eclesiástico de falar. Mas, se por acaso o hábito diário levar algum cristão a deixar sair dos lábios o que êle não aprova com o coração, que êle entenda que todos aqueles por cujos nomes são chamados os astros foram homens, e que os astros não começaram a existir no céu depois que os homens vieram à existência, mas ali já estavam antes. Mas por alguns serviços mortais (=transitórios) de mortais - pois êsses homens, segundo o seu tempo, puderam muito o se destacaram neste mundo, sendo caros aos homens, não por causa da vida eterna, mas por vantagem temporal - conferiam-se-lhes honras divinas. Com efeito, os antigos, enganados pelo mundo e desejando enganar, para adular os que, segundo o amor do mundo, lhes tinham prestado algum serviço, mostravam no céu os astros, dizendo que um astro era de um e outro de outro; e os homens que antes não tinham olhado para ali ^{vêr que} estavam os astros antes dos nascimentos daqueles homens, se deixaram enganar e acreditaram. Assim se concebeu essa teoria tola. Essa teoria errônea o Diabo a confirmou, mas Cristo a lançou por terra. Portanto, segundo a nossa linguagem, quarta sabbatorum significa "quarto

vestra quid sibi velit iste titulus: hic grande mysterium, et re- vera occultum (24).

dia" depois do "dia dominico" (=dia- do Senhor). Atenda, pois, vossa ca- ridade para o que quer dizer êste título: aqui está um grande misté- rio e realmente "oculto" (23).

a - O texto é longo e boa parte da explicação interna sôbre as origens dos deuses e dos nomes dos planêtas - teoria evemé- rica - são de interêsse; por outro lado, a "antologia" não deve trun- car o texto. Todo êle é uma digressão de Santo Agostinho, porque o seu sermão não pretendia explicar a fórmula nem fazer uma catilinária contra a idolatria: o que êle pretendia fazer era, partindo da semam criativa do Gênesis, retirâr uma mensagem alegórica para quarta sabbatorum, como se vê da introdução e do que se segue. Mas, procedendo por associação de idéias - sermo (>"sermão") é uma "conversa" -, ex- plicou a fórmula, deixou entrever muita coisa dos costumes lingüís- ticos, e, até, apesar de tudo, revelou excelente visão bem moderna do problema.

b - Eis as principais inferências que podemos tirar daí:

- 1º - Santo Agostinho explica quarta sabbatorum por quarta feria;
- 2º - dá como modo pagão a fórmula planetária;
- 3º - reconhece que muitos cristãos também a usam, mas não deviam fazê-lo; manifesta desejo de que se corrijam e usam fórmulas eclesiásticas, porque havia um "uso eclesiástico";
- 4º - admite que se possam usar fórmulas planetárias sem espírito idólatra;
- 5º - parece que a fórmula eclesiástica é quarta sabbati, e não quarta feria, que é a fórmula inteligível para a plebe cristã, ao lado da planetária.

c - O grande interêsse do texto, porém, além dos já anotados, é o reconhecimento de que a fórmula em cujo uso os eclesiásti- cos viam um pecado - pecado de idolatria - podia ser, já no seu tem- po, pronunciada por muitos cristãos (a multis Christianis) como fór- mula vazia de conteúdo literal, que levaria as expressões planetárias a designar, sem outra indicação, dias específicos da semana. Isso é, de resto, um processo comum do esvaziamento semântico, ou da evolução semântica. Acento e tônico já não têm conotação musical, adeus, Deus nos acuda, e até sabado e domingo já não têm os sentidos religiosos primitivos, assim como fr. mardi, mercredi a nenhum francês, mesmo culto, lembram os planêtas, e muito menos os deuses. Santo Agostinho não cria na possibilidade de êxito na reação, e, apesar de condenar o

uso comum, não o proíbe, mas formula o desejo de que os cristãos se corrigissem: Vtinam corrigant et non dicant sic. Santo Isidoro tomará a mesma posição tolerante, como veremos, ou antes, segundo o processo de trabalhar do tempo - e ainda de muita gente hoje - transcreve as fichas sem citar a fonte.

5 - São Jerônimo é mais antigo que Santo Agostinho(25). Também o texto com que ele participa no "simpósio" é sete anos mais antigo, pois é de 407 A.D. Mas não se podiam separar os dois textos agustinianos. Uma cristã, Hedybia, escreveu-lhe uma carta com 12 questões de natureza diversa, as questões III, IV e V sobre discrepâncias dos Evangelhos nas narrativas da ressurreição. É na resposta à IVa que vem a "alusão" às fórmulas pagãs. Eis o texto:

Una sabbati, dies Dominica intellegenda est, quia omnis ebdomada in sabbatum, et in primam, et secundam, et tertiam, et quartam, et quintam, et sextam sabbati dividitur, quam ethnici idolorum et elementorum nominibus appellant (26).

Una sabbati, "primeiro (dia da semana", deve-se entender como o "dia Dominico", pois toda a semana se divide em "sábado" e em "primeiro, segundo, terceiro, quarto, ^{o quinto} e sexto (dia) da semana", que os gentios chamam pelos nomes dos ídolos e dos elementos (= dos astros);

O trecho é conciso: não é violento contra a semana pagã, nem podia sê-lo, pois é uma carta pessoal para uma cristã. Mas há fatos a salientar:

- 1º) Ele opõe as duas linguagens, ou as duas terminologias, uma como dos cristãos, outra como dos pagãos;
- 2º) Ele só conhece o sintagma ordinal fem. + sabbati para todos os dias, de "domingo" a "sexta-feira", e os dois nomes especiais, da dominica e do sabbatum.

(*)

6 - Da mesma época, falecido em 406, é Gaudêncio, Bispo de Bréscia, discípulo de Filástrio. No seu Sermo I, De Exodi Lactione, ^{ele, de passagem, entra na luta.} Está tratando da Páscoa e passa a fazer uma digressão sobre a lição das Escrituras na contagem dos dias do mês e na dos dias da semana. Eis o texto:

Secundum Lunae enim cursum numerantur in Scripturis divinis dies. Caeterorum Calendas, et Idus, et Nonas, et mensium nomina ad dierum Gentiles posuerunt, ut puta, quem vetustas humanae memoriae primum mensem tenebat, Paganus hunc a Marte Martium nuncuparet: et diem sabbati quem septi-

Com efeito, segundo o curso da Lua, nas Divinas Escrituras, se numeram os dias. Os nomes das demais divisões - Kalendas, o Idus e Nonas e dos meses e dos dias, como, por exemplo, o mês que, segundo a mais antiga recordação humana, é o primeiro mês, Março, este os pagãos lhe deram nome derivado de Marte; e

(*) Transpor para aqui os itens 3º, 4º e 5º; que foram deslocados para a p. 56.

num rationabilium corda servabant, ille Saturni diem statueret appellandum (27).

o dia de sábado, que os corações cristãos observavam como o sétimo, eles decidiram chamar dia de Saturno."

Não há dúvida que aí se estabelece uma oposição, mas não se faz combate propriamente.

(*)

3º) São Jerônimo ignora totalmente o sintagma ordinal + feria;

4º) no texto, prima sabbati, para "domingo", é tão normal como secunda sabbati ou sexta sabbati;

5º) A fórmula pagã não é encarada como planetária, mas como religiosa e planetária: idolorum et elementorum numinibus.

7 - O eclesiástico seguinte é Eusébio Galicano, da segunda metade do séc.V. Antes de irmos ao texto, é necessário resolvermos uma preliminar: Quem foi esse Eusébio Galicano? Eis o que dele diz F.Tollu:

"Cet "orateur", dont le nom figure dans plusieurs dictionnaires biographiques, n'a jamais existé. Il a été inventé pour servir d'auteur à une collection gallicane d'homélies qui a circulé d'abord sous le nom d'Eusèbe d'Emèse. Étant donné qu'Eusèbe d'Emèse ne pouvait manifestement être l'auteur de ces sermons, on a cherché parmi les prédicateurs gaulois des Ve - Vie s. s'il s'en trouvait un qui portât le nom d'Eusèbe et pût les avoir composés" (28).

É uma espécie de Shakespeare. O "autor" não existiu, mas a obra ficou e é importante. Sem nenhuma fraude! Este é um caso: adiante encontraremos caso semelhante da mesma época. Vamos agora ao texto:

Hoc ergo genere diabolus univ-
ersum addixerat mundum, cupiditatis depravatio, mandati nimica transgressio, cibi interdicta praesumptio, superstitionis dominatio, erroris impressio: veritatis obli-
vio, ignorantiae confusio, stultitiae longa persuasio, mortifera idololatriae consuetudo: in
tantum homines occaecaverunt ut
Solis, Lunae, Martis, atque Mer-
curii, Iovis, Veneris, vel Satur-
ni (29), et diversis elementorum
ac daemonum appellationibus

"Deste modo o Diabo tinha avas-

salado todo o mundo: a depravação da cobiça, a transgressão inimiga do mandamento, o tomar o alimento proibido, a dominação da superstição a pressão do erro: o esquecimento da verdade, a confusão da ignorância, a longa persuasão da estultícia, a prática mortífera da idolatria: a tal ponto chegou a cegueira dos homens que eles com designações diversas de elementos e demônios, deram nomes aos dias - do Sol, da Lua, de Marte e

(*) Estes itens devem ser transpostos para a p. 53 (locus indicati).

dies vocitarent, et luci tenebrarum
nomen imponerent, ut sub assidua
diei commemoratione honor falso-
rum decorum nunquam ab eorum ore
discederet. Quis nostrum tantum
habeat sollicitudinis circa me-
moriā redemptoris(30)?.

de Mercúrio, de Júpiter, de Vênus
ou de Saturno. E deram à luz o no-
me de trevas, de modo que, sob a
lembrança constante do dia, a hon-
ra dos deuses falsos nunca se afas-
tava dos seus lábios. Quem de nós
teria tão grande solicitude acêr-
ca da lembrança do Redentor?!

Ao contrário do anterior, aqui se faz o combate insistente,
pondo num clímax de depravação e cegueira humana as designações pla-
netárias.

8 - Os sermões do fictício Eusébio Galicano eram gauleses,
provavelmente de Riez - antiga Reii, Alba Reiorum - da
Gália Narbonense, perto da atual Aix-en-Provence. Não ficava longe
Arelate, atual Arles, cidade de que São Cesário foi bispo 40 anos, de
503 a 543, meio século depois do Sermão de Eusébio Galicano. São
Cesário é veemente e intransigente no combate ao paganismo: supers-
tições e práticas pagãs. Pregava contra os pagãos ou contra o pa-
ganismo entre os cristãos? Uma e outra coisa, talvez mais a segun-
da que a primeira, e, até, contra a penetração do paganismo no seio
do clero. Esse fato já foi referido no capítulo precedente(31).

a - Antes de entrarmos na documentação bastante rica de São Ce-
sário, uma observação geral. Numa das constituições do Codex
Theodosianus, de 9/4/423, os Imperadores Honório e Teodósio decla-
ram não crer que, naquela data, ainda existissem pagãos:

Paganos qui supersunt, quam-
quam iam nullos esse credamus,
promulgatarum... iam dudum prae-
cripta comescant...

(Cod.Theod.,XVI,10,22).

As determinações já antigas... das
leis promulgadas façam cessar os
pagãos que ainda existem, embora
creiamos que já não haja nenhuns.

Entretanto, seis anos antes, a 7/12/416, os mesmos Impera-
dores, em outra constituição (273), vedavam aos pagãos acesso aos
cargos públicos e, especificadamente, ^{ao exército e} aos de juiz e administrador,
o que deve ter estimulado a "conversão" ao cristianismo:

Qui profano pagani ritus errore
seu crimine polluantur, hoc est
gentiles, nec ad militiam admit-
tantur nec administratoris vel iu-
dicis honore decorentur.

(Cod.Theod.,XVI,10,21)

Os que se contaminam com o
erro ou crime profano do costume
pagão, isto é, os gentios, não
sejam admitidos no exército nem
distinguidos com cargos de admi-
nistradores ou de juizes.

Vê-se bem, daí, por que a constituição de 423 se mostra tão
otimista! Mais duas outras, de 8 de junho desse mesmo ano e dos mes-

mos Imperadores, pressupõem de novo a existência dos pagãos. A primeira condena-os à perda dos bens e ao exílio, "se forem surpreendidos oferecendo seus execrands sacrifícios de demônios".

Paganos qui supersunt, si aliquando in execrandis daemonum sacrificiis fuerint comprehensi, quamvis capitali poena subdi debuerint, bonorum proscriptio ac exilium coercibit (sic).
(Cod. Theod., XVI, 10, 23)

Se os pagãos que restam forem algum dia apanhados nos seus execrands sacrifícios de demônios, embora devessem sofrer por isso a pena capital, a confiscação dos seus bens e o exílio os reprimirão.

A segunda é severa contra os maniqueus, os pepizitas, e contra os hereges que discordam de todos na sua posição quanto à Pascoa, mandando que se lhes confisquem os bens e que eles sejam exilados. Mas é tolerante com judeus e pagãos que estejam levando vida tranqüila e não estejam fazendo nada de turbulento ou contrário às leis, e, até, condena a restituição quadruplicada os cristãos que por acaso fizerem extorsões a cidadãos tranqüilos. Mas o que é sintomático é que os Christianis mencionados e advertidos são os "que o são realmente ou que se dizem sê-lo", reconhecimento de que muita "conversão" foi mudança de rótulo (32).

São Cesário está a um século desses decretos mas não é otimista. Preocupa-o o paganismo expresso no sincretismo da massa cristã, que, aliás, até hoje por toda parte se revela vivo e operante. Era aos sacerdotes da sua diocese e às ovelhas em geral que ele se dirigia. E chega mesmo a admitir que haveria sacerdotes aos quais não eram estranhas superstições pagãs.

b - Vejamos alguns dos seus textos, só daqueles em que se mencionam dias-da-semana, que podem distribuir-se em três rubricas:

- 1º) escolha de determinados dias para início de viagem;
- 2º) superstições quanto aos eclipses da Lua e quanto à guarda da "quinta-feira" (dies Iovis);
- 3) nomes pagãos dos dias da semana.

1º - Dia de início de viagem.

O primeiro texto é do Sermo I (33), dirigido aos sacerdotes, seus auxiliares.

Sed et illud quis est qui non pessit dicere, ut nullus ad arborem vota reddat, nullus auguria observet, nullus praecantatores adhibeat, nullus caraios vel divinos inquirat, nullus

E também isto quem é que não poderia dizer: que ninguém faça votos a uma árvore, ninguém observe augúrios, ninguém procure encantadores, ninguém consulte mágicos e adivinhos, ninguém, segundo o costu-

paganorum sacrilego more conside-
ret qua die in itinere egrediatur,
vel qua die ad domum propriam re-
vertatur, quomodo non solum lai-
cos, sed etiam, quod peius est,
non nullos religiosos timeo more
sacrilego praeveniri. (Sermo I, 12,
ed., CC, 103, pp. 8-9)

O austero bispo está ensinando aos sacerdotes as supersti-
ções que eles devem combater. E conclui dizendo que teme "que não
só os leigos mas também, o que é pior, alguns religiosos sejam sur-
preendidos nesse costume sacrílego".

E aqui está outro texto, de igual teor, mas desta vez diri-
gido aos leigos:

Nullus ex vobis observet, qua
die de domo exeat, qua die iterum
revertatur: quia omnes dies Deus
fecit, sicut Scriptura dicit: et
factus est dies primus, et dies
secundus et dies tertius, simi-
liter et quartus, et quintus, et
sextus, et sabbatum; et illud:
fecit Deus omnia bona valde.
Illas vero non solum sacrilegas
sed etiam ridiculas, sternuta-
tiones considerare et observare
nolite: sed quotiens vobis in
quacumque parte fuerit necessi-
tas properandi, signate vos in
nomine Christi, et symbolum vel
orationem dominicam fideliter di-
centes, securi de Dei adiutorio
iter agite (Sermo LIV, 1, fine,
CC, 103, p. 236).

me sacrílego dos pagãos, conside-
re em que dia se d^eva pôr a caminho
ou em que dia voltar para sua casa,
como eu temo que não só os leigos,
mas também, o que é pior, alguns
religiosos sejam surpreendidos nes-
se costume pagão."

Nenhum de vós observe em que
dia sair de casa e em que dia voltar;
pois Deus fêz todos os dias, como
diz a Escritura: "E foi feito o dia
primeiro" e o dia segundo e o dia
terceiro, semelhantemente o quarto
e o quinto e o sexto e o sábado; e
isto ainda: "Deus fez tôdas as coi-
sas muito boas". E vós não consi-
dereis nem observeis êsses espir-
ros, não apenas sacrílegos, mas
também ridículos; mas, tôdas as vê-
zes que tiverdes necessidade de par-
tir para qualquer parte, persignai-
vos em nome de Cristo, e, dizendo
com fé o Credo e a Oração Dominical,
fazei a viagem seguros da ajuda de
Deus".

A ironia curiosa é que o que êle apresenta como o modo cris-
tão - "persignar-se em nome de Cristo, recitar com fé o Credo ou
o Pai Nosso e viajar seguros" - viria a tornar-se em boa parte da
"massa" cristã, nova expressão de superstição e magia! Quanto aos
nomes dos dias, são os da tradição do Gênesis, como se vê da alusão
à Escritura.

2º - Culto à Lua e a Júpiter.

Três outros textos sôbre o culto à Lua e o repouso da quin-

ta-feira, em honra a Júpiter.

O primeiro, do Sermo XIII, insere-se num contexto em que se condenam várias práticas pagãs, entre elas a consuetudo ballandi e o luxuriosum canticum quasi venenum diaboli (§4). Fala, depois (§5), da sordidissima turpitude de se fantasiar de bichos (nas calendas de janeiro) - infelix consuetudo que restou do paganismo, que ele crê afastada do meio cristão, admitindo, embora, a possibilidade de ainda existir quem a pratique. Aí está o Carnaval! Entra depois a falar do temor supersticioso quanto aos eclipses da Lua, de outros restos de paganismo, e trata da guarda da quinta-feira.

Et si, quando luna obscuratur, adhuc aliquos clamare cognoscitis, et ipsos admonete, denuntiantes eis quod grave sibi peccatum faciunt, quando lunam quae Deo iubente certis temporibus obscuratur, clamoribus suis ac maleficiis sacrilego ausu se defensare posse confidant... Et quia audivimus quod aliquos viros vel mulieres ita diabolus circumveniat ut quinta feria nec viri opera faciunt nec mulieres lanificium, coram deo et angelis eius contestamur, quia quicumque hoc observare voluerint, nisi per prolixam et duram poenitentiam tam grave sacrilegium mendaverint, ubi arsurus est diabolus, ibi et ipsi damnandi sunt. Isti enim infelices et miseri qui in honore Iovis quinta feria opera non faciunt, non dubito quod ipsa opera die dominico facere nec erubescant nec metuant (Sermo XIII, 5, init., CC, 103, pp. 67-68).

E, se, quando se escurece a lua, sabeis de alguns ^{aí} quod clamam, admoestai também a estes, denunciando-lhes quão grave é o pecado que cometem, quando confiam, com ousadia sacrílega, que eles podem defender, com seus clamores e malefícios, a lua, que por ordem divina se escurece por certo tempo. E, porque ouvimos que o Diabo seduz a alguns homens e mulheres, para que na quinta-feira nem os homens trabalhem, nem as mulheres fiquem a lã, declaramos, perante Deus e os seus anjos, que todos os que quiserem observar isso, se não corrigirem tão grave sacrilégio por um arrependimento duro e prolongado, onde o Diabo há de arder, aí também eles serão condenados. Com efeito, ~~esses~~ infelizes e míseros que em honra de Júpiter não fazem trabalho na quinta-feira, eu não duvido que eles não sintam vergonha nem medo de fazer essas obras no dia de domingo.

Como nos textos já citados, são costumes que vieram com os pagãos para o cristianismo os que ele condena.

Um sermão, atribuído a Santo Agostinho, encontrado num Ms. do fim do séc. VIII, e, pela coincidência absoluta das idéias com outros de São Cesário, incluído por D. Morim entre os do arelatense sob o nº XIX, volta à guarda da quinta-feira:

Nullus in honorem Iovis quinta feria observare praesumat ne aliquid operis faciat: contester, fratres, ne inter paganos magis quam inter christianos a domino iudicetur, qui, quod observari die dominico debet, in die Iovis sacrilege transferunt (Sermo XIX, 4, CC, 103, p. 90).

Ninguém ouse observar a quinta-feira em honra de Júpiter, nela não fazendo nenhuma obra: eu vos conjuro, irmãos, que nenhum homem ou mulher jamais faça isso, a fim de que não seja pelo Senhor julgado mais entre os pagãos do que entre os cristãos, que transferem sacrilegamente para o dia de Júpiter aquilo que se deve observar no dia do ^{Se-} ^{de Domi-} ^{go.} |

Aqui, como no anterior, se contrasta o preceito cristão da guarda do domingo com a prática pagã denunciada.

Finalmente, ainda uma vez reprova êle o culto do Sol e da Lua, e denuncia, no Sermo LII, "algumas mulheres infelizes", da própria sede da diocese, que guardam a quinta-feira, e assim violam o batismo e ofendem os sacramentos de Cristo.

Et in hoc, fratres carissimi, adversarii nec parva temptatio est, quando stulti homines dies et calendas, solem et lunam colenda esse arbitrantur. Nam in tantum, quod peius est, verum est quod ammonemus, ut non solum in aliis locis, sed etiam in hac ipsa civitate dicantur adhuc esse aliquae mulieres infelices, quae in honore Iovis quinta feria nec telam nec fustum facere vellent. In istis talibus baptismus violatur, et sacramenta Christi patiuntur iniuriam. (Sermo LII, 2, CC, 103, pp. 230-231).

E nisto, caríssimos irmãos, não é pequena a tentação do adversário, quando os homens estultos julgam que os dias e as calendas, o Sol e a Lua devem ser adorados. Com efeito, tanto é verdade o que dizemos - e isso é que é o pior - que não só nos outros lugares, mas também nesta cidade, ao que se diz, ainda há algumas mulheres infelizes que em honra a Júpiter não querem tecer nem fiar na quinta-feira. Em tais escrúpulos se viola o batismo e se ofendem os sacramentos de Cristo.

3º - Nomes pagãos dos dias.

Chegamos, afinal, ao texto mais importante: o dos nomes pagãos dos dias. Dadas as superstições acôrca dos dias de mau agouro para as viagens, e a presença, entre os cristãos, de pessoas que guardavam o Iovis dies, era natural que São Cesário fôsse severo na sua condenação dos nomes planetários. Encontra-se no Sermo CXCI, que volta a combater as fantasias carnavalescas das calendas de janeiro e outros pecados do paganismo e é ^{seu} o texto mais longo a figurar nesta antologia. Mas bem o merece (34).

Nonnulli enim in haec mala labuntur, ut diligenter observent qua die in itinere exeant, honorem praestantes aut soli aut lunae aut Marti aut Mercurio aut Iovi aut Veneri aut Saturno, nescientes miseri, quia, si se per paenitentiam non emendaverint, cum illis partem habebunt in inferno, quibus vanum honorem impendere videntur in mundo. Ante omnia, fratres, universa ista sacrilegia fugite, et tanquam diaboli mortifera venena vitate. Et solem enim et lunam Deus pro nobis profutura constituit: non ut ista duo luminaria quasi deos colamus, sed illi, qui ea nobis dedit, quantas possumus, gratias referamus. Mercurius enim homo fuit miserabilis, avarus, crudelis, impius et superbus; Venus autem meretrix fuit impudicissima. Et ista monstruosa portenta, id est, et Mars et Mercurius et Iovis et Venus et Saturnus eo tempore dicuntur nati, quo filii Israel erant in Aegypto? Si tunc nati sunt, utique dies isti, qui illorum nominibus appellantur, illo tempore iam erant, et secundum quod Deus instituerat, sic nomen habebant, id est, prima et secunda et tertia et quarta et quinta et sexta feria; sed miseri homines et imperiti, qui istos sordidissimos et impiissimos homines, ut supra diximus, timendo potius quam amando, colabant, pro illorum sacrilego cultu, quasi in honore ipsorum, totos septimane dies singulis eorum nominibus consecrarunt; ut quorum sacrilegia venerabuntur in cor-

Alguns incorrem nestes peccados, de observarem diligentemente o dia em que devem sair de viagem, prestando honra ou ao Sol ou à Lua ou a Marte ou a Mercúrio ou a Júpiter ou a Vênus ou a Saturno. Infelizes! Ignoram que, se não se arrependem e não se corrigirem, terão sua parte no inferno com aqueles aos quais parecem tributar uma honra vã no mundo. Antes de qualquer coisa, ó irmãos, fugi de todos esses sacrilégios e evitai-os como venenos mortíferos do Diabo. Pois Deus estabeleceu o Sol e a Lua em nosso benefício, a fim de nos prestar serviços, e não para que adoremos esses dois luzeiros, como se eles fossem deuses; antes rendamos graças infinitas àquele que no-los deu. Mercúrio foi um homem miserável, avaro, cruel, ímpio e soberbo, e Vênus foi uma meretriz desavergonhada. E esses monstros portentosos - Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno - nasceram, ao que se diz, na ocasião em que os filhos de Israel estavam no Egito. Se nasceram nessa época, então esses dias que se chamam pelos seus nomes já existiam naquele tempo e, segundo o que Deus estabeleceu, assim eram designados, isto é, prima e secunda e tertia e quarta e quinta e sexta feria; mas os homens míseros e ignorantes, que, antes por temor que por amor, cultuavam esses homens sordidíssimos e impiíssimos, como acima dissemos, consagraram, em culto sacrílego a eles, como em honra deles, cada dia da semana ao nome de cada um deles, de modo que lhes pareceu bom ter mais frequentemente nos lábios os

de, eorum nomina frequentius habere viderentur in ore. Nos vero, fratres, qui non in hominibus perditis atque sacrilegis, sed in Deo vivo et vero spem habere cognoscimur, nullum diem daemonum appellatione dignum esse iudicemus, neque observemus qua die in itinere proficisci debeamus: sed etiam ipsa sordidissima nomina dedignemur et ore proferre, et numquam dicamus diem Martis, diem Mercurii, diem Iovis; sed primam et secundam vel tertiam feriam, secundum quod scriptum est (34), nominemus. De his etiam nominibus et vestras familias admonete: tunc enim in vobis perfecta animae sanitas permanebit, si per vestram admonitionem ad eos qui multis peccatis vulnerati sunt medicamentum spiritale pervenerit. Vnde non solum illos qui vestri sunt frequenter cum severitate corripite sed etiam extraneos cum caritate iugiter admonete; ut vobis pius et misericors Dominus, non solum pro vestra, sed etiam pro aliorum salute aeterna praemia retribuat; cui est honor et gloria in saecula saeculorum. Amen. (Sermo CXVIII, 4, CC, 104, pp. 765-786).

nomes daquêles cujos sacrilégios veneravam êles no coração. Nós, porém, irmãos, que somos conhecidos como tendo nossa esperança, não em homens perdidos e sacrílegos, mas no Deus vivo e verdadeiro, estejamos certos de que nenhum dia é digno de ser designado por nome de demônios, e não observemos o dia em que devamos partir de viagem. Mas também evitemos com desdém proferir com os lábios êsses nomes sordidíssimos, e jamais digamos dies Martis, dies Mercurii, dies Iovis; mas chamemo-los prima e secunda e tertia feria, segundo o que está escrito. E a respeito dêsses nomes admoestai também as vossas famílias, pois permanecerá em vós uma perfeita saúde espiritual se por vossa admoestação chegar um remédio espiritual aos que foram feridos por seus muitos pecados. Por isso, não apenas corrigi frequentemente com severidade os que são vossos, mas também admoestai continuamente com amor os estranhos, a fim de que, não só por vossa salvação, mas também pela dos outros, vos retribua prêmios eternos o Senhor piedoso e misericordioso, a quem pertence a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Detenhamo-nos um pouco no exame do texto do que ^{se} diz S. Cesário:

- 1º) não faz digressão exegética, como Santo Agostinho, mas nesse e nos outros textos faz exame de crenças e práticas idólatras e supersticiosas;
- 2º) entra em considerações evemeristas sobre a origem dos deuses, sem qualquer vislumbre de interpretação planetária;
- 3º) duas vezes chama ao dies Solis "prima feria", o que me pa-

rece assaz importante;

- 4º) pede insistentemente que seus paroquianos "façam mutirão" com ele no combate ao uso pernicioso, para eliminá-lo.

Aposar de tudo isso, pareceu que o zeloso bispo pregou no deserto.

9 - Deixemos a Gália e demos um pulinho à Ibéria. Quase século e meio depois do bispo arelatense, floresceu na Lusitânia o episcopado de São Martinho de Braga, entre 556 e 579. São Martinho nasceu na Panfília, ali entre 510 e 520, segundo Caspari (36). Antes de vir como missionário à Lusitânia, viveu algum tempo na Palestina. Depois da cuidadosa edição que deu Barlow em 1950 (37), da obra completa de São Martinho, com excelentes introduções, e reunindo em 16 apêndices, no fim (pp. 284-304), as informações sobre o notável bispo, desde as contemporâneas até as do séc. XIV, ^{de Braga} pode-se ver bem qual foi o alcance da obra por ele realizada na diocese e nas dioceses vizinhas.

a - Não vou dar, portanto, aqui, uma notícia pormenorizada, embora ele seja apresentado como o responsável pela introdução da semana eclesiástica no uso vivo da língua portuguesa. Apenas enumero, em alguns itens, observações rápidas sobre a sua atuação e sobre a sua obra escrita, que pode interessar à semana.

- 1º - Ele fundou o mosteiro de Dumiuz perto de Braga, logo que ali chegou, e lá viveu até 556, quando foi ordenado bispo;
- 2º - foi bispo de Braga por 23 anos (38), de 556 a 579;
- 3º - ~~exerceu~~ grande influência sobre seus colegas e sobre seus paroquianos;
- (*)
- 4º - presidiu aos dois primeiros concílios de Braga: Concilium Bracaraense I (em 561 A.D.), com a presença de 8 bispos; Concilium Bracaraense II (572 A.D.), com a presença de 12 bispos;
- 5º - traduziu do grego para o latim as Sententiae Patrum Aegyptiorum e os Canones ex Orientalium Patrum Synodis (84 cânones) (39);
- 6º - escreveu um tratado De Pascha e um sermão famoso, De Correctione Rusticorum, segundo Caspari e Barlow (40), não mais que dois anos depois do Concilium Bracaraense II (41).

b - O De Correctione Rusticorum é uma homília, a partir do 2º parágrafo. O primeiro parágrafo é uma carta a Polêmio, bispo de Artorga, que pedira a São Martinho uma breve notícia escrita acerca da origem dos ídolos e dos seus crimes:

Domino beatissimo ac mihi considerantissimo in Christo fratri Polémio episcopo Martinus episcopus.

Ao reverendíssimo Bispo Polêmio o, para mim, saudosíssimo irmão em Cristo saúda o Bispo Martinho.

(*) Presidiu só ao II; participou do I.

Epistolam tuae sanctae carita-
tie accepi, in qua scribis ad me
ut pro castigatione rusticorum,
qui adhuc pristina paganorum su-
perstitutione detenti cultum vene-
rationis plus daemoniis quam deo
persolvunt, aliqua de origine
idolorum et de sceleribus ipso-
rum vel pauca de multis ad te
scripta dirigerem. Sed quia o-
portet ab initio mundi vel modi-
cam illis rationis notitiam quasi
pro gustu porrigere, necesse me
fuit ingentem praeteritorum tem-
porum gestorumque silvam breviato
tenuis compendii sermone contin-
gere et cibum rusticis rustico
sermone condire. Ita ergo, opi-
tulante tibi deo, erit tuae praec-
dicationis exordium.

(De Corr. Rust., 1)(42).

Recebi a carta de tua caridade, na qual me escreves que eu te dirigisse algumas palavras, resumindo um assunto importante, acerca da origem dos ídolos e dos seus crimes, para correção dos camponeses que ainda estão presos à superstição antiga dos pagãos e prestam um culto de veneração mais aos demônios do que a Deus. Mas, porque importa apresentar desde o início do mundo uma notícia, sóbria embora, como uma provinha, foi-me necessário atingir num sermão breve e resumido a solva ingente dos tempos e dos feitos passados e preparar para os rústicos um alimento em linguagem rústica. Assim, pois, será, com a ajuda de Deus, o início da tua pregação.

c - De acôrdo com o pedido de Polêmio, São Martinho aí combate a idolatria e as superstições pagãs, algumas delas coincidindo com as que condena São Cesário, e insiste no combate à denominação pagã dos dias, e na recomendação da guarda rigorosa do domingo. Interessam-nos trechos dos §§ 7, 8, 9¹⁶ e 18 da obra.

Explica o culto pagão como de inspiração diabólica e enumera entre os deuses especialmente Júpiter, Marte, Mercúrio, Saturno e Vênus, nessa ordem, que é a alfabética. Parece, no entanto, ter em mente a nomenclatura da semana, com exclusão do Solis dies e do Lunae dies, nos quais êle não vê nomes de deuses. Eis o texto:

Tunc diabolus vel ministri ip-
sius, daemones, qui de caelo de-
jecti sunt, videntes ignaros homi-
nes, dimisso Deo creatore suo, per
creaturas errare, coeperunt se il-
lis in diversas formas ostendere
et loqui cum eis et expetere ab
eis, ut in excelsis montibus et
in silvis frondosis sacrificia
sibi offerrent et ipsos colerent
pro Deo, imponentes sibi vocabula
sceleratorum hominum, qui in omni-

Então o Diabo ou seus ministros, os demônios - que foram expulsos do céu, - vendo que os homens ignorantes, depois de ter abandonado o Criador, erravam, trocando-o por suas criaturas, começaram a manifestar-se a êles em diversas formas e a falar com êles e a conseguir que êles lhes oferecessem sacrifícios nos altos dos montes, e nas selvas frondosas, e os adorassem em lugar de Deus, apresentan-

bus criminibus et sceleribus suam, do-se sob os nomes de homens crimi-
 egerant vitam, ut alis Iovem se nosos que passaram a vida na práti-
 esse diceret, qui fuerat magus ca ca de todos os crimes. Um se dizia
 et in tantis adulteriis incestus, Júpiter, antigo mago e impuro, autor
 ut sororem suam haberet uxorem, de tantos adultérios, que tinha por
 quae dicta est Iuno, Minerva vere mulher a sua irmã, Juno, seduziu suas
 et Venerem, filias suas, corrupe- filhas, Minerva e Vênus, e praticou
 rit, neptes quoque et omnem paren- também vergonhoso incesto com suas
 telam suam turpiter incestaverit. sobrinhas e com toda a sua parente-
 Alius autem daemon Martem se no- la. Outro demônio se chamava Marte,
 minavit, qui fuit litigiorum et provocador de litígios e de discór-
 discordiae commissor. Alius de- dia. Outro quis chamar-se Mercúrio,
 inde daemon Mercurium se appella- um velhaco inventor de todo furto e
 re voluit, qui fuit omnis furti de toda fraude; a quem, como deus do
 et fraudis dolosus inventor; cui lucro, os ambiciosos, passando nas
 homines cupidi quasi deo lucri, encruzilhadas, erguem montões de pe-
 in quadriuiis transeuntes, iacta- dras em sacrifício. Outro demônio
 tis lapidibus acervos petrarum pro- é o que tomou o nome de Saturno, que,
 sacrificio reddunt. Alius quoque vivendo em toda crueldade, devorava,
 daemon Saturni sibi nomen adscrip- seus próprios filhos, assim que estes
 sit, qui, in omni crudelitate vi- nasciam. Outro ainda imaginou-se
 vens, etiam nascentes suos filios chamar Vênus que foi uma meretriz.
 devorabat. Alius etiam daemon Esta prostituiu-se não só com inu-
 Venerem se esse confinxit, quae meráveis adúlteros, mas também com
 fuit mulier meretrix. Non solum seu pai, Júpiter, e com seu irmão,
 cum innumerabilibus adulteris, Marte.
 sed etiam cum patre suo, Iove,
 et cum fratre suo, Marte, more-
 tricata est (De Corr. Rust., §7) (43):

A linguagem é veemente e crua. Critica outros deuses e mons-
 tros - Netuno, as Lârnias, as Ninfas, Diana - "demônios malignos e es-
 píritos maus, que prejudicam e oprimem os infelizes homens que não sa-
 bem proteger-se com o sinal da Cruz" (44), e prossegue:

Non tamen sine permissione Dei Não é, contudo, sem permissão de
 nocent, quia Deum habent iratum Deus que ôles lhes causam mal, por-
 et non ex toto corde in fide que (ôssos pobres infelizes) têm
 Christi credunt, sed sunt dubii Deus irado contra si, porque não
 in tantum, ut nomina ipsa daemo- crêem nêle de todo o coração, na fé
 niorum in singulos dies nominent, de Cristo, mas são dúbios e dão os
 et appellent diem Martis et Mer- próprios nomes dos demônios a cada
 curii et Iovis et Veneris et Sa- um dos dias e os chamam dia de
 turni, qui nullum diem fecerunt, Marte e de Mercúrio e de Júpiter e
 sed fuerunt homines possimi et o de Vênus e de Saturno. E nenhum
 scelerati in gente Graecorum. (De destes fêz dia algum, mas foram to-

Corr. Rust., §8 fim)(45).

dos homens ordinários e criminosos entre os gregos (=gentios).

Lembra a tradição de Gênesis e a obra de Deus, da qual surgiu a semana. O curioso é que Ele vem enumerando as obras do primo die ao sexto, chega ao septimo e evita o termo sabbatum, ou antes, dá-lhe a tradução exata em latim: Septimo autem die completo omni mundo et ornatu ipsius "requiem" Deus appellavit (46).

Eis o texto que se segue à enumeração da semana criativa:

Vna ergo lux, quae prima in operibus Dei facta est, per distinctionem operum Dei septies revoluta, septimana est appellata. Qualis ergo amentia est, ut homo baptizatus in fide Christi diem dominicum, in quo Christus resurrexit, non colat et dicat se diem Iovis colere et Mercurii et Veneris et Saturni, qui nullum diem habent, sed fuerunt adulteri et magi et iniqui et male mortui in provincia sua! Sed, sicut diximus, sub specie nominum istorum ab hominibus stultis veneratio et honor daemionibus exhibetur (De Corr., Rust., §9, fim) (47).

Portanto, o único luzeiro que foi a primeira entre as obras divinas, tendo girado sete vözes para distinguir as obras de Deus, formou o que se chama semana. Que loucura é, pois, que um homem batizado na fé de Cristo não venero o dia de domingo, no qual Cristo ressuscitou, e diga que guarda o dia de Júpiter e o de Mercúrio e o de Vênus e o de Saturno, os quais não têm dia nenhum, mas foram adúlteros e magos e iníquos, e vítimas de morte má em sua província?! Mas, como dissemos, sob a aparência dêsse nomes os homens estultos prestam veneração e honra aos demônios.

Lamenta que cristãos que renunciaram ao Diabo e aos seus anjos se voltem às suas obras: que se acendam velas junto às pedras, às árvores, às fontes, e nas encruzilhadas. E continua:

Divinationes et auguria et dios idolorum observare quid est aliud nisi cultura diaboli? Vulcanalia et Kalendas observare, mensas ornare, et lauros ponere, et podem observare, et fundere in foco super truncum frugum et vinum, et panem in fontem mittere quid est aliud nisi cultura diaboli? Mulieres in tela sua Minervam nominare et Veneris diem (49) in nuptias observare et quo die in via exeatur adtendere, quid

Observar adivinhações e augúrios e dias de ídolos, que coisa é senão culto do Diabo. Observar as Vulcanais(48) e as Kalendas, adornar as mesas e aí pôr ramos de loureiro, observar o pô, e derramar no fogo sobre um tronco produtos da colheita e vinho e pôr pão na fonte, que coisa é senão culto do Diabo? As mulheres na sua tela nomearem Minerva e observarem para casamento o dia de Vênus, e dar-se atenção ao dia em que se deva sair de viagem

est aliud nisi cultura diaboli? Incantare herbas ad maleficia et invocare nomina daemonum incantando, quid est aliud nisi cultura diaboli? Et alia multa quare longum est dicere. Ecce ista omnia post abrenuntiationem diaboli, post baptismum facitis et, ad culturam daemonum et ad mala idolorum opera redeunt, fidem vestram transistis et pactum quod fecistis cum deo disruptistis. Dimisistis signum crucis, quod in baptismum accepistis, et alia diaboli signa per avicellos et sternutos et per alia multa attenditis. Quare mihi aut cuilibet recto Christiano non nocet augurium? Quia, ubi signum crucis praecesserit, nihil est signum diaboli. Quare vobis nocet? Quia signum crucis contemnitis, et illud timetis quod vobis ipsi in signum configitis (De Corr. Rust., §16) (50).

que coisa é senão culto do Diabo? Encantar ervas para malefícios e invocar os nomes ^{dos} demônios na encantação, que coisa é senão culto do Diabo? E muitas outras coisas que seria longo dizer. Eis que tudo isso fazeis, depois da renúncia ao Diabo e depois do batismo; voltando ao culto dos demônios e às más obras dos ídolos, deixastes a vossa fé e rompistes o pacto que fizestes com Deus. Abandonastes o sinal da cruz que recebestes no batismo, e atendeis a outros sinais - os do Diabo - observando presságios de aves, de espirros e muitos outros mais. Por que é que a mim ou a outro bom cristão o mau augúrio não causa mal? Porque, onde vem antes o sinal da cruz, nada é o sinal do Diabo. Por que é que vos causa mal? Porque desprezais o sinal da Cruz e temeis aquêlo que vós mesmos inventais como sinal para vós.

Finalmente, não mais em ~~tem~~ expositivo, fala aos ouvintes, exortando-os à assiduidade aos serviços religiosos, à guarda do domingo e ao repúdio do paganismo:

Si ergo credidistis et creditis quia carnis resurrectio erit et vita aeterna in regno caelorum inter angelos Dei sicut vobis supra iam diximus, inde quam maximo cogitate, et non semper de istius mundi miseria. Præparate vias vestras in bonis operibus; frequentate ad deprecandum Deum in ecclesiam vel per loca sanctorum. Diem dominicum, qui propterea dominicus dicitur, quia Filius Dei, Dominus noster Iesus Christus, in ipso resurrexit a mortuis, nolite contemnere, sed

Se, portanto, vós tendes crido e credes que haverá ressurreição da carne e vida eterna no reino dos céus entre os anjos de Deus, assim como já vos dissemos acima, pensei sobretudo nisso e não na miséria d'êste mundo. Preparai vossos caminhos com boas obras; frequentai a igreja ou os lugares dos santos para orar a Deus. Não desprezeis o dia de domingo - que se chama dominicus porque o Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor (Dominus),

cum reverentia colito. Opus servi-
le, id est agrum, pratum, vineam
vel si gravia sunt, non faciatis
in die dominico, praeter tantum
quod pertinet ad necessitatem
reficiendi pro excoquendo cibo et
necessitate longinqui itineris. Et
non locis proximis licet viam die
dominico facere, non tamen pro oc-
casione malis, sed pro bonis,
id est ad loca sancta ambulare, aut
fratrem vel amicum visitare, vel
infirmum consolari, aut tribulan-
ti consilium vel adiutorium pro
bona causa portare. Sic ergo de-
cet Christianum hominem diem domi-
nicum venerare. Nam satis iniquum
et turpe est, ut illi, qui pagani
sunt et ignorant fidem Christi,
idola daemonum adorantes, diem
Iovis aut cuiuslibet daemonis co-
lant et ab opere se abstineant, cum
certe nullum diem daemonia nec cre-
assent, nec habeant. Et nos, qui
verum Deum adoramus et credimus
Filium Dei resurrexisse a mortuis,
diem resurrectionis eius, id est
diem dominicum, non veneramus!
Nolite ergo iniuriam facere resur-
rectioni dominicae, sed cum reve-
rentia eam colite propter spem nos-
tram, quam habemus in illa. Nam si-
cut ipse Dominus noster Iesus Chris-
tus, Filius Dei, qui est caput nos-
trum, tertia die in sua carne re-
surrexit a mortuis, ita et nos,
qui sumus membra ipsius, resur-
recturos nos in carne nostra in
fine saeculi speramus, ut unus-
quisque sive requiem aeternam,
sive poenam aeternam, sicut in
corpore suo in saeculo isto
ogit, et recipiat.

(De Corr. Rust., § 18) (51).

não ressuscitou dos mortos -, mas venerai-o com reverência. Não façais no dia do domingo nenhuma obra servil - isto é, cultivo do campo, do prado, da vinha - ou quaisquer trabalhos pesados, com exceção apenas daquilo que fôr necessário para alimentação, a fim de cozer o alimento, e alguma longa viagem necessária. Em lugares próximos, não é lícito fazer caminhada no dia de domingo, não é lícito para fins maus, mas (é lícito) para fins bons, isto é, ir aos lugares santos, visitar um irmão ou amigo, ou consolar um enfermo ou levar um conselho a um angustiado, ou levar uma ajuda para uma boa causa. Assim, pois, convém que o cristão respeite o dia de domingo. Pois é bast^{ta} impio e feio que aqueles que são pagãos e desconhecem a fé de Cristo, adorando os ídolos dos demônios, respeitem o dia de Júpiter ou de qualquer demônio e não se abstenham do trabalho, quando os demônios não criaram nenhum dia e nenhum dia possuem; e nós, que adoramos o verdadeiro Deus e cremos que o Filho de Deus ressuscitou dos mortos, não respeitamos o dia da sua ressurreição, isto é, o dia de domingo. Portanto, não façais ofensa à ressurreição do Senhor, mas tratai-a com reverência, por causa da nossa esperança que nela está posta. Porque, assim como o próprio Senhor nosso, Jesus Cristo, o Filho de Deus, que é nossa cabeça, no terceiro dia ressurgiu dos mortos, em sua própria carne, assim também nós, que somos seus membros, esperamos ressuscitar em nossa carne no fim

no fim d'êste mundo, para que cada um, como fêz em seu corpo neste mundo, assim receba ou o descanso eterno ou a punição eterna.

d - Algumas observações me parecem pertinentes a propósito dos textos e da ação de São Martinho.

1º - Como se viu, o De Correctione Rusticorum foi um sermão escrito para o Bispo de Astorga. Que ação teria exercido na Lusitânia, na diocese de Braga e nas que estavam sob a influência de São Martinho, um sermão escrito para ser pregado em Astorga? Em primeiro lugar, se Astorga é da província de Leon, não fica longe dos confins da Galiza. Em segundo lugar, cabe lembrar que êsse sermão não foi pregado num só lugar nem só naquele fim do séc.VI, como se pode ver apenas examinando os lugares onde se encontraram manuscritos d'êlo e as datas dessas cópias. Do stemma codicum de Barlow(52), pôdem-se levantar 19 manuscritos até o séc.XII: 5 do séc.VIII, 4 do séc.IX, 3 do séc.X, 5 do séc.XI e 2 do séc.XII. Por fim, a influência d'êlo em Santo Elégio de Noyon e em Pirminio e, através d'êste, em Aelfric da Inglaterra. Vê-se, pois, que as idéias de São Martinho saíram da Hispânia: delas há eco na França, na Inglaterra, na Alemanha e até na Noruega (53).

2º - O uso do "sermo rusticus", como diz o bispo brécarense na introdução, visava a uma penetração popular mais profunda.

3º - É curioso que nesse "tratado", que tem sido apresentado como a explicação da introdução em bloco da semana eclesiástica em Portugal (54), não se usa nem uma só vez uma expressão de ordinal + feria. Eis o quadro de expressões de dias nos textos:

Planetários		Eclesiásticos			
§ 8	<u>diem Martis</u>	—	—	—	—
	<u>et Mercurii</u>	—	—	—	—
	<u>et Iovis</u>	—	—	—	—
	<u>et Veneris</u>	—	—	—	—
	<u>et Saturni</u>	—	—	—	—
§ 9	<u>diem Iovis</u>	§ 9	<u>Primo die</u>		
	<u>et Mercurii</u>		<u>Secundo</u>		
	<u>et Veneris</u>		<u>Tertio</u>		
	<u>et Saturni</u>		<u>Quarto</u>		
	— — — —		<u>Quinto</u>		
	— — — —		<u>Sexto</u>		
	— — — —		<u>Septimo e requiem</u>		
			<u>diem Dominicum</u>		

	Planetários	Eclesiásticos
§ 11	<u>dies tinearum</u> (55) <u>dies iurium</u>	
§ 16	<u>Veneris diem</u>	
§ 18		<u>Diem Dominicum</u> <u>Dominicus</u> (adj.) <u>Die Dominico</u> <u>Die Dominico</u> <u>Diem resurrectionis</u> <u>Dominicum</u> (adj.)

É verdade que nas outras obras há algumas ocorrências do sintagma ordinal + feria, ao lado de Dominicus e sabbatum, poucas - 5 vezes quinta feria, 1 vez quarta die (Gen.,1), e 1 vez feria secunda - como se vê do quadro abaixo, que dá todas as ocorrências de septimana e "dias da semana" em *S. Martinho*.

Obra *	lugar	Barlow op.cit.p.	Ocorrência
<u>CBI</u>	<u>Cân. IV</u>	107	<u>in (die) dominico</u> (56)
"	" XVI	109	<u>quinta feria paschali</u>
<u>GPOS</u>	" XLVIII	136	<u>sabbato</u>
"	" "	"	<u>dominico</u>
"	" XLIX	"	<u>septimanas</u> (tit.e texto)
"	" "	"	<u>quinta feria</u>
"	" L	"	<u>quinta feria</u> (tit)
"	" "	"	<u>quinta feria</u> (texto)
"	" "	"	<u>septimanae</u>
"	" LVII	"	<u>die dominica</u> (tit)
"	" "	138	<u>die Dominica</u> (texto)
"	" "	"	<u>omnes dominicas</u>
"	" LXIV	139	<u>dominico</u> (tit.)
"	" "	"	<u>die dominica</u> (texto)
<u>Pascha</u>	§ 4	272	<u>dominica die</u>
"	" "	"	<u>quinta feria</u>
"	" 5	273	<u>quarta die</u> (Gen.,1)
"	" 6	"	<u>diem autem dominicam</u>
"	" "	"	<u>septimam diem</u>
"	" "	"	<u>sabbatum</u>
"	" "	273-4	<u>dominica</u>
"	" "	"	<u>die dominica</u>
"	" "	"	<u>feria secunda</u>

Obra	Lugar	Barlow op.cit.p.	Ocorrência
Pascha	§ 7	273-4	<u>dies dominica</u>
"	"	"	<u>dominica die</u>
"	"	"	<u>diem dominicam</u>
"	"	"	<u>dominicam diem</u>
"	"	275	<u>dominica dies</u>
"	"	"	<u>dies autem dominica</u>

* CBI = Concilium Bracarense I

CPOS = Canônes ex Patrum Orientalium Synodis

Pascha= De Pascha

4º - A ação de São Martinho - chamado da **Galiza**, mas na verdade também de Braga, que fica ao sul da **Galiza**, e se liga a outras dioceses mais meridionais, coincidindo com a extensão do reino dos Suevos, ao qual ainda voltaremos - manifesta-se também pelas traduções dos Canônes, pelas Sententiae, pela liderança nos concílios. Deve ter sido dele e de umas duas dezenas de bispos de dioceses vizinhos. Além disso, eles operaram num canto da România, e não como Filástrio ou São Cesário em área movimentada, exposta e, talvez, na época, de maior densidade demográfica.

5º - Muitos já têm observado que não é por acaso que uma inscrição tumular duma nobre sueva de Braga, do ano 618, apenas 40 anos depois da morte de São Martinho, documenta secunda feria:

Hic requiescit Remisuera Kal. Aqui repousa Remisuera (falecida) no dia 1º de maio do ano de 618
Maias era DC quinquagis VI, die
secunda feria in pace (57). (Era 656-38=618 A.D.), num dia [de]
segunda-feira.

Não se deve, porém, concluir demais, pois temos também inscrições tumulares com data pela fórmula ordinal + feria noutras regiões onde as expressões cristãs não vingaram:

- De Cubultaria (Baixa Itália), 559 A.D.: ... die sexta feria VIII Kal.nobr. (CIL,X,4630)
- De Brindisi, séc.VI:
(Un bispo)... sexta feria quod est XV Kal.Septembris (CIL,IX,6150)
- De Roma, 544 ou 549 A.D.:
.....
hic requiescit in pace... deposita...
PC BASILI VC SVB DIE
VII KAL. FEBR FERIA III

(Rossi, IchVR, 1935, II, 4289) (57).

10 - Apenas 10 anos depois da morte de São Martinho, outra vez na

Gália Narbonense. em Narbona, reuniu-se o Concilium Narbonae, de 589 A.D., que também tratou da questão da guarda do dies Iovis. Eis como reza o seu Cânon VI:

Ad nos pervenit quosdam de populis catholicae fidei execrabili ritu diem quintam feriam, qui et dicitur, Iovis (58), multos excolere, et operationem non facere. Quam rem pro Dei timore execrantes et blasphemantes, quicumque ab hac die, praeter festivitates in eo die venientes, ausus vel ausa fuerit vacare, et operam non facere, si ingenuus est aut ingenua, de ecclesia repellendus, et sub poenitentia mittendus anno uno, et elemosyna et fletu satisfaciat, ut ei Dominus ignoscat: si servus aut ancilla fuerit, flagellis correcti domino consignentur, et ultra talia eos observare non permittat (60).

Chegou até nós que muitas pessoas de povos de fé católica, por um costume execrável, guardam o dia (da) quinta-feira, que também se chama de Júpiter, e não trabalham: abominando e censurando (59) tal prática, pelo temor de Deus (ordenamos que) todo aquele ou toda aquela que, deste dia em diante, ousar descansar, e não fazer nêle obra, além das festividades que nêle ocorrerem, se fôr livre, seja expulso ou expulsa da Igreja e ^{ou posta} pôtq sob penitência por um ano e dê satisfação com esmola e pranto, para que o Senhor lhe perdoe; se fôr escravo ou escrava, corrigidos por açoites, sejam indicados ao senhor e este não lhes permita continuar a observar tais práticas.

O que aí se condena é a guarda do dia de Júpiter, contra a qual protestava também São Cesário. Quanto à expressão, embora os conciliares o designem como quinta feria, indicam como outro nome - quae et dicitur - dies Iovis.

II - No norte da Gália, pouco mais de meio século depois, ali por c.650-660, Santo Elígio de Noyon condenava acerbamente uma série de práticas idólatras e supersticiosas, como um eco indiscutível do De Correctione Rusticorum de São Martinho. O texto é longo, mas a antologia não pode dispensá-lo:

Ante omnia autem illud denuntio, atque contestor, ut nullas paganorum sacrilegas consuetudines observetis, non caraios, non divinos, non sortilegos, non praecantatores; nec pro ulla causa aut infirmitate eos consulere vel interrogare praesumatis; quia

Antes de mais nada eu denuncio e ordeno solenemente que não observeis nenhuns dos costumes sacrílegos dos pagãos, nem consulteis mágicos, nem adivinhos, nem ledores de sorte, nem encantadores; nem queirais consultá-los ou interrogá-los, por qualquer causa ou en-

qui facit hoc malum, statim perdit baptismi sacramentum. Similiter et auguria, vel stornutationes nolite observare, nec in itinere positi aliquas aviculas cantantes attendatis, sed sive iter, se quodcumque operis arripitis, signate vos in nomine Christi, et symbolum, et orationem Dominicam cum fide et devotione dicite, et nihil vobis nocere poterit inimicus. Nullus Christianus observet qua die domum exeat, vel qua die revertatur, quia omnes dies Deus fecit: nullus ad inchoandum opus diem vel lunam attendat: nullus in Kalendis Ianuarii nefanda et ridiculosa, vetulas, aut cervulos, aut jotticos faciat, neque mensas super noctem componat, neque streñas, aut bibitiones superfluas exerceat. Nullus Christianus in puras credat, neque in cantu se deat, quia opera diabolica sunt: nullus in festivitate sancti Iovinis, vel quibuslibet sanctorum solemnitatibus, solstitia, aut vallationes, vel saltationes aut caraulas, aut cantica diabolica exerceat: nullus nomina daemorum, aut Neptunum, aut Orcum, aut Dianam, aut Minervam, aut Geniscum, aut ceteras huiusmodi ineptias credere, aut invocare praesumat. Nullus diem Iovis absque festivitatibus sanctis, nec in Maio, nec ullo tempore in ~~ctio~~ observet, neque dies tiniarum, vel murorum, aut vel unum omnino diem, nisi tantum Dominicum. Nullus Christianus ad fana, vel ad petras vel ad fontes, vel ad arbores, aut ad collos (colles?), vel per trivia luminaria faciat, aut vo-

fermidade; pois quem faz esse pecado perde logo o sacramento do batismo. Semelhantemente também os augúrios ou espirros não os observeis, nem vos ponhais nos caminhos a observar o canto ^{de algumas} ~~das~~ aves, mas quer vos ponhais a caminho, quer empreendais qualquer obra, persignai-vos em nome de Cristo, e dizei com fé e devoção o símbolo (=Credo) e a oração do Senhor (=Pai nosso), e em nada o inimigo vos poderá fazer mal. Nenhum cristão observe em que dia sair de casa, ou em que dia voltar, pois todos os dias Deus os fêz; nenhum espere o dia ou a lua para começar uma obra; nenhum faça, no dia 1º de janeiro, cessas práticas nefandas e ridiculas de fantasiar-se de velhas, de cervos ou jotticos(?) (61), nem prepare mesas de noite, nem dê presentes ou bebedeiras supérfluas. Nenhum cristão creia em puras(?) (61), nem se assente num canto (?), pois essas são obras diabólicas; nenhum faça, na festa de S. João ou em quaisquer festas de santos, festas de solstício ou bailes ou danças, ou danças religiosas, nem cante cânticos diabólicos; nenhum tente invocar os nomes dos demônios, ou Netuno, ou o Orco, ou Dianá, ou Minerva, ou Genisco (62), ou crer em tais estultícies. Nenhum observe o repouso no dia de Júpiter, a não ser nas festividades santas, nem em maio, nem em qualquer outra época, nem nos dias das traças ou dos ratos, nem qualquer outro dia, senão apenas o Domingo. Nenhum cristão acenda velas junto aos templos ou às rochas, ou às fontes, ou às árvores, ou às colinas (63), ou

ta reddere praesumat: nullus ad colla vel hominis, vel cuiuslibet animalis ligamina dependere praesumat, etiamsi a clericis fiant, et si dicatur quod res sancta sit, et lectiones divinas contineat, quia non est in eis remedium Christi, sed venenum diaboli. Nullus praesumat lustrationes facere nec herbas incantare, neque pecora per cavam arborum, vel per terram foratam transire, quia per haec videtur diabolo ea consecrare. Nulla mulier praesumat succinos ad collum dependere nec in tela vel in tinctura, sive quolibet opere Minervam, vel infaustas caeteras personas nominare, sed in omni opere Christi gratiam adesse optare, et in virtute nominis eius toto corde confidere. Nullus si quando luna obscuratur, vociferare praesumat, quia Deo iubente certis temporibus obscuratur; nec luna nova quisquam timeat aliquid operis arripere, quia Deus ad hoc lunam fecit ut tempora designet, ut noctium tenebras temperet, non ut alicuius opus impediat, aut dementem faciat hominem, sicut stulti putant, qui a daemonibus invasos a luna pati arbitrantur. Nullus dominos solem et lunam vocet, neque per eos iuret; quia creatura Dei sunt, et necessitatibus hominum iussu Dei inserviunt; nullus sibi proponat fatum vel fortunam, aut genesim, quod vulgo nascentia dicitur, ut dicat, Deus omnes homines vult salvos fieri, et ad agnitionem veritatis venire.... (64).

pelas encruzilhadas, nem tente a cumprir votos; nenhum tente dependurar laços com amuletos em pescoços de seres humanos ou de qualquer animal, mesmo que isso seja feito por clérigos, e que se diga que é uma prática santa e que contém lições divinas, pois nêles não está o remédio de Cristo, mas o veneno do Diabo. Nenhum tente fazer lustrações, nem encantar ervas, nem passar criações por árvore ôca ou pela terra furada, porque por êsses atos parece consagrá-las ao Diabo. Nenhuma mulher procure dependurar no pescoço succinos(?) nem nomear Minerva ou as demais pessoas nem em tela nem em pintura ou qualquer outra obra, mas deseje, em tôda obra, que esteja presente a graça de Cristo e confie de todo o coração no seu poder. Nenhum, se a Lua se escurecer, tente gritar, pois pela vontade de Deus em tempos determinados ela se escurece, e ninguém tema que a Lua nova tire alguma coisa, porque Deus fêz a Lua para isto - para marcar os tempos e para amonizar as trevas, e não para impedir o trabalho de alguém ou para pôr o homem demente, como pensam os tolos, que se julgam atacados por demônios vindos da Lua. Nenhum chame seus senhores o Sol e a Lua, nem jure por êles; porque êles são criaturas de Deus e servem às necessidades dos homens, por ordem de Deus; nenhum proponha para si o fado ou a sorte, ou o horóscopo, que se chama vulgarmente nascentia, de modo que se diga "qual o horóscopo determinou, tal será"; porque Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.

O texto continua ainda mais uma coluna; mas eu me detenho aqui, ~~pelas~~ semelhanças com os de São Cesário, mesmo de alguns não citados, e sobretudo com o de São Martinho, era quase aconselhável a sua exclusão desta antologia. Mas eu creio que há algumas razões que justificam a sua transcrição:

- 1a- Ele documenta a oportunidade do combate no norte da Gália;
- 2a- foi de Santo Elígio que as idóias de São Martinho passaram a Pirminio e dêste a Aelfric na Britânia, o que amplia a extensão geográfica da resistência da superstição;
- 3a- há certas formas de superstições que explicam certos hábitos da religiosidade popular ainda hoje, talvez no início penetrados subrepticiamente ou introduzidos como "fogo do encontro", em muitos casos, artifício sóbrio da Igreja;
- 4a- ôsse combate vemente a um paganismo tão arraigado no séc.VII explica dois fatos: a) a razão de alguns termos cristãos terem aberto brecha no sistema pagão (dominicus/a, sabbatum/a, e um ou outro dos dias de jejum); b) a razão de a vitória cristã ter sido tão pobre: é que os dias planetários, especialmente alguns deles - o dies Iovis, p.exemplo - eram muito queridos.

12 - Os textos de São Cesário, São Martinho e agora o de Santo Elígio insistem na guarda do Domingo. Esse é outro aspecto importante: não apenas oposição negativista à superstição pagã, mas uma visão religiosa positiva. Pois há um documento espúrio que me parece importante. É espúrio, mas é documento, e muito em voga no séc.VI: "Carta de Jesus Cristo a Pedro, o Apóstolo," e por êste apresentada ao bispo de Roma, a quem Pedro aparece em sonhos e mostra a carta suspensa no santuário. O prestígio dessa carta no passado se afere pelas inúmeras versões siríaca, armênia, etiópica, árabe, karšuni (65), latina, russa, romena e flamenga (66).

Pois essa carta é uma apologia da guarda do domingo e da observação dos jejuns da quarta e da sexta-feira. São apenas 4 páginas e a freqüência das ocorrências é impressionante.

- 1) κυριακή, qualificado por ἁγία, "santa", ou por λαμπρά, "brilhante", ocorre 18 vezes;
- 2) τετράς, "quarta", 1 vez e τετράδη (67), 2 vezes;
- 3) παρασκευή, "preparação", 5 vezes.
- 4) ἀνάστασις, "ressurreição", como sinônimo de κυριακή (68) 2 vezes;
- 5) περὶ ἡμέρα (= κυριακή) 1 vez.
- 6) σάββατον, 1 vez, e como simples ponto de referência;
- 7) δευτέρα, 1 vez, também como ponto de referência.

Eis alguns extratos típicos (69):

1º- Λόγος περὶ τῆς ἁγίας
καὶ κυρίας κυριακῆς
τῶν ἡμερῶν ἐν ᾗ Χριστὸς
ἀνέστη ἐκ νεκρῶν.

(início -p.715)

Discurso acerca do domingo, santo
e senhor dos dias no qual Cristo
ressuscitou dos mortos.

2º - Ἴδετε, ἴδετε, υἱοὶ τῶν
ἀνθρώπων, ὅτι ἔδωκα
ὑμῖν, ἀλλ' ὑμεῖς οὐκ ἐτιμή-
σατε τὴν ἁγίαν κυριακὴν
οὐδὲ ἑορτάσατε. Καὶ ἀ-
πέστειλα βάρβαρα ἔθνη καὶ
ἐξέχεαν τὸ αἷμα ὑμῶν.

(3º§, p.717)

Vêde, vêde, filhos dos homens, que
eu vos dei, mas vós não aprecias-
tes, o "santo domingo" nem guar-
dastes. Eu vos enviei as nações
bárbaras e elas derramaram vosso
sangue.

3º- Οὐκ οἶδατε, ἄνθρωποι, ὅτι
τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν
τὴν πρώτην ἡμέραν ἐποίη-
σα καὶ ἀρχὴν ἡμερῶν καὶ
χρόνον καὶ λαμπρὰν κυρια-
κὴν καὶ μέγα πᾶσχα καὶ
ἀνάστασιν ἐκάλεσα; (*)

(4º§, p.718)

Não sabeis, ó homens, que, no pri-
meiro dia, eu fiz o céu e a terra
e o princípio dos dias e o tempo
e o chamei "domingo brilhante" e
"grande Páscoa" e "ressurreição"?

4º- Οὐκ οἶδατε ὅτι τὴν παρασκευ-
ὴν ἐποίησα τὸν πρωτόπλα-
στον Ἀδὰμ καὶ τὴν Εὐὰ καὶ
πάλιν τὴν παρασκευὴν ἐποίησα τὸν
σταυρὸν καὶ ὑπέρμεινα ταφὴν.
καὶ τὴν κυριακὴν ἐποίησα ἀνά-
στασιν διὰ τὴν τοῦ κόσμου σω-
τηρίαν; Διὰ τοῦτο τὰς ἐν-
τολὰς ὑμῖν ἔδωκα, ἵνα
τετραδὴν καὶ παρασκευὴν
πᾶς, χριστιανὸς νηστεύῃ
κρέατος, τυροῦ καὶ ἐλαίου.

(4º§, p.718-719)

Não sabeis que na sexta-feira eu
fiz o primeiro modelado Adão e
Eva; e que de novo na sexta-feira
eu fui crucificado (literalmente:
"eu fiz a cruz") e permaneci no tú-
mulo; e no "domingo" eu ressusci-
tei (lit: "eu fiz a ressurreição")
para a salvação do mundo? Por
isso, eu vos dei mandamentos de
que todo cristão na quarta e na
sexta-feira jejue, abstendo-se de
carne, queijo e óleo.

5º- Οὐκ οἶδατε ὅτι τὴν ἁγίαν
κυριακὴν παρώκησα ἐν
τῷ οἴκῳ τοῦ Ἀβραάμ διὰ
τὴν φιλοξενίαν αὐτοῦ;

(4º§, p.719)

Não sabeis que no santo domingo
eu me hospedei na casa de Abraão,
por causa da sua hospitalidade?

(*) Cf. n.º 8: p. 78; essas duas passagens ajudam a com-
preender gospostnica e voskresenie.

καὶ κυριακὴν ἐφάνηεν
τῷ Μωϋσῇ ἐν τῷ ὄρει Σι-
νᾶ, καὶ νηστεύσας ἡμέρας
τεσσαράκοντα δέδωκα αὐ-
τῷ τὰς θεοχάρακτας πλά-
κας.

(4º §, p. 719)

καὶ τὴν ἁγίαν κυριακὴν
ἐμήνευσεν ὁ ἀρχαγγελὸς μου
Γαβριὴλ τὸ "Χαῖρε" [ἔχουν
τὸν εὐαγγελισμὸν].

καὶ τὴν κυριακὴν ἐδέξα-
μην τὸ βάπτισμα ὑπὸ τοῦ
Προδρόμου...

(4º §, p. 719)

Οὐαὶ τοὺς σταυροπάτες!
οὐκ οἶδατε ὅτι τὴν ἁγίαν κυ-
ριακὴν μέλλω κρίναι τὴν
οἰκουμένην ὅλην. . . ;

(4º §, p. 720).

6º- Ὁμνῶ κατὰ τοῦ θρόνου
μου τοῦ ὑψηλοῦ, ὅτι,
ἐὰν μὴ φυλάξατε τὴν ἁγίαν
κυριακὴν καὶ τετραδὴ[ν]
καὶ παρασκευὴν... καὶ τὰς ἁγίας ἐ-
πισήμους ἑορτάς, πέμψειν ἐ-
χω θηρία ἰοβόλα...

(4º §, p. 720).

7º- Ἐπικαταρατός ἐστὶν ὁ ἄν-
θρωπος ὁ μὴ τιμῶν τὴν
ἁγίαν κυριακὴν ἀπὸ ὥρας
ἐννάτης τοῦ σαββάτου ἕως
δευτέρας ἐπιφραυσκύσης,
τὰς δὲ τετράδας καὶ παρασκευ-
ὰς νηστείας καὶ ξηρυφαγίας...

...

(4º §, p. 720)

8º- Φυλάξατε καὶ τιμήσατε τὴν
ἁγίαν κυριακὴν καὶ ἀνάστα-
σιν, ὥσπερ ἐκλήθη, καὶ τὰς
ἐπισήμους ἑορτάς, ἵνα εὖ-
ρητε ἔλεος ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῆς
κρίσεως ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ
τῷ Κυρίῳ ἡμῶν, ᾧ ἡ δόξα καὶ τὸ
κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας ἀμήν.

(Recomendação final, p. 725).

(*) Cf. nota na p. 77 ao número 3º.

E no domingo eu me manifestei a
Moisés no Monte Sinai, e, tendo
êlo jejuado quarenta dias, eu lhe
dei as placas escritas por mãos
divinas.

E no santo domingo o meu arcanjo
Gabriel fêz conhecido o "salve"
[isto é, a anunciação].

E no domingo eu recebi o batismo
pelo Precursor.

Ai dos que espezinham a cruz: não
sabeis que no santo domingo eu de-
vo julgar o mundo todo?

Juro por meu trono excelso que,
se não guardardes o santo domingo
e a quarta e a sexta-feira e dias
santos solenes, hei de enviar feras
venenosas...

Maldito é o homem que ^{honor} honra o san-
to domingo, desde a hora nona (= as
15 horas) do sábado até o alvore-
cer da segunda-feira, e (não obser-
va) o jejum da quarta e da sexta-
feira...

Guardai e honrai o santo dia do
domingo e a ressurreição, como
veio a ser chamado, e os dias san-
tos solenes, para que acheis mise-
ricórdia no dia do juízo em Cristo
Jesus nosso Senhor, no qual seja a
glória e o poder para os séculos
Amém.

O escrito é ingênuo e contraditório. Mas seu depoimento é de grande importância: domingo, quarta-feira e sexta-feira. Não é de combate ao paganismo. É a confirmação da razão por que no sistema planetário, formalmente muito mais coerente, se abriu a brecha que deu origem à semana híbrida: o valor religioso de alguns dos dias.

13 - Do início do séc.VII são dois textos de Santo Isidoro de Sevilha. Santo Isidoro foi bispo, de 600 a 636. Entre 612 e 615 escreveu o De Natura Rerum; entre 633 e 636, escreveu as Etymologiae. Nesses dois tratados o combate fica no plano intelectual. São longos os trechos dedicados à semana, mas não podem ser omitidos.

a - O De Natura Rerum consta de 48 capítulos, dos quais o cap.III se dedica à semana e o cap.IV aos meses. Só nos interessa aqui o cap.III (70).

III - De Hebdomada

Cap.III-Da Semana

1 - Hebdomada apud Graecos et Romanos septem dierum curso peragitur. Apud Hebraeos autem septem anni sunt(71). Declarat hoc Daniel de septuaginta hebdomadis. Feria quoque a fando dicta est, quasi fari, eo quod in creatione mundi per singulos dies dixit Deus fiat. Item quia dies Sabbati, ab initio feriatus habetur. Inde dies Solis prima feria nuncupatur, quia primus est a feria. Item dies Lunae proinde secunda feria, quia secundus est a feria, id est Sabbato, qui est feriatus. Sic et caeteri dies tali ex numero sumpserunt vocabula.

2 - Apud Romanos autem hi dies a planetis, id est ab erraticis stellis vocabulum acceperunt. Primum enim diem a sole vocaverunt, qui princeps est omnium siderum, sicut idem dies caput est cunctorum dierum. Secundum a luna, quae soli et splendore et magnitudine proxima

1 - A semana entre os gregos e os romanos completa-se no curso de sete dias. Entre os hebreus são sete anos. Declara-o Daniel acerca das setenta semanas. Feria também vem de fari, isto é, ~~audire~~ "falar", porque, na criação do mundo, a cada dia Deus disse fiat, "faça-se". Também porque o dies Sabbati desde o início é considerado feriado, daí o dia do Sol se chama prima feria, porque é o primeiro a partir da feria. Igualmente, o dia da Lua, porque é o segundo a partir da feria, isto é, do Sábado, que é feriado. Assim também os demais dias tomaram suas designações de tal número (por tal contagem).

2 - Entre os romanos estes dias receberam dos planetas, isto é, dos astros errantes, a sua designação. Com efeito, eles chamaram o primeiro dia partindo do Sol, que é o principal de todos os astros, assim como o mesmo é principal de todos os dias. O segundo toma o nome da Lua, que é próxima do Sol no es-

est, et ex eo mutuatur lumen. Tertium a stella Martis, qui Pyrrois vocatur.

3 - Quantum a stella Mercurii, quam quidam candidum circum dicunt. Quintum a stella Iovis, quam Phaetonta dicunt. Sextum a Veneris stella, quam Luciferum asserunt, qui inter omnia sidera plus lucis habet. Septimum a stella Saturni, quae septimo caelo locata, triginta annis fertur explorare cursum suum.

4 - Proinde autem gentiles ex his septem stellis nomina diebus dederunt, eo quod per easdem aliquid sibi effici aestimarent, dicentes habere ex sole spiritum, ex luna, corpus, ex Mercurio linguam et sapientiam(72), ex Venere voluptatem, ex Marte fervorem, ex Iove temperantiam, ex Saturno tarditatem. Talis quippe exstitit gentilium stultitia, qui sibi finxerunt tam ridiculosa figmenta.

plendor e na grandeza, e dêle toma emprestada a luz. O terceiro da estrêla de Marte, que se chama "Pyrrois".

3 - O quarto dia recebe o nome da estrêla de Mercúrio, que alguns chamam círculo ^{alvo}. O quinto, da estrêla de Júpiter, que chamam Phaetonte. O sexto, da estrêla de Vênus, que chamam Lúciifer, que entrê todos os astros tem mais luz. O sétimo, da estrêla de Saturno, que colocada no sétimo céu, gasta trinta anos para realizar o seu curso.

4 - Por isso os gentios deram os nomes ^{estúpidos} destas sete dias, porque julgavam que delas lhes vinha alguma coisa, dizendo que tinham do Sol o espírito, da Lua o corpo, de Mercúrio a língua e a sabedoria, de Vênus o prazer, de Júpiter a moderação, de Saturno a lentidão. Foi, em verdade, tal a estultícia dos gentios que imaginaram essas coisas tão ridículas.

Santo Isidoro, aí, ignora o septizônio e a teoria dos regentes. Parece fantasiar. Seriam explicações correntes no seu tempo?! Ele ignora, até, a oposição dos seus colegas de episcopado. Mais. Fala em planêtas, e não em deuses. Assim a qualidade que os homens ligados ao dia de Marte herdaram é o "fervor", porque êle é Pyrrois (73), a que se herda de Saturno é "lerdeza", porque êle gasta trinta anos na sua órbita: os dois são planêtas. Mas a que se herda de Mercúrio é "língua" e "sabedoria", porque o deus Mercúrio era mensageiro dos deuses, e a que se herda de Vênus é o "prazer", pois ela era a deusa do amor. Soria o texto das Etymologiae menos incoerente e mais objetivo? É claramente mais bem estruturado. Vejamo-lo.

b - Os caps. XXX-XXXII do Livro V das Etymologiae tratam do dies da nox e da hebdomada. Só nos interessam aqui o XXX e o XXXII. Deixemos os §§1-3, que não são desinteressantes, e comecemos pelo §4:

(4) Dies secundum Aegyptios in- Segundo os egípcios, o dia começa

choat ab occasu solis; secundum Persas ab ortu solis; secundum Athenienses a sexta hora diei; secundum Romanos a media nocte. Vnde et tunc gallicinium est, quorum vox diçi ostendit præconiū, quando et mesonyctius afflatus fit(5). Dies dicti a diis, quorum nomina Romani quibusdam sideribus sacrauerunt.

não ocaso do sol: segundo os persas, não nascimento do sol; segundo os atenienses, à hora sexta; segundo os romanos, à meia noite. Daí também então é galicínio," canto dos galos", cuja voz é pregão do dia e quando soa a meia-noite. Dies vem de diis, "deuses", cujos nomes os romanos deram a certos astros.

O que se segue é a continuação do texto, mas transcrevo-a numa só coluna, sem traduzi-la, porque ela repete, com variantes estilísticas apenas, o texto do De Natura Rerum. Não a omito, porque as variationes linguae são de interêsse e ainda nos serão úteis:

Primum enim diem a Sole appellaverunt, qui princeps omnium siderum, sicut et idem dies caput est cunctorum dierum(6). Secundum a Luna, quae Soli et splendore et magnitudine proxima est, et ex eo mutuatur lumen. Tertium ab stella Martis, quae Vesper vocatur. Quartum ab stella Mercurii, quam quidam candidum circulum dicunt. (7) Quintum ab stella Iovis, quam Phaetontem aiunt. Sextum a Veneris stella, quam Luciferum asserunt, quae inter omnia sidera plus lucis habet. Septimus ab stella Saturni, quae sexto caelo locata triginta annis fertur explere cursum suum (8). Proinde autem ex his septem stellis nomina dierum gentiles dederunt, eo quod per eosdem aliquid sibi effici existimarent, dicentes habere a Sole spiritum, a Luna corpus, a Mercurio ingenium et linguam, a Venere voluptatem, a Marte sanguinem, a Iove temperantiam, a Saturno humorem. Talis quippe existit gentilium stultitia, qui sibi finxerunt tam ridiculosa figmenta.

(9) Apud Hebraeos autem dies prima una sabbati dicitur, qui apud nos dies dominicus est, quem gentiles Soli dicaverunt. Secunda sabbati secunda feria, quem saeculares diem Lunae vocant. Tertia sabbati tertia feria, quem diem illi Martis vocant. Quarta sabbati quarta feria, qui Mercurii dies dicitur a paganis. (10) Quinta sabbati quinta feria est, id est quintus a die dominico, qui apud gentiles Iovis vocatur. Sexta sabbati sexta feria

Entre os hebreus o primeiro dia se chama una sabbati, o qual entre nós é o dies dominicus que os gentios consagraram ao Sol. Secunda sabbati é a secunda feria, que os do mundo chamam dies Lunae. Tertia sabbati é tertia feria, que ôles chamam dies Martis. Quarta sabbati é quarta feria, que é chamada dies Mercurii pelos pagãos. Quinta sabbati é quinta feria - isto é, "quinto dia a partir do dies dominicus - que entre os gentios se chama dies Iovis. Sexta sabbati

dicitur, qui apud eosdem paganos Veneris nuncupatur. Sabbatum autem septimus a dominica dies est, quem gentilibus Saturno dicaverunt et Saturni nominaverunt. Sabbatum autem ex Hebraeo in Latinum requies interpretatur, eo quod Deus in eo requievisset ab omnibus operibus suis. (11) melius autem in vocabulis dierum de ore Christiano ritus loquendi ecclesiasticus procedit. Tamen si quomodo consuetudo traxerit, ut illud exeat ex ore quod inprobat corde, intellegat illos omnes, de quorum nominibus appellati sunt hi dies homines fuisse: et propter beneficia quaedam mortalia, quia plurimum potuerunt et eminuerunt in hoc saeculo, delati sunt eis ab amatoribus suis divini honores et in diebus et in sideribus; sed primum a nominibus hominum sidera nuncupata, et a sideribus dies sunt appellati. (12) A fando autem feriae nuncupatae sunt, quod sit in eis nobis tempus dictionis, id est in divino vel humano officio fari. Sed ex his festos dies hominum causa institutos, feriatis divinatorum sacrorum.

(Etym., V, XXX, 2-12).

De hebdomada - cap. XXXII

Hebdomada dicta a numero septem dierum, quorum repetitione et mensibus et anni et saecula peraguntur; ἑπτά enim Graeci septem dicunt. Hanc nos septimanam vocamus, quae septem lucas. Nam mane lux est. Octavus autem dies idem primus est, ad quem reditur et a quo rursus hebdomadae series orditur. (Etym., V, XXXII) (74).

é sexta feria, que entre os mesmos pagãos se chama dies Veneris. Sabbatum é o sétimo dia a partir do domingo, que os gentios dedicaram a Saturno e denominaram (dia) de Sâturno? Sabbatum traduzido do hebraico em latim é requies, "repouso", porque nêle Deus descansou de tôdas as suas obras. Melhor conviria aos lábios cristãos, nas designações dos dias, o uso eclesiástico. Contudo, se o costume por acaso levar alguém a deixar sair de seus lábios aquilo que seu coração não aprova, entenda que todos aquêles por cujos nomes são chamados êsses dias foram homens; e por serviços transitórios que êles prestaram, porque foram poderosos e eminentes neste mundo, foram-lhes oferecidas por seus adoptos honras divinas e seus nomes postos nos dias e nos astros; mas antes pelos nomes dos homens foram chamados os astros e depois os dias foram denominados pelos nomes dos astros. Feriae vem de fari, porque elas devem oferecer-nos ocasião de "dizer", isto é, "falar", no serviço divino ou no humano. Mas d'êstes dias ~~as~~ feriados foram instituídos por causa dos homens e os santificados para o serviço divino.

A hebdomada é assim chamada do número sete de dias, por cuja repetição se formam os meses e os anos e os séculos; com efeito ἑπτά em grego é "sete". Nós a chamamos septimana, como "sete luzes", pois mane, "manhã", é "luz". O oitavo dia é também o primeiro ao qual se volta e do qual se começa de nôvo a série da hebdomada.

c - O segundo trecho é, claramente, uma edição revista e ampliada do primeiro. É ele que nos dá uma descrição completa dos três sistemas e "propõe" a questão da tradição eclesiástica como a ideal para os lábios cristãos. A exposição é clara, mas há uma preocupação estilística em Santo Isidoro, que pode desconcertar o exegeta. Eis alguns exemplos dessa preocupação:

a) Na primeira parte de ambos os textos, caracterizando cada uma das stellae, êlo põe stella+gen.pl.em sucessão, cada expressão seguida duma oração relativa:

a stella Martis, a stella Mercurii, a stella Iovis, a stella Saturni;
mas a Veneris stella, sem outra razão plausível para a inversão (Nat. Rer., III, 2 e 3; Etym., V, III, 5-7).

b) As relativas atrás mencionadas assim se sucedem:

Martis, qui Pyrrois vocatur (nas Etym.: quae Vesper vocatur);

Mercurii, quam quidam candidum circulum dicunt;

Iovis, quam Phaetonta dicunt (nas Etym.... Phaetontem aiunt);

Veneris, quam Luciferum asserunt;

Saturni, quae... triginta annis fertur explore cursum suum.

Varia a função do relativo e substitui-se o verbo da relativa por um sinónimo.

c) O caso mais típico, porém, é, no texto das Etymologiae, o das relativas que dão os nomes planetários:

1 - domenicus est, quem gentiles Soli dicaverunt;

2 - secunda feria, quem saeculares diem Lunae vocant;

3 - tertia feria, quem diem illi Martis vocant;

4 - quarta feria, qui Mercurii dies dicitur a paganis;

5 - quinta feria, qui apud gentiles Iovis vocatur;

6 - sexta feria, qui apud eosdem paganos Veneris nuncupatur;

7 - Sabbatum, quem gentiles Saturno dicaverunt
et Saturni nominaverunt.

Notem-se as variações neste último caso:

1) O relativo é obj. direto nas posições 1, 2, 3, e 7, e suj. nas posições 4, 5, e 6;

2) O agente (sujeito, agente da passiva, ou equivalente) é gentiles, sacculares, illi, a paganis, apud gentiles, apud eosdem paganos, e gentiles; a única repetição exata, sem variação, dá-se nas posições 1, 4, 7;

3) Os verbos ficam em dois grupos: os que significam "consagrar" e os que significam "chamar";

"consagrar": dicaverunt, na 1a. e na 7a. posições;

"chamar": vocant, vocant, dicitur, vocatur, nuncupatur, nominaverunt. Só há uma repetição exata: 2a. e 3a. posições.

4) As fórmulas com os nomes assim se sucedem:

Soli(Dat.), diem Lunae, diem...Martis(ou apenas Martis?),
Mercurii dies, Iovis, Veneris, Saturno(Dat.) e Saturni.

d - Foi neste último ponto que o romanista Walther von Wartburg viu indicação de três fórmulas planetárias correntes já naquela época e documentadas por Santo Isidoro, que, somadas à eclesiástica, dariam quatro tipos (75):

- I - tertia feria, vivo no port. terça-feira;
- II - dies Martis, vivo no cat. dimarts;
- III - Martis dies, vivo no it. martedì;
- IV - Martis, vivo no esp. martes.

Não entrarei agora na discussão dessa tese. Apenas observo que, se S. Isidoro estivesse pretendendo precisar variantes, o normal seria "dies Lunae vel Lunae dies vel Lunae", etc., e não como ele disse. Querer ver entre diem Lunae, o Mercurii dies, o Iovis e Veneris e Saturni a apresentação de três formas estereotipadas, ou a caminho disso, num texto como esse de Santo Isidoro, parece, como observou Baehr (76), "concluir demais". Seria muito estranho que com essa apresentação pouco simétrica, ele quisesse distribuir informações sobre três sistemas existentes (77).

e - Quanto à observação tolerante do bispo sevilhano, é quase pura cópia de Santo Agostinho na Enar. in Ps. 93, 3, texto já visto, de Melius ergo de ore christiano a deferobantur eis divini honores. Santo Isidoro fez algumas poucas alterações formais.

14 - Ali pelo início do séc. VIII, em 702 ou 703, era ordenado sacerdote em Yarrow, no norte da Inglaterra, perto da atual Newcastle. Sua volumosa obra, de grande interesse pedagógico, deve ter sido elaborada nos primeiros 35 anos do séc. VIII, pois ele faleceu com 63 anos no ano de 735. Estou falando do Venerável Bêda. Sua Historia Ecclesiastica foi um dos principais instrumentos de difusão da cronologia dionisiana no Ocidente (78). Suas obras de cômputo de tempo - De Temporibus Liber e De Temporum Ratione - tiveram grande repercussão, na Idade Média, como se pode ver do grande número de trabalhos semelhantes indevidamente atribuídos a ele e publicados no Migne (PL, 90, 94). São espúrios, mas válidos como documentos de correntes de idéias. Mas os dois tratados genuínos, que refletem influência direta de Santo Isidoro, reúnem sobre o problema da semana outros dados importantes, como, por exemplo, a informação, lendária ou não, pouco importa, do papel que teria tido o Papa São Silvestre no uso das fórmulas com feria.

a - De Temporibus Liber (escrito em 703 A.D. (79))

Cap. II - De Die -

<u>Dies vulgaris est Solis praesentia super terras, qui proprie</u>	O dia comum é a presença do Sol sobre a terra, que atinge 24 horas.
--	--

XXIV horis adimpletur. Hunc, Hebraei, Chaldaei, et Persae inter duos solis exortus: Aegyptii inter duos occasus numerant: Romani a medio noctis in medium. Umbri et Athenienses a meridie computant ad meridiem. Moses autem a mane usque ad mane unum diem appellat: sed Domino surgente vespera sabbati, lucecebat in primam sabbati, ut homo de luce lapsus in tenebras, deinceps a tenebris rediret ad lucem.

caindo da luz nas trevas, a seguir voltava das trevas para a luz.

Cap.IV - De Hebdomada

Hebdomada septem diebus constat, octavus autem dies idem primus est; ad quem reditur, eoque rursus hebdomada orditur. His nomina gentilitas a planetis indidit, habere se credentes a Sole spiritum, a Luna corpus, a Marte sanguinem, a Mercurio ingenium et linguam, a Iove temperantiam, a Venere voluptatem, a Saturno tarditatem. Sed Sanctus Sylvester Ferias appellare constituit, primum diem Dominicum nuncupans, imitatus Hebraeos, qui primam sabbati, secundam sabbati, et sic ceteros a numero nominant (81)

O dia comum é a presença do Sol sobre a terra, que atinge 24 horas. Os hebreus, os caldeus e

os persas o contam entre *dois nascimentos* do Sol; os Egípcios o contam entre dois ocasos; os romanos, da meia noite à meia noite. Os umbros e os atenienses contam-no do meio dia ao meio dia. Moisés chama um "dia" duma manhã à manhã (seguinte) (80); mas, quando o Senhor ressuscitou na noite do sábado, clareava para o primeiro dia da semana, de modo que o homem, caindo da luz nas trevas, a seguir voltava das trevas para a luz.

A semana consta de sete dias, sendo o oitavo o mesmo que o primeiro, ao qual se volta para com êle iniciar de novo a semana. A êsses dias a gentilidade deu nomes, partindo dos planêtas, crendo que tinham do Sol o espírito, da Lua o corpo, de Marte o sangue, de Mercúrio o talento e a língua, de Júpiter a moderação, de Vênus o prazer, de Saturno a lentidão. Mas São Silvestre mandou que se chamassem os dias *foriaç*, denominando *Dominicum* o primeiro dia, à maneira dos hebreus que lhes dão nomes pelo numeral: *prima sabbati*, *secunda sabbati*, e assim os demais dias.

Como se há de ter notado, até a notícia sobre São Silvestre, o texto copia o de Santo Isidoro, pelo mesmo método por que êle copiou o de Santo Agostinho.

b - De Temporum Ratione - (escrito em 725).

Depois de algumas considerações sobre a semana, que eu aqui omito, parte êle da semana criativa:

.....
..... Prima ergo singularis illa | A primeira semana, pois, aquela

hebdomada et a qua ceterae for-
mae capessunt divina est opera-
tione sublimis, quia Dominus, sex
diebus mundi ornatum complens,
septima requievit ab operibus
suis

.... Quae populo Dei hebdomada
ita computabatur antiquitus: pri-
ma Sabbati, vel una Sabbati, vel
Sabbatorum; secunda Sabbati, ter-
tia Sabbati, quarta Sabbati, quin-
ta Sabbati, sexta Sabbati, septi-
ma Sabbati (82), vel Sabbatum.
Non quod omnes Sabbatorum, hoc
est requietionum dies esse po-
tuerint, sed quod a requietio-
num die quae suo nomine et cultu
singularis exercebat; prima vel
secunda, vel tertia, vel ceterae
suo quaeque conserentur ex or-
dine. Verum gentiles cum obser-
vationem a populo Israel hebdo-
madis addiscerent, mox hanc in
laudem suorum deflexere deorum,
primam videlicet diem Soli, se-
cundam Lunae, tertiam Marti,
quartam Mercurio, quintam Iovi,
sextam Venori, septimam Saturno
dicentes; eisdem utique monstris
suos dies, quibus et errantia si-
dera consecrantes, tamet si diver-
so ordine putantes. Existimabant
enim se habere ...

[o que se-
gue repete Isid., De Nat.

Rer., III, 4, Etym., V, XXX,

8, e Beda, De Temp. Lib., IV

..... tarditatem)

credo quia Sol in medio planeta-
rum positus totum mundum spiri-
tus instar calefacere et quasi
vivificare videtur, Ecclesiastae
attestante, qui de ipso loquens,
ait : Gyrens gyrendo vadit spiri-
tus, et in circulos suos reverti-
tur (84)

semana singular da qual as demais
tomam forma, é sublime pela obra
divina, porque o Senhor, completando a
organização do mundo em seis dias,
no sétimo descansou das suas obras
.....

.... Essa semana era assim contada
pelo povo de Deus na antiguidade:
prima sabbati ou una sabbati, ou
sabbatorum; secunda sabbati, tertia
sabbati, quarta sabbati, quinta
sabbati, sexta sabbati, septima sab-
bati ou sabbatum. Não porque todos
os dias pudessem ser sabbatorum,
isto é, "do descansos", mas porque
se contam a partir do dia "do des-
cansos", (83) que se erguia singu-
lar pelo seu nome e pelo respeito:
primeiro, ou segundo, ou terceiro, ou
os demais, cada um pela sua ordem
soria designado. Mas os gentios,
tendo aprendido do povo de Israel
a observar a semana, logo a desvia-
ram para o louvor dos seus deuses,
dedicando o primeiro dia ao Sol,
o segundo à Lua, o terceiro a Mar-
te, o quarto a Mercúrio, o quinto
a Júpiter, o sexto a Vênus, o sétimo
a Saturno; e consagrando os seus
dias aos mesmos monstros, aos quais
também consagraram os astros erran-
tes, ainda que pondo-os em ordem di-
ferente. Julgavam que tinham....

creio que o Sol colocado no meio
dos planetas, parece aquecer e como
que vivificar o mundo, à maneira
dum espírito, declarando o Ecclési-
stas, que, falando d'ele, diz: "O espí-
rito vai girar—girando e retorna em
seus círculos

Haec igitur erat stultitia genti-
lium, falsa ratiocinatione subni-
xa, qui quasi iure primam diem
Soli, quia maximum est luminare,
secundam Lunae, quia secundum lu-
minare est, se consecrare putabant;
dein ordinata alternatione tertia
diem primam a sole stellam, quar-
tae primam a Luna, quinta secun-
dam a Sole, sexta secunda a Lu-
na, septima tertiam a Sole prae-
ponebant.

Ferias vero habere clerum pri-
mus papa Sylvester edocuit, cui
Deo solo vacanti nunquam militiam
vel negotiationem liceat exercere
mundanam, dicente Psalmographo:
Vacate et videte, quoniam ego sum
Deus. Itemque Apostolo: Nemo mi-
litans Deo implicat se negotiis
saecularibus. Et primum quidem
diem, qua et lux in principio
facta, et Christi est resurrec-
tio celebrata, dominicum nuncu-
pavit: quod illi nomen iam pri-
mis Ecclesiae temporibus fuisse
inditum testatur Ioanne qui di-
cit in Apocalypsi: Fui in spi-
ritu in die Dominico.⁽⁸⁶⁾ Deinde se-
cundam feriam, tertiam, quartam,
quintam, et sextam de suo adnec-
tens. Sabbatum ex vetere Scrip-
tura retinuit, nihil veritus
grammaticorum regulas, qui sicut
Calendas, Nonas, et Idus, ita
etiam ferias plurali tantum nu-
mero proferendas esse decernunt.

De Temp. Rat., cap. VIII.

Esta, pois, era a estultície dos
gentios, apoiada num falso racioci-
nio, os quais, como de direito, jul-
gavam consagrar o primeiro dia ao
Sol, ^{por ser o maior luminar,} o segundo a Lua, por ser ela
o segundo luminar; depois, em orde-
nação alternada de trás para dian-
te, antepunham ao terceiro dia a
primeira estrela a partir do Sol,
ao quarto a primeira a partir da
Lua, ao quinto a segunda a partir
do Sol, ao sexto a segunda a partir
da Lua, e ao sétimo a terceira a
partir do Sol (85).

Foi o Papa Silvestre que ensinou
o clero a ter ferias, o qual deve
ficar livre só para Deus, não lhe
sendo permitido exercer cargo ou
negócio mundano, como diz o Sal-
mista: "Cessai e vede que eu sou
Deus" (Salmo 45,11,Vulg.). E igual-
mente o Apostolo: "Ninguém que mili-
ta para Deus se embarça com negó-
cios seculares" (II Tim., 2,4). E
chamam "Dominico" ao primeiro dia,
no qual também no princípio foi
feita a luz, e no qual se celebra
a ressurreição de Cristo; porque
S. João, no Apocalipse (1.10), ates-
ta que, já nos primeiros tempos
da Igreja, esse nome lhe tinha si-
do dado: "Fui em espírito no dia
Dominico." Depois conservou da
Velha Escritura (>do V.T.) o sab-
batum e acrescentou de sua parte
secunda feria, tertia feria, quarta,
quinta e sexta, sem medo algum de
violiar as regras dos gramáticos,
que, como Kalendae, Nonae e Idus,
querem que assim também feriae se
use no plural.

c - Algumas observações se podem fazer aos dois textos do Venerá-
vel Beda que eu acabo de transcrever, em relação com os tex-
tos de Santo Isidoro.

1a.- Na parte do exame da duração e do início do dia, na da constituição da semana planetária, na interpretação da influência dos planetas sobre o homem - influência dada como imaginada pelos gentios, e não evidentemente como admitida pelo expositor-, Beda rastreia Isidoro. Não sei até que ponto Santo Isidoro reproduz uma crença da sua época ou caricatura a visão pagã, mas a enumeração impressionou a Beda, que em seus dois textos decalca os do sevilhano, com ligeiras correções: o do De Temporibus Liber decalca o das Etymologiae e o do De Temporum Ratione decalca o do De Natura Rerum, fazendo correção no uso da preposição e na ordem da enumeração. É o que se vê do quadro abaixo:

Santo Isidoro <u>De Natura Rerum</u>, III, 4 <u>ex sole spiritum</u> <u>ex luna corpus</u> <u>ex Mercurio</u> <u>et</u> <u>linguam</u> <u>sapientiam</u> <u>ex Venere voluptatem</u> <u>ex Marte fervorem</u> <u>ex Iove temperantiam</u> <u>ex Saturno tarditatem</u>	Venerável Beda <u>De Temporum Ratione</u>, VIII <u>a sole spiritum</u> <u>a luna corpus</u> <u>a Marte fervorem</u> <u>a Mercurio</u> <u>et</u> <u>sapientiam</u> <u>verbum</u> (87) <u>a Venere voluptatem</u> <u>a Saturno tarditatem</u>
<u>Etymologiae</u>, V, XXX, 8 <u>a sole spiritum</u> <u>a luna corpus</u> <u>a Mercurio</u> <u>et</u> <u>ingenium</u> <u>linguam</u> <u>a Venere voluptatem</u> <u>a Marte sanguinem</u> <u>a Iove temperantiam</u> <u>a Saturno humorem</u>	<u>De Temporibus Liber</u>, IV <u>a sole spiritum</u> <u>a luna corpus</u> <u>a Marte sanguinem</u> <u>a Mercurio</u> <u>et</u> <u>ingenium</u> <u>linguam</u> <u>a Iove temperantiam</u> <u>a Venere voluptatem</u> <u>a Saturno tarditatem</u>

2a.- Na explicação da ordem dos nomes dos planetas-deuses, Isidoro formulou dogmáticamente uma hipótese que não satisfaz a Beda, e este formulou a sua, engenhosa, no mesmo tom (88), mas também ela inaceitável. Ambos ignoram o septizênio e a teoria dos regentes.

3a.- Para Santo Isidoro as fórmulas com ordinal + sabbati são as judaicas; também para o Venerável no De Temp. Ratione era o modo como o populus Dei as contava. As fórmulas com feria são as cristãs. Tal não era, porém, a opinião de São Jerônimo, que ignorava feria, nem ante Santo Agostinho, que conhecia as duas e reconhecia ambas como cristãs. São Cesário, mais popular, ignora a expressão hebraizante, e só opõe às fórmulas pagãs ou as descritivas do Gênesis ou as já estereotipadas cristãs com feria. São Martinho, igualmente. Em Santo Isidoro e no Venerável, as fórmulas judaicas vêm como uma informação cultural.

4a.- Também as fórmulas planetárias, no sevilhano ou no britânico, seu discípulo, ^{ou papas} como fatos do passado! Eles não discutem o uso atual pelo seu povo. Certamente, na Inglaterra, na região de Beda, a fórmula popular seria já a planetária anglo-saxônica, que tinha dois séculos e meio de domínio no país. Mas na Hispânia, no tempo de Santo Isidoro, o sistema romance, popular, era o evoluído do latim, apenas abalado na sua unidade pelos nomes cristãos do primeiro e do último dia. A nota augustiniana, copiada por Santo Isidoro com muita convicção, não pareceu ter sentido para o Venerável Beda.

5a.- A referência a São Silvestre e ao seu papel na constituição da semana eclesiástica é que é estranha a Santo Isidoro. Essa é original em Beda, Original em Beda? Não! remonta a uma tradição mais antiga, que Dom Suitbert B"ñumer atribui ao Pseudo-Isidoro, ao referir-se às atribuições lendárias a São Silvestre, nos seguintes termos:

"Les leçons ont été corrigées en 1883 par la S.R.C.(=Sacra Rituum Congregatio), et quelques points inexacts ont été écartés. On a cependant laissé subsister ce qui avait été emprunté au Pseudo-Isidore en l'atténuant pourtant un peu par un "quae sub eius nomine recensentur" et un "praescripsisse traditur". Les sources du Pseudo-Isidore, dans ce passage, sont le "Constitutum Silvestri" (c'est sans doute, d'après Duchesne Liber pontif., t.I, p.CXXXIV), la plus ancienne des fausses constitutions disciplinaires fabriquées sous le nom d'un pape) et la Vita Silvestri apocryphe du Ve siècle" (89).

Confesso que não consegui identificar essas "sources du Pseudo-Isidore" de que fala D.B"ñumer, nem na lista das obras do Ps. Isidorus Hispal. da Clavis Patrum Latinorum (90), nem na da Verzeichnis der Sigel der Vetus Latina (p.88). Quanto à Vita Silvestri, consegui ter em mãos a edição de Laurentius Surius (91), em 13 volumes, de 1875 a 1880 (92). Apesar dos problemas de texto que essa edição comporta, como de qualquer modo ^{pouco} está ligado às fontes do Venerável Beda, é conveniente que o trecho da Vita Silvestri entre também na antologia.

15 - Seria melhor se tivéssemos o texto dos Bozlandistas referente ao 31 de dezembro, dia de São Silvestre. Mas o último volume já publicado dos Analecta Bozlandiana, o Decembris Propylaeum; Martyrologium Romanum..., scholiis historicis instructum, 1940, é apenas o Propylaeum, "introdução", a dezembro, e o Dia de São Silvestre é quase em janeiro! Enquanto, pois, não vem o volume de dezembro, contentemo-nos com a versão contida na edição de Súrrio.

Vita Sylvestri, etc. §6:

..... Huius etiam di-
vini patris fuit inventum ut pri-

..... deste divino Padre foi o in-
vento de que o primeiro dia da se-

mus dies hebdomadis nominaretur Dominicus. Cum enim Iudaei cum primum vocarent, et secundum et tertium eos, qui sequebantur, et deinceps reliquos; sextum autem et septimum, si spectes eam, quae a primo fit, enumerationem, illi quidem nominarent parasceven, eo quod in eo ab eis parabantur, quae erant ad septimum necessaria; quoniam in illo vetitum erat Iudaeis operari, septimo autem propter quietem ab operibus, sabbati nomen imposuissent, quoniam in eo cessavit Deus a creatione eorum, quae videntur, Romani autem vocarent, primum quidem, diem Solis, eos autem qui deinceps consequuntur, Lunae, Martis, Mercurii, Iovis, Veneris et Saturni, ipse beatus Sylvester, dierum nomina, quae a gentilibus erant imposita, abrogavit propter illorum impietatem, quae apud Hebraeos autem erant eorum nomina, ut quae a Mose scripta erant, qui Deum vidit, admisit, solius primi mutato nomine, et eo vocato Dominico, propterea quod in eo a mortuis surrexisset Dominus. Ab eo quoque est constitutum, ut ne ieiunaretur sabbatis. Nam cum Occidentales ieiunarent sabbatis, hoc minime placuit Orientalibus, dicentibus eos, qui sic faciunt, sequi morem Iudaicum. Hic autem magnus pater, cum decrevisset ut in uno sabbato ieiunarent fideles, in quo Dominus adhuc situs erat in sepulcro, ieiunium abrogavit in reliquis. Hinc in cum sunt exortae apud Romanos calumniae, ut qui patrios eorum ritus tollet (94)

mana se chamasse Dominicus. Como os judeus o chamassem "primeiro", e "segundo" e "terceiro" os que o seguiam, e assim os demais, mas como ao sexto e ao sétimo - de acordo com a enumeração que se faz a partir do primeiro -, Àquele chamassem "parasceve", porque Nêle ôles preparavam as coisas que eram necessárias ao sétimo; ^{era} o sétimo, em virtude de nêle ser vedado aos judeus trabalhar, por causa do repouso das obras, ~~estudava~~ tivesse pôsto o nome de sabbatum, porque nêle cessou Deus da criação das coisas que se vêem, e os romanos os chamassem, ao primeiro, dies Solis, e os que seguem (dies) Lunae, Martis, Mercurii, Iovis, Veneris e Saturni, o bom-aventurado Silvestre abrogou os nomes dos dias que lhes foram postos pelos pagãos, por causa da impiedade d'ôles, admitiu os nomes que ôles tinham entre os hebreus - como os que foram escritos por Moisés que viu a Deus-, tendo mudado apenas o nome do primeiro e tendo-o chamado Dominicus, porque nêle o Senhor (Dominus) ressurgira dos mortos (93). Por isso também foi determinado que não se jejuasse aos sábados. Com efeito, como os ocidentais jejuassem aos sábados, isto não agradou aos orientais, que diziam que os que assim faziam seguiam o costume judaico. Ora ôste grande padre, tendo determinado que os fiéis só jejuassem num único sábado, aquêle em que o Senhor ainda estava no sepulcro, revogou o jejum nos demais. Surgiram daí entre os romanos calúnias contra ôle, como alguém que revogava os costumes dos seus pais.

a - Vê-se que o texto se preocupa com duas coisas:

1ª.- a criação do termo Dominicus por São Silvestre, a manutenção do sabbatum e a adoção dos nomes que eles tinham entre os judeus, que, cumpre ressaltar, incluíam o termo feriae;

2ª.- a controvérsia do jejum aos sábados e aos domingos, que não nos interessa agora.

Então não foi um texto como esse a fonte, ou a fonte única, do Venerável Beda.

b - Entretanto, o texto do Breviarium Romanum, na Lectio VI para o dia 31 de dezembro, está bastante próximo dos dois de Beda. A fonte de ambos deve ser a mesma. O trecho atrás citado, de Dom Suitbert Bäumer, fala em correções às lições feitas pela SCR em 1883, mantendo a redação, mas atenuando-a com a relativa, quae sub eius nomine recensentur (Lectio V) e com a fórmula introdutória, praescripsisse traditur (início da Lectio VI), como reservas na enumeração dos seus atos. Mas as reservas não atingem o texto sobre a semana; a relativa atinge o fim da Lectio V e a fórmula introdutória só o início da Lectio VI. Já dei esse texto na INTRODUÇÃO (p.155), mas repito-o aqui:

Sabbati et Dominici diei nomine retento, reliquos hebdomadae dies feriarum nomine distinctos, ut iam ante in Ecclesia vocari coeperant, appellari voluit, quo significaretur cotidie clericos abiecta caeterarum rerum cura, uni Deo prorsus vacare debere(95).

Tendo conservado os nomes dos dias sabbatum e dominicus, quis que se chamassem pelo nome de ferias os demais dias da semana, distintos pelo nome(=pelo numeral ordinal), como já antes se começaram a designar na Igreja, com o que se indicasse que os clérigos, pondo de lado o cuidado das demais coisas, deviam ficar todos os dias absolutamente livres só para Deus.

ô.- Ainda que, como nota J.Perin, " os Acta S.Silvestri, dos quais provém a maior parte das lendas, não chegaram até nós senão por aquilo que em latim nos conta Surius e em grego Combefigue", e ainda que, segundo me contaram, ficou proverbial o ditô "mentiroso como o II Nocturnum" por causa das lendas, há um caso digno de nota, que atesta, se não a autoridade, pelo menos a antigüidade da informação: em todo o Breviarium Romanum, o "domingo" é dominica(fem.), mas nesse texto é Dominicus dies (masc.). Entretanto, apesar disso, o texto parece contar uma interpretação moderna dos fatos, porque:

1º .. Ele diz que os termos sabbatum e Dominicus foram mantidos

(*) In Forcellini, LTL, tom VI, p. 627, s. v. Silvester.

(sabbati et Dominici diei nomine retento);

2º - a inovação de São Silvestre consiste apenas na designação dos outros como feriae, distinguindo-se apenas pelo nome (nomine - não seria nomine aí uma lição corrompida de numero?), mas com a restrição de que isso era "como já antes começaram a ser designados na Igreja" (ut iam ante in Ecclesia vocari cooperant)(96).

d - Qual seria a parcela de verdade nessa atribuição da inovação ao Papa São Silvestre? O pontificado desse Papa estendeu-se de 314 a 335. Foi anterior a São Jerônimo, que ignora feria, quase "acintosamente". E ainda é verdade que há uma moia dúzia de ocorrências de expressões com feria antes dessa época:

Tert., De Ieiun. 2, 213 A.D.: quartae feriae et sextae (pl.gen.).

Ps:Cipr., De Paschae Comp., 243 A.D.: De prima feria a sexta feria:
cêrca de 30 ocorrências.

Martirium Fructuosi, 2,1 c.259 A.D.: féria sexta

" " 3,2 c.259 A.D.: quarta feria... sexta feria

Iren., Adv. Haer., 5,23,2 cena pura idest sexta feria

Como nota Bachr, já o uso de quarta feria e sexta por Tertuliano pressupõe um sistema em que prima, secunda, tertia e quinta feria fôsssem já correntes. ^(96a) É possível que a verdade que a lenda encobre ou rêvela seja que a extensão da fórmula se tenha dado no séc.IV:

Mas deixemos ainda por um pouco essa questão.

16 - Sem transcrever os textos, é conveniente fazer pelo menos uma menção de alguns dos que nos legaram discípulos anônimos do Venerável Beda, ecos insistentes, e de preocupação pedagógica, da sua influência. São os tratados e hinos que figuram sob seu nome no vol.90 da Patrologia Latina de Migne, após os tratados genuínos, e no vol.94. Só darei notícia de alguns deles.

a - De Ratione Computi, V (De hebdomade et septem planetis) (Migne, PL, 90, 582-584). Perguntas e respostas. Eis algumas das perguntas: Unde dicta est hebdomada? Quomodo a populo Dei computabatur? Quomodo computabant gentiles hebdomadam? Quid se ex his habere aestimantes? Rogo ut iusta aestimationem tuam effectum earum mihi edisseras. Hebdomada apud Graecos et Romanos quomodo peragitur? Apud Hebraeos quomodo? Quot feriis constat hebdomada? Ferias unde dicta est? Quis primus ferias habere edocuit?

b - De Tonitrui Libellus, ad Herefridum (Migne, PL 90, 609-614: ^{um a d}) É uma carta ^{um a d} a Herefridum em resposta àquela em que este denuncia um opúsculo de pessoas imbuídas de arte mágica, que falam do valor profético dos presságios (donde os trovões). Divide-se em três partes:

(96a) ZrW, in Romanica, 1957, p. 31, item 3.

- I - De tonitruis in quattuor orbis partes (cols. 610-611)
 II - Praesagia de mensibus (cols. 611-612).
 III - De Septem Feriis (cols. 612-614).

Esse é um testemunho indireto interessante da constituição da semana híbrida:

Título geral: De Feriis

Subtítulo	No texto	
<u>De Dominico die</u>	<u>In Dominico die</u>	- 1 vez
<u>De Lunae die</u>	<u>In die Lunae</u>	- "
<u>De Martis die</u>	<u>Martis in die</u>	- "
<u>De Mercurii die</u>	<u>De tonitruum diei Mercurii praefigurationibus in die Mercurii</u> <i>2 vezes</i>	
<u>De Iovis die</u>	<u>Praefigurationibus tonitruum diei Iovis</u>	
<u>De Veneris die</u>	<u>die Veneris</u>	<i>1 vez</i>
	<u>Veneris in die</u>	<i>2 vezes</i>
<u>De Sabbati die</u>	<u>Saturni diei</u>	
	<u>in die Saturni</u>	<i>2 vezes</i>

c - De Divisionibus Temporum (em XXIX capítulos) (Migne, PL, 90 653-664). O cap.VIII, De Feria (cols. 657-658), começa discutindo o étimo e a semântica de feria; feria viria de fari, mas pode significar sabbatum; mas pode vir de fieri (do Fiat lux) donde prima feria, mas depois cai na interpretação isidoriana: prima feria = primus dies a feria. Depois trata do S. Silvestro, vai ao Gênesis I e termina com Apoc. 1.10.

d - Ordo Planetarum iuxta naturam et numerum earum secundum Hebraeos (Migne, PL, 90, 943-946 (Só tenho anotada a parte inicial). Nomes dos sete planetas em hebraico e depois a sua distribuição de acordo com a sua regência das horas, dos dias, depois os nomes dos dias assim enumerados:

dies Solis, dies Lunae, dies Martis, dies Mercurii, dies Iovis, dies Veneris, dies Saturni.

e - Hymnus III (De veris computi regulis) (Migne, PL, 94, 615-621). São cêrca de 400 versos, mas só interessa ao nosso caso uma dúzia e meia de versos da col. 618, que eu dou aqui sem traduzir.

Hymnus III (De diversis computi regulis).

.....
Ordo planetarum variat seriem feriarum,
Quippe dies a diis placuit vocitare poctis
 (97)
Tertia Martis erat, Stilbontis quarta manebat,
 5 Inde Iovi quintam tribuendo vocant Iovianam.
Sexta fuit Veneris postrema deum genitoris,
Has diis addebant se quis constare putabant,
Iuvit temperiem Iupiter Cyllenius artem,

- Pneumate sol una Mars sanguine corpore luna
 10 Vel dedit humorem, Venus ipsa libidinis ignem.
Nostro more dies feriae sunt nomen habentes,
A fando feriam iam credimus esse vocatam
Prima dies etenim fuit huius nominis olim,
Qua fas est fari, divina simul feriari,
 15 Vel quod "fiat" ait Deus omniquando vocavit,
Hebdomadam facimus septem constare diebus
Quam solet Aegyptus tot ad annos dicere tempus.

O verso 1 da minha numeração, iniciando a exposição da série planetária, chama os dias pelo nome genérico de feriae e os versos 7-10 falam da influência dos planetas sobre os homens; os versos 11-15 opõem a designação cristã à pagã e dão o étimo de feriae. Parece haver uma teoria explicativa: primeiramente era o primeiro dia da semana que se chamava prima feria; depois o nome se teria estendido aos demais dias.

Há um dado curioso: o dia de Júpiter é chamado Ioviana. Ora, Ioviana lembra o Iovia do domínio itálico. Seria pura coincidência ou índice duma extensão maior da forma adjetiva para o 5º dia?

f - Entre as Beda Venerabilis Opera, na Pars III - Paraenetica (Sectio III - Carmina Dubia) de Migne, PL, 94, cols. 637 e ss. vem nos Manfredi Carmina, um, De Anno Solari (cols. 641-642) em que se trata De Septem Diebus et Nominibus eorum. Parece fragmentário, pelo que só dou a notícia.

17 - Um anglo-normando do início do séc. XII, clérigo, certamente da mesma escola do Venerável Beda - pelo menos na mesma tradição -, Philippe de Thaïn (ou de Thon), escreveu um poema didático, Sumpos, "cômputo", para ensino dos padres. Ponho-o em secção especial, pela sua significação particular (98).

Seu longo poema, escrito em hexassílabos, encara o problema sob o triplice aspecto:

- 1 - De diebus secundum paganos;
- 2 - Quare Silvester Papa Romae dies vocat ferias;
- 3 - De diebus allegorice.

Tomo a Bruppacher o trecho que fala de São Silvestre (vv. 484-492):

Mais ço truvum lisant
Enz el cumpot Gerlant
Que li ber sainz Silvestre,
Ki de Rume fut maistre,
Feries les apelat
E lur nuns tresturnat;
Pur ço que crestiens
Ne creissent paiens
De fole ontenciun
Ne de malo raisun

Mas isto aprendemos, lendo
 no Cômputo de Gerlant
 que o Senhor São Silvestre,
 que foi chefe de Roma,
 os chamou ferias
 e mudou-lhes os nomes,
 para que os cristãos
 não cressem aos pagãos
 de louca intenção
 e de má razão.

É um dos últimos ecos da oposição dos dois sistemas, nessa família de computistas que partem de Santo Isidoro, e do Venerável Beda.

a - O que há de novo aqui é a terceira parte: a visão alegórica.

Ora, o método alegórico de interpretação religiosa dos fatos da vida e de passos da Escritura, que já tem raízes nos textos escriturísticos, e é bem ilustrado nas obras do judeu Filão, tornou-se famoso a partir da Escola de Alexandria (99). O método alegórico é, muitas vezes, uma espécie de fuga, "uma retirada estratégica". Esta última constatação tem importância em nosso caso. A batalha foi mesmo perdida: então reinterpretem-se os fatos. Partindo da "segunda-feira", o poeta apresenta a série dies lucis, dies martirii, dies mercalis, dies gaudii, dies veritatis e dies seminosus. Rhoinfelder sugere que está ainda por investigar até que ponto essa transposição medieval tem base em costumes definidos, lembra que a "quinta-feira", por ser feriado escolar, era realmente um dies gaudii e pergunta se não existiria aí uma conexão.

b - À primeira vista, parece-nos que estamos diante dum modo de combater interpretações pagãs dos dias da semana pelo mesmo processo pelo qual o vaqueiro acalma o estouro da boiada: adere à corrida para orientá-la e amainá-la. Os termos já estavam consagrados: cumpria apenas fixar-lhes uma interpretação edificante ou neutra. Aliás, no que toca às festas profanas, como o solstício do inverno, o dia de Ano, as festas pagãs, a sabedoria eclesiástica lhes superpôs cerimônias e festividades religiosas.

c - Não estou em condições de fazer a investigação sugerida por Rhoinfelder, mas não posso furtar-me à tentação de acrescentar à sua observação sobre dies gaudii umas duas ou três anotações.

1a. - Entre os nove exemplos latinos de dies Martis levantados por Bruppacher (100), há um dies martiris (o nº 13), de 1193; entre os vinte e cinco do italiano medieval, há outro (o nº 33), martirs, de 1400, do Friul. Em suas observações, o romanista suíço nota, não só influência de vinars, com que martis vem aproximado em provérbios, mas também interpretações de etimologia popular, também do Friul, ligando-o a martyris, no bom e no mau sentido. No mau sentido, a crença popular do Friul, segundo Ostermann, de que mãe que se casa no dies Martis será "mártir": "Il martedì non è giorno fausto per intraprendere viaggi nè per sposarsi, perchè la sposa sarebbe "mattiro"" (101). No bom sentido, o tomar-se dies martis em honra de um "mártir." Mas aí, talvez, a associação fonológica bastaria para explicar.

2a. - Quanto à visão do dies Iovis como dies gaudii, além da sugestão de que a "quinta-feira", feriado escolar, era um "dia de alegria", lembro que Júpiter era tido pelos astrólogos como um planôta que comunicava alegria aos que nasciam sob seu signo, por opo-

sição a Saturno (cf. REW, 7264), que comunicava tristeza: cf. nas línguas modernas port. jovial, jovialidade, esp. jovial, jovialidad, cat. jovial, jovialitat, fr. jovial, jovialité, it. gioviale, giovialetà, ingl. jovial, joviality. As formas são do séc. XVI, e Bloch-Wartburg (s.v.) explica as francesas como vindas pelo italiano. Parece que no Ocidente foi o francês que as divulgou. Júpiter e Vênus eram os dois planetas boni. Nesse caso a alegoria não desviou nada: sancionou a visão astrológica. Para a fêria escolar, lembre-se a frase tu fai semper giuvèdì do Ticino, "estás sempre em férias". De valor semelhante são o fr. faire le lundi, fêter saint Lundi, célébrer la Saint-Lundi, faire le lundi des savetiers, "não trabalhar 'e entregar-se à boêmia" (102), o it. lunediare, far la festa del lunedì, far il lunedì dei calzolari, etc. (103) e também em esp. hacer lunes, "não trabalhar".

3a. - Dies mercalis para a "quarta-feira" é, também, consagrar a visão "profissional" de Mercúrio - o deus, e não o planeta. Aliás, é já o nome do deus Mercurius que se deriva de merx, "mercadoria", donde também vem mercator e commercium. Nos exemplos italianos de Bruppacher, aparece a "quarta-feira" designada como "lu jurne de lu mercate", ou simplesmente, lu mercate (104), nos Abruzzos, perto de Finamore. Mais até: mercurdì deixa de significar "quarta-feira" para designar o "mercado": "il mercurdì, questa settimana, avrà luogo giovedì". (105) Parece trocadilho! Pois, aqui em São Paulo, corria um "trocadilho infame" sobre "feira", ali por 1937, quando no Largo do Arouche havia duas feiras semanais, na "quarta" e no "sábado". Dizia-se: "No Largo do Arouche, a segunda-feira cai no sábado".

4a. - Para dies Veneris e dies Saturni como dies Veritatis e dies seminosus, não conheço nada que ilustre a alegoria. Entretanto, cabe notar que não há alegoria para dies Solis, vencido por dies Dominicus; as soluções alegóricas vão de dies lunae a dies Saturni. Também nessa época, séc. XII, já era dispensável a medida, pois os exemplos já lembrados no cap. I (106) de Jueves Santo, Vierne Santo, Jeudi Saint, Vendredi Saint e mais o it. Giovedì Santo, Venerdì Santo revelam esvaziamento do sentido astrológico.

18 - Essas expressões são populares em toda a România. Vejamos alguns exemplos:

a - O romeno tem, em inteiro pó de igualdade, as fórmulas cristãs Dumineca mare (literalmente: "Domingo grande") e também Dumineca Rusaliilor, "Domingo de Pentecostes", Dumineca Floriilor, "Domingo de Ramos", Sîmbătă Paștelor, "sábado da Páscoa", ou Sîmbătă mare, (lit.: "sabadô grande"), "Sábado da Alclúia", e as fórmulas pagãs híbridizadas, joia mare, "Quinta-feira Santa" (lit. "Quinta-feira grande"), joia verde, "Corpus Christi", Vinerca mare, "Sexta-Feira Santa" (107).

b - Seria assim também o dalmático, de que nos faltam dados: só temos La domienka de le puolme, "O Domingo de Ramos", la fiasta de puaska, "O Domingo de Páscoa", muarti suent, "Têrça-Feira Santa".

<u>La domienka de le puolme foro</u>	O Domingo de Ramos é sete antes
<u>siapto dáí anině de la fiasta de</u>	do Domingo de Páscoa.
<u>puaska. Por la fiaste de pask</u>	Nos Domingos de Páscoa se come
<u>se maněha jóin aneluót.</u>	um cordeirinho.
<u>La féro muarta muarti suent dal</u>	Ela morreu na Têrça-Feira Santa
<u>šinkuont. (108).</u>	de 1850.

c - Assim também nas línguas ocidentais:

- no italiano: Domenica delle Palme ou dell'Ulivo, Domenica di Pasqua, Sàbato di passione (anterior ao D.de Ramos), Sàbato Santo (o da Aleluia), fórmulas cristãs; Lunedì Santo, "Segunda-Feira Santa", Giovedì Santo, Venerdì Santo, fórmulas pagãs cristianizadas;

- no francês: Dimanche des Paumes, Dimanche des Pâques, Samedi Saint, fórmulas cristãs; Lundi saint, Mercrèdi des Cendres, Jeudi saint (Jeudi absolu, Jeudi de l'absoute), Grand Vendredi (arc.) e Vendredi Saint, fórmulas híbridas;

- no espanhol: Domingo de Ramos, Sábado Santo, fórmulas cristãs; Miércoles de Ceniza, Juoves Santo, Jueves de la Cena, Viernes Santo; - também no galego: Domingo de Lázaro (anterior ao de Ramos) ou de Pasiòn, Domingo de Ramos, Domingo de Páscoa; Jueves Santo; - no português, naturalmente tódas as fórmulas são cristãs:

Domingo de Ramos, da Ressurreição (ou de Páscoa), Sábado da Aleluia, mas também: Segunda-Feira Santa, Têrça-Feira Santa, Quarta-Feira Santa (ou de Trevas), Quinta-Feira Santa ou de Endoenças (<Indulgentias), Sexta-Feira Santa ou da Paixão.

d - Deve ter sido geral o apelativo magno ou grande para os dias da Semana Santa, como se viu para o romeno e para o fr. antigo. O qualificativo de santo também deve ter sido geral: desde o dalmático até o português (109).

e - Um caso todo especial, além do português, que, porém, é muito claro, é o do espanhol. Se alguém consulta o Dicionário de la Lengua Española, da Real Academia Española, s.v. Feria, encontra:

"Cualquiera de los dias de la semana, excepto el sábado y el domingo. Se dice feria segunda, el lunes; tercera, el martes, etc."

Não é diversa a conceituação de Feria na secção Liturg., que se encontra na Enciclopédia Espasa-Calpe:

"En sentido católico y litúrgico la palabra feria se usa para señalar los días de la semana que no son ni domingo ni sábado para indicar un día en que la Iglesia no celebra oficio alguno de los

mistérios de Jesucristo, ni festividad o comemoración de santo alguno" (110).

f - O meu colega, Prof. Julio Garcia Morejon, catedrático de Lingua e Literatura Espanhola em nossa Faculdade, aventou-me a hipótese de que êsses dicionários estejam consagrando a lição de Covarrubias, no Teŝoro de la Lengua Castellana (111). Este, efetivamente, depois de dar feria como vindo de fero (112), é de dizer que a Igreja numera os dias para fugir às expressões pagãs, "dexando el nombre del sábado que es el postrero de la semana y era antiguamente el primero de los judíos," continua: (113)

Nosotros la empezamos por domingo, día del Señor; y los demás días nombramos segunda feria, tercera feria, quarta, quinta, sexta feria,...
porque en todos los días de la semana se haze sacrificio a Dios, y se celebran los officios divinos..."

Esta fué ordenación promulgada por San Silvestro papa, en cuya leyenda se diz:

Sabbati et Dominici dici (sic) nomine retento.....
uni Deo prorsus vacare debere.

Por aí se vê que a fonte de Covarrubias foi o famoso passo do Nocturnum II de 31 de dezembro. Não sei que influência possa ter tido Covarrubias na linguagem eclesiástica espanhola: é possível que ele esteja simplesmente dentro dessa corrente como clérigo que era.

g - Mas o caso não fica aí. Quem toma a Historia de la Liturgia do Abade Mario Righetti, traduzida há pouco para o castelhano pelo Prof. Cornelio Urtasun Irisarri, professor de Direito Canônico e de Liturgia no Seminário Metropolitano de Valência, e percorre a longa secção El Ano Litúrgico (114) - especialmente "Ciclo semanal," "Ciclo litúrgico de Navidad," "Cuaresma e Semana Santa" -, encontra lunes (760), mércoles (pp.664,666,738), jueves (pp.647,758,787), viernes (pp.647,739, 758), Mércoles de Ceniza (pp.752, 757), Jueves Santo (pp.739, 754, 756, 785, 810), Viernes Santo (pp.646, 738, 740 etc.), ao lado de feria quarta (p.684) e feria quinta (pp.787,788). Ora, aí se usa a linguagem técnica da Liturgia. Era de se esperar coerentemente o uso de feria segunda, feria tercera, etc.

h - Isso parece mostrar que hoje a própria linguagem eclesiástica hesita, preferindo as formas de origem planetária. ^{Entretanto,} ~~mas~~ algum uso eclesiástico das expressões com feria será o que há de explicar o remanescente sexta feria usado nas Astúrias e em Santánder, mas apenas para designar uma "espécie de taxa de estradas e outras obras públicas, que era paga nas "sextas-feiras", em certa época do ano". Não tenho, infelizmente, nenhum elemento para discutir a história dessa taxa e da sua designação. Que sextaferia tem ali alguma

vitalidade se vê do verbo sextaferiar, que, ao contrário do it. lunedìare, é "trabalhar" na sexta-feira. Ainda voltarei ao caso.

i - Creio de certo interesse notar, aqui, que, enquanto Covarrubias, em 1618, tomava consciência da oposição "semana planetária" X "semana eclesiástica" e dava notícia do fato para os leitores espanhóis, Gaspar Estago (115), em 1625, também se refere ao fato e ao Papa São Silvestre. Mas a dissertação mais longa sobre o caso em português, é a de Bluteau, no seu Vocabulário Português e Latino etc., em 1713, (116). Numa refundição deste trabalho, não na antologia, pelo menos um apêndice, merecerá transcrição a página de Bluteau.

19 - Foi-se a luta. O esvaziamento de sentido irmanou as duas fórmulas, como vimos atrás nas expressões litúrgicas. Ele veio sendo porcebido já desde o séc.V. Foi intuído por Santo Agostinho, admitido mecânicamente por Santo Isidoro, sentido pela fórmula do Concilium Narbonense de 589 - diem quintam foriam qui et dicitur Iovis -, traído pelo fato de Santo Isidoro e o Venerável Beda e os seus discípulos se referirem ao sentido religioso dos nomes planetários como pensamento dos antigos romanos, patentado pelo qualificativo santo a um nome como Viernes, Vendredi, etc., também transparece nesta recomendação dum texto do séc.VIII, da Suábia:

....rogo vos humilitate, ut observetis diem dominicam... Nam alio tempore duos dies debetis abstinere vel ieiunare debetis: die mercuris, quia sic fecerunt consilium Iudaei, ut dominum crucifigerent; et debetis quadragesimare et ieiunare die veneris, quia sic crucifixerunt illum... Tantum dies dominicos non est vobis necesse ieiunare (117).

.... rogo-vos com humildade que observeis a dies dominica... Pois em outro tempo deveis abster-vos ou deveis jejuar durante dois dias, no dies mercuris porque nêle os judeus fizeram o plano de crucificar o Senhor; deveis também "quaresmar" e jejuar no die Veneris, pois nêle o crucificaram. Apenas, não precisais jejuar nos dies dominicos.

e - O Pe.A.Ferrua S.I., ao terminar o seu belo artigo, "Dal Giorno di Dio al Giorno degli Dei", impressionado pelo fato de que a vitória da semana eclesiástica tenha sido minguada, escreveu estas palavras melancólicas:

"Tutte queste testimonianze attinte dalle varie regioni del mondo occidentale latino, ci fanno assistere ad una lotta prima sorda e poi sempre più aperta dall'antico ed ufficiale linguaggio cristiano contro le resistenze vivaci di una consuetudine pagana che non voleva

morire. Quale sia stato l'esito finale di questa lotta, possiamo ora rincontrarlo facilmente. Diffatti al presente, nell'occidente cristiano, si dice da per tutto "il giorno della Luna, di Marte, di Mercurio", ecc..., passando con la massima indifferenza dal giorno intitolato al vero Dio a quello intitolato agli dei. Gran cosa se negli estremi confini occidentali di quest'area linguistica, per natura meno accessibile alle innovazioni, sopravvivono ancora adesso nella lingua portoghese le denominazioni secondo, terzo, quarto giorno ecc., quasi a malinconico ricordo di un uso migliore, che fu un giorno nostro, e che non abbiamo saputo conservarci" (118).

f - É um belo trecho, lírico e sentido. Mas não se justifica muito, lingüísticamente. A nomenclatura eclesiástica venceu numa pequena faixa - o português-, ampliada com os descobrimentos e a colonização portuguesa. Venceu nos dois polos da semana - o primeiro e o sétimo dia - em toda a România. Conseguiu abrir brechas, regionalmente num ou no outro dos dias de jejum, e até na "quinta-feira", no galego. Nos outros dias a planetária resistiu. Mas Domini-cus e Sabbatum, com dies ou sem dies, são, hoje, nas formas românicas, apenas "nomes de dias da semana"; media hebdomas, também; cena pura, também; segunda feria, tertia feria, quarta feria, quinta feria, sexta feria - cujo sentido real em latim até hoje não se conseguiu adivinhar - nas formas portuguesas e nas galegas que se conservam, ou reduzidas ao simples ordinal substantivado, valem tanto como o it. lunedì, martedì, mercoledì, giovedì e venerdì, ou qualquer outra variante românica, planetária ou não, com dies anteposto ou posposto, ou sem dies. As formas planetárias e as eclesiásticas se esvaziaram e se integraram, com maior ou menor perfeição, no sistema dos dias da semana. Qualquer dêles, pagão ou cristão na origem, é apenas "nome de um dia". O caso mais típico de fusão num sistema é o catalão: diumenge, dilluns, dimarts, dimecres, dijous, divendres, dissabte. Quem consegue ver, aí, nesse sistema coerente pela solidariedade e pela uniformidade, formas que uma vez estiveram em choque?!

- 1) Ressalve-se que, antes de 79 A.D., em Pompéia, se encontraram algumas inscrições planetárias latinas e uma em grego, com a semana toda ou todos os deuses da semana, e algumas com designações de dias. Cf. INTROD., pp.94 e 102, ~~as~~ notas 15, 16 e 17.
- 2) Cf. INTROD., pp.8-9, 95, 97, 99, 126-127. Para informações sobre Dositeu e J. Lydus, ver arts. de J.T. Graves no DGRBM, vols. I, (1859), pp.1070-1071, e vol. II (1861), pp.599-600; e para Paulo Alexandrino, ver art. de J.C. Means, ibid., vol. III (1861), pp.146-147. Ver ainda Schürer, DsWGChK, 1905, Excuse, pp.57 e ss.
- 3) Cf. INTROD., pp.97, 127, 132-133.
- 4) Aliás, a ligação a deuses já é atestada numa das inscrições de Pompéia, a grega precisamente. Cf. nota 1 e INTROD., p.94 c, 1.
- 5) Cf. INTROD., pp.168-172 e notas 5-11a, pp.183-184.
- 6) Cf. ainda Luc. 1, 78: ... visitavit nos orions ex alto; João, 1, 4-5, 9: In ipso vita erat, et vita erat lux hominum. Et lux in tenebris lucet... Erat lux vera... João, 8, 12: Ego sum lux mundi.
- 7) Cf. INTROD., pp.170-171 e nota 7, p.184.
- 8) O culto de Jupiter Dolichenus, do séc. II (cf. cap. prec.) não foi combatido pelos escritores eclesiásticos. É que ele não foi conhecido na África, e, nesse século, a cristianização da área em que ele se difundia era pequena.
- 9) Como se explica essa vacilação na ordem?! De ênfase não é, não é a alfabética, não é de tema: seria devida ao "cattivo stato del testo" de que fala Salvatorelli?! (cf. nota seg.). Depois de condenado em 380, acusado de heresia trinitária, gnóstica, maniqueia, de magia e de maus costumes, foi preso, levado a Bordéus e Treves e ali decapitado, apesar dos protestos de S. Martinho de Tours contra a intromissão do poder civil em questões de fé.
- 10) Só as mais longas: o texto de Prisciliano é um mosaico de textos e reminiscências bíblicas, de modo que seria fastidioso salientar cada caso.
- 11) Parece ser esse o sentido. Como diz Salvatorelli, seus escritos são "faticosi -, anche per le continue citazioni bibliche, - oscuri, talora incomprensibili; a questa incomprensibilità contribuisce invero il cattivo stato del testo" (StLLC, 1936, p.140).
- 12) Tract., I, XV-XIX, (Texto estabelecido por Georgius de Schepss, CSEL, 18, pp.14-17).
- 13) Cf. P. de Labriolle, HLLCh, 1947, I, p.433 (texto e nota 4).
- 14) Com alteração da pontuação aqui.
- 15) Liber de Haeresibus, CXIII (PL, XII, col.1237).
- 16) Essa observação me parece pertinente, pois, como adiante se verá, a presença de Iovis e Veneris, sem dies, num texto de Santo Isidoro foi assim interpretada por Walther von Wartburg.
- 17) De novo, aqui, in die, quem dicunt Solis, omite diem antes de Solis, por zeugma: literalmente, "no dia que chamo o Sol". Mas a fórmula que dá nome ao dia é dies Solis.
- 18) Festa dos Maniqueus, comemorativa da morte de Manés. Outra pelo mesmo autor, em Contra epistulam Manichaei quem vocant damenti, 8, 202 (CSEL, 25, e PL, 42).

- 19) Contra Faustum Manichaeum, XVIII, 5 (PL, 42, col. 346).
- 20) É o mesmo texto que provocou o comentário de S. Jerônimo, citado no cap. precedente (cf. nota 100). Sigo, para a data, a cronologia do Pe. Zarb. para as Enarrationes (cf. BAC, 235, p. 20*).
- 21) Note-se que S. Agostinho se permitiu, inadvertidamente, alterar o texto, de sabbatorum para sabbati. É que o falso plural, no uso eclesiástico, é simples reminiscência da Vetus, que é literalismo da LXX, que tomou o aram. šabb^atha por pl. neutro. Cf. INTROD., pp. 131-132.
- 22) Cf. notas 16 e 17. Entender daqui que já se dizia só Martis implicaria em admitir que para "segunda" a fórmula seria dies Lunae e para "quarta" seria Mercurii dies. Ora, essa inferência é absurda; logo, dies Lunae, Martis e Mercurii dies são casos de variatio styli, como também o são saeculares, illi e Pagani, e vocant e dicitur.
- 23) Mysterium <gr. μυστήριον "rito secreto"; passa depois a "segredo revelado por Deus", que é o do texto.
- 24) In Psalm. 93, 3 (texto em PL, 37, col. 1192; e também em BAC, nº 255, vol. 3º das Enarrationes e XXI das Obras de San Agustín, pp. 433-434).
- 25) Nasceu em 331 ou 346 e faleceu em 420; Santo Agostinho nasceu em 354 e faleceu em 430. Ver S. Jer., Epist. 105 (Ad Augustinum), 5 (in fine), BAC, 220, (Cartas de San Jerônimo, tomo II (1962), p. 181).
- 26) Epist. 120, 4 (Ad Hedybium), BAC, 220 (Cartas de San Jerônimo, t. II, (1962), p. 453).
- 27) Gaudêncio, Sermo I, De Exodi Lectione (PL, 20, 845-847). Sobre Gaudêncio, ver CPL, nº 215 e Verzeichnis, p. 79.
- 28) Art. Eusébe de Gaule em CHAD, tomo IV (fasc. 14), col. 708. Tolle informa, na col. 709, que, segundo D. Morin, a coleção de sermões de Eusébio Galicano se deve "aos materiais deixados por Fausto de Riez e conservados em sua Igreja". Muito usados por S. Cesário de Arles, e importantes para conhecimentos da vida religiosa da Gália dos sécs. V-VI. Ver em Sacris Erudiri, III, 1951, CPL, nº 966, a indicação do artigo de D. G. Morin, "La collection gallicane d'Eusébe d'Emèse et les problèmes qui s'y rattachent", in ZntW, 34, 1935, pp. 95-115. Ver também Vetus Latina, Verzeichnis, 1949, p. 75.
- 29) Cf. observações nas notas nº 16, 17 e 22 sobre a supressão de dies.
- 30) Eusebius Gallicanus, Sermo XXII, De Pascha XII; Patrologiae Latinae Supplementum (Suplemento ao Migne), 3, col. 601.
- 31) Cf. pp. 21-22.
- 32) Cod. Theod., XVI, 10, 24. Essa constituição ficou resumida no texto. Por isso dou-a aqui sem tradução: IMPP. HONORIVS ET THEOD. (OSIVS) AA. ASCLEPIODOTO P)RAEFECTO) P(RAETORI)O. POST ALIA: Manichaeos illosque, quos Popyzitas vocant, nec non et eos, qui omnibus haereticis hac una sunt persuasione peiores, quod in venerabili die paschae ab omnibus dissentiunt, si in eadem amentia perseverant, eadem poena multamus, bonorum prescriptione atque exilio. Sed hoc Christianis, qui vel vere sunt vel esse dicuntur, specialiter demandamus, ut iudaeis ac paganis in quate degentibus nihilque temptantibus turbulentum logibusque contrarium non audeant manus inferre religionis auctoritate abusi. Nam si contra securos fuerint resti / tuere compellantur. Rectores etiam provinciarum et officia et provinciales cognoscant se, si fieri permiserint, ut eos qui fecerint puniendos. DAT. VI ID. IVN. CONST. (ANTINO) P(OLI) ASCLEP (IODOTO) ET MAR (INIANO) CONSS.
- 33) Cito os sermões de S. Cesário pela edição de D. G. Morin, a mais recente e mais autorizada: do Corpus Christianorum, Turnholti, 1935, em dois volumes. A única alteração é que uso maiúscula para o nome de Deus.
- 34) Que significa secundum quod scriptum est, em referência a

- secunda et tertia feria? Se não é descuido de expressão, é porque S. Cesário entende prima feria, secunda feria, tertia feria como sinônimos perfeitos das fórmulas dies primus, dies secundus e dies tertius do Gênesis. Nesse caso, para êle, feria = dies septimanae, "dia da semana", sem qualquer outra restrição.
- 35) Esse texto encontra-se no Migne como Appêndice aos sermões de Santo Agostinho; PL, 39, cols.2004-2005. Rohlfis o transcreve, fazendo cortes nas partes que interessam menos, em sua antologia, Sermo Vulgaris Latinus; 1951, p.44, e também no art. "Les noms, etc, Bol.Fil., X, 1949, p.91. Nossa antologia, à qual interessa também a luta contra o paganismo, transcreve-o na íntegra.
 - 36) Martin von Bracara's Schrift De Correctione Rusticorum, Christiania, 1883, p.II, apud Barlow, Opera, p.3 (cf.nota 11, p.9,sôbre a importância do estudo introdutório de Caspari).
 - 37) Claude W.Barlow, Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia, de onde retiro as informações e os textos abaixo.
 - 38) Gregório de Tours fala em "mais ou menos trinta anos" (Hist.Franc., V, 37), mas um breviário medieval de Braga fala em 23 anos. Cf. Barlow, Opera, pp.2-3, 300 e 302.
 - 39) É uma seleção de cânones de vários concílios orientais. Cf.Barlow, Opera, pp.80-103.
 - 40) Barlow, Opera, p.159 (cf.nota 1, p.180). Barlow (op.cit.,p.5)supõe que as principais obras de São Martinho são da década 570-579.
 - 41) Os enumerados nos dois últimos itens (5º e 6º) são os que interessam ao combate aos costumes pagãos e à semana: por isso, passo em silêncio sôbre os tratados filosófico-morais.
 - 42) Barlow, Opera, p.183.
 - 43) Barlow, op.cit.,pp.186-188. A única alteração que fiz no texto foi escrever Deus com maiúscula.
 - 44) São Martinho, combatendo a superstição, se revela êle mesmo imbuído de crenças supersticiosas: crê na malignidade e no poder dos deuses do paganismo e na eficiência mágica do sinal da Cruz!
 - 45) Barlow, op.cit.,pp.188-189.
 - 46) Embora o passo do Gênesis deixe bem claro que sabbatum significa "repouso"(requies), nas 79 ocorrências do termo requies na Bíblia só uma vez vem êle associado com sabbatum: Hoc est quod locutus est Dominus: requies sabbati sanctificata est Domino oras (Ex.,16, 23). Ali o texto hebraico tem Sabbathôm Sabbath, e requies traduz bem o primeiro termo. A trad. de São Martinho revela conhecimento do hebraico. Cf.referência de Gregório de Tours: Nam hic Pannoniae ortus fuit, et exinde ad visitanda loca sancta in Oriente properans, in tantum se litteris inluit,ut nulli secundus suis temporibus haberetur (Hist.Franc.,V,37).
 - 47) Barlow, op.cit.,p.187.
 - 48) Dia feriado, consagrado a Vulcano: 23 de agosto;sôbre êsse culto na época antiga, ver OCLD, s.v. Volcanus, p.953.
 - 49) São Martinho usa Veneris dies, e não "sexta-feria" porque certamente quer ressaltar o sentido pagão que dá a escolha do dia pelos noivos.
 - 50) Barlow, Opera, pp.198-199.
 - 51) Barlow, op.cit.,pp.202,203

- 52) Op.cit., p.175.
- 53) Cf. id., ibid., pp.165-168.
- 54) Cf. Paiva-Boléo, Os nomes, pp.38 e 43, nº 14; Barlow, op.cit., p.165; S.S.Neto, HLP, 1952, pp.324-325.
- 55) Não é troça, não! As traças e os ratos também tinham sua vez! Como havia o dies Iovis, que era guardado, havia os das traças e dos ratos. Já se viu o mesmo em São Cesário (vêr acima). Sobre essas superstições lusitanas, ver Leite de Vasconcelos, (Rel. da Lus., III, 569), citado por S.S.Neto, HLP, p.325, nota 5. Ver notas seguintes, 6-9, sobre outras superstições já mencionadas aqui.
- 56) O quadro revela dominicus (3 vezes) dominica (2 vezes), dies dominica (7 vezes) e dominica dies (4 vezes). A maior frequência entre as formas que se oõem mostra a fórmula mais viva dies dominica. A anteposição de dies é também a regra nas fórmulas planetárias (e animais), só uma vez ocorrendo posposição: Veneris dies. O que é curioso é que no De Correctione Rusticorum e no Conc.Brac.I (1 só vez) Dominicus é sempre masculino; nos textos traduzidos dos Cânones (CPOS) é que o gênero é hesitante. Também no De Pascha, que pode ter influência grega. O gr. κυριακή (ἡμέρα) sugeriria o feminino.
- 57) Os dois primeiros exemplos são tomados a Gundermann DNWR, in ZfdW, 1901, p.183; o terceiro foi tomado a J.B. Rossi, Inscript. Chr.Vrbis Romae, etc., edição de Angelo Silvagigini, do Pontificium Institutum Archaeologiae Christianae, 1935, vol.II, nº 4289.
- 58) Carol Michaelis, em recensão ao Liederbuch des Königs Denis von Portugal, de Lange, nota que a expressão diem quintam feriam quae et dicitur Iovis não é rara nos decretos dos concílios (ZfirPh, XIX, 1895, p.614, nota 1).
- 59) O texto é da Gália: note-se já blasphemare no sentido de "censurar".
- 60) Conciliorum tomus XIII, Parisiis, e Typographia Regia, 1644, pp. 150-151.
- 61) Algumas palavras que não consegui traduzir deixei-as tais quais sublinhadas e com um ponto de interrogação.
- 62) Goniscus: divindade gaulesa. Cf. Blaise, DLFACH, s.v., p.373.
- 63) Na minha ^{hda} está cellos; não pude voltar a verificar se foi lapsus calami: collos dá sentido.
- 64) Sancti Eligii Noviomensis Episcopi Vita, Liber II, cap.XV; PL, 87, cols.527-529. Santo Elígio viveu entre 609 e 683 A.D.
- 65) Árabe escrito em caracteres siríacos, especialmente o usado no ritual maronita (cf. NIDEI, s.v.p.1353).
- 66) Cf. edição de Aurélio de Santos Otero, Los Evangelios Apócrifos, BAC, 148, 1966, pp.712-725 (spec.p.713).
- 67) Eis uma forma regularizante no grego da época bizantina (cf.p.10).
- 68) Cf. adiante, no extrato nº 8, a oração explicativa: την ἁγίαν κυριακήν καὶ ἀνάστασιν ὡς περ ἐκλήθη.
Daí o nome do domingo em russo.
- 69) Como a carta não tem divisões, localizei os textos de modo vago mas doua pág.na ed.de Aurélio Santos (cf.nota 66)

- 70) De Natura Rerum, PL, 83, 957-1018, os 48 caps.; o cap.III está nas cols. 967-968.
- 71) Restrição indevida: Isidoro ignora o novo sentido de sabbatum, "semana".
- 72) Não atino com a razão da alteração da ordem aqui. Até foi a exata, com a alteração crista, isto é, o dies Saturni como sétimo. Nas Etym.V, XXX, 5-7, Santo Isidoro mantém a alteração da ordem.
- 73) Cf.o texto citado por Ruelle no art. Calendarium do DAGR, tome I, 2a.p.834, nota 165: $\tau\eta\nu\ \epsilon\rho\acute{\iota}\tau\eta\nu\ \text{Αἰγύπτου}\ \alpha\nu\acute{\epsilon}\delta\epsilon\nu\ \tau\omicron\ \mu\omicron\rho\omicron\acute{\epsilon}\nu\tau\iota$, "Αρης δὲ οὗτος παρ' Ἑλλήσιν (= os egípcios estabeleceram o 3º dia para o deus ígneo, que é o deus Ares entre os gregos).
- 74) W.H.Lindsay, Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum sive Originum Libri XX, Oxonii, Typ.Clarendoniano, 1911, tomus I.
- 75) Essa preocupação de variação de estilo, "esgotando" o estoque de verbos de "chamar", tem uma bela réplica na redação preciosa das regras de uso do hífen nas "Instruções para a organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", itens a a f: "palavras começadas", "palavras iniciadas", "palavra encetada", "palavra principiada", "elementos iniciados", "palavra começada" (ABL, PVOLP, 1943, pp.XXXVIII-XXXIX): palavras (2 vezes), palavra (2 vezes), elementos (1 vez), palavra (outra vez); começadas, iniciadas, encetada (?!!), principiada, iniciados, começada! Parece da mesma escola de retórica!
- 76) Cf.FEW, V, 1950, p.453.
- 77) ZrW, in Romanica, 1957, p.47, nota 1.
- 78) Cf.notas 16, 17 e sobretudo, 22.
- 79) Cf.o trabalho do Autor, A Contribuição, etc. (inédito) p.390, nota 1115. Cf.A Dumas, art. Ere, in CHAD, fasc.13,1953, col.381.
- 80) Caps.II e IV: PL.,90,cols.278-279. A obra toda de 22 caps., ocupa as cols.277-294. Para a data ver G.Hocquard, art.Bede, in CHAD, I, 1948, col.1368.
- 81) Parece que ôle aí interpreta mal Gen.I: "Houve tarde e ^houve manhã: dia primeiro".
- 82) Cf.INTROD.,p.152 e nota, p.165, nota 41.
- 83) Cochilo de Beda?! Nunca vi septima Sabbati; septima feria, sim.
- 84) Eccl.,1, 5-6: citação certamente pela Vetus; na Vulgata é:
Oritur sol et occidit, et a locum suum revertitur ad aquilonem. Lustrans universa in circuitu pergit spiritus, et in circuitos revertitur.
- 85) Essa seria uma quarta teoria a acrescentar-se às duas de Dion Cássio (cf.INTROD., pp.89-93) e à de Santo Isidoro. Mas é uma explicação arbitrária de Beda. Eis um diagrama que ilustra a hipótese do Venerável:

Saturnus,	Jupiter,	Mars,	Sol,	Venus,	Mercurius,	Luna
7º	5º	3º	1º	6º	4º	2º

Em contagem de trás para diante, o 3º dia, o de Marte, é o primeiro a partir do Sol; o 4º, o de Mercúrio, é o primeiro a partir da Lua; o 5º, o de Júpiter, é o 2º a partir do Sol; o 6º, o de Vênus, o segundo a partir da Lua; o 7º, o de Saturno, o terceiro a partir do Sol.

- 86) Essa citação deve ser da Vetus; a Vulgata tem Dominica dies; Dominica (fem.) fica bom em S. Jerônimo, da parte oriental; die Dominico, nesse texto de Beda, é importante para o gênero da fórmula e para a posição de dies. Infelizmente, não tenho o Apo-calipse da Vetus.
- 87) Ou falta a Iove temperantiam, na P.L. 90, 328, ou eu saltei inadvertidamente, ao anotar. Não pude verificá-lo.
- 88) Cf. nota 86.
- 89) Hist. du Brév. e (Versão franc. de D. Rég. Biron), Létouzey, 1905, t. II, p. 453, nº 17.
- 91) Saiu em 6 vols. na 1ª edição, de 1575 e na 2ª de 1576, que traziam por título: De probatis vitis sanctorum ab A. Lipamano olim (1550) conscriptis nunc primum emendatis et auctis. Ele se propusera expor em bom latim aquelas vidas. A 3ª edição, de 1618, feita depois da sua morte, restituiu o texto latino original.
- 90) Cf. p. 419 e os nos. aí indicados. Quanto ao Liber Pontificalis e à opinião de Duchesne, tive em mãos a edição em 3 vols. (Vol. I, '16' + CCLXII + 532 pp., 1955; vol. II, '4' + LXXIX + 560 pp., 1955; vol. III, 402 pp., 1957), Liber Pontificalis - texte, introduction et commentaire, da Bibl. des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome e publicada com auxílio da Ac. des Inscr. et Belles Lettres, do Centre Nat. de la Rech. Scient. e da Ec. Fr. de Rome, E. de Boccard, Paris. Mas minhas anotações apressadas são da p. CXI, e, se bem que tratem do uso de feriae, do uso do sing. e da nova semântica, não são, ao que parece, nem mesmo transcrições do texto. O Liber Pontificalis há de existir aqui em S. Paulo e ainda há de ser reexaminado, desta vez com mais vagar.
- 92) Transcrevo todo o longo frontispício da ed. de 1875-1880: Surius, Historiae seu Vitae Sanctorum juxta optimam coloniensem editionem nunc vero ex recentioribus et probatissimis monumentis numero auctae mendis expurgatae et notis exornatae quibus accedit Romanum martyrologium breviter illustratum taurinensi presbytero e congreg. clerr. regg. S. Pauli curante. Opus illustr. mo ac Rev. mo DD. Laurentio Gastaldi archiepiscopo Taurin. dicatum, Augustae Taurinorum ex Typographia Pontificia et Archiepiscopali, 1875-1880. A Vita Sancti Sylvestri Papae Romani, auctore Simeone Metaphraste, ut habetur quinto tomo Aloysii, ocupa as pp. 590-613 do vol. XII, §§ 1-37. O que nos interessa é apenas uma parte do § 6.
- 93) Esse parágrafo é muito arrevesado: creio tê-lo entendido e mantido o estilo.
- 94) Historiae seu Vitae Sanctorum, etc., vol. XII, 1880, pp. 592-593.
- 95) Breviarium Romanum (Pars Hiemalis), Die 31 Dec., In II Nocturno, Lectio VI ed. de Ratisbona, 1923, p. 410.
- 96) A menos que essa modal se refira às formas antigas de ordinal + sabbati.
- 97) Aqui falta um ou dois versos no texto do Migne, a única fonte que eu tive.
- 98) Não conheço o poema diretamente, mas pela citação e pelas informações de Bruppacher, DNWIR, 1948, p. 40 e sobretudo de Rheinfelder, KPRL, 1933, pp. 20 e 437-438.
- 99) Sobre essa Escola e sobre o método, de grande interesse na literatura medieval e barroca, ver: J. Quastón, Patrologia, I, 1961, BAC,

- pp.306-397; J.Lebreton, in Histoire de l'Eglise, dir.de Fliche et Martin, vol.2, 1948, caps.IX-X, pp.225 e ss.; W.Walker, História da Igreja Cristã, ASTE, 1967, vol.I, pp.109-116.
- 100) DWIR, 1948, pp.61 e 102-103 e 109.
- 101) Apud idem, ibidem, p.109.
- 102) Littré, DLF, III, 1889, s.v.
- 103) Bruppacher, DWIR, p.209-211.
- 104) Idem, ibidem, p.134-135.
- 105) Idem, ibidem, p.135.
- 106) pp.22 e 42 (nota 87).
- 107) Cf.Dictionarul Limbii Române Moderne, Editura Academiei Republicii Populare Române, 1958, s.v. joi, vineri e sâmbătă (pp. 437, 775, e 930-931).
- 108) Cf.Bartoli, Das Dalmatische, etc.,1906, vol.II, § 45, cols.57/58.
- 109) Apenas enumerei nessa lista as fórmulas que encontrei casualmente em textos ou em meus dicionários; daí a omissão de várias línguas e de outras fórmulas que certamente existem nas línguas enumeradas.
- 110) Enc.Univ.Ilustrada, Espasa, Barcelona, 1924, tomo XXIII, p.713.
- 111) Sebastián de Covarrubias, Tesoro de la Lengua Castellana e Española, ed.de Martin de Riquer, baseada na de 1611 e com as adições de Bonito Remígio Nogdons na de 1674, Barcelona, 1943, s.v. p.589. Agradeço ao Prof.Morejon a indicação.
- 112) "Dixose (sc.feria = 'mercado') a ferendo porque todos llevan a ella sus mercaderías.... Feria.... dicho así a ferendis victimis".
- 113) Onde Cavarrubias pôde ver o "sábado" como o "primeiro dos judeus"? Seria por ocupar ôle na semana judaica o lugar litúrgico do domingo na cristã? Talvez.
- 114) Mario Righetti, Historia della Liturgia, versão esp.de Cornelio Urtasun Irisarri, BAC, 2 vols., vol.I, 1955, XX + 1342 pp; vol. II, 1956, XX + 1197 pp. A edição espanhola traz em dois os quatro volumes da edição italiana. A referida secção ocupa as pp.637-1077 do vol.I.
- 115) Várias Antiguidades de Portugal, citado por Paiva Boléo, em Os nomes etc., 1941, p. 43, nº 13.
- 116) Po.Raphael Bluteau, Vocabulario Portuguez e Latino, etc., Coimbra, 1712-1727, 8 vols.: vol.IV, s.v. Feira, pp.62-63, e Feria. p.77.
- 117) Dom.G.Morin,"Textes inédits relatifs au Symbole et à la vie chrétienne" in Rev.Bén.,22, 1905, p.515.
- 118) La Civiltà Cattolica, 85º, 1934, vol.II, p.143.
- 119) La Civiltà

CAP. III - A SEMANA:
EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO.

1 - Não caberia agora fazer a teoria do empréstimo linguístico. Essa já vem sendo elaborada desde o início da segunda metade do século passado (1), não só em capítulos de trabalhos de Linguística Histórica, mas também em monografias especiais. Nestes últimos decênios até os trabalhos de introdução à Romanística, ou a outros setores "irmãos" de estudo, lhe têm dedicado cuidadosa atenção. Variam os títulos desses capítulos: ou se estuda o problema em fontes do léxico, substratos, superstratos, mistura de línguas, e, mais recentemente, já sob a rubrica expressa de "empréstimos".

a - De 1886 é a 2a. edição dos Prinzipien der Sprachgeschichte de Hermann Paul - um dos neogramáticos -, que inclui o cap. 22 sobre Sprachmischung, em cuja introdução vem no rodapé uma nota bibliográfica, essa da 5a. edição, de 1920, onde se faz a indicação de uma dúzia de títulos sobre o assunto, saídos entre 1881 e 1904 (2). Também Tagliavini, nas suas duas obras - Le Origini delle Lingue Neolatine, e Storia di Parole Pagane e Cristiane - traz muito boas indicações bibliográficas sobre o empréstimo linguístico (3). A esses trabalhos nos reportamos (4), e também aos modernos cursos de linguística, que enriqueceram a terminologia e o conceito do empréstimo, estabelecendo distinções de tipos e ampliando a visão do mecanismo da comunicação e da influência que um falante qualquer exerce sobre o outro nos contactos do quotidiano (5).

b - Aqui se fazem apenas algumas reflexões sobre a natureza, o interesse e as variedades, ou a amplitude, e o mecanismo do empréstimo linguístico, particularmente no que toca ao sistema da semana, ou, antes, aos sistemas, transmitidos integralmente ou por elementos avulsos: noções e envoltórios, isto é, nomes vivendo quase juntos, entrando em choque e em contacto, amoldando-se, "hibridando-se", às vezes até, fundindo-se sem perder a coesão, apesar da oposição inicial de cosmovisão e de forma, tendo, porém, a sua solidariedade garantida pela presença diuturna e impertinente da semana no trabalho, no repouso, no recreio e na planificação da vida humana. Estas considerações, ao mesmo tempo em que opõem uma pequenina restrição às observações seguintes de Meillet, as confirmam plenamente. Depois de ressaltar que a pronúncia e a gramática formam sistemas fechados em que todas as partes estão solidariamente ligadas entre si, o mestre francês continua:

"Au contraire, les mots ne constituent pas un système;

tout au plus forment-ils des petits groupes; ^{peut} on soit chan-
ger le nom d'un objet, soit introduire un nom nouveau sans
que cela retentisse sur l'ensemble du vocabulaire; chaque
mot existe pour ainsi dire isolément"(6).

Tudo o que aí se diz é verdade, no que toca à semana, mas eu creio que chamá-la "un petit groupe" é fazer-lhe injustiça.

2 - Começamos por alguns problemas de terminologia. Os alemães, que parecem ter sido os primeiros a falar em empréstimo, chamam aos empréstimos léxicos Fremdwörter, "palavras estrangeiras" ou Lehnwörter, "palavras tomadas de empréstimo"; "empréstimos vocabulares", ou simplesmente "empréstimos". Partindo desta última palavra alemã, os ingleses (ou, talvez, os americanos) começaram a usar loan words, depois loan-words, e hoje loanwords, assim como borrowed words (7). O verbo para a operação é: em alemão, entleihen, "tomar emprestado", oposto a leihen, seu composto ausleihen, e leihen (8), "emprestar"; em inglês, to borrow, "tomar emprestado", oposto a to lend. O ato da "operação", Entlehnung, "empréstimo" em alemão, e borrowing ou loan, em inglês (9). No passado, o alemão foi a fonte, não só para o inglês, mas para a terminologia linguística românica, nesse caso, certamente por via francesa.

a - O francês, que, semelhante ao alemão e ao inglês, faz oposição entre emprunter, "tomar emprestado", e prêter, "emprestar", usa emprunter como o verbo e emprunt ao mesmo tempo como o designativo da operação e do seu resultado. Emprunter vem de in + pro + mutuare, através de uma forma intermediária impromutare, donde já nas Glosas de Reichnau, ad Psalm.36, 21: mutuare: imprütare (10). Como se viu do alemão, do inglês, e agora se vê do francês, o verbo e o deverbais próprios no caso têm de partir desse sentido "passivo" ou "recipiente", pois o empréstimo linguístico se encara sobretudo do ponto de vista do dialeto que o recebe.

b - E aqui vem o problema de línguas como o português, o espanhol e o italiano, que não herdaram impromutare. Que esse verbo e o seu deverbais fazem falta não se discute. O italiano usa " prendere in(ou a) préstito e préstito. O espanhol, inspirado no francês, emprunter, formou emprestar e, daí, empréstito; isso, parece, depois de usar prestar com o valor de "tomar prestado". tado" (11). Fora disso, o espanhol usa tomar prestado, e préstamo. A posição do português é em parte semelhante à do espanhol: usamos tomar emprestado ou de empréstimo, e empréstimo. Mas emprestar, no per

português popular regional, aqui em São Paulo e no interior, e também no Parañá, segundo Macedo Soares (12), se usa no sentido de "dar emprestado" e no de "tomar emprestado", com regências diferentes: em-prestar algo a alguém (1º sentido), e emprestar algo de alguém (2º sentido). Seria influência francesa ou uma decorrência natural do sentido duplo de empréstimo? Agora isso não nos interessa.

c - Mas interessaria muito uma solução leve para o caso, sobretudo para tradução de toda a família de termos novos ligados ao problema dos empréstimos lingüísticos, criada pelos lingüistas americanos, como adiante se verá. Acontece, porém, que o português, o espanhol e o italiano usam o empréstimo latino mutuar e mutuare, no sentido de "contrair empréstimo", e os derivados mutuante, "emprestador", e mutuatário ou mutuário, "que toma emprestado". Mutuante e mutuário poderão servir para traduzir os neologismos ingleses, model, "modelo", e donor, "doador", e assim aqui os empregarei.

d - Para atender à variedade muito numerosa dos empréstimos, os lingüistas americanos, como se pode ver em Bloomfield e Hockett (13), distinguem uma série grande de termos.

- 1) Loan-word, ou loanword - "Empréstimo léxico ou vocabular." É a simples importação léxica. Por exemplo:
aram. Šabb^otha' > gr. σάββατα

Depois, uma reinterpretação grega entendeu σάββατα como pl. neutro, donde o sing. σάββατον, por uma espécie de derivação regressiva.

Do gr. σάββατον /-α, por empréstimo simples, veio o lat. sabbatum/a. Mais tarde, sabbata, por reinterpretação, passou regionalmente, a ser a (art. fem.) sabbata.

- 2) Loan-shift - "Adaptação de empréstimo." É o que se pode chamar "adaptação semântica": tomam-se nos recursos vernáculos os ingredientes e forma-se um termo que corresponda ao "modelo":

gr. κυριακή ἡμέρα > lat. Dominica dies (14);
hebr. Šabb^ota > gr. > lat. septimana;
gr. ἡμέρα ἡλίου > dies Solis;
aram. Šabb^ota > gr. παρασκευή > praeparatio e cena pura (talvez).

- 3) Loan-translation - "Empréstimo por tradução". É uma variedade de loan-shift, termo de Hockett (15), ignorado por Bloomfield, que usa loan-translation também no sentido do precedente. É

o que nas línguas neolatinas se tem chamado decalque (port.), ou calco (it., esp. e port.), ou formação analógica. Exs:

alem. Lehnwort > ingl. loan-word,
lat. feria > turco pazar (günü),
turco pazar günü > hung. vasárnap.

- 4) Loan-blend - "Mistura do empréstimo", isto é loan word + loan shift, no mesmo tempo (16). Exs:

ʾēhad baššabbāth > μία σαββάτου > una sabbati
šeni baššabbāth > δευτέρα σαββάτου > secunda sabbati

- 5) Pronuntiation Borrowing. "Empréstimo fonético" ou "de pronúncia". Parece que há um caso curioso na "semana": é a pronúncia nasalada de σαββατα, como *ράμβατα, donde o lat. tardio *sambata, o alem. *Sambatis, de Samstag. Voltaremos a esse caso.

- 6) Grammatical Borrowing - "Empréstimo gramatical". Entende-se nos dois sentidos, o morfológico e o sintático.

a) Empréstimo morfológico deve ter sido provavelmente, ou, pelo menos, em parte, o desenvolvimento do fem. dominica na faixa oriental da România, exatamente a que teve contacto mais assíduo com o mundo helênico;

b) Empréstimo sintático deve ter sido a posposição de dies a *sambati, depois estendida às fórmulas planetárias no domínio frâncico, como ainda se discutirá, ordem já bem documentada no gótico, como já se viu. O empréstimo sintático é o que Bloomfield chama "syntactic habits" (17) e corresponde ao que Gilliéron-Roques denominaram "influence de tendances syntactiques nouvelles" (18).

a - Não sei se esses termos ou sua tradução rigorosa seriam necessários. Parece que os nossos velhos termos "empréstimo lingüístico" (para loanword), "empréstimo semântico" ou "adaptação semântica" (para loanshift) e "decalque" ou "formação analógica" (para loan-translation) resolvem bem os principais casos. Restariam as inovações internas, que são, na maioria dos casos, "empréstimos internos," correspondentes ao intimate borrowing, de Bloomfield (19), que se contrapõe ao dialect borrowing, "empréstimo dialetal", ou "interdialetal", e ao language borrowing, "empréstimo interlingüístico" de Hockett (20). A maioria dos empréstimos, no domínio da semana, são

interlingüísticos. Mas há também os dialetais. Em menor número são os internos, do domínio "individual" ou "idioletal", como gostam de dizer os lingüistas americanos (21), estes, sem dúvida, mais difíceis de ser detectados. Até aquilo que se chama "criação vernácula", e que parece opor-se aos empréstimos, é uma modalidade de empréstimo sob dois aspectos:

1º) porque é uma imitação de processos pré-existentes na língua; essa imitação é um "empréstimo" aos recursos fornecidos pelo sistema;

2º) sua divulgação se faz por empréstimos internos, ^osem que as criações da fala não caíam no plano da língua.

Dir-se-á que isso é verdade de qualquer fato da língua. É. Por isso mesmo, é verdade da semana também.

f - Não creio que essa discussão de terminologia seja ociosa.

Se até aqui se tem evitado o emprêgo de expressões técnicas, isso tem sido feito à custa de circunlóquios, que pesam demais e alongam a exposição. A discussão terminológica é meio perigosa. Depois da famosa observação de Ferdinand de Saussure, de que a relação entre o significante e o significado é um fato arbitrário, a precisão dos termos é, em última análise, ditada pela consagração do uso. Por isso uma nota como esta de Jespersen é estranha na pena dum lingüista de tal envergadura:

"I use the terms loan-words and borrowed words because they are convenient and firmly established, not because they are exact. There are two essential respects in which linguistic borrowing differs from the borrowing of, say, a knife or money: the lender does not deprive himself of the use of the word any more than if it had not been borrowed by the other party, and the borrower is under no obligation to return the word at any future time" (22).

Nem era preciso invocar Ferdinand de Saussure: nenhuma metáfora, nenhuma alegoria, nenhum símile, nenhuma comparação, transfere ou compara a totalidade de traços entre dois objetos. Raras vezes, até, é mais de um traço que impressiona.

g - Encorremos, porém, esta discussão terminológica. A semana é um empréstimo interlingüístico, e em várias línguas da Ásia e da Europa, nesta não-românicas e românicas, apresenta casos constantes de empréstimos dialetais (ou interdialietais) e todas as inovações internas, em várias línguas ou dialetos que não foram

dos dois tipos anteriores, generalizaram-se por empréstimos internos, pessoais, a princípio. Na semana românica o único caso de empréstimo vocabular puro é o sabbatum, ou seus continuadores, e esse veio por uma espécie de "reação em cadeia": do aramaico ao grego, do grego ao latim, do latim eclesiástico ao popular e só aí é que ele passou por herança, e não mais por empréstimo, às linguas e dialetos românicos. Mas da região heleno-românica dos Bálcãs ele se irradiou para o mundo eslavo em duas formas, a comum e a nasalada, superpondo-se esta última, nalgumas regiões da România, à primeira forma que a procedera. É o empréstimo que mais se generalizou. Os demais nomes ou resultam de adaptações semânticas ou de formações analógicas (decalques) ou de criações vernáculos latinas ou dialetais ou locais.

3 - Tudo isso começou dentro dum domínio lingüístico: o semítico — hebraico, depois aramaico para a semana judeo-cristã, aramaico, talvez, apenas como substrato mental, para a semana planetária. O grego foi o transmissor das duas para o Ocidente, quase na mesma época, mas em dois meios culturais diversos. O latim, depois, apanhou a ambas em ambientes diferentes, e só mais tarde as reuniu, confundindo os dois meios. Segundo o Evangelho de São João, a inscrição da cruz foi lavrada em três línguas:

καὶ τὴν γεγραμμένην
ἑβραϊστὶ, ῥωμαϊστὶ,
ἔλληνιστὶ (João, 19, 20)

Et erat scriptum
hebraice, grace et
latine (Vulgata):

Assim é a lição dos melhores manuscritos gregos: primeiro o hebraico, isto é, o aramaico, depois o latim, depois o grego. A Vulgata põe o grego antes do latim: não segue a melhor lição, mas fixa a sucessão cronológica dos contactos e da transmissão de influências: hebraico-aramaico, grego, latim.

a - Quando tentamos seguir a documentação que traz a evolução das formas que vieram a constituir, depois de tantas vicissitudes, os nomes dos dias não só na semana românica mas na que ficou só no domínio semita, na que ficou no domínio helênico, na que passou ao domínio balto-eslavo e magiar, na que se formou no domínio germânico e depois sofreu hibridação parcial, na que se passou ao domínio céltico, depois analisamos os resultados lingüísticos em cada um desses domínios, percebemos uma série de fatos de extremo interêssê.

1º) Se a documentação ostenta fórmulas que uma série de indícios apontam como as preferidas, outras, menos

cotadas, revelam que a estereotipação veio depois, visto que fórmulas antes estereotipadas não dariam margem a tantas discordâncias ou variantes estilísticas.

2º) Muitas dessas fórmulas são bastante claras e longas, antes descrições que denominações de dias. Por isso mesmo, são vivas e maleáveis até hoje, mas definem os dias apenas: ~~jama~~ se estereotiparão.

3º) Não somente as variantes estilísticas, mas também certas liberdades, como a intercalação dos elementos ergo, autem, igitur, e outros, entre dies e o adjetivo, apôsto ou genitivo, mostram que a estereotipação ainda não se tinha consumado.

4º) Nossa curiosa "reação em cadeia", as fórmulas que se sucedem, mesmo quando se assemelhem a empréstimos servis, mostram as reações individuais de cada língua:

- ou elas vêm de uma língua sem flexão casual, mas com algo semelhante, como o casus constructus hebraico, e a mutuária resolve o problema graças à declinação;
- ou vêm com determinante adverbial, e a mutuária encontra a solução, recorrendo ao adjunto adnominal;
- ou partem de língua possuidora de artigo (o aramaico), passam por uma intermediária que também o tem, mas usa-o de modo diverso (o grego), que as passa a outra (o latim), que elimina o artigo na adaptação, por não o possuir, e, quando as transmite por herança às línguas românicas, o faz em condições totalmente diversas;
- ou surge uma metáfora, como por ex., cor sabbati, depois reduzida a *cor, depois assimilada por empréstimo semântico, como as formas eslavas, e só um acaso - ou a Providência -, que conservou um texto como o citado de S. Jerônimo, abre o caminho para se provar que o empréstimo semântico vem atravessando séculos:

lēph (ou lēbhābh) > καρδία > cor > sreda;

- ou um dia assume importância, e isso atinge os nomes dos outros, que passam a ter designação relativa a ele, recebendo ele mesmo a designação da coisa que exprime a sua finalidade.

5º) Aí estão apenas alguns dos casos notados: tentei fazer um levantamento de todas as variantes estruturais, desde as do Gênesis na semana judeo-cristã, esgotando todo o quadro da semana judaica das outras variedades semíticas, das variedades europeias, inclusive da planetária, considerando estrutura nova

qualquer forma que se opusesse às outras por quaisquer fatos - presença ou ausência de artigo, de declinação, variante de ordem, imagens e metáforas, etc. -, e cheguei a várias dezenas de tipos. Aqui e agora não será possível enumerá-los. Mas eles mostram uma imensa riqueza de soluções.

6º) Alguns sistemas há, notáveis, como o da semana turca, em que os nomes dos sete dias apresentam quase igual número de procedências, chegando-se, apesar de tudo, a um conjunto bastante solidário.

7º) E, depois de todas as peripécias, um sistema como o francês, se não é tão homogêneo como o catalão, só por dimanche é quebrado na sua uniformidade, ficando até o samedi - segundo eu penso, tendo até começado por ele a inversão da ordem - dentro dum sistema homogêneo, perfeitamente irmanado com as expressões planetárias. Outro que rivaliza até com o catalão é o de posposição geral de -di na Itália. Tipo: lunedì, martedì, mercoledì, giovedì, venerdì, sabotodì, domenicadì, só realizado totalmente no SE da Sicília (23).

b - Se quisermos reexaminar, do ponto-de-vista geral das soluções lingüísticas, as grandes áreas da semana, após suas vicissitudes de constituição, até o séc.XV, teremos de escolher um dos quatro critérios básicos de partição:

1º.-O geográfico: áreas africana, asiática e européia, ou afro-asiática e européia, em que haveria, porém, interferências de ordem religiosa e lingüística;

2º.- O religioso: áreas islâmica, judaica e cristã, que equivaleriam a dois grupos: afro-asiática (islâmica, judaica, e cristã) e européia (cristã);

3º.- O da oposição judeo-cristã ~~X~~ astrológica, que, abusando um pouco do termo, chamarei "tipológico", o qual só serviria para a Europa e parte da Ásia e não combinaria bem com a partição lingüística;

4º.- O lingüístico- mundos semita e indo-europeu - que ainda não satisfaria completamente pelas interferências e porque há semanas lingüisticamente conflatae.

4 - Tentemos, apesar de tudo, uma classificação e distribuição por este último critério, levando em conta, quando possível e necessário, os fatores geográfico, religioso e "tipológico".

a - Mundo Semita - É o da semana dos povos árabes, essencialmente islâmica, o da semana judaica, e o da semana cristã etiópica, copta (câmitica) e siríaca.

1) A inovação fundamental na semana islâmica árabe são o nome da "sexta-feira" e o uso do cardinal nos outros dias, com exceção do "sábado".

2) A semana judaica é o sábado, e os demais, incluindo às vezes, até, a "sexta-feira" expressos pelo ordinal, hoje sem baššabbāth.

3) A semana cristã semita ou conserva a judaica rabínica (siríaca) ou inova apenas nos nomes do "sábado" e do "domingo" (etiópica).

É um quadro simples: do ponto-de-vista geográfico, é afro-asiática; do "tipológico", desconhece a planetária, do religioso é tridimensional.

b - Mundo Indo-Europeu - É a semana da Europa e, na Ásia, a dos armênios e a dos persas. Na Ásia Menor, a semana turca, formada ou reformada a prestações, no mais típico sincretismo. Na Europa há algumas ilhas não indo-européias: a finlandesa ao norte, a húngara ao centro e a basca ao ocidente, a primeira com alguma relação com a semana eslava, a segunda com relação mais profunda e a terceira isolada nos Pireneus. Como esse é o mundo mais complexo, com subpartições lingüísticas, com partição "tipológica" e com os problemas de hibridação, dedicar-lhe-oi alguns parágrafos especiais.

c - Façamos, inicialmente uma revisão das semanas armênia, persa, turca e basca:

- A armênia consta de um empréstimo vocabular grego (Guiria-gui), dois aramaicos (urpat e šapát or), e quatro decalques aramaicos (de "segunda" a "quinta-feira"). Nenhuma criação vernácula, salvo a posposição de or, "dia", a šapát: sapát or.

- A persa consta de um empréstimo vocabular aramaico (šambá), um árabe (adhīna) e cinco decalques aramaicos. Nenhuma criação vernácula, salvo a adaptação de adhīna, talvez.

- A turca parece constar de uma formação analógica da semana balcânica (pazar gūnd), um empréstimo vocabular siríaco (salī, creio eu), dois empréstimos persas, êles mesmos decalques do aramaico (çaršambá e persembó), um empréstimo vocabular árabe (cuma), um decalque eslavo (pazar ertesí) e uma criação vernácula que decalca essa fórmula (cuma ertesí).

- A húngara consta de um empréstimo vocabular semítico (szombat), três eslavos (szorda, czütörtök e pontak), um decalque eslavo, mas formado com um empréstimo persa por via turca (vasárnap), uma criação vernácula (hétfé) e um decalque eslavo (kedd);

- A finlandesa eu não tenho elementos para discuti-la: apenas posso dizer que keskiviikko é um decalque do germânico, do tipo Mitwoch, talvez por contactos com o ant.nórd. midvirkudagr(24).

- A basca, enigmática, parece independente na sua primeira metade, talvez com alguma influência vulgar cristã; na segunda, parece adaptação semântica da planetária; há no dialeto biscaíno dois empréstimos, um latino (domeka), e outro aramaico, por via latina (zapatu); há algumas criações vernáculas para nomes variantes regionais do "sábado". É este, desta vez, o nosso primeiro encontro com a semana planetária;

d - O mundo indo-europeu - o restante, que é o europeu - consta do grupo helênico, do balto-eslavo, do albanês, do grupo germânico, do céltico e do românico. Desprezarei pormenores, para dar uma visão globada e insistir nos fatos românicos. Antes de entrar na análise de cada grupo, devo observar que a ordem da enumeração acima começa pela semana eclesiástica pura, ou pelo menos sem traços da planetária (grupos helênico e balto-eslavo), segue pela híbrida com o albanês, atinge o ápogeu da planetária com os grupos germânico e céltico; e conclui com a semana românica, quase toda ela híbrida, mas no seu extremo ocidente exclusivamente eclesiástica. Foi esse o critério de enumeração; mas vê-se que ^{Entretanto,} ele coincide com a enumeração geográfica do Oriente para o Ocidente. ~~Mas~~ a semana européia merece parágrafo especial.

5 - A semana helênica consta de um empréstimo aramaico, reelaborado, o σάββατον, de duas adaptações semânticas, κυριακή e παρασκευή, cinco desenvolvimentos vernáculos (25).

a - A eslava consta dum empréstimo semítico em duas vias fonéticas - sobota e subota, de sabbata e *sambata-, duma adaptação semântica, talvez decalque, srôda, dum decalque do grego ou do lat. foria, nodělja, de quatro criações vernáculas, uma delas por uma expressão relativa, ponedelja, que explica a contagem que põe a "quarta-feira" no "coração da semana"; as outras, em aparente contradição com essa contagem, partem duma semana iniciada pela "segunda-feira", concepção tardia e popular, mas não exclusiva do mundo eslavo (26).

b - As línguas bálticas - lituano, leto e prússio antigo - receberam influência lingüística da semana eslava. Não tenho elementos para o leto antigo. Tanto o leto como o lituano modernos apresentam sistemas muito simples de apenas criações vernáculas:

- lituano: ordinal, em geral, dissilábico, com acento na última, aglutinado a dienis, "dia"; semana terminada no "domingo", como na eslava;
- leto: ordinal, em geral, monossilábico, aglutinado a dēna, "dia"; semana terminada no "domingo":

	Lituano	Leto
Segunda	<u>pirmádienis</u>	<u>pirmdēna</u>
Terça	<u>antrádienis</u>	<u>ōtrdēna</u>
Quarta	<u>trečiádienis</u>	<u>trešdēna</u>
Quinta	<u>ketvirtádienis</u>	<u>cetordēna</u>
Sexta	<u>penktádienis</u>	<u>pēktēna</u>
Sábado	<u>šeštádienis</u>	<u>sestēna</u>
Domingo	<u>sekmádienis</u>	<u>svetdēna</u>

Mas o lituano antigo, até a primeira década deste século, tinha uma semana inteiramente eslava, ainda conhecida das mais velhas:

Segunda	<u>Pánedēlis</u> , * <u>panedēle</u> , <u>uznedēle</u> , <u>páldenikas</u>
Terça	<u>ultarnikas</u>
Quarta	<u>sérreda</u> , <u>sérrada</u> , <u>pus-savaite</u> (27)
Quinta	<u>četvergas</u> , <u>ketvergas</u>
Sexta	<u>pótničia</u>
Sábado	<u>sobota</u> , <u>subata</u>
Domingo	<u>nedēl-dēne</u> , <u>nedēl-dēna</u> , * <u>nedēle</u> (28)

Semelhante ao lituano antigo é o velho prússio (28)

Segunda	<u>ponadele</u>
Terça	<u>wissa-seydis</u>
Quarta	<u>possi-sawaite</u>
Quinta	<u>ketwirtice</u>
Sexta	<u>pentinx</u>
Sábado	<u>Sabatico</u>
Domingo	<u>nade'le</u>

Observe-se:

- 1) a variedade de nomes para a "segunda-feira" no lituano antigo, todas expressões relativas;
- 2) a dupla forma para a "quarta-feira"; sérreda/sérrada, empréstimo eslavo; pus-savaite (arc.), decalque do germânico, talvez do mód.b.alom. middeweke (29): influência russa de um lado, e germânica do outro.

3) A dupla forma sobota/subota explica-se pela influência russa ao oriente (< sambata) e polonesa ao ocidente (< sabbata).

4) A semana do velho prússio coincide com a lituana arcaica em todos os dias (naturalmente com variantes próprias), com exceção da "têrça" e do "sábado", este de uma forma adj. em -icus.

c - O albanês, confinando com a România e o mundo helênico, dá os confins orientais da semana híbrida:

- Decalque da semana planetária para o "domingo" e a "segunda-feira";
- decalque da semana planetária com empréstimo léxico dos nomes de Marte e Mercúrio para a "têrça" e a "quarta-feira";
- talvez decalque do dies Iovis para a " quinta-feira";
- talvez adaptação semântica para a "sexta-feira";
- talvez empréstimo oriental, por via popular grega, de *sambata (30).

d - As línguas germânicas, em geral, apresentam:

- Decalque dos nomes planetários latinos para os dias de dies Solis a dies Veneris, mas com ordem germânica, já atestada no gótico;
- Para o dies Saturni, três soluções diversas:
 - 1) Empréstimo de Saturni e decalque da fórmula dies Saturni, mas com ordem germânica (med.b.alem., frisão ant., anglo saxão; mod.ingl.e hol.);
 - 2) Criação vernácula, aplanetária, mas também acristã, nas línguas nórdicas (sueco, nor. e din.), uma expressão equivalente a "dia do encerramento", ou " último dia" (31);
 - 3) Empréstimo de *sambatīs, por via gótica, aos Bálcãs e formação de Samstag dentro do sistema (Alemanha ocidental) (32);
 - 4) Criação vernácula, mas com base na expressão aram. para "sexta-feira"; espécie de decalque com transposição: Sonn(tag) + abend (med.alem.e baixo alem.);
- Para " quarta-feira", decalque duma fórmula balcânica grega ou latina *μέση ἑβδομάς / media hebdomas (33);
- para " têrça-feira", restos desfigurados de empréstimo helênico Ἀρεως, e decalque das fórmulas básicas: Ἀρεως + daga, reinterpretados pelos arianos;
- no ant.báv. decalque do got. paraskāiwē daga, para "sexta-feira".

e - Os dias célticos dividem-se em dois grupos:

- o grupo cimbérico simplesmente tomou de empréstimo toda a semana planetária latina; depois, perdida a noção de

genitivo, o nome planetário:

- 1) aglutinou-se a die;
- 2) absorveu die: ficou apenas o determinante.
Essas duas soluções são vernáculas.

- O grupo goidélico encontra soluções mais complicadas:

- 1) para "segunda", "terça" e "sábado" consagra as do grupo britânico (empréstimo planetário);
- 2) para "domingo", toma o empréstimo latino cristão dies dominicus;
- 3) para "quarta" e "sexta-feira", toma o empréstimo lat. cristão, mas qualifica o adj. adv. com elementos vernáculos com valor de "primeiro" e "último";
dia + [= primeiro] + ieiunii;
dia + [= último] + ieiunii;
- 4) para "quinta-feira", toma dia, mas determina-o por um adj. adv. [= entre ambos os] + ieiunia: = "dia entre ambos os jejuns" (34).

6 - Agora, enfim, a semana românica. Como vimos, esta resulta da competição de duas variedades: a astrológica e a judeo-cristã.

a - A astrológica, formada com elementos latinos, decalca normalmente a grega, como esta já teria decalcado a que estaria na mente dos semitas que a conceberam. No original semita hipotético seria yôm (casus constructus) + nome planetário. Portanto, a ordem grega e latina, a menos que houvesse absoluta imposição da índole dessas duas línguas (35), só poderia ser, na fala popular, determinado (= ῥῆμα, dies) + determinante. E tudo mostra que assim foi. Bem cedo, surgiu, regionalmente, Iovia, por "dies Iovis".

Não se tem mais que uma atestação latina de Iovia. Mas essa é dos sécs. V-VI, do Oribásio latino, versão que foi feita na Alta Itália, o que mostra que a forma ali é "autóctone". Já dei esse texto na INTROD. (pp. 100-101), mas, como ele é único, creio que devo reproduzi-lo aqui de novo. Parece de magia simpática, pelo que não sei se o entendi bem. Por isso, ponho-o sem tradução e arrisco-me apenas a interpretá-lo em nota:

Ad sciaticos potio. Eboli radices antequam se sullebit colligis, cum palo roborco tundis in pila ligna... et das in solio ipso die stantem in ipso pede et sanum sursum suspensum habentem. Et cum exierit de solio foris, in sabana coperis eum et iaceat in ipsa quam patitur parte ora media; hoc enim facis per tres Iovias, e cum Dei adiutorio liberalibitur ab ipsa

passione (36).

b - A semana judeo-cristã, como vimos, decalcou, no início (até os sécs. IV-V), a grega, que decalca a rabínica, com as seguintes inovações:

1) para o "domingo", depois da concorrência de várias fórmulas, ficaram vitoriosas as adaptações semânticas:

- dominicus e dominica;
- dies dominicus e dies dominica;

2) para o "sábado", entraram em concorrência:

- o empréstimo aramaico reinterpretado, sabbatum, tomado ao grego;
- o decalque dies sabbati;
- o decalque dies sabbatum (ou dies sabbata), dies + apôsto, cuja base seria Dies Dominicus, Dies Dominica (37).

Este último é bem frequente. E, já que mencionei a expressão, não posso furtar-me à transcrição, aqui, num parêntese — é mais um episódio do "romance da semana" —, do decreto que criou a "semana inglesa", que é, vê-se bem, uma conquista judaica:

IMPP. HONORIVS ET THEODOSIVS AA.
IOANNI P(RAE)FECTO P(RAE)TORIO.
POST ALIA: Die sabbata ac reliquis
sub tempore, quo Iudaei cultus sui
reverentiam servant, nominem aut
facere aliquid aut ulla ex parte
conveniri debere praecipimus, cum
fiscalibus commodis et litigiis
privatorum constet reliquos dies
posse sufficere. ET CETERA. DAT.
VII KAL. AVG. RAV(ENNA) HONORIO VIII
et THEODOSIO III AA. CONSS.

(Cod. Theod., VIII, 8, 8).

Os imperadores Honório e Teodósio Augustos a João, Prefeito do Pretório. (Após outras coisas): No dia de sábado, nos demais, em tempo em que os judeus observam o respeito do seu culto mandamos que ninguém fique obrigado a fazer alguma coisa ou a comparecer em juízo, visto que se sabe que os demais dias podem ser suficientes para os interesses fiscais e para os litígios de particulares. Et cetera. Dado a 26/7/409 (ou 412) em Ravena.

3) Para os demais dias, de "segunda" a "sexta-feira", abandonado o decalque ao grego, que já o era também ao aramaico, desenvolveu-se uma criação latina, inspirada na anterior, porém de cunho mais vernáculo: ordinal + feria, em que feria significa "dia-da-semana".

Ocorre ocasionalmente septima feria para "sábado", e, mais frequentemente, prima feria para "domingo".

4) No norte da África uma expressão usada pelos judeus para designar a "sexta-feira", muito conhecida e citada pelos autores cristãos: cena pura;

5) Dos Bálcãs veio para o centro da România, pelo curso do Danúbio:

- a fórmula media hebdomas, para "quarta-feira";
- a variante *sambata, para "sábado";
- a fórmula com dies posposto, sobretudo a expressão sambati dies, que deve ter sido passada depois pelo frâncico germânico ao frâncico românico.

• - Ficaram assim constituídas as duas semanas rivais:

Semana Planetária:	Semana Eclesiástica:
<u>Dies Solis</u>	{ <u>Dies Dominicus</u> <u>Dominicus</u> <u>Dies Dominica</u> <u>Dominica</u>
<u>Dies Lunis (Lunae)</u>	<u>Secunda feria</u>
<u>Dies Martis</u>	<u>Tertia feria</u>
<u>Dies Mércuris (Mércuri)</u>	{ <u>Quarta feria</u> <u>Media hebdomas</u>
{ <u>Dies Iovis</u> <u>Iovia</u>	<u>Quinta feria</u>
<u>Dies Veneris</u>	{ <u>Sexta feria</u> <u>Cena pura</u>
<u>Dies Saturnis (Saturni)</u>	{ <u>Dies Sabbati</u> <u>Sabbatum</u> <u>Sabbata</u> <u>Sambata</u>

Da competição das duas resultou a hibridação, mas as variantes cristãs não se distribuem uniformemente na România.

d - De um modo geral, se pode afirmar que a semana híbrida mais geral na România se apresenta inicialmente em duas linhas fundamentais:

I - Ocidental	II - Oriental
{ <u>Dies Dominicus</u> <u>Dominicus</u>	{ <u>Dies Dominica</u> <u>Dominica</u>
<u>Dies Lunis</u>	<u>Dies Lunis</u>
<u>Dies Martis</u>	<u>Dies Martis</u>
<u>Dies Mércuris</u>	{ <u>Dies Mércuris</u> <u>Media hebdomas</u>
<u>Dies Iovis</u>	{ <u>Dies Iovis</u> <u>Iovia</u>
<u>Dies Veneris</u>	{ <u>Dies Veneris</u> <u>Cena pura</u>

{ <u>Dies Sabbati</u> <u>Sabbatum</u>	{ <u>Sabbatum</u> <u>Sabbata</u> <u>Sambata</u>
--	---

1º) O primeiro tipo é o que se estendeu pela Gália meridional e pela Ibéria. Infelizmente, não nos restaram elementos para sabermos qual teria sido o uso cristão do norte da África. Como, porém, Dominicus masculino é a forma dos escritores africanos, é de se imaginar que teria sido esse o tipo a vingar ali, se não é que a cristã ali conseguisse, até, vitória completa, como em Portugal, porque é lá que mais cedo e mais abundantemente se documenta feria também.

2º) O segundo tipo é o que se expandiu pelas ilhas do Mediterrâneo, pela Itália, pelo norte da Gália, pela Récia, pela Dalmácia e pela Dácia. Pode-se ver que as formas hesitantes são as de "quarta" a "sábado". São cinco dias femininos: Dominica, media hebdomas, jovia, cena pura e sabata/sambata. Mas a distribuição não é uniforme, como se vê do quadro abaixo, que inclui todas as línguas e os dialetos principais que atestam formas delas evoluídas (38).

	<u>Dominica</u>	<u>sabbata</u> <u>sambata</u>	<u>media</u> <u>hebdomas</u>	<u>jovia</u>	<u>cena pura</u>	nº de formas
Rom.	-	-	x	x	x	2
Dalm.(velh.)	-	-	-	-	x	4
Friul.	-	-	x	-	x	3
Ven.	-	x	x	-	x	2
Emil.	-	x	x	-	x	2
Ret.(eng.)	-	-	- (*)	-	x	4
piem.	-	x	x	-	x	2
lig.	-	x	x	-	x	2
tosc.	-	x	-(arc.)	x	x	2
corso	-	x	-(reg.)	x	x	2
Sardo(log)	-	x	x	-	-	3
Sardo(camp.)	x	x	x	-	-	2
Sic.	-	x	x	x	x	1
It.	-	x	x	x	x	1
Fr.	-	-	x	x	x	1
Nº de dial. 15	14	5	4	9	2	
(*) Também no sobresselvano.						

3º) Tenho a impressão de que esse quadro nos fornece alguns elementos para esclarecer os problemas fundamentais dessa área. Cena pura é forma antiga, judaica ou judeo-cristã, muito atestada em escritores eclesiásticos africanos antigos (39), que sobreviveu

"ilhada" numa ilha. Iovia é forma planetária, a segunda classificação na expansão:

e - Media hebdomas e sambata vieram juntos dos Bálcãs. Sabbata, parece que já entendido como singular, aparece no decreto da "semana inglesa" atrás transcrito:

Parece, afinal, que o que caracteriza essa região é Dominica feminino. A única exceção de dominicus, camp.dominigu, pode explicar-se por influência espanhola (40). Dêsse modo, a primeira grande oposição na semana híbrida românica é determinada sobretudo pelo gênero de Dominicus, que devemos aqui discutir. Novos fatos, posteriores, determinaram outras oposições na zona da semana híbrida. É o caso da presença ou ausência de dies antes dos nomes extremos - o Dominicus e o sabbatum - assim como o da sua omissão nas fórmulas planetárias, ou a sua posposição nestas e nas fórmulas cristãs. Esses subdividiram as duas áreas. Para não alongar este capítulo, examinarei a questão do gênero de Dominicus ^{duxuri} ~~era~~ da posição ou omissão de dies para o próximo capítulo e, conseqüentemente ^{rente} o exame da nova partição.

f - Além da semana híbrida, que ocupa a maior área, resta uma pequena faixa na Europa ocidental, onde a semana eclesiástica conseguiu vencer em toda a linha. É Portugal, cuja semana continua a eclesiástica, mas sem as hesitações regionais, mais populares, atrás indicadas:

Latim	Português
<u>Dominicus</u>	Domingo
<u>Secunda feria</u>	<u>Segunda-feira</u> (às vezes <u>segunda</u>)
<u>Tertia feria</u>	<u>Têrça-feira</u> (" " <u>têrça</u>)
<u>Quarta feria</u>	<u>Quarta-feira</u> (" " <u>quarta</u>)
<u>Quinta feria</u>	<u>Quinta-feira</u> (" " <u>quinta</u>)
<u>Sexta feria</u>	<u>Sexta-feira</u> (" " <u>sexta</u>)
<u>Sabbatum</u>	<u>Sábado</u> (41)

Além do português, outro dialeto, o galego, apresenta, sobretudo na época arcaica, uma semana que constituía uma espécie de meio termo entre a semana eclesiástica pura e a semana híbrida, uma semana "semi-híbrida"

Domingo			
<u>lûes</u> , <u>luns</u> <u>lues</u> , <u>lus</u> , de preferência a <u>segunda feira</u>			
<u>martes</u>	,	"	" <u>tercia feira</u>
<u>carta feira</u>	,	"	" <u>mércoles</u> , <u>mércores</u>
<u>corta</u>			
<u>quinta feira</u>		"	" <u>xoves</u>

sesta-feira	de preferência a <u>vernes</u>
sesta	
sábado (42).	

O problema da fórmula com feria, de sua documentação latina, da semântica de feria e da sua implantação em Portugal, será estudado em capítulo especial.

7 - Apenas juntarei aqui algumas observações mais sobre a oposição sabbatum, sabbata e *sambatum, do domínio oriental, porque não terei ocasião de voltar ao assunto. Como já se viu, a ordem dessas formas deveria ser sabbata, sabbatum, *sambatum: o primeiro é empréstimo ao grego, que, por sua vez, o tomou do aram. šabb^othā.

A própria quantidade da penúltima, que explica a pronúncia proparoxítona no latim, está a denunciar o šewa aramaico. A transliteração grega σαββατα deu um falso plural, do qual, por uma espécie de derivação regressiva, se voltou ao sing. σαββατον: o latim tomou-o simplesmente ao grego, por empréstimo de segunda-mão.

a - Tratei já da frequência da ocorrência de σαββατα por oposição a σαββατον na LXX, no Nôvo Testamento, nos escritores da Diáspora e nos escritores gregos cristãos (43). Comparei os resultados com os latinos, na Vulgata (V.T. e N.T.), assim como nos escritores eclesiásticos, nestes com base apenas em observação empírica e assistemática. Creio, porém, conveniente voltar à questão, porque tenho dados mais precisos. Na LXX σαββατα é mais freqüente, mesmo nos casos indiscutíveis (e são a quase totalidade) em que o valor de singular é evidente. A relação, mais ou menos precisa, das ocorrências é a seguinte:

1) no Pentateuco (Ex., Lev., Num. e Deut.), em 39 ocorrências, há 38 de σαββατα, e a única exceção é discutível; dessas 39, ocorre 8 vezes a expressão ἡμέρα τῶν σαββάτων, 4 vezes τῇ ἡμέρᾳ τῇ ἐβδόμῃ, σαββατα, e 3 vezes σαββατα ἀνάπαυσις ἁγία, expressões típicas de singular, e, como estão, paradoxais; e só em 11 casos σαββατα traduz o pl.hebraico;

2) nos Profetas (Is., Jer., Ez., Os. e Amós), em 31 ocorrências, 28 são do plural, e nessas 28 ocorre 8 vezes ἡμέρα τῶν σαββάτων; e 12 vezes o original hebraico tem o plural;

3) já nos livros históricos (IV Reis, I e II Cron., I Esdr., Neem.), para 31 ocorrências, 23 são do sing. e 8 do plural e as 23 do singular incluem 5 vezes ἡμέρα τοῦ σαββάτου; das 8 do plural, 6 correspondem ao plural do original;

4) nos Salmos, para 6 ocorrências - precisamente as célebres dos títulos (44), as únicas em todo o livro - há 5 do singular e 1 do plural; entre as 5 do singular está 1 vez ἡμέρα τοῦ σαββάτου ;

5) nos Apócrifos (Judith e I e II Mac.), em 15 ocorrências, há 7 do singular e 9 do plural, entre essas 9, estão 5, todas de I e II Mac., ἡμέρα τοῦ σαββάτου ;

6) o total desse levantamento é: 123 ocorrências, 84 do plural, e destas 29 apenas correspondem ao plural original (55 são de falso plural):

b - Devem ter-me escapado meia dúzia de ocorrências na contagem (45), mas creio que esse erro não altera o resultado do levantamento, que fiz, comparandô-o com a Vulgata, mas sem preocupação da acurácia absoluta nesse ponto. A Vulgata raramente usa o plural, a não ser onde o texto hebraico o traz. O ideal, porém, seria fazer a comparação na Vetus Latina; mas do Velho Testamento da Vetus só tenho o Gênesis, que não tem sabbatum!

Cabe ainda observar que o Pentateuco deve ter sido traduzido no séc.III A.C.; depois foram traduzidos os Profetas, depois os livros históricos; em 132 A.C. o neto de Jesus ben Sirach viu em grego no Egito "a Lei, os Profetas e os outros escritos" (cf. Ecclus., prólogo) (46). Os livros que usam o singular são de tradução mais recente:

c - No Nôvo Testamento, para 20 ocorrências do plural, 10 ou 12 têm valor de singular, e as demais são indecisas: podem valer ~~singular~~ ou singular ou plural, indiferentemente, não se incluindo os passos em que o termo vale "semana" .

d - Para os escritores judeus, percorri várias obras de Filão, mas não pude ainda fazer um levantamento homogêneo. Fiz o levantamento de Josefo, cujo resultado é o seguinte:

σάββατα - 21 ocorrências	σάββατον - 11 ocorrências
a) Com valor de sing. 6 (todas das AJ)	2 nas AJ
b) Com valor incerto ou de plural	4 no BJ
13 nas AJ	4 no CA
1 no BJ	1 na VJ
1 na VJ	

e - Dos escritores gregos do séc.II - os Padres Apostólicos e os Padres Apologistas - eis como a hesitação se manifesta:

1) Nos Padres Apologistas, só São Justino apresenta 26 ocorrências, 25 no Diálogo com Trifón e 1 na I Apologia.

- Diálogo com Trifon (caps.10, 12, 18, 21, 23, 27, 29 e 41)⁹²
21 ocorrências- plural;
- Diálogo com Trifon (caps.8,21,27,43,e 92)
5 ocorrências- *singular*;
- Apologia - (37,5) - 1 ocorrência-plural.

2) Nos Padres Apostólicos há 10 ocorrências:

- a) na Epístola a Diogneto (4,1 e 3): plural;
- b) 6 na Epístola de Barnabé (15, 1 , 2, 3, 8):
- 4 no singular
- 2 no plural
- c) 2 no Martírio de Policarpo (8,1 e 21, 1): singular.

f) - Não tenho dados sistemáticos dos dos sécs.III-IV. Mas nas Homílias sobre São Mateus, de São João Crisóstomo, segunda metade do séc.IV, observa-se o seguinte:

Hom.39: $\tau\acute{\alpha}\beta\beta\alpha\tau\omicron\nu$ (sing) ocorre 15 vezes, inclusive em citações, contra uma só do plural, mas essa de citação;

Hom.40: em 8 ocorrências, 5 são de $\tau\acute{\alpha}\beta\beta\alpha\tau\alpha$ (tôdas de citação) e 3 do singular, uma de uso pessoal e duas de citação.

Parece que a tendência é generalizar-se o singular, mas o plural não morre de todo. No sentido de "semana", enquanto se usou o decalque em grego, foi o plural que teve maior uso. A forma sobrevivente no grego moderno foi $\tau\acute{\alpha}\beta\beta\alpha\tau\omicron$ (e $\tau\acute{\alpha}\beta\beta\alpha\tau\omicron\nu$):

g - No levantamento que fiz da presença pré-cristã do sabbatum no mundo latino - do " sabbata profano", como o chama Walther von Wartburg -, não há uma só ocorrência do singular. A constatação de fatos como êsses levou êsse ilustre romanista a concluir que o sabbata da România Balcânica, do Friul e da Récia (47), assim como o eslavo, é continuação do profano.

h - Não creio que essa conclusão se imponha. Dadas as afinidades já constatadas, entre fatos românicos, balcânicos e da Itália setentrional e Récia no que toca a Media hebdomas e srêda, concidentes agora com sabbata e sambata, e dado o fato de os Bálcãs serem o encontro do mundo grego e do romano, a hesitação grega no uso do plural pode ser responsabilizada pela sua introdução na România, mas ainda por via cristã, de sabbata e sambata.

i - Mas no caso de sambata, em que a forma nasalada em grego é hipotética, * $\tau\alpha\mu\beta\alpha\tau\alpha$ (48), é preciso notar que aí se trata de um fenômeno oriental, de que o grego teria sido veículo. Em nossa excursão com a semana, vimos no bissínio sambata, no persa

šambá, e no turco -šamba, em composição, čaršambá e peršembé, certamente empréstimos ao persa. Depois é que chegamos aos Balcãs: búlg. s^eбота, sérvio subota, croata subotu, húngaro szombat, russo subota, lit.arc. subata, eng. samda, sonda, alem. Samstag, valão sem-di e fr. samedi. É quase uma faixa contínua desde a Pérsia até a Gália. Só há uma solução de continuidade entre a Abissínia e a Pérsia. Mas, evidentemente, não foram os turcos que o trouxeram da Pérsia para os Balcãs. O que é provável é que, desde os tempos mais antigos da expansão do judaísmo ou do cristianismo, coexistissem, no Mediterrâneo oriental, as duas formas σαββατα / *σάμβατα, esta última, de cunho vulgar e apenas oral. É mais ou menos o caso de *daxare e laxare na România. No port., antes do séc. XIV, não se tem vestígio de deixar, mas a presença da forma no sic. dassari, no log. dassare, no it. do norte dassar, no prov. ocid. dexa, no cat. dexar e no esp. dejar, mostra que não é inovação portuguesa, mas herança latina vulgar (49). Mas ficou "subterrânea" por séculos.

j - A nasalação é freqüente antes de -b-: aparece em σαμβύκη, vindo do aram. sabb^ekhā (Dan., 3,5 et passim) (50), donde também o lat. sambaca; aparece na LXX no nome do Profeta Habacuc (hebr. H^abaquq) Ἀμβακούμ: Cf. ainda, fala de Pistóia ambáco (<abacus REW, 2); astur. amburar (<abburare, REW, 15); fala de Misox (Grisões) melana (<abellana, REW, 17; este talvez devido à analogia); veronês ambrógano e bresciano ambrón (<abrotonum, REW, 39); cat. amb (<arc. ab, cf. prov. ab, de apud); fr. dialetal bambouche (<babusch, REW, 858); it. stambecco, zambecco (>fr. zambuche) etc., (<ár. sabbak, REW, 7478a); sic. tsammara (<ár. sabbara, REW, 7478 b); gal. samborca (<ár. sabuga, REW, 7483). Veja-se ainda REW, 9586a, e it. Giàcomo (<Jacobu(m), <hebr. Ya^aqōb) (51).

Cumpra notar que a nasalação se dá:

- 1) mais freqüentemente no italo-romance;
- 2) em várias palavras de origem árabe e hebraica;
- 3) quando há internamente -b- ou -bb- precedido de a.

Se isso não basta, é, contudo, o que posso dizer sobre sabbata/sambata.

- 1) Segundo o ShOED, s.v. loan, a primeira atestação de loan-word (formado sob Lehwort) é de 1856. Mas os estudos sôbre o problema são do início do último quartel do séc.XIX.
- 2) Prinzipien, 6a. ed.(=5a.),1960, p.390,nota 1.
- 3) Le Origini, 1962, pp.285-292, especialmente p.285,(problemas gerais); Storia di Parole, Note al cap.I, § 1, pp.461-465.
- 4) Registro aqui, precedidos de asteriscos, como sugestão a mim mesmo de futura investigação, os trabalhos: *E.Windisch, "Zur Theorie der Mischsprachen und Lehnwörter, Ber.der Sächs.Gesellsch.der Wissen-sch., 1897, pp.101-126; *J.J.Salverda De Grave, "Quelques observations sur les mots d'emprunt", em Rom.Forsch., 1907 (XXIII), pp.145-153; *E.Haugen, "The Analysis of Linguistic Borrowing", in Language, XXVI, 1950, pp.210-231; id., The Norwegian Language in America, 1953; *Uriel Weinreich, Languages in Contact: Findings and Problems, 1953; *L.Deroy, L'emprunt linguistique, Paris, 1956, com "una bibliografia ricchissima, per quanto ben lontana dalla completezza" (Tagl., Storia, p.462).
- 5) Menciono apenas alguns daqueles a que tive acesso: H.Paul, Prinzipien, 1960 §§ 274-285; O Jespersen, Language, etc., 1921, pp.208-215; J. Vendryes, Le langage, 1921 pp.330-348. A Meillet, arts. publ. em Ling.hist.etc., I, esp.pp.82-88; L. Bloomfield, Language, 1933, pp.444-495; E.H. Sturtevant, An Intr.Ling.Science 1960, pp.143-153; C.F.Hockett, A Course in Modern Linguistics, 1958, pp.402-416, 417 e 424; Mario Pei, The Story of Language, 1952, pp.149-167; R.H.Robins, General Linguistics, an Intr.Survey, 1964, pp.312-315; W. Porzig, El Mundo Maravilloso del Lenguaje, 1964, pp.267-323; R. Hall, Introd.Linguistics, 1964, pp.320-322; J.Martoso Câmara, Princípios de Linguística Geral, 1964, pp.253-288 (ver af Bibl. como leituras subsidiárias, pp.268 e 288).
- 6) Em Ling.hist., etc, I, p.84.
- 7) Assim Jespersen, Language, etc. p.208,nota 1.
- 8) É o provérbio ent-, com idéia de procedência, que inverte os papéis e o sujeito: cf. port. paulista empréstado de, "tomar emprestado de", ao qual ainda voltarei.
- 9) Borrowing é o ato ou o processo; loan-words, loan-forms, loan-trans-lations, dominance-loans são os fatos concretos. Cf. Bloomfield, Language, caps.26, 27 e 28, título e texto.
- 10) Fl.^{1a}, apud Foerster-Koschwitz, Altfranzösisches Übungsbuch, 1932, p.18.
- 11) Não tenho à mão o Dicionário da Real Academia: guio-me pelo Peque-no Larousse Ilustrado, 1946-1947, e pelo Dic.Esp.-Port., de Idel Becker, que nesse ponto o segue: empréstado é dado como "antigo e provinciano", e prestar (= "tomar prestado"), como "barbarismo".
- 12) A.J.Macedo Soares, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, INL, 1954, vol.I, s.v.,p.173.
- 13) Cf.obras e páginas citadas na nota 5.
- 14) É provável que a tradução de κυριακή ημέρα de Apoc., 1, 10 tenha sido originariamente dies Dominicus (masc.): Cf. ob-servação a um dos textos do Ven.Beda no cap.precedente. Mas é também provável que um dos fatores, do desenvolvimento de Dominica (fem.) seja o fem. gr. κυριακή.
- 15) Hockett, Course, 1958, § 48,3, p.412; Cf.Bloomfield, Language, p.456.
- 16) Hockett, op.cit., §48.4, p.412-413. É, na verdade, outra variante de loan-translation. O que há é um decalque perfeito, decalque

com empréstimo léxico e adaptação semântica.

- 17) Language, p.468.
- 18) EGL, in RPh, XXII, 1908, p.277.
- 19) Op.cit. pp.467 e ss.
- 20) Hockett, Course, p.402
- 21) Idiolect, "idioleto", já foi aceito por lingüistas franceses e incorporado à nossa terminologia pelo uso de muitos e por Silvío Elia no dic Gram. da Livraria Globo, 1955, p.88. A conceituação do termo acha-se em Hockett, op.cit., pp.321 e ss.
- 22) Language, 1921, p.208, nota 1.
- 23) A tendência é mais generalizada do que isso. Cf. Bruppacher, DNWIR, 1948, pp.167 (nº 163, 171), 172, v184 (nº 212), e 189-190, e cartas 1,4,5,10-12.
- 24) Cf. Kluge-Mitzka, EWdSp, 17, s.v. Mittwoch.
- 25) Naturalmente aqui se fala da que ficou, no início os dias depois expressos por ordinais substantivados, eram decalque aramaico.
- 26) Para a semana balto-eslava baseio-me especialmente nos dados: de Miklosich, DchTslSp, in DAW, 1876, p.19-21, de P.Skok, RES1, v.1925, pp.14 e ss. e VIII, 1928, pp. 87-88; de Rohlf's, Les noms, etc., em Bol.Fil.X, 1949, p.93, n.10; e do Lyall's Guide, pp.142-143 (cf.(206-207)). Ao prezado colega, Prof. Boris Chneidermann, da Cadeira de Língua e Literatura Russa, agradeço a ajuda nas transcrições de alguns termos eslavos.
- 27) Hoje completamente arcaizado. Para o lituano, as informações da nota anterior acrescento as do Mons.Pijus Ragažinskas que agradeço cordialmente.
- 28) Língua morta: falou-se na Prússia oriental até o séc.XVII. Ver Meillet-Cohen, les langues du monde, 1958, p.64.
- 29) Cf. Kluge-Mitzka, EWdSp, 17, s.v. Mittwoch, e carta dos dialetos alemães neste trabalho. A Prússia oriental confina com a Lituânia.
- 30) Cf. Thumb, DNWA, in ZfdW, 1901, pp. 173-175.
- 31) Cf. Cap.I, p.18 e nota 73, p.41.
- 32) Essa solução merece ser ressaltada porque, a meu ver, é a forma que explica a revolução no sistema frâncico (românico).
- 33) Essa também é de grande consequência românica.
- 34) Não sou celtizante: resumo Thurneysen, DNWKP, in ZfdW, 1901, pp. 189-191 (o art.todo, pp.186-191). Se insisto na interpretação literal dos fatos lingüísticos, é porque vejo nos dados dos dialetos célticos um especial interesse para compreensão dos fatos românicos.
- 35) Tal não é o caso. O complemento restritivo antes do determinado não é a regra em latim: pelo contrário, até.
- 36) Oribasius Latinus, Synopsis IX, 6, Ed. de Molinier, Oeuvres d'Oribase por Bussemaker et Daremberg, tomes 5 e 6 (Paris, 1873 e 1876), apud G.Rohlf's, Sermo Vulgaris Latinus, 1951, p.37. Trad.: "Remédio para ciáticos. — Colhem-se raízes de engos antes que ele cresça, e esmigalham-se com um pau de carvalho num almofariz de madeira... e dá-se na cadeira (ou na bacia?) no mesmo dia, estando o doente de pé, sustentado pela perna doente e com a perna sã levantada. E quando ele sair da bacia (ou cadeira?), cobre-se com um pano e fique deitado meia hora sobre o lado doente; faz-se isto por três "quintas-feiras", e com-a ajuda de Deus o doente ficará sã".

- 37) O normal seria dies sabbati (raro: sabbatorum); Dies sabbatum pode bem ter-se desenvolvido de dies Dominicus.
- 38) O travessão (—) indica que a forma é continuadora da que encabeça a coluna; o. (x) indica que é outra a forma local. As informações com que se fez o quadro foram tomadas a várias fontes, mas especialmente a Bruppacher (texto e mapas do fim).
- 39) Cf. INTROD., pp. 79-80.
- 40) Cf. Bruppacher, DNWIR; p. 187 e M. L. Wagner, por êle citado na nota 2: "nel demanio ecclesiastico formicolano gli spagnolismi" (Arch. Stor. Sardo, 3, 389).
- 41) Quanto à omissão de feira em português, ver cap. I, pp. 29-30.
- 42) Para a semana galega, ver: Car. Mich., Das Liederbuch etc., in ZfrPh, 1895, XIX, p. 614 (texto e nota 1); Lúgris Freire, Gram., citada já na p. 31 e nota 116; Paiva Boléo, Os nomes, etc., pp. 24-25 (citado já na nota 115); F. L. Estrada, na recensão citada na mesma nota.
- 43) Cf. INTROD., pp. 71, 72 (quadros); 84 (notas 6, 7 e 8); 131-132.
- 44) Cf. INTROD., p. 72 (1º quadro).
- 45) Aí estão todos os livros da Bíblia (V.T.) que registram o "sábado". A contagem foi feita pela Concordance to the Septuagint de Hatch-Redpath, vol. II, pp. 1256-1257, pelo Concordantiarum Universae Scripturae Sacrae Thesaurus, dos Pes. Peultier, Etienne e Gantois, S. I. (pp. 988-989), pela Analytical Concordance to the Holy Bible, de Young, pp. 828-829, controlada pelos textos, da LXX e da Vulgata e pelo texto hebraico para verificação se este trazia sabbath (sing.) ou sabbethoth (pl.). O receio de discrepância baseia-se na divergência entre a contagem dagora e outra feita há algum tempo.
- 46) Cf. H. Wheeler Robinson, The Bible in its Ancient and English Versions, 1940, p. 44.
- 47) "In den rom. sprachen, diz êle, lebt sowohl das profane sabbata wie das chrstliche sabbatum" (REW, XI, Lief. 75, 1961, p. 3).
- 48) Cf. A Thumb, DNWG, in ZfdW, 1901, p. 166, n. 4.
- 49) Cf. REW, 4955; M. L. Wagner, ZfrPh, 62, pp. 70-80; S. S. Neto, Fontes do Latim Vulgar 3, 1956, pp. 165-170; J. P. Machado, DELP, p. 745.
- 50) Cf. Boisacq, DELG⁴, s. v.
- 51) Ver outras formas em que há nasalação em Bruppacher, DNWIR, p. 179, especialmente nota 1.

CAP. IV - A SEMANA HÍBRIDA: ESTRUTURA E EVOLUÇÃO.

1 - No capítulo precedente, vimos como, ali pelo séc. VI, a semana românica devia apresentar dois tipos: um tipo híbrido, que devia ocupar quase toda a România, e um tipo eclesiástico puro, *na* faixa ocidental da Ibéria. O primeiro tipo estaria, por sua vez, dividido em duas grandes áreas - a oriental e a ocidental - opostas sobretudo pelo gênero de Dominicus e por algumas oposições locais, no domínio itálico e balcânico. Detivemo-nos no exame dessas oposições locais:

- 1) um nome cristão para a "quarta-feira", circunscrito aos Grisões, a pontos dos Dolomíticos, da Toscana, da Ístria e à Ilha de Velha: media hebdomas;
- 2) um nome judeo-cristão ^{para} a "sexta-feira", circunscrito à maior parte da Sardenha: cena pura;
- 3) uma variante profana para a "quinta-feira", um pouco mais generalizada, mas, ainda assim, circunscrita à maior parte da Sardenha, à Liguria, à faixa oriental do Piemonte, aos Grisões e parte do Tirol, às Três Venéncias e à Ilha de Velha: iovia;
- 4) uma área, no domínio itálico, reduzida aos Grisões, ao Tirol, ao Friul e à Ilha de Velha, mas, fora do domínio itálico, ocupando toda a Dácia atual e todo o norte da Gália, com duas variantes para o "sábado": sabbata e sambata.

a - Convém não exagerar essas quatro oposições. A mais importante delas, como critério de partição lingüística, seria esta última, depois, naturalmente, do gênero de Dominicus: a oriental é a de Dominica e a ocidental a de Dominicus. Como o sabbatum é companheiro natural do Dominicus, é possível até que o sabbata/sambata feminino românico - apenas o românico, e não o balcânico em geral - tenha sido, ~~se~~ não originado, pelo menos estimulado pelo Dominica feminino. A aproximação me parece bem antiga, como se vê do tipo dies sabbatum, em vez de dies sabbati, a meu ver inspirado em dies Dominicus, assim como o dies Sabbata do decreto da "semana inglesa" (fim do séc. IV) se inspiraria em dies Dominica.

b - Acontece, porém, que o acôrdo Dominica//sabbata/sambata não se deu na parte meridional da semana híbrida oriental, donde ficar ^{por} isso a Itália e as Ilhas do Mediterrâneo em oposição à Gália setentrional, à Récia, às suas próprias orlas setentrionais, à Dalmácia e à Dácia (1). Entretanto nem mesmo essa oposição deve ser exagerada, pois separaria a Itália da Gália setentrional, que se ligariam mais tarde por inovação mais importante. Sabbata/sambata devem ter vindo com os góticos dos Bálcãs. Mas, depois, o impacto do

frâncico germânico, que já encontrou no frâncico românico dissade e diüssando (diüssandre), vindos de *dies sabbate, *dies sambate, abalou o sistema dêste nas suas duas pontas: Montag e Samstag atacam diluns e dissade/diüssando, oferecendo a fôrma para uma reorganização total do sistema, só deixando ileso diemande.

c - Isso deve têr-se dado nas épocas merovíngia (496-751) e carolíngia (751-987). Pela mesma época, durante a ocupação lombarda em tôda a Itália (568-776) ou sob o domínio carolíngio (776-843), deve têr-se operado, por influência lombarda ou franca, revolução semelhante no sistema italiano, mas aqui deixando "sábado" intacto, isto é, só de lunedì a venerdì. Essa revolução atingiu a Lombardia atual, a Toscana, a Romagna, a Úmbria, Marcas, o Lácio, os Abruzos, a Campânia, a ~~Apúlia~~, a parte meridional da Calábria (Reggio-Cittanova), apenas a parte oriental da Sicília (triângulos Catânia - Messina-Mistretta e Augusta-Gela-Capo Passero), e alguns pontos da Ístria.

d - A inovação franca—que deve ter-se dado antes da itálica, se não é que foi até intermediária para ela—iniciada na Ilha de França, atingiu, por sua vez, tôda a Gália Setentrional, inclusive a Walônia, esta já na época histórica, e alcançou também, talvez, a Récia (Grisões). A linha divisória entre a Gália Setentrional e a Meridional, ~~com~~ relação à posição de dies no sistema da semana, ali por 1897-1901 — dez anos antes de quando Gilliéron-Roques escreveram seu estudo,—era aproximadamente a seguinte: partia da foz do Garona, na altura de Bordéus, e atingia a Suíça romanda na altura de Monbéliard, perto de Neuchâtel, passando entre Périgueux e Nontron, por perto de Limoges e abaixo de Les Martres e de Mâcon (3). Acima dela, formas terminadas em -di; abaixo, formas iniciadas por di-. As cidades mencionadas pertencem à faixa limítrofe:

Ponto do ALF	Local	Pertence ao Norte por:
611	Norte de Périgueux	---- <u>mardi</u> , <u>mercredi</u> , <u>jeudi</u> , <u>vendredi</u> , <u>samedi</u>
612	Nontron	<u>lundi</u> , <u>mardi</u> , <u>mercredi</u> -----
605	Limoges	<u>lundi</u> -----
804	Les Martres	----- <u>mercredi</u> , <u>jeudi</u> , <u>vendredi</u> , <u>samedi</u>
917	Mâcon	<u>lundi</u> , <u>mardi</u> , <u>mercredi</u> , <u>jeudi</u> -----
63	pêrto do lago Dïesse	---- <u>mardi</u> , <u>mercredi</u> -----

Gilliéron-Roques mostram que êsses pontos indicam penetração do Norte (4). Mas nos Grisões deixou intactos gövgia(f), "quinta-feira", e sanda, sonda, "sábado". Esse fato parece revelar que o romanche foi influenciado posteriormente, e as formas mardi e venerdì apontam in-

fluência francesa, enquanto lundeschdi e marculdi, merculdi (e o b. eng. marcurdi) parecem denunciar influência italiana. Por outro lado a documentação de formas medievais diemaine, deluns, demars, demerkes, dioes e devenres, dissade (dissando, dissandre) (5), registradas por Godefroy em numerosas variantes ortográficas e fonéticas, e a exuberante exemplificação levantada por A. Henry para o francês arcaico, absolutamente coincidentes quanto à área, mostram que nos sécs. XIII e XIV, na área franco-belga (Amiens, Cambrai, Lille, Henin, Flines e Tournai), o tipo dies + gen.pl. resistia ainda.

e - O trabalho de Henry vai além. Seu levantamento reúne 38 exs. de deluns, 29 de demars, 23 de dem(i)erques, 42 de dioes e 56 de devenres (6). Depois, toma sistematicamente as atestações da Table chronologique des chartes et diplômes concernant l'histoire de la Belgique, publicada em 10 volumes por A. Wauters (de 1866 a 1904), e estabelece o seguinte quadro comparativo, que mostra como de 1227 a 1350 o tipo dimars foi totalmente superado pelo tipo mardi (7):

Datas dos docs.	<u>dies</u> + gen.pl. ocorrências	Gen.pl.+ <u>dies</u> ocorrências	Porc. de ocorr. do 1º sôbre o 2º
1227-1250	4	12	-
1251-1280	32	110	29%
1281-1300	50	401	12,5%
1301-1320	39	621	6%
1321-1339	4	234	1,7%
1340-1350	0	76	0%

Esse quadro demonstra que a inovação não pode ter-se consumado logo depois de estabelecido o domínio merovíngio. Cabe, porém, notar que o zero % na década 1340-1350 é verdade quanto aos documentos, mas não da inexistência de qualquer remanescente, pois no começo deste século os pesquisadores de Gilliéron, no ponto 194 do ALF (perto de Liège), ainda detectaram dimyek, mencionado no célebre estudo de Gilliéron-Roques (8). E foi uma sugestão de Paul Geyer, em apreciação a esse estudo - "Il resterait à étudier les mêmes types à l'aide des documents écrits, pour la période ancienne" - que inspirou a pesquisa de A. Henry (9).

f - Não consigo compreender por que é que Henry se restringiu às fórmulas planetárias, deixando de lado diemaine e dissade e respectivas variantes. Àquela altura, sécs. XIII-XIV, e até muito antes, já elas estariam integradas dentro do sistema, e só o "domingo", pela oposição formal culta e religiosa, poderia ficar, como ficou, ileso. Note-se que o célebre parêntese de Gregório de Tours, no episódio da libertação do sobrinho do bispo de Langres, opõe os

dois modos de dizer - o bárbaro, franco, e o românico. É o senhor franco que está falando e o parêntese é do bispo narrador:

"Ecce enim dies solis adest"
sic enim barbaries vocitare diem
dominecum consueta est:- "in hac
die vicini atque parentes mei in-
vitabuntur in domo mea: rogo ut
facias mihi prandium, quod admi-
rentur et dicant quia in domo
regis melius non aspeximus (10).

"Eis que vem chegando o dia do Sol" - é assim que o povo franco está acostumado a chamar o dies domi-
nicus - "e nesse dia serão convida-
 dos os meus vizinhos e parentes para
 almoçar comigo: quero que me façam
 um almoço que eles apreciem e digam:
 "Nem no palácio do rei vimos coisa
 melhor".

2 - Não é muito fácil saber-se qual era, exatamente, nessa época, a partição linguística da região da Europa que compreende, de um modo geral, a Itália, a França e a Alemanha atuais. Se atentarmos para a partição do Tratado de Verdun, no séc. IX (843 A.D.), encontramos três grandes blocos:

- 1) o Reino de Carlos o Calvo: França, do Ródano para o Ocidente até o Ebro ao Sul;
- 2) o Reino de Luís o Germânico: Alemanha desde o início da Península da Jutlândia, tendo o baixo Elba como limite oriental, e o médio Reno, e depois o Ródano, como limite ocidental, alargando-se para o Oriente até a Ístria e tendo por limite meridional os atuais limites setentrionais da Itália;
- 3) o Reino de Lotário: faixa intermediária, desde os Países Baixos, alargando-se na Itália setentrional e tendo por limite meridional uma linha que corte a Península na altura de Pescara e Frasinone.

2- Três blocos do ponto de vista político. Mas a parte setentrional do Reino de Lotário foi sempre objeto de disputa entre os do Ocidente e os do Oriente. A Lotharingia - "terra de Lotário" depois Lorraine, em português, Lorena - foi ponto de discórdia, do ponto de vista político, e faixa de encontro de duas línguas. Que línguas se falavam nesses três blocos? Há alguns documentos que não seria ocioso examinar, para têmos uma idéia. As línguas vivas e faladas pelo povo dividido em dois blocos eram a rustica Romana lingua e theodisca lingua, que começam a aparecer, primeiro por indícios, depois por menção direta, e finalmente pelos textos. Vejamos êsses indícios, menções e os primeiros textos.

1º) Os Glossários de Reichenau e Kassel, talvez do séc. VIII. Reichenau é uma ilha no Lago de Constança na Alamannia: ali há uma abadia célebre. Kassel (Castellum Morinorum) fica no mesmo meridiano, ao norte, da Austria - a Austria do séc. VIII, perto de

Göttingen. Os Glossários de Reichenau - são dois, um bíblico, outro alfabético - são latino-românicos, mas os termos românicos são latinizados pela desinência; o Glossário de Kassel é latino-teodisco. Aí estão três línguas: o latim medieval e eclesiástico, a rustica Romana lingua e a theodisca lingua (11).

2º) O II Concilium Turonense, reunido em 813, Tours - antiga Caesarodunum ou Turones - fica ao sul da Nêustria. O Canon XVII do II Concilium Turonense reza assim:

Visum est unanimitati nostrae ut quilibet episcopus habeat homilias continentes necessarias admonitiones, quibus subiecti erudiantur: id est de fide catholica, prout capere possint, de perpetua retributione bonorum, et aeterna damnatione malorum; de resurrectione quoque aperte transferre studeat in rusticam Romanam linguam, aut theotiscam, quo facilius cuncta possint intelligere quae dicuntur (12).

Pareceu bem a nós, por unanimidade, que cada bispo tenha suas homílias que contenham as admoestações necessárias à instrução dos seus diocesanos, acêrca da fé católica, segundo a sua capacidade de entendimento, acêrca da recompensa dos bons, da condenação eterna dos maus; bem como da ressurreição futura e do juízo final; e das obras pelas quais possam merecer a vida de bem-aventurança e daquelas pelas quais serão dela excluídos. E(pareceu-nos bem) que cada um procure traduzir essas homílias para a língua românica rústica, ou para a teodisca, para que todos possam mais facilmente entender o que se diz.

As atas redigidas em latim eclesiástico e também os sermões; as homílias pronunciadas numa das duas línguas vulgares.

- II Concilium Rhemense, reunido no mesmo ano de 813 em Reims - antiga Durocortorum Civitas Remorum - fica também na Nêustria, ao nordeste. O cânon XV do Concílio, mais conciso, ordena:

Vitae episcopi sermones et homilias sanctorum patrum, prout omnes intelligere possint, secundum proprietatem linguae praedicare studeant (13).

(Decide-se):

Que os bispos procurem pregar sermões e homílias (14) dos santos padres, de modo que todos possam entender, na língua própria.

Secundum proprietatem linguae pode entender-se "em língua acessível a todos", ou "na língua própria do povo", isto é, na românica rústica, na România, e na teodisca, na Germânia.

- I Concilium Moguntiacum, reunido em 847. Mogúncia, a Mainz dos franceses - antiga Moguntiacum - fica junto ao Reno na Austria - a

Áustria antiga. O cap.II dêsse Concílio recomenda, exatamente, nos mesmos termos, o que recomendou o de Tours: por isso dou só a sua introdução, que é o que difere:

Cum igitur omnia Concilia Canonum (sic) qui recipiuntur sint a sacerdotibus legenda et intelligenda, et per ea sit eis vivendum et praedicandum; necessarium duximus, ut ea quae ad fidem pertinent et ubi de extirpandis vitiis et plantandis virtutibus scribitur, hoc ab eis crebro legatur, et bene intelligatur, ut in populo praedicetur. Et quilibet episcopus... (o que se segue é exatamente o que traz o do III Turonense de 817, de quilibet a quae dicuntur) (15).

Portanto, como todos os cânones de Concílios que são recebidos devem ser lidos e entendidos pelos sacerdotes, que devem viver e pregar de acordo com tais decisões, julgamos necessário que aquilo que se refere à fé e onde se escreve sobre como arrancar (= combater) os vícios e plantar (= inculcar) as virtudes, eles leiam com frequência e entendam bem para pregar ao povo. E cada bispo....

3º - Juramentos de Estrasburgo, de 14/2/842.

Um ano antes do Tratado de Verdun, em Estrasburgo - antiga Argentoratum - se reúnem dois netos de Carlos Magno, filhos de Luís o Piedoso - Luís, o Germânico, e Carlos o Calvo e seus soldados. Fazem juramentos de fidelidade um ao outro e os soldados de cada um votam lealdade a cada chefe e repulsa a Lotário, na medida em que eles guardarem sua palavra. Aqui o aparato é maior: Luís fala aos seus soldados em língua teodisca, Carlos aos seus em língua romana rústica; depois Luís jura fidelidade a Carlos em língua romana rústica e Carlos a Luís em língua teodisca; depois, de uma vez, os soldados de Luís, em língua teodisca e os de Carlos, em língua romana rústica, fazem seus juramentos. E a terceira língua? É a do cronista, Nitardo, primo dos dois. Esses são o texto românico e o germânico mais antigos, não se falando no gótico (16).

b - Quais os limites desses três domínios linguísticos? A

Renascença Carolíngia e o recurso humano com que ela contou, e a documentação patrística e eclesiástica, nos apresentam o latim como a língua, se não literária, pelo menos documentária, dos dois mundos irmanados: o Império de Carlos Magno é o "Santo Império Romano". Era ele - o latim -, a língua dos textos escritos e a base da escrita dos dois domínios dialetais que iriam emergir em línguas: era a língua na qual se discutia nos Concílios, na qual se redigiam as atas, os cânones e as crônicas e da qual os bispos deviam tradu-

zir para a língua acessível aos seus diocesanos os seus sermões e os dos Santos Padres, transformando-os em "homílias". Ao lado d'êles, havia:

1) a língua romana rústica, sobrevivente ao sul do Danúbio (no Oriente, talvez com ilhas ao norte) e ao ocidente do Reno, e, naturalmente, ao sul dos Pireneus, diferenciada; na região alcançada pelo Tratado de Verdun, ela dominava o Império de Carlos e a orla ocidental do de Lotário ao norte e todo êle ao sul;

2) a língua teodisca que dominava todo o Império de Luís, cognominado o Germânico; e a orla oriental do de Lotário.

c - Até que ponto sobreviveria o germânico na Itália, na Récia e na Gália nessa época, meados do séc.IX? Eis o que pensa Ferdinand Lot, não apenas historiador, mas autor dum estudo muito interessante do ponto de vista lingüístico - "A quelle époque a-t-on cessé de parler latin? - e especialista no problema dos limites entre o mundo antigo e o início da Idade Média:

"Dès la fin de la période mérovingienne, pour le moins, les Francs de Neustrie parlaient certainement le latin vulgaire, la lingua romana, plutôt que le francique. De même une bonne partie des Francs d'Austrasie, car l'Austrasie comprenait des régions romanes considérables: les trois cités de Metz, Toul et Verdun, celle de Liège, celle de Laon, en Champagne Reims et Châlons-sur-Marne. Elle arrivait près de Paris jusqu'à Meaux.

La meilleure preuve que les Francs ont changé de langue, c'est que l'idiome auquel ils ont donné leur nom s'appelle le français et c'est une langue romane, le latin vulgaire, et non le flamand où le moyen allemand" (17).

Seria então no meado do séc.VIII que se teria completado a assimilação lingüística dos conquistadores.

d - Se, porém, a melhor prova é que o nome dos francos ficou ligado a uma língua românica e não germânica, a prova é fraca. O que ela prova é que êles mudaram de língua, mas isso não precisa ser provado: é acaciano! Isso não prova quando êles mudaram de língua. Francia, "terra dos francos", foi o primeiro nome da parte meridional da Áustria ou Austrasia, que era o nome da terra dos francos orientais, à qual se opunha Neustria, terra dos francos não orientais". A Francia do tempo de São Jerônimo, séc.IV, que é quando o termo começou a ser usado, ficava ao norte da Alamannia, "terra dos alamanos". Eis o que êle diz na Vida de Hilarião, entre 386 e 391 A.D.:

Inter Saxones quippe et Alamannos gens eius non tam lata quam valida, apud historicos Germania, nunc Francia vocatur (18).

Com efeito o seu povo que fica entre os Saxões e os alamanos, é um povo não tão numeroso quão forte, a Germania dos historiadores, hoje se chama Francia.

Não sei se se poderia dizer que a classe dirigente já teria esquecido totalmente a sua língua no séc.VIII. A massa, talvez, sim: a côrte poderia conservar requiztes. E o de que nós precisamos para a "cambalhota" de dies, ou di, que era vivo no francês da época, é do requinte da côrte. Mas também, apesar das dúvidas e de nos ter parecido frágil a prova, podemos, até, aceitar a data: nesse caso a influência germânica pode ter-se operado no fim da época merovíngia. O que me parece necessário é colocá-la em época de pré-história do romance. Ora, os textos do séc.IX anunciam o seu despontar:

e - Mas essa influência invocada é sintática, e sintaxe não se "empresta", escrevo aqui "à paulista". É o próprio Ferdinand Lot, tão interessante na análise das influências, que o nota a seguir:

"Néanmoins ce serait une grande illusion que de s'imaginer que le germanique soit resté sans influence sur la langue romane que l'on appelle "le français". Cette action ne se manifeste pas dans la grammaire. La grammaire, c'est-à-dire la morphologie, la syntaxe, la composition, la dérivation, c'est la structure même de la langue: elle est imperméable à l'action de la langue étrangère. Le voisinage, la pratique même du bilinguisme, ne peuvent pas plus changer un idiome que la vie en commun ne peut transformer un chien en cheval ou un cheval en chien.

Que si l'influence d'une langue voisine devient prépondérante, irresistible, pour des raisons de culture ou de politique ou de religion ou de force, il y a abandon de la langue maternelle pour un idiome nouveau (...). Mais jamais il n'y a d'hybrides grammaticaux"(19).

f - Uma nova reserva: o sistema gramatical é estável, mas não absolutamente intangível. É que os limites entre a gramática e o vocabulário não são assim tão precisos: entre as palavras, há as "gramaticais", que se opõem às "lexicográficas"; e essas duas classes não vivem em comportas estanques. O historiador francês faz seguir a "la syntaxe" "la composition" e "la dérivation". Mas aí há de novo baralhamento de limites entre "sintaxe" e "palavra" e entre "palavra" e "morfologia". Entenda-se. A tese geral está certa. Nem é tese:

é, como está, um lugar comum, aliás muito bem expresso. E o seu defeito é que é expresso com ênfase demasiada. "Impermeável" é forte demais e a questão dos "híbridos gramaticais" às vezes cheira à gramática tradicional. Chamar "híbridas" palavras compostas com neo-, hiper-, hipo-, a- (privativo), (preverbiais gregos), pseudo-, ou -grafia, -fobia, -logia, -scopia, onde há dois elementos gregos, ou com -izar (e até -ejar, seu irmão vulgar), -ização, onde se fundiram um sufixo grego e um ou dois latinos, ou palavras terminadas em -engo (sufixo germânico), é sobrepor o requinte etimológico ao sentimento da língua.

g - Aliás, Meillet, que é linguista - e que linguista! - exatamente sobre o problema das influências franco românicas, é menos enfático :

"On ne peut pas dire que tout emprunt phonétique ou grammatical soit impossible. Dans certaines conditions favorables ou des populations se mélangent d'une manière intime et où des sujets parlants, perdant le sentiment net d'appartenir à une certaine nation, ne s'attachent pas à parler leur langue avec pureté, il peut se produire des emprunts de ce genre. Ainsi, sur le domaine gallo-roman, à l'époque des invasions franques et de la domination mérovingienne, la langue de civilisation qu'était le latin s'est maintenue et a fini par s'imposer au peuple conquérant, de langue germanique. Toutefois durant longtemps les conquérants ont gardé leur langue qui avait le prestige d'être la langue des maîtres. Le gallo-roman a donc emprunté beaucoup de mots à la langue des Francs" (20).

h - É de lamentar que a frase final, introduzida por uma conclusiva, donc, não ilustre a argumentação de que o "empréstimo gramatical" seja possível. Mas o texto é precioso e merece que se ressalte a menção do "prestígio da língua dos senhores", no seu último período. E é, parece, esse prestígio que poderia ditar uma moda mais bela de "bati-zar" os dias. Tratando da transferência de syntactic habits, Bloomfield lembra o caso do albanês, do búlgaro e do romeno, que pospõem o artigo definido e da perda do infinito pelas línguas balcânicas (21) e o do russo e do polonês, que usam construções partitivas e impessoais muito semelhantes²¹ do finlandês. E. Vendryes observa:

"On calque même des types de phrases, et par suite l'ordre des mots de certaines langues passe quelquefois aux langues limitrophes" (22).

i - Mas nos sécs. VII ou VIII parece que se pode configurar o empréstimo, segundo se diz na reportagem jurídico-política, como puramente léxico: Não é sintaxe, nem "hábito sintático", mas uma moda num sistema vocabular, como é, por exemplo, a da posposição de -Hotel nos nomes de hotéis, não só entre nós, mas noutros domínios

românicos, e por empréstimo inglês. E, para isso, não é necessário nem bilinguismo: basta a simples influência à distância. Mas fechemos este parêntese, que me pareceu necessário.

j - A cultura linguística francesa não sentiu o problema até o começo deste século. Se Meyer-Lübke não tivesse mencionado o problema da anteposição, posposição ou omissão de dies, em 1901, na observação que já foi mencionada e à qual Per Nykrog se refere com lacônica severidade (23), poder-se-ia dizer que foi o Atlas Linguistique de la France que propôs a questão, provocando a análise de Gilliéron Roques, em 1908 (24). Em 1889, Littré partia sempre do lat. gen.plan. + dies, de lundi a samedi (25). Tratadistas de História ou religião, em referências, ocasionais, às vezes até linguistas de valor, não românicos, ainda hoje fazem o mesmo (26). Não só isso, mas os próprios dicionários etimológicos. Dauzat, em 1938, explica os dias franceses, de lundi a samedi, como vindos do lat. Lunis dies, Martis dies, etc. e samedi do " lat.vulg. sambati dies. O admirável Bloch-Wartburg, uma excelente condensação do que se conseguiu já na etimologia românica, também; Lundi (lat.pop. *lunis dies), mardi (Lat. martis dies), mercredi (Lat.pop. mercoris dies), etc. E para samedi:

"Samedi représente le lat.pop. sambati dies, issu de sabbatum, lequel est une variante, d'origine grecque, de sabbatum" (p.543) (27).

Walther von Wartburg, quando cita em geral os nomes dos dias em latim, usa espontaneamente dies + gen.plan., nessa ordem, reconhece que é essa a ordem das inscrições, mas na explicação do francês e do italiano, insiste em partir do latim, convicto de que a fórmula gen.plan. + dies também foi usual, não se tendo rendido nem aos argumentos de Nykrog, Henry, **Baier**, e Maneca.

3 - Sentemo-nos, também nós, à mesa redonda. Começemos por re-historiar o caso. Quando Gilliéron-Roques examinaram a questão em 1908, partiram da construção de três séries na França segundo os dados do ALF:

- tipo mardi - no norte;
- tipo dimars - no sul;
- tipo mars - também no sul.

Não foi esse, porém, o único problema que os preocupou: eles viram três:

1) Os três tipos a pedirem explicação, problema que eles formularam nestes termos: "Que nous apprend la géographie linguistique sur l'histoire de di, sur sa place variable dans la combinaison,

sur sa chute?"

2) O genitivo das fórmulas ficou só formalmente; êsse genitivo, nos casos de Martis, Iovis e Veneris tinha -s, nos de Lunae, Mercurii e Sabbati não tinha; mas aparecem, em épocas e regiões diferentes, formas como lunsdi, diluns, dimercores, disates. E êles perguntam: "Que nous apprend la-dessus la géographie linguistique?"

3) Por outro lado, mardi, dimar e mar, que deviam ter o -s, não o têm. Daí a pergunta: "La Géographie linguistique permet-elle de rendre compte des conditions où s'est produite cette ruine de l'ancienne flexion immobilisée?" (29).

a) Aí estão as três questões que êles se propuseram e que tentam resolver nas 30 páginas do seu estudo, de leitura muito agradável e sugestiva. Não cabe ao meu plano acompanhá-los aqui em todos os seus argumentos e conclusões. A questão do -s "epentético" ou do -s apocopado não interessa muito nem é problema. Como se viu por la "géographie linguistique", que eu sublinhei duplamente em ênfase nas três questões, os autores insistiram em discutir um problema de Linguística Diacrônica com um desprezo acintoso da documentação histórica (30). Era o exagêro de valorização do nôvo método, que não precisava de fazer injustiça aos precedentes para se consagrar, porque a Geografia Linguística é uma admirável criação de Gilliéron, que é um admirável instrumento de investigação ao lado do método filológico (31) e do comparativo. Gilliéron e Mario Roques conheciam uma inscrição de 393 A.D. (CIL, IX, 6192) que registra die lunis e aludem a "outros exemplos posteriores ao séc.VIII para lunis e mercoris".

b) Ora a questão do genitivo em -is em todo o sistema da semana é muito bem documentada: não é apenas ^{como diz Gilliéron} uma inscrição do séc. IV e "outras do séc.VIII", como se vê do quadro abaixo, que reúne os exs. de Schürer e Gundermann (32):

Forma	Data	Local	Coletânea
<u>die Saturnis</u> (*)	364	Roma	Rossi, 172
<u>die Lunis</u>	393	Canosa	CIL, IX, 6192
<u>die Mercuris</u>	399	Roma	Rossi, 475
<u>die Mercuris</u>	425	Roma	Rossi, 645
<u>die Mercuris</u>	425	Milão	CIL, V, 6278
<u>die Mercuris</u> (*)	452	Roma	Rossi, 754
<u>die Lunis</u>	470	G.Narbonense	CIL, XII, 1497
<u>die L(un)i's</u>	535	Reg.de Milão	CIL, V, 5692
<u>die Saturnis</u> (2 vés- zes)	350 e 368	Roma	Rossi, 479 (Sipontina)
<u>Idi. Saturnes</u>	-	Roma	Rossi, 2313
<u>die Lunis</u>	-	Roma	Rossi, 2741
<u>die lunis</u> (33)	-	Aquiléia	CIL, V, 8303

(*) Ver 1ª linha da p. 143,

(*) Encontra-se tb. em Marucchi, Epigrafia Cristiana, Hoepli nº 333 e 328,

Textos latinos tardios enriquecem a coletânea, como, p.ex., o que foi citado na íntegra, na p.99, que traz dies mercuris, é do séc.VIII, "literário" e da Suábia: aumenta a área e eleva o uso. As formas românicas, tôdas elas, - mesmo as variantes itálicas lune, lunodi, martè, martedì, mércore, vondre - explicam-se bem pela terminação -is, de modo que nem é necessário imaginar permanência regional do gen.lune (<Lunae) (34). É o gen. em -is generalizado que explica o esp.lunes, miercoles, o gal. lus, lues e luns, mércoles, mércores, as ^{lunae} catalãs e provençais e, até, as das regiões onde o -s se perdeu.

c) Resta um problema fonológico: o acento de dies Mercuris. As formas românicas tôdas postulam mércuris. Ora, no latim o gen. de Mercurius era Mercurii, proparoxítono. Seria possível reduzir-se o hiato pela crase: Mercūrii > Mercuri. Sendo o ū da penúltima breve, o acento recuaria para a antepenúltima e ter-se-ia Mércūri. É a explicação que dá Corominas (35), que se reporta a um estudo seu em Anales del Instituto de Lingüística, da Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza, II, pp.143-145, que não pude ter em mãos. Tenho minhas dúvidas sobre a sua validade, mas não sei se valeria a pena defender essa tese: as atestações do genitivo analógico em -is são tão numerosas que, partindo delas, teríamos um nome em -ūris, que entraria facilmente numa classe como fulgūris (cf.fr.foudre). Por outro lado, todos os genitivos planetários, com exceção de Saturnis - em que a palavra foi cedo superada por sabbati/sabbatum - têm o acento na primeira sílaba: Sólis, Lúnis, Mártir, Ióvis, Véneris. Mércuris haveria de entrar logo no sistema, passando a Mércuris. Além disso, Véneris, que também termina em -ris, poderia oferecer uma ajudazinha, e, jungido por dois cabos, êle integraria logo o sistema.

d) Agora, a questão da posição ou omissão de dies. Sem acompanharmos toda a argumentação dos dois autores dos Études, façamos-lhe apenas algumas observações:

- 1) Êles reconhecem que o tipo mardi é o que se vem estendendo às regiões dos outros tipos (p.271);
- 2) ..firmam que as formas sem di são solidárias do tipo dimar: só existem onde êle existe e desaparecem com êle (p.273);
- 3) invocam a documentação de Godefroy e com isso ampliam a zona do ponto 194 (36) (pp.273-274);
- 4) reconhecem que seria hipótese simplista partir de um lat.Martis die, die Martis e Martis;
- 5) notam que o nascimento da conservação de mars no território de dimars implica a existência de di com sentido mais ou menos pre-

ciso ou com valor próprio, acrescentando:

"On ne sous-entend (37) en effet d'ordinaire que ce que l'on entend ou croit entendre"(p.275);

6) notam que o fato de mars estar ausente da zona de mardi implica que di não é entendido, mas "il est un fragment indetachable d'un simple mot" (p.276);

7) observam que dizer que Martis dies (dies sem valor) e die Martis (die com valor) vieram para a Gália separadamente não resolve (p.276);

8) mas objetam que admitir que o latim veio com dies de valor pleno nas duas fórmulas die Martis e Martis die é mais razoável, mas é difícil explicar a partição geográfica (p.276);

9) ajuntam que partir só de die Martis não é admissível, porque não se poderia explicar como na França e na Itália, independentemente, se passou para Martis die, "au mépris des tendances syntactiques nouvelles" (p.277).

e) Depois duma argumentação cerrada, excluindo hipóteses, concluem:

"Une hypothèse reste possible: le latin a implanté en Gaule une seule formule, Martis die, où l'on avait conscience de la valeur propre de die".

E perguntam e respondem com euforia:

"Cette hypothèse satisfait-elle aux exigences de la géographie linguistique? Sans doute, car dimars peut naître partout de mars di sous l'influence de tendances syntactiques nouvelles, pour autant du moins que le rapport de détermination entre les deux éléments de la combinaison est encore senti, même sans précision, même inexactement; les deux aires françaises de dimars ont pu se constituer indépendamment (277)."

Está apresentada a tese. Agora, umas operaçõeszinhas de limpeza. "A consciência do valor duma palavra é variável conforme a época e as regiões, e duas noções soldam-se num bloco ou se fixam independentemente, deixando " sans écho les appels de la syntaxe romane" (p.277).

Depois, concluindo essa secção, apresentam duas constatações que parecem importantes:

1) Onde die conservou seu valor como palavra isolada, foi possível antepor-se ou omitir-se: Martis assumiu todo o valor da expressão:

2) Onde seu valor se atenuou e ao mesmo tempo die foi sendo

substituído por diurnum, êle soldou-se ao elemento precedente como uma final uniforme (p.278).

f) Foi preciso rastreá-la porque a argumentação é muito cerrada aparentemente clara; mas, como veremos, baseia-se nalgumas falsas premissas. Ao fim do trabalho, aparecem três conclusões gerais, uma delas especificamente ligada ao caso de dies:

- a - "l'histoire des noms des jours est liée dans les pays romans au sort du mot dies;
- b - l'histoire de chacun de ces noms ne peut être étudiée à part: avec des accidents propres à chacun, il existe entre eux des rapports constants, et leur existence particulière n'est souvent qu'un reflet de leur existence collective;
- c' - c'est à cette existence collective qu'ils doivent leur situation particulière devant la loi de chute de s finale (pp.289-290).

4 - As conclusões b e c são inteiramente justas. E pode-se dizer que essas diretrizes metodológicas marcaram um novo rumo, não só no que toca aos nomes dos dias, mas ao tratamento dos fatos lingüísticos. É de um lado a insistência de que êsses fatos precisam ser encarados dentro do sistema e, por outro lado, a valorização do método comparativo. Já no primeiro artigo, de 1896, publicado na Romania, Gilliéron sozinho tinha escrito estas palavras judiciosas, que o contacto com o tema me vem confirmando em tôda a linha:

"Les noms des jours de la semaine constituent par la parité de leurs fonctions et la fréquence de leur association une famille de mots étroitement unis les uns aux autres. Aussi, malgré leur diversité étymologique, qui paraît devoir être jusqu'à un certain point une garantie de résistance à l'action de leur parenté fonctionnelle un travail analogique qu'il serait curieux d'étudier dans toutes ses manifestations, c'est-à-dire dans toutes les langues et dans tous les patois romans. C'est à cette étude que j'apporte ici une petite contribution" (38).

a - Tem-se mesmo a impressão de que êsse artigo foi ensaio. Fraco, pareceu-me. Muito preocupado com a fonética. O de 14 anos depois é muito mais rico. Mas Gilliéron-Roques, que introduziam as três conclusões atrás com uma reserva de tom polêmico e apologético - de que as cartas do ALF forneceriam boas indicações a lingüistas avisados e livres de prevenções" - puseram de lado a História, isto é, ao invés de trabalhar os dados oferecidos pelo ALF com o método Histórico-Comparativo, só usaram o comparativo, desprezando

os documentos. É o que observa com muita razão Per Nykrog nestas palavras:

"L'erreur de Gilliéron provenait justement de ce qu'il essayait de résoudre l'énigme uniquement à l'aide de la géographie linguistique. Il est toujours hasardeux de vouloir déduire une forme moderne: dans les dialectes gallo-romans seulement, et un tableau synchronique ne dit forcément pas tout sur l'état des choses aux époques antérieures" (39).

b - Exatamente. Foi só isso. O que eu atrás chamei "falsas premissas" adveio da falta de atenção à documentação epigráfica, aos dialetos célticos e à presença de dignos documentos do francês arcaico posterior à insubordinação às novas tendências sintáticas". Com efeito:

- a) O levantamento epigráfico lhes teria dado 100% de atestações de dies + gen.pl. no período antigo e o exame equilibrado da construção do complemento adnominal na prosa singela lhes teria mostrado que as "novas tendências sintáticas" eram já muito velhas, da época da latinização, anteriores à latinização;
- b) O exame dos dialetos célticos lhes teria mostrado que dies foi anteposto em época bem antiga, antes da expansão do cristianismo, pois lá entraram dies Solis e dies Saturni;
- c) O exame da omissão de dies nesses dialetos, assim como no albanês, onde dies foi traduzido, lhes teria mostrado que não é a plena significação da palavra que garante a ^{ver}visibilidade da sua omissão, não - porque ali também dies se omite ou se conserva, indiferentemente, mas não se ^{ver}postoe;
- d) O exame racional de toda a documentação literária lhes teria mostrado que mesmo nos autores que invertem a ordem para genit.plan. + dies - assim como Dominicus/a dies ou sabbati dies - a estatística escrupulosa daria ganho de causa à anteposição;

c - Há algumas outras razões a invocar, mas eu as deixo para daqui a pouco porque preciso despedir-me agora desses dois romanistas tão poderosos no argumentar, num trabalho ao qual devemos realmente uma nova e fecunda orientação metodológica, apesar das falhas devidas ao fato de que eles opunham uma antítese à tese atomista de foneticistas anteriores. Apesar de tudo, a explicação de Gilliéron-Roques ficou clássica, como diz Nykrog, e dominou por 40 anos(39). É um grande reinado. Mas ao fim dele vieram as revisões.

- 5 - A nossa bibliografia, na secção consagrada aos verbetes de dicionários especializados e na de estudos especiali-

zados sobre a semana, acusa dois fatos curiosos:

1) Na secção de dicionários, por ser falha, quem sabe, nesse aspecto, não há muita novidade de estudo lingüístico no domínio da semana: Alguma coisa, pouca, aparece no domínio da Filologia Bíblica e da Liturgia;

2) Na secção dedicada a trabalhos especiais sobre a semana, vêm, de 1908 a 1928, estudos lingüísticos no domínio da semana germânica e da semana eslava. Da germânica há uma boa investigação dialéctal. Entre 1930 e 1940, a dos dicionários só se enriquece com o que saiu do Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie. Mas a dos estudos e artigos inclui o belo artigo de A. Ferrua e alguns outros. A década de 40 inicia-se com preocupações sobre a semana cristã e termina com um esforço objetivo de explicação lingüística dos fatos, agora com uma visão global, estrutural, da semana.

a - A bela lição dada por Gilliéron no início da sua análise de 1896 e na análise de que participaram os dois - êle e Mário Roques - em 1908, ficou frustrada pelos resultados. Se dominou quarenta anos ~~fora~~ porque os artigos de revista correm o risco de sepultar-se nas páginas destas, e também porque faltava fermentação e diretrizes de trabalho. Parece também que o estudo da lexicologia ainda não tinha ~~podido~~ amadurecido. Esse hiato só valoriza considerações de Gilliéron e de Gilliéron-Roques como as que acima transcrevi. Fecunda pelas sugestões metodológicas, depois de feitos os devidos reparos, ela foi tomada por dois lingüistas suíços - Gilliéron também o era -, em 1948 e 1949. Em 1948 publicou Bruppacher o seu excelente estudo - Die Namen der Wochentage im Italienischen und Rätoromanischen - já tantas vezes aqui citado e empregado. Era uma tese de Concurso. Investigação metódica, compreensiva, realizada com paciência beneditina, examina os fatos da semana planetária e da cristã, a documentação medieval e a moderna, a folclórica e a dos atlas lingüísticos Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz (AIS) e Atlante linguistico e etnográfico italiano della Corsica (ALEIC), e muitos outros repositórios de informações, clássicos, medievais e mais recentes.

b - Se os trabalhos de Gilliéron apontavam o interesse do exame dos sistemas e valorizavam o Atlas linguistique de la France como instrumento de trabalho, Bruppacher examinou os sistemas, não no estilo de Gilliéron, e colocou ao alcance do pesquisador um material extremamente rico e fecundo, se bem que às vezes um tanto desigual - refiro-me à documentação antiga - para exames como os que preconizava o criador da Geografia Lingüística. Por isso, o papel de Bruppacher na mesa-redonda é muito importante, mas não nos ocupará por muito tempo a atenção agora. O seu mérito, porém, é tão gran-

de que ainda iremos recorrer a êle muitas vèzes neste estudo. A partição itálica é do martis/marti, martedi. Martis/marti são formas gêmeas que se opõem apenas na questão do tratamento do -s. Este sobrevive na Sardenha "não itálica", isto é, no campidanês e no logudorês, e, na Itália setentrional, na faixa extrema leste-norte-oeste; o tipo marti é da Sardenha "itálica" (41) (sassarês e galurês), da Sicília, da Calábria, da Córsega e de uma parte da Ligúria, do Piemonte, Lombardia e Venêcia.

c - A oposição entre estas e martedi é que assume especial interesse. Bruppacher não o ignora, mas discute um tanto rapidamente. " Lunedì poderia ser uma inovação pré-literária, vinda do Norte ou do Sul e introduzida na Toscana, onde se fixou, antes de mais nada, nas altas camadas e a primitiva lune foi completamente escoraçada da língua popular; ou, então, é lunedì, apesar de tudo, a velha forma toscana, da qual, como no provençal - dilus/lus -, surgiu uma nova forma, o que pela vitalidade de di, era inteiramente possível, e penetrou na língua popular" (42).

Pergunta pelo centro de irradiação da fórmula nome plan. + di e nota que já na época pré-literária, ali pelo séc.VIII, sobre o território da Itália, existiriam Lunis, Lunae, dum lado e do outro Lunis dies e Lunae dies, um ao lado do outro: aquela vulgar e esta culta, da Igreja, sobretudo, e dos notários e cultos (p.80).

d - Fiquemos aqui. Essa constatação de que a forma é culta seria desconcertante, se não tivesse outra interpretação além da de que se deve à influência eclesiástica. Com efeito, nas pp.60-65, êle faz um levantamento de 84 ocorrências, de die lune a dominica no latim medieval. O resultado podemos resumi-lo num quadro:

n.º dos exs.	Fórmulas	Quantidade Época	Páginas
exs. 1-10 + n.º 58	<u>die lune</u> <u>die lunae</u> <u>lune</u>	9 exs.-séc.XV 2 exs.-sécs.XIV-XVII 1 ex. - séc.XV	60-61
exs. 11-18 + n.º 10	<u>die marte</u> <u>die martis</u> <u>die martiris</u>	1 ex. 693 7 exs. 1338-1475 1 ex. 1193	61
exs. 19-30	<u>die mercurii</u> <u>die mercuri</u> <u>die mercuriis</u>	8 exs. 712-1470 2 exs. 1338-1475 1 ex. 1257	62
exs. 31-42	<u>die iovis</u> <u>iovis</u> (+sancta, sancte)	8 exs. 685-séc.XV 3 exs. sec.XVI	62-63
exs. 43-52 + n.º 66	<u>die veneris</u> <u>venere</u> n.º 52-feria sexta	9 exs. 689-séc.XV 2 exs. séc.XV séc.XV	63

exs.nº53-60	sabbato sancto	1 ex. séc.XV	pp.63-64
	die sabbato	2 exs. 686-740	
	die sabbati	4 exs.1150 séc.XIV	
	dies sabbatorum	1 ex. séc.XIV	
Exs.nº61-83	dominica	8 exs. 740 séc.XV	pp.64-65
	die dominica	5 exs. 1186-1199	
	die dominico	8 exs. séc.XI-1500	
	dominica die	1 ex: 1194	
	dies dominicales	1 ex.séc.XV	

("Die Namen der Wochentage in den lateinisch geschriebenen Urkunden des Mittelalters" in DNWIR, pp.60-65).

Os documentos nesse caso reproduzem a forma usual no meio urbano. Por isso representam as formas da semana herdada ainda, e não da inovadora. As cidades de onde são os documentos são: Milão, Mantua, Chiavenna, Brescia, Roma, Cramona, Cápua, Como, Bizenzi, Bellinzona, Udine, Verçelos, Verona, Lugano e pontos da Sardenha e da Sicília. Mas eles são sobretudo da Lombardia, do Piemonte, da Venécia e do Lácio. -O quadro abaixo, simplificado, da semana média do domínio itálico, incluindo o galo-itálico, dá a semana urbana na Alta Idade Média, antes da penetração das inovações "franco-lombardas", que pospuseram -die. Note-se como a terminação -di italiana denuncia fonte francesa antiga:

Dominica
die dominico
die dominica
die lune
die marte
die mercuri
die jove
die venere
die sabbati
(die) sabbato.

É também extremamente uniforme e tem seu maior número de atestações na Lombardia, região, hoje, de nome planetário + die. Se é documentação culta e traz sempre die + nome planetário e se a inovação que pospõe die é culta; só pode ser de outra cultura: cultura da corte, da elite dirigente.

e - Não posso acompanhá-lo agora nos levantamentos que ele faz agora para o italiano e não para o latim medieval nos sécs.XIII-XVI. São 240 os exemplos numerados, mas às vezes um mesmo exemplo atesta duas ou mais formas. O que se pode dizer é que, com exceção de "quarta" e "quinta", em que a concorrência de mezedima e jovia é grande, de "segunda" a "sexta-feira" predominam as formas novas, com -di posposto. É forma nova que se alastra: não é herdada do latim.

6 - Se Gilliéron-Roques ignoraram quase totalmente a documentação histórica, Bruppacher somou a documentação histórica à contemporânea do Atlas Lingüístico. Mas não a analisou a serviço duma teoria explicativa da partição básica.

Já o romanista e lexicógrafo Walther von Wartburg tentou explicar a tríplice partição românica com base nos textos, ou melhor, exclusivamente num texto: o famoso texto de Santo Isidoro nas Etymologine. Além da redação ou revisão dos artigos sobre a semana no Dictionnaire étymologique de la langue française, é no seu monumental FEW

III, 1934, pp.71-73, art.Dies, Walther von Wartburg interveio muito rapidamente na questão da semana portuguesa numa rápida notícia - re-censão do opúsculo de M. Paiva Boléo que traz o diálogo com Giese(43). Depois voltou ao problema da semana em 1949 no art. "Los nombres de los días de la semana"(44), depois encaixado no FEW, V, 1950, art. Luna; 2, Montag, pp.450-455, em redação alemã. Quando publicou a coletânea de trabalhos linguísticos seus Von Sprache und Mensch, em 1956, ali incluiu o art.de 1949, em redação francesa, sob o título "Les noms des jours de la semaine". É em substância o texto do que saiu no FEW, V, 450-455 em alemão. Apenas, o texto francês inclui uma nota 14, que procura responder aos argumentos de A.Henry e P.Nykrog, que discutiram sua tese. No FEW, XIV, 1959, pp.270-271, voltou em parte ao assunto. E num trabalho primeiro publicado numa coletânea dedicada a John Orr, depois incluído no FEW, XI, 1961 sob o mesmo título, "Sabbatum Samstag", pp.2-5, voltou a discutir parcialmente o assunto.

a) A tese de Walther von Wartburg foi assim apresentada: Depois de afirmar que desde Plínio o compl.adnominal do genitivo começou a ser anteposto ao determinado sem nenhuma ênfase, reconhecendo embora que dies Lunae é a que prevaleceu, observa que Lunae dies também ocorre, se bem que menos (em Tibulo, Tertuliano, Santo Agostinho e no Codex Theodosianus) e nota que o fato de o mesmo autor ora usar dies Lunae ora dies Lunae mostra como o uso não estava fixo (FEW,V,453). E então introduz o texto de Santo Isidoro, Etymologiae,V, XXX, 9, que eu já examinei em outra conexão no cap.II, pp.81-84. Walther von Wartburg pretendeu ver nesse texto a documentação de quatro formas vivas usadas em meios diferentes:

- I - tertia feria sobrevivente no português;
- II - dies Martis, sobrevivente no catalão e provençal;
- III - Martis dies, sobrevivente no francês, no rético ocidental e no italiano.
- IV - Martis, sobrevivente no espanhol, no sardo, no toscano antigo, no corso, no piemontês, no veneziano, no romanholo, no friulano e no romeno, assim como, misturado com o terceiro tipo, no calabrés e no siciliano. Depois ele relembra a tese de Gilliéron, que toma como latino martis dies, etc., e observa que o artigo diurnum do FEW havia encampado era incompatível com os fatos, pois o latim já tinha os três tipos.

b - A crítica que a essa tese fizeram A.Henry, em 1951 (45), Per Nykrog em 1953/54 (46), Rudolf Baehr em 1957, de um modo geral invocando o testemunho das inscrições, dos dialetos célticos e discutindo os casos de posposição de dies, nos escritores me parece muito objetiva. A interpretação do passo isidoriano como depoimento de diferentes usos linguísticos e não como variationes linguae, parece-me ab-

solutamente incabível. Não vou repetir aqui os argumentos: reporto-me às pp. 51, 83-84.

c - O que é estranho é que Walther von Wartburg não se rendeu à evidência da argumentação de A. Henry nem à de Nykrog. A nota 14 do estudo "Les noms des jours de la semaine" reafirma tudo, e parece que vai além e diz:

"Mais M. Henry se trompe en disant qu'Isidore oppose trois systèmes de dénomination; c'est qu'il y en a sûrement quatre chez lui: celui des Juifs (tertia sabbati), non relevé dans mon texte, parce que ce type est resté sans importance dans les langues romanes), celui avec feria (tertia feria), Martis dies (chez les païens), dies Martis (chez les Chrétiens comme tertia feria) (47'.

Não entendo por que Martis dies seja fórmula pagã e dies Martis fórmula dos cristãos! Se a secundam feriam saeculares diem Lunae vocant e a quarta feria dicitur a paganis Mercurii dies, e se saeculares é o mesmo que pagani, não vejo aí autorização para a conclusão de Wartburg.

d - O artigo de Nykrog concluiu admitindo a posposição de die como .. inovação posterior, cuja causa ele não sabia ou não procurou identificar. Foi isso em 1953/54. Em 1954, Rohlf, no seu estudo sobre a diferenciação léxica na România, propunha, com hesitação, influências francesas da época de Carlos Magno ou do tempo das Cruzadas, ou então explicava o tipo veneris dies como fruto do influxo latinizante, devido à Igreja ou às classes dirigentes." (48). Rudolf Baehr, em Romanica, num estudo dedicado a Rohlf, avançou o marco; perfilhou a hipótese de influência franca na Itália, e foi além, admitindo a influência franca no francês como a inicial (49). No mesmo ano de 1958, Constant Maneca, reexaminando a mesa-redonda de que participaram Wartburg, Henry, Bruppacher e Nykrog, também propõe influência germânica com fundamentação.

e - O artigo de A. Henry, que faz o levantamento dos fatos no francês antigo, traz um caso de particular importância. É o do Cônego Jean Malkiel (90), contador do Conde de Flandres, que redigia os seus documentos ora em latim, ora em francês. Eis os quadros dos dias extraídos por Henry dos seus documentos:

Docs. franceses	Docs. latinos
<u>diemence</u>	<u>die Dominica</u>
<u>lundi</u>	<u>Dominica</u>
<u>mardi</u>	<u>die Lune</u>
<u>mercredi</u> , <u>merkredi</u>	<u>die Martis</u>
<u>merquedi</u>	<u>die Mercurii</u>
<u>joedi</u>	<u>die Jovis</u>
<u>venredi</u>	<u>die Veneris</u>
<u>Samedi</u> , <u>semmedi</u>	<u>Sabbat(h)o</u>

Esse contraste, no mesmo autor, absolutamente concorde com o que atrás notamos entre os levantamentos de Bruppacher para a mesma época medieval entre documentos latinos e italianos, mostra que, realmente, contra o que pensava Gilliéron ~~q~~o que pensa W.von Wartburg, a forma herdada foi por toda a parte die + gen.pl. E eu creio que não há outra explicação para a inversão senão a influência franca na França e "franco-lombarda" na Récia e na Itália.

f - É desejável que Walther von Wartburg faça um reexame da sua teoria, porque a influência excelente que sua obra exerce sobre a cultura lingüística universal e românica, particularmente os dois monumentos de lexicografia - O Dictionnaire étymologique de la langue française, que é um milagre de síntese, e o Französisches Etymologisches Wörterbuch, que é um tesouro de lexicografia francesa - poderá consagrar uma tese discutível. Parece que, após os 80 anos, ele pretende começar uma revisão do FEW; É possível que uma nova redação ao artigo "Luna Montag" reexamine a questão.

6 - Resta ainda o problema da oposição formal diluns/luns, de formas que coexistem em certas regiões da România. Não vou discutir a hipótese da necessidade de sentido pleno de dies nem ligar o caso à substituição de dies por diurnum. Creio que a explicação da omissão de dies é outra.

a - Antes de expor a minha teoria, é conveniente que passemos uma inspecção pela România a esse respeito. O romeno perdeu dies e não guarda vestígio nenhum; o dalmático (velhoto) também: formas como loinkodai e domienkadf, domienka dai, por loine, "segunda-feira", e domienka, "domingo", são isentas e claramente de influência italiana. O friulano, o ístriano, o trentino, o romanholo, o piemontês, (Norte da Itália), o corso, o galurês, o sassarês (Sardenha), o siciliano (menos os triângulos) e o calabrês não apresentam hoje vestígios de dies. Formas com -di (posposto) que ocorrem regionalmente são influências italianas. O toscano conserva um provérbio vestígio de die na forma di:

nè di ~~V~~enere nè di marte non si sposa, nè si parte

(Nem em dia de ~~V~~ênus, nem em dia de Marte... etc) (51)

O provençal apresenta as duas séries: com di e sem di. O levantamento de A.Henry não nos fornece informações quanto ao fr.do norte no período antigo. O catalão não apresenta formas sem di. O espanhol antigo, nalguns dialetos, apresenta formas com di: dimércoles (doc.palentino de 1239), dilunes ou dillunes (Juan del Encina, sec. XV-XVI), e textos salmantinos e leoneses (52), diomingo (< didomingo), no Fuero Juzgo, e mirandês doimingo, leonês die Joves (doc.de

1250): A esses exemplos tomados a Corominas (53), acrescento estes tirados diretamente dos Documentos Lingüísticos de España (Reino de Castilla), editados por Menéndez Pidal em 1919: día miércoles (nº24, p. 48); die mercores (nº 90, p.130); die lune (nº134, p.176); die de sabbado (nº265, p.358); die sabbati (nº335, p.358). Menéndez Pidal sugere que se estudem melhor os vestígios antigos de dies nos dialetos espanhóis. Meyer Lubke (REW, 2738) explica o esp.domingo como vindo de die dominicu. Se é para explicar o i da penúltima, não é necessário nem para o espanhol, nem para o português: as palavras religiosas são de forma e foneticismo mais cultos na Ibéria do que no resto da România (54).

b - Agora a teoria. A semana híbrida, com o correr do tempo, amalgamou-se. Já notei que é preciso ter espírito etimológico e certas informações para ver no cat.diumenge, dilluns, dimarts, dimercores, dijous, divenres, dissabte pedaços de dois sistemas: há aí um sistema coeso. No francês, só dimanche faz exceção. Na Itália há vários pontos que fazem domenicadi e sabbatodi. São integrações locais ou parciais no sistema. Ora, os dois extremos da semana, cristãos, podiam vir precedidos ou não de dies:

<u>dies dominicus</u>	— e	<u>dominicus</u>
<u>dies dominica</u>	— e	<u>dominica</u>
<u>dies sabbati</u>	} — e	<u>sabbatum</u>
<u>dies sabbatum</u>		
<u>dies sabbata</u>	— e	<u>sabbata</u>

Onde predominou o uso de dominicus/a e sabbatum/a, sem dies, dies se perdeu dos nomes planetários, e essa perda deve ter-se iniciado na fala popular logo que desapareceu a consciência casual. Mesmo nas línguas da Gália, em que o dativo de posse permaneceu vivo até o séc.XV, a ausência de flexão própria faria sentir luns, mars, como aposto, se dominicus e sabbatum se fixaram sem dies; mas, quando dies de ligou definitivamente a dominicus/a e sabbatum, aglutinou-se às formas planetárias.

Os vestígios ~~di~~domingo nos dialetos espanhóis que acusam a presença de dia + nomes planetários, e a ausência de vestígios de die antes do it.domenica, e sabato, do velh.domienka e sabata, do rom. dominecă e sîmbătă, parecem confirmar esta minha teoria. Se assim é, podemos agora - desprezados os fatos muito particulares e locais de media hebdomas, jovia, cena pura - alterar a divisão que atrás demos no capítulo III (pp.122 e ss), e considerar na România três grandes ramos da semana híbrida, até que as invasões francas e lombardas atingiram em cheio o ramo setentrional e abriram com ele uma cunha na orla NO do Reino Oriental. Ver-se-á o estado anterior aos sécs.VI-VII (tal-

vez) no quadro seguinte; que opõe a semana híbrida à eclesiástica pura:

A - Semana Híbrida:

I-Ramo Oriental (~~Romana, dalmática~~
itálica^(*), retica^(*))

dominica
dies lunis
dies martis
dies mercuris
dies iovis
dies veneris
sabbatum
sabbata
sambata

II- Ramo Setentrional (~~francesa^(*)~~)

~~dies dominica~~
~~dies lunis~~
~~dies martis~~
~~dies mercuris~~
~~dies iovis~~
~~dies veneris~~
*dies sambata/e

(*) As influências franco-lombardas inverteram as posições de dies e sambati e lunes e do bloco intermediário, na langue d'oïl e, depois, de dies lunis a dies veneris na Itália *fe na Récia*

III- Ramo Meridional e Ocidental.

(~~Con~~has nos dialetos galo-italílicos (talvez), provençal, catalão e espanhol^(*))
dominicus
dies dominicus
dies martis
dies mercuris
dies iovis
dies veneris
sabbatum
*dies sabbatum/i

(*) Notas:

1) Esse ramo subdivide-se em dois ou três, conforme predominem os pares

- a- dominicus/sabbatum-espanhol
- b- dies dominicus/dies sabbatum/i-catalão
- c- dominicus/sabbatum
dies dominicus/dies sabbatum/i-provençal.

2) O que faz pôr o espanhol nesse ramo são os vestígios de dies + dominicus, dies + sabbati/um, dies + gen.pl. da área leonesa/salmantina/castelhana arcaica: Reinos de Leon e Castela entre o Douro e o Ebro, depois absorvidos pelo grupo maior (ver mapa XXVI).

B - Semana Eclesiástica Pura (~~Portuguesa~~, e, em parte, galega)

Dominicus
Secunda feria
Tertia feria
Quarta feria
Quinta feria
Sexta feria
Sabbatum

7 - Finalmente o gênero dos dias na România.

a - Vejamos primeiro o gênero: atual.

Domingo - Masculino no português, galego, espanhol, catalão,

provençal, francês e campidanês;
Feminino no rético, em todos os dialetos itálicos, no logudorês, no velhoto e no romeno.

Segunda-feira - Femininas no português e no romeno;
e Terça-feira - Masculinas no resto da România;

Quarta-feira - Feminina no português, no galego carta-feira, nos dialetos em que ela vem de media hebdomas (rético, engadino), ret. dolomítico, tosc. ant. fala de Garfagna (Toscana), velhoto e no romeno, masculina nas demais línguas;

Quinta-feira - Feminina no português e no galego quinta-feira, nos dialetos itálicos que a têm de Iovia (piemontês, emiliano, friulano), no rético, no velhoto, no sardo e no romeno;
Masculina nas outras línguas (espanhol, catalão, provençal e francês).

Sexta-feira - Feminina no português, no galego seista feira, no sardo (logudorês e campidanês) ~~que~~ romeno;
~~M~~ masculina nas demais línguas e dialetos.

Sábado - Masculino no português, no espanhol, no galego, no catalão, no provençal, no francês, no sardo, no italiano (menos no friulano e no ladino); feminino no friulano e no ladino, no rético, no velhoto e no romeno.

b - Só quatro línguas têm todos os dias masculinos: espanhol, catalão, provençal e francês. Só uma tem todos femininos: o romeno. Dies em geral ficou no masculino na România: Um fato notável é o romeno em que dies hesita, ou antes, em que dies deu duas formas zi(m) e ziuă (f.). As razões de haver dias excepcionalmente femininos não são as mesmas em todos os casos. Vejamos as dos casos enumerados:

- 1) ~~femininos~~ por ser o dia expresso por ordinal + feria (que é fem.) português e galego;
- 2) feminino, por ser o dia expresso por hebdomas que é fem., modificado por media: Domínios ítalo-rético e dalmático;
- 3) feminino por ser o dia expresso por cena, que é feminino, modificado por pura: camp. e logudorês;
- 4) feminino por ser formado dum adj. feminino substantivado, Iovia: mundo italo-rético e dalmático (Mas por que substantivado no feminino?);
- 5) feminino por ser o dia expresso por sabbata, sambata (terminação -a aram. > neutro pl. > fem.): domínio daco-dálmato-ítalo-rético;
- 6) feminino por provável ação do gênero de ἡμέρα : dominica - mundo oriental e Gália setentrional (*);
- 7) feminina toda a semana por que ziuă (fem.) dominou o gênero, ou por infl. do grego: romeno.

(*) Na Gália setentrional, passando depois a masculino, por integração no sistema.

c - Agora apenas como curiosidade transcrevo aqui uma versinhos escolares romenos, por causa do gênero dos dias.

Săptămîna

Sapte flori,
Sapte surori -
Cît ai vrea să le măsoari,
Cum e una-i și celalta:
Nici mîinica, nici mai 'naltă
Din grădină cînd le-aduni,
Îti apare-n față luni,
Marti răsare după ea:
O zoroeste miercurea!
Scoate capul, mai apoi,
Floarea urmatoare: joi.
Vinerea în spate-i stă
Apoi, altă: sîmbătă!
Duminica-n fuga mare
S-a cîtit de sîrbătoare!...
Iar grădina ce le crește
Săptămîna se numește.

Sete flôres, / sete irmãs/
 Como desejarias medi-las/
 Como é uma assim é a outra:
 Nem menor nem maior!/
 Quando as colhes no jardim/
 Aparece em face a ti luni (2a.f.)/
Marte (3a.feira) ergue-se depois dela/
 Oh! a miércuri (4a.f.) desabrocha!/
 Ergue a cabeça logo depois/
 a flor seguinte: joi/
 A Vineri (a 6a.f) está de pé, atrás/
 Depois a outra: sîmbătă!/
 A duminică em grande pressa/
 se adornou em festa!.../
 Mas o jardim que as cultiva/
 se chama săptămîna./

(Lîmba Romină, manual pentru clasa I, p.50)

Nem tem poesia nem graça! Mas ilustra dois fatos importantes:

1) a semana romena, como as demais semanas românicas populares, começa pela "segunda-feira";

2) Os dias são comparados a flôres do jardim, e flor, no romeno, como no português e nas línguas românicas, é feminino. Aliás, miercurea, vinerea aí estão com o art.feminino, que é o -a; duminica, também, mas não se vê: duminică, "domingo", dumineca, "o domingo".

d - Agora o gênero de Dominicus. A primeira ocorrência de Dominicus, na Vetus Latina, no célebre passo apocalíptico (Apoc. 14.10), se Beda reproduz fielmente a Vetus Latina, é masculina e traz die antes; in die dominico (55), contra o grego: ἐν τῇ κυριακῇ ἡμέρᾳ. Dominicus é masculino nos africanos (56), nos ibéricos, também, salvo o Canon 21 do Concílio de Elvira (57), uma série muito grande de passos da Peregrinatio (58), e alguns passos de S.Martinho (59). Em São Cesário só ocorre uma vez no feminino: muitas outras no masculino. Vários escritores eclesiásticos hesitam quanto ao gênero (60). Os da Itália e Dalmácia, como Santo Ambrósio, São Jerônimo e outros, usam-no no feminino.

e - Não tenho ainda o levantamento necessário para discutir a questão com mais profundidade: meu fichário no caso é supe-

rior ao do TLL, mas ainda assim deficiente. É que as contradições quanto ao gênero de Dominicus no mesmo escritor, quanto ao gênero de dies na Vulgata e nos escritores eclesiásticos, são tão desnorteantes que ou será necessário um levantamento maior para um estudo de tipo estrutural ou a gente abandonará desanimado a tarefa, dizendo: "A escolha do gênero é puramente aleatória".

Apenas uma pequenina amostra:

Missas saecularium mortuorum (fi-
eri licet) ter in anno, tertio die,
et septimo die, et trigesimo die,
quia surrexit Dominus tertia die,
et hora nona enusit spiritum, et
triginta diebus Moysen filii Israel
planxerunt.

É permitido rezar missas de mortos leigos três vezes no ano: no terceiro dia, no sétimo dia e no trigésimo dia, porque o Senhor ressuscitou no terceiro dia e rendeu o espírito na hora nona(?) e os filhos de Israel choraram a Moisés por trinta dias.

(S. Cummianus, Liber de Mensura Paenitentiarum
(saec. VII medio) PL, 87,998).

Tertia die, e não tertio die, como atrás, porque a vivência bíblica e eclesiástica de dies consagrou o fem. todas as vezes que a fórmula se refira à ressurreição de Cristo. Cf. Mat., 16,21; 17,22; 20,19; Marc. 9,30; 10,34; Luc., 13,32; 24,46; Atos, 10,40; I Cor. 15,4; Cf. o Credo. Tentei um levantamento na Concordantia da Vulgata e cheguei a algum resultado que não é possível agora expor (61).

f - Quanto à razão de se ter desenvolvido o feminino de preferência na orla oriental da România, creio que Rohlfs tem razão, atribuindo-o fato à influência do ἡμέρα (62). Mas, quanto ao gênero do francês, não creio que Meyer-Lübke, nem Rohlfs, nem Walther von Wartburg tenham razão em partir do masculino. O masculino não explica a terminação -che de dimanche. A esse respeito resumo o que já adiantei na INTROD. Como já disse no Prefácio a este estudo, no outro se incluiu exame de fatos que deveriam ser discutidos: é essa uma das partes a transpor na refundição destes dois trabalhos.

g - A mim sempre me pareceu que o fr. arc. diemanche e o mod. dimanche se explicariam partindo-se do fem. dies dominica. Assim explica Miss Pope, partindo de *dia dominica (63). Mas Meyer Lübke (64) lembra duas dificuldades em diemanche: a presença desse primeiro e o gênero masculino. Quanto ao e, que não pode vir de dia, desconhecido na Gália, supõe ele poder explicar-se pelo fato de, no bloco die-dominicu, vir essa vogal como "antepretônica" (REW, 2738); mas o gênero masculino de dimanche o levou a afastar a hipótese do fem. dies dominica, a qual na Gramática Histórica ele parece disposto a aceitar, segundo a suposição de Foerster: *dia dominica (65).

A terminação -che, no caso (66), só se explica pelo fem. dominica. Entretanto, Dauzat (DELF, s.v.), Bloch-Wartburg (DELF, s.v.) e Rohlfs (67) partem todos de dies dominicus. São autoridades: von Wartburg e Rohlfs nos seus notáveis trabalhos de romanistas, de lexicologia românica em particular, acrescentam excelentes estudos específicos sobre os dias da semana. Como explicar essa posição? Parece que se impressionaram demais com o fato de ser sempre masculina a documentação francesa, salvo uma parte ligada à Itália setentrional. Mas é mais fácil explicar-se o masculino, partindo-se embora de dies dominica do que a evolução -icu > -che. O gênero histórico de diemanche/dimanche deve ter resultado da sua integração no sistema planetário da língua d'Olt: todos inclusive o samedi vindo de sambat (fem) eram masculinos; o -e final não era característica firme de feminino. Por isso foi fácil integrar-se no sistema. Aliás, a semana latina de Malkiel, que era de Lille, tem dominica feminino. Assim penso eu. Por isso, no mapa XIV, tomado a Rohlfs e pôsto no fim deste trabalho, alterei as indicações daquele romanista. Se é justa a suposição, a Gália setentrional se alinha com a Itália, a Sardenha, a Récia e a Dácia, quanto ao gênero feminino; mas só ela é que, por analogia, teria passado dimanche a masculino.

O catalão diumenge parte de dies dominicus, e a palatização da sílaba final ficou bem explicada por F. de B. Moll (68). O prov. arc. conheceu dimengue e ditmengue, e as formas dissimiladas dimergue e ditzmergue e, até, demergue (< domengu < *domenegu <) (69) ao lado de outra dimenge, com palatização da consoante na sílaba final (70). Quanto à sílaba inicial, o catalão explica-se por síncope do -d-, talvez assim: die dominicu > *didomenegu > ... > *diomenyu > ... diumenge (71), ao passo que o provençal supõe síncope da vogal pretônica. Todas essas formas, porém, partem de dies dominicus. Podemos, pois, concluir que dies dominicus/dominicus sobreviveu na Ibéria e na Gália meridional, e dies dominica/dominica, no resto da România.

NOTAS AO CAP.IV : A SEMANA HÍBRIDA:
ESTRUTURA E EVOLUÇÃO

- 1) Era assim que devia ter terminado o capítulo precedente, como não terminou assim, termine por esta introdução.
- 2) Na falta do que seriam as formas francas, dou as alemãs atuais, para me fazer entendido.
- 3) Tentei reconstruir a linha, pois a ampliação com que trabalhei não trouxe a carta que saiu com o artigo de Gilliéron-Roques.
- 4) EGL, "Les noms, etc.", em RPh, 1908, pp.270-271.
- 5) DALF, tomo II, 491, III, 709, 710, 715, 716.
- 6) "Les noms etc.", in Romania, 72, 1951, pp.5-15 e 22.
- 7) Art.cit., p.22.
- 8) "Les noms, etc.", em RPhF, 1908, p.270.
- 9) Romania 39, p.123, expressamente mencionado por A.Henry, art.cit., p.2, nota 1.
- 10) Hist.Franc. III, 15. Gregório pode, ao escrever dies solis, ter usado a ordem latina. O franco, àquela altura (entre 576 e 592), se falasse em romance, só poderia dizer algo como "die de sole".
- 11) Ver, F.Diez, Anciens glossaires romans, etc., 1870, p.4. Para o texto dos glossários, além dessa edição incompleta, mas comentada, o Altfranzösisches Übungsbuch 7, 1932, de Foerster-Koschwitz, pp.2-45, é excelente.
- 12) Concilium Turonense III (Leo P.III; Carolus Magnus Imperator), Conciliorum tomus XX, Parisiis e Typographia Regia, 1644, p. Dou o texto na íntegra, porque as citações comuns só trazem a parte final, que do ponto de vista linguístico é a principal. Mas nossa antologia se enriquecerá com o cânon inteiro.
- 13) Concilium Rhemense II (Leo P.III, Carolus Magnus Imperator), Conciliorum tomus XX, etc. p.365.
- 14) Sermo: é a tradução de ὁμιλία. Cf. "prática", "sermão". Santo Agostinho, no proemium à Enarr.in Ps.118, (BAC, 264, p.12) diz: Statui autem per sermones id agere, qui preferuntur in populis, quas Graeci ὁμιλίας vocant. Na Epist. 224, 1, ad Quodvultdeum (BAC, 9, p.1066), diz: Restabant epistolae, deinde tractatus populares, quos Graeci homilias vocant. E São Germano, bispo de Paris, na Expos.brevis ant.liturgiae Gallicanae in duas epistolas digesta, Ep.I, De Omelias (sic) (PL, 72, 92), diz: Homelias autem sanctorum quae leguntur pro sola praedicatione ponuntur, ut quicquid propheta, Apostolus, vel Evangelium mandavit, hoc doctor vel pastor Ecclesiae apertiori sermone populo praedicet, ita arte temperans, ut nec rusticitas sapientes offendat, nec onesta loquacitas obscura rusticis fiat.
- 15) Concilium Moguntinum (Leo P.IV, Lotharius Imperator), Conciliorum tomus XXI etc.
- 16) Estes textos não se incluem nesta "antologia", porque são bastante divulgados entre nós. Ver Nithard, Histoire des fils de Louis le Pieux, ed.de Phillippe Lauer, Champion-Belles Lettres, 1926, pp.100-110. Ver, também, a tese de Concurso do romanista brasileiro, Pe. Augusto Magne, SI, Rio.
- 17) Les invasions Germaniques (la pénétration mutuelle du monde barbare et d u monde romain), chap.VIII, "Les influences mutuelles", p.224 (Esse capítulo é muito interessante: pp.217-248).
- 18) Vita Hilarionis, 22. Germania e Gallia já remontam ao séc.I A.C.; Romania, Alamannia e Francia são do séc.IV. Mas, como se vê aí, a Francia do século IV passou a ser chamada Austria (cf.Greg.Tours,

- Mart.4,29) nos sécs.VII-IX, e o que desde o séc.VI se chamava Neustria foi o germe da atual França (<Francia). A Austria deslocou-se para o sul e para leste, e, em duas tradições diferentes, Alamannia e Germania se estendem, enquanto Teudiscus se restringe ou a uma pequena região do baixo alemão ou apenas ao alemão".
- 19) Les invasions, loc.cit.
 - 20) LHLG, I, pp.85-86.
 - 21) Language, p.470.
 - 22) Le langage, 1921, p.342.
 - 23) "Dilun, etc." in StN, 1953/54, p.128,n.2. Depois de "Die Namen des Wochentage bei den Romern," Zeitschr.f.deutsche Wortforschung, I (1901) ele acrescenta: "L'article fait partie d'une série qui suit le problème de l'Orient jusque dans les langues modernes". L'article sur les langues romanes (par Meyer-Lübke) ne sera pas mentionné ici: sa conclusion est: "dies kann bald vorangehen, bald nachfolgen, bald fehlen".
 - 24) (Les noms etc.) em RPhF, 1908, pp.268-290.
 - 25) Cf.DLF, III, 359, 521, 186; IV, 1816 (samedi, de sabbati dies), 2438 (vendredi).
 - 26) Cf.p.ex., Paul-Marie Duval, em "La vie quotidienne en Gaule pendant la paix romaine", Hachette, p.85; E.Tonnelat, em "La religion des Germains", "Mana", PUF, 1948, pp.342 e 346; Mercurii dies, Veneris dies. Uma exceção é Carl Clemen, em "Les Germains", in Hist.gén-des religions, tome I, Quillet, 1948, pp.460-461: dies Martis, dies Mercurii, dies Veneris.
 - 27) O Dict.étym.de la langue française de Oscar Bloch e Walther von Wartburg está já na 4a.edição, mas a doutrina continua a mesma no caso da semana. Aliás, ela é reafirmada no artigo Luna do FEW, uma empresa formidável, a mais extraordinária realização de trabalho de equipe em lexicologia histórica: tomo V, 1950, p.453, e também no art.de Wartburg, "Les noms des jours de la semaine"(1949) publicado em Von Sprache und Mensch, pp.56-58.
 - 28) Os autores admitem que o tipo latino é dies Martis (art.cit.,p.268).
 - 29) A primeira questão está na p.268 e as outras duas na p.269.
 - 30) Uso "acintoso" sem emoção; apenas como quem assiste à polêmica. Quem desejara ver a ironia da luta leia G.Millardet, Linguistique et dialectologie romanes, etc. 1923, que está escrito na base do "diálogo" com a euforia dos geógrafos linguistas do início do século. Aliás, há ali quase quatro páginas irônicas, mas bem sentadas sobre a questão do a no art.de 1908: as pp.403-406. Millardet não se interessou pela posição de dies.
 - 31) Chamo "filológico" ao método que explora a documentação escrita de textos literários, populares e epigráficos, que não compete, mas se associa com qualquer outro.
 - 32) DsWGChK, 1905, pp.36-38; DNWR, 1901, pp.181-183.
 - 33) O último exemplo foi tomado ao SVL, de Rohlf, p.5, e os 3 precedentes são da edição de 2a.obra, de De Rossi, feita por A.Silvagini em 1935.
 - 34) A quem interessar a discussão dos múltiplos problemas fonéticos daquela região, recomendo a consulta à obra de Bruppacher, tantas vezes citada.
 - 35) DDEL, 1954, III, p.372, s.v.Miércoles. Assim também Lausberg, Rom.Sprachen I (Götschen, 128-128a), p.93; Bruppacher, DNWR, p.55 e nota 1: explica por Veneris; Thomas, Romania, 34 (1905) p.332: mercor, mercoris.

- 36) Uma homenagenzinha à Linguística Histórica!.
- 37) Respeito a ortografia dos autores: aí é entent, em vez de entend; adiante será ceus, deus, eus, por ceux, deux, eux.
- 38) J.Gilliéron, "Les noms des jours de la semaine en Savoie" (item IV das "Notes dialectologiques", publicadas em Romania XXV, 1896, p.430 (o art.)
- 39) "Dilun, etc.", in STN, 1952/53, p.128.
- 40) Op.cit. p.127.
- 41) Chamo assim por comodidade: o camp.e o log.são os dialetos que constituem o que se chama realmente sardo.
- 42) DNWIR, p.79.
- 43) "Os nomes dos dias etc.", Recensão na ZfrRh 62, 1942, p.133.
- 44) In RFE, 33, 1949, pp.1-14.
- 45) "Les noms des jours, etc." 1951, 72, pp.1-30; 224-226.
- 46) "Dilun, etc." Cumpro acrescentar o tratamento rápido de G.Rohlf, em DLR, 1960 (no alemão, de 1954), p.50. Parce.
- 47) Cf. Von Sprache und Mensch.
- 48) DLR, 1960 (a ed.org.alemã é de 1954), p.50.
- 49) Romanica (ZdrW) pp.54-55.
- 50) "Les noms des jours," etc., 1951, 72, p.23 e nota 2.
- 51) Cf. Rohlf, DLR, 1960, p.49; Bruppacher, DNWIR, 1948, p.211, exemplos com outros dias no friulano antigo.
- 52) M.Pidal, Orígenes, p.394, §83,5 (fim). Pietsch. Hom.a M.Pidal, I, 41-43;
- 53) Cf. J. Corominas, DCELC, II, p.163; ibid., p.1074.
- 54) Cf. Contribuição Linguística, etc. (inédito), do Autor, p.424. Ver também INTROD., p.206.
- 55) Cf. cap. II, p.87 e nota 86, p.106. É lamentável, mas não tenho a mão da Vetus senão dois dos Evangelhos e o Gênesis!
- 56) Cf. para Santo Agostinho e para os africanos, INTROD., pp.146- e 157.
- 57) Eis o texto: Si quis in civitate positus tres dominicas ad ecclesiam non accesserit, pro tempore abstineatur, ut correptus esse videatur. Como explicá-lo? Seria o secretário um italiano?! (Kirch, EFHEA, p.202).
- 58) Cf. INTROD., p.145.
- 59) Cf. cap. II, pp.71-72.
- 60) Cf. o que eu disse sobre Gregório de Tours na INTROD., p.183.
- 61) Não me foi possível ver o trabalho de Jud "Sur l'histoire de la terminologie ecclésiastique de la France et de l'Italie" in RLR, X, 1934, que discute também esse caso.
- 62) Cf. DLR, 1960, p.48 e nota 3.
- 63) M.K. Pope, From Latin to Modern French, Manchester Univ. Press, 1934, §§ 352 e 789.
- 64) Historische Grammatik der franz. Spr., 1934, vol. I, §124. Também em REW, 2738.
- 65) Loc.cit.: "Parece estranho "dimanche", diz ele. "Para o fr. arc. diemanche, Foerster, ed. de Aioli, 1210, apontou *Dia Dominica, e talvez aí esteja a solução.
- 66) O francês conhece - che vindo da terminação -icu, mas só quando a síncope do -i- cria o grupo tc. É o caso de porche (<porticu).

De outro modo, só -ica é que dá che: manche (<manica), Basoche (**Ba-selca<Basilica), etc. Se o -t- e o -c- se sonorizaram antes da síncope da postônica, temos -ge: fr.arc. e prov.ereje (<hae-reticum), frommage (formaticu), linhage (<lineaticu): Cf. Meyer-Lübke e M.K.Pope, §§ citados.

- 67) DLLR, 1960, pp.47-48 e mapa 12. O original alemão é de 1954. Cf.meu mapa nº XIV.
- 68) Gramática Histórica Catalana, Gredos, 1952, §§ 193 e 81 c.º § 193, "El grupo NY románico, reducción de -ñicu, há dado n̄ (grafia ng o nj): canonicu > canonge; dominicu > domenge * monicu > monjo." O § 81c trata da manutenção do e (<i) no suf. -icu, ica "de ciertos nombres: Dom̄nicu > Dom̄nec (pero también Domenge), *cav̄icu > cà-vec, * cūrr̄icu > cōrrec, man̄ica > mānega, manicu > manec, pers̄icu > pressec".
- 69) Cf.J.Anglade, Grammaire de l'ancien provençal, Klincksick, Paris, 1921, pág.163. Veremos que o provençal documenta os nomes de todos os dias com dies anteposto, ou sem dies.
- 70) Quando digo provençal (ou prov.) sem outra indicação, estou pensando no antigo e apoio-me em REW, 7479, e Raynouard, Lexique roman, (LR), publicado em 1836-1845 e reproduzido há alguns anos em Heidelberg. Para as presentes formas, LR, III, 41, nº2.
- 71) A.Bardía Margarit, Gramática Histórica Catalana, explica de dois modos a forma diumenge: No § 70, II, pela síncope do -d- di(e) dominicu > *diominicu > ... > diumenge; no § 9, nota 2, por síncope do -q- e vocalização do -d- como em cadere > cadre > caure. Estão em contradição. Parece preferível a primeira. Em todo caso, uma forma *didmenge deve ter existido para explicar o arc. diemenge (Corominas, Vidas de Santos, p.151). Ver também O. Schultze-Gora, Altprovenzalisches Elementarbuch, Heidelberg, 1936, §77,b."

CAP.V - A SEMANA ECLESIASTICA PURA:
ESTRUTURA E IMPLANTAÇÃO.

1 - Chaméi "semana eclesiástica pura" a que se constitui com o Dominicus e o sabbatum nos dois extremos e usou sintagmas ordinal + feria como elementos de "recheio". Não traz as soluções que já foram notadas na Sardenha, na Itália setentrional e na Récia, e na Dalmácia por uma razão muito simples: é que aquelas eram cunhas de penetração para abrir brechas na semana planetária, e portanto, medidas de exceção. A semana eclesiástica pura, como já vimos, está caracterizada pelo texto do Breviarium Romanum, que em substância é o do Venerável Beda e sua escola - que distingue tácitamente duas fases na sua constituição, quando afirma que o Papa São Silvestre:

- 1) manteve o nome do Sabbatum e o do Dies Dominicus (Sabbati et Domini-cí diei nomine retento);
- 2) "mandou que se chamassem pelo nome de feriae os demais dias distintos (i.e., "pelo ordinal"), como já antes tinham começado a ser chamados na Igreja (reliquos hebdomadae dies feriarum nomine distinctos, ut iam ante in Ecclesia vocari coeperant" (1).

a - Os problemas fundamentais que ela oferece são de dois tipos:

- 1) os referentes à sua constituição, vida, uso e estrutura na fase latina;
- 2) os das causas da sua implantação só numa pequena área romana e da sua evolução e estrutura nessa fase.

Expostos nesses dois itens, eles parecem de uma simplicidade e de uma evidência cristalina. Quando, porém, examinados de perto, eles se apresentam com tal complexidade que, como já deixei claro nas páginas introdutórias, não espero chegar a uma solução definitiva e indiscutível. Os problemas da primeira fase incluem os elementos essenciais da história da forma e da semântica da palavra feriae, que veio para o português como herança e como empréstimo: como herança no sentido de "mercado", e como empréstimo, sob duas formas e duas ou mais semânticas:

- 1) como herança, na forma feira, "mercado" ;
- 2) como empréstimo erudito na forma féria, (no pl.) "feriados escolares", (no sing.) "jornal ou salário", "dinheiro apurado em negócio ou serviço no fim do dia de trabalho", etc.;
- 3) como empréstimo antigo (= "semierudito" tradicional), nos sintagmas segunda-feira, etc., que aqui nos interessam, na mesma forma popular da herança.

b - Antes de entrarmos no problema, uma digressão comparativa.

O panorama no português é especial e mais variado, mas não completamente diverso das outras línguas. No latim feriae tinha apenas alguns sentidos do segundo item; desenvolveu outro associado às nundinae, substituindo o sentido de ἀγοραῖ que estas possuíam (2), donde o primeiro, na língua vulgar, da qual o herdamos. Essa oposição inicial feira/féria, é também das línguas irmãs: esp. feria (3), cat. fera/fèria, fr. foire/férie, it. fiera/feria e, até, o ingl. fair e feria, o primeiro tomado ao fr. foire, no fim da época arcaica (Middle English) e o segundo empréstimo mais recente no lat. eclesiástico. Mas o terceiro uso da nossa primeira forma, feira - que os dicionários espanhóis, catalães, franceses, italianos, e, até ingleses, registram, nessas línguas, para a linguagem eclesiástica - em português é lugar comum, e, entretanto, mesmo na fala urbana descuidada, se pronuncia fêra: "segunda-fêra", "têrça-fêra", etc. Os dicionários das línguas atrás mencionadas - o Pequeno Larousse Ilustrado ou o Tesoro de Covarrubias, o Pal. las Diccioniari Català Ilustrat, o Petit Larousse Illustré ou o Dictionnaire de la langue française de Littré, o Vocabolario della Lingua Italiana de Zingarelli - todos êles, definem feria, fèria, férie, feria, como "qualquer dia da semana que não seja "domingo" nem "sábado" (4). É o nosso -feira. Todos êles, ou quase todos, exemplificam: "segunda feria, tercera feria" (esp.); "seconda feria", lunedì, terza feria, martedì, etc." (it). Dos dois franceses mencionados transcreverei as definições e os exemplos:

- Terme dont se sert l'Eglise pour désigner les différents jours de la semaine, du lundi, 2e férie, au vendredi, 6e férie (Pet. Lar., 1959, p. 428);
- Terme de liturgie. Nom que l'Eglise donne aux différents jours de la semaine, à l'exception du samedi et du dimanche. Faire l'office de la férie, et, par éclipse, faire la férie. Le lundi est la deuxième férie, le mardi la troisième férie. On ne dit ni première férie pour dimanche, ni septième férie pour samedi (Littré, 1889, II, p. 1644).

c — Há uma diferença fundamental, que já notei na comparação com o espanhol: lá é só da linguagem eclesiástica litúrgica, mas os próprios eclesiásticos, em quaisquer outras circunstâncias, usam os outros nomes, porque os outros é que são nomes dos dias. Nós é que temos ordinal + feira como "nome de dia da semana" (5). E a composição é tão íntima que há dicionários nossos que, ao definirem feira, ou se calam sobre o valor como elemento do nome de dia (Nascentes, 1964), ou dizem:

- "... designação complementar dos dias da semana, exceto o sábado e o domingo" (PDBLP, 1960, p. 541);
- "Designação complementar dos dias da semana com exceção do sábado

e domingo: segunda-feira, quinta-feira (o terceiro dia chama-se têrça-feira) (Caldas Aulete, DCLP, 1948, I, p.1250).

As definições são quase as mesmas. Como se pilham uns aos outros?! Um estrangeiro que estudar por êsses dicionários, ao combinar encontro com um eclesiástico espanhol, francês ou italiano, um Cardeal, por exemplo, dirá:

Yo veré a Vuestra Eminencia la tercera feria próxima;
Je verrai Votre Eminence la troisième férie prochaine;
Io vedrò Vostra Eminenza la terza feria prossima;

Se corrigido, no mesmo dia, terá dificuldade de combinar visita com um eclesiástico em português, ou mesmo com um leigo, porque as definições idênticas devem estar deformando fatos idênticos. Se por acaso antes não lhe acontecer que - tendo visto no PDBLP ou no de Nascetes, ou no de Caldas Aulete, reforçado por um exemplo de Camilo, "Dominga, o mesmo que Domingo especialmente do Advento ou da Quaresma", diga a alguém a quem promete visita no domingo seguinte, que será um domingo do Advento ou da Quaresma, ou o de Pentecostes:

"Na próxima domingo vou jantar com você". Desculpem-me a caricatura, pois não é caricatura: caricaturesca é a informação que êles nos dão! Deve ser por isso que foram alcunhados "pais dos burros" (6). Este parêntese de revolta "bem humorada" se deve à falta de senso de oportunidade que têm êsses dicionaristas de valorizar fatos lingüísticos e dar informação boa e exata. Consulte-se o Romanisches Etymologisches Wörterbuch, 3250:

".....; pg.feira "Tag in der Woche": segunda feira "Montag" usw."

O consêlo único que se tem é que os nomes planetários receberam o mesmo desprezo, austero e conciso.

d - Retornemos dêsse problema aos problemas da semana eclesiástica pura, que são:

- 1 - Qual a origem das expressões secunda feria, tertia feria, quarta feria, quinta feria, sexta feria?
- 2 - Qual a data, local e meio social em que elas se desenvolveram?
- 3 - Como explicar a mudança semântica, de feriae, "dias feriados", para (ord. +) feira, "dia-dê-semana"?
- 4 - Como explicar o uso de feria no singular, se os gramáticos latinos insistiam que feriae era um plurale tantum?
- 5 - Qual é a relação cronológica entre Dominicus/a e sabbatum/a e as expressões e as fórmulas do sintagma ordinal + feria?
- 6 - Qual o valor das formas invertidas do sintagma: feria secunda, feria tertia, etc.?

- 7 - Qual a frequência e o interesse das fórmulas prima feria e septima feria, que ocorrem nos escritores eclesiásticos, mas Littré diz que não se usam na linguagem eclesiástica francesa?
- 8 - Por que só no português conseguiram as fórmulas eclesiásticas deslocar totalmente as expressões planetárias e por que no galego as deslocaram parcialmente?
- 9 - A semana semi-híbrida do galego tem algum interesse na explicação dos fatos?
- 10 - A uniformidade da semana portuguesa tem alguma outra mensagem lingüística, além de ser instrumento muito maleável e elegante na expressão do tempo no cotidiano?

Esse decálogo da semana portuguesa parece claro, mas encerra problemas que, talvez, desta vez ainda, não serão totalmente resolvidos. Tentemos em todo o caso, "arredondar um pouco mais a roda da semana".

1 - As cinco primeiras questões atingem a criação e constituição da semana eclesiástica latina. A sexta e a sétima visam a problemas de detalhes que não serão difíceis de resolver. As três últimas tratam do problema da implantação da semana na faixa ocidental da România e da mensagem lingüística que essa vitória, total em Portugal e parcial na Galiza, pode ter. As únicas que não são difíceis são as do segundo grupo. É uma pena que o II Nocturnum do die 31 Decembris tenha tão má fama! Se o que dizem ele e os textos do Venerável Beda fôsse história genuína, estariam respondidas as cinco primeiras questões como determinações de São Silvestre, que não teve medo dos gramáticos e usou o singular, e usou feriae porque os membros do clero não devem preocupar-se com coisas do mundo, e que o meio foi o meio cristão. Tal não é, porém. Tentemos examinar cada uma das perguntas.

2 - As formas com feria substituíram o decalque servil secundae sabbati, tertia sabbati, quarta sabbati, etc. do infício (7). Mas, enquanto os africanos e os ibéricos já usavam ordinal + feria, os italianos e outros estavam presos ao decalque. Exemplo típico é o texto de S. Jerônimo da Carta 120, 4, ad Hedybiam (8).

3 - A fórmula com feria aparece pela primeira vez em Tertuliano, em 213 A.D. Tertuliano é africano. Depois ela se sucede entre os africanos - Pseudo-Cipriano, Martinho de Frutuoso, versão latina de Ireneu - até que em meados do séc. IV ocorre o primeiro exemplo europeu, num texto de um leigo Heraclianus em discussão com um bispo de Sírmio. Depois, continua a ocorrer entre africanos, no Ambrosiaster, frequentemente, em Ticônio; em 387 encontram-se algumas ocorrências em Santo Ambrósio (de Milão). Depois, volta a ocorrer entre africanos: Hilariano, Santo Optato Milevitano, e uma enchente de ocorrências em Santo Agostinho e outra na Peregrinatio ad Loca

Sancta. É só no meado do séc.V que continuam só os exemplos europeus. É claro: cessou com a morte de Santo Agostinho, 430 A.D., já em plena ocupação dos Godos de Genserico, a cultura cristã da África. Seria muito bom transcrever aqui os principais textos. Por falta de tempo, agora, vão apenas alguns exemplos, indicação de outros passos, e nem todos eles com tradução.

b - Eis a série que atrás resumi:

- 1) 213 A.D.(África) Tertuliano - De Ieiun.adv.Psychicos, 2,3
Quartae Feriae et sextae (PL, 2, 1007)
 Mas também: Quartam et sextam sabbati (id.ibid.14,2(PL,2,1273)
- 2) 243 id.(África)Pseudo- Cipr., De Pascha Computus, PL,4,1031,
 col.1031 Quarta feria.... secunda feria....
 1032 Sexta feria..... III feria....
 1033 II feria....feria VI....feria III....feria II
feria VI.... feria V.... feria non secunda
quomodo ante sed quinta... tamen ad secundam feriam
non occurrit, sed ad primam... ad septimam feriam...
Tertia vero, feria sexta... Quarta autem feria...
quinta...
 col.1034 - feria quarta, feria quinta.. feria II...
II feria... sexta feria... quinta feria... secunda
feria... sexta feria... quinta feria... secunda fe-
ria... prima feria...
 col.1048 feria tertia....
- 3) c.250 (África) - Iren., Adv.Haereses, V, 23,2(PG,7,1186)
Parasceve quae dicitur cena pura, id est, sexta feria
- 4) c.259 A.D.(África) - Martyrium Fructuosi, 2,1
feria sexta (BAC, 75, p.789)
- 5) Post 366 A.D.(Europa) Altercatio Heracliani laici cum Germinio
Episcopo Sirmiensi (PL, 91,345)
Quod gestum est in civitate Sirmiana coram omni po-
pulo, Idus Ianuariae, VI feria, Gratiano et Daga-
laifo consulibus.

É a primeira ocorrência na Europa.

- 6) c.375 A.D.(África) - Ambrosiaster, Quaestiones Veteris et Novi
Testamenti, questão XCV, §§ 4º e 5º. O § 40 termi-
 na com esta relativa: unde et lex quarta feria data
est. Vem o § 5º:

Et ne legendi fastidium patia-
ris aut quaestionis singula membra
curiose inspicere, do compendium,
ut de numero dierum, qui a pascha
usque ad datam legem sunt, certus
sis et ab ipso facilius discas
quota feria factum est pascha.
Manna prima feria data est, quia
continuis sex diebus collegerunt,
quae prima feria sexto decimo die
fuit mensis secundi. Ab hac ita-
que prima feria in octavum deci-
mum diem, quo lex data est, quar-
tam feriam invenies. A feria
vero quarta, sive ante sive re-
tro computes in quinquagesimum
dien, quarta feria est. Idcirco
quia quarta feria legem accepe-
rant, quinta autem, feria profec-
ti sunt de Aegypto, igitur dedica-
tio legis est pentecoste"(fim do
 §5 e da questio XCV (9).

Para não obrigar o leitor ao can-
 saço de examinar cuidadosamente ca-
 da parte da questão, dou um resumo,
 de modo que se possa certificar do
 número de dias que vão desde que a
 lei foi dada até a páscoa e daí se
 possa saber em que dia (quota fe-
ria) se fêz a páscoa. O maná foi
 dado no primeiro dia (prima feria)
 pois o colheram em seis dias segui-
 dos, o qual primeiro dia (prima fe-
ria) incidiu no dia 16 do segundo
 mês. Portanto, partindo dêsse pri-
 meiro dia(prima feria) dêga-se ao
 dia 18, no qual foi dada a lei, que
 é o quarto dia(quarta feria). Do
 quarto dia (quarta feria), quer se
 conte para a frente, quer para trás
 até o quinquagésimo dia, chega-se a
 uma "quarta-feira"(quarta feria).
 Nesse caso, tendo recebido a lei
 na "quinta-feira"(quinta feria), a
 consagração da lei é no pentecos-
 tes".

Aí, feria é igual a dies. (*) Isto coincide com o título do tex-
 to do poeta anônimo do séc.V: Nomina Feriarum, e onde o segundo dia é
feria secunda.

Vindicat et lucens feriam sibi Luna secundam (10)

E também com o título da secção III do tratado De Tonitruis
 do Pseudo-Beda: De Septem Feriis (11). E ainda com o verso do hino
 do Pseudo-Beda:

Nostis, more dies feriae sunt nomen habentes.

7) 380 A.D. (África) - Ticônio, Liber de Septem Regulis, Regula V:
De Temporibus (PL, 18, 47-49):
Sexta feria (várias vezes)

8), c 380 A.D. (Ibéria = África) - Egeria - Peregrinatio ad Loca
Sancta, cap. 27-29, 32-35, 37, 39, 41-42, 44: 41 ocorrências
 da fórmula assim:

secunda feria, 6 vezes
tertia feria 6 vezes
quarta feria 11 vezes

(*) Cf. ainda Cassiodoro, Exp Psalm., In Psalm. 93, 1 (CC,
98, 846): Quarta sabbati est a sabbato quarta feria (ll,
 70, 664).

quinta feria 8 vêzes
sexta feria 10 vêzes (13)

Egéria é da Galiza: não conhece São Jerônimo. Usa muito os nomes dos dias porque descreve a liturgia da Semana Santa na Terra Santa.

- 9) c.387 A.D.(Milão)- Santo Ambrósio - Epist.23,10 e 12 (PL, 16,1073):
 - quinta feria... sexta feria... sabbato.
 - Die Dominica... dominica... die sabbati...
secunda feria, tertia quoque feria... quarta etiam feria.

É a segunda ocorrência européia.

- 10) 397 A.D.(África)- Quinto Julio Hilarião, bispo africano, De Ratione Paschae et Mensis, 15 (PL, 13,1114).

Feria sexta... feria prima; quae est post sabbatum Iudeorum dies dominica, sabbatum scilicet nostrum et Pascha... ad instar resurrectionis eiusdem Domini nostri feria prima hoc est die dominica primum tantum modo mensem ex lege retinentes.

Note-se que é a terceira vez que aparece feria prima: em 243 A.D., no Pseudo-Cipriano, onde vem também feria septima, em c.375 no Ambrosiaster, e agora, em 397. Isso é muito importante: o "domingo" e o "sábado" são feriae como os demais dias (14).

- 11) Ante 400 A.D.(África)- Optato Milevitano, Liber I, 2 3(CSEL,26,26)
 (=1,25, PL, 11,931):
... Constantino quater et Licinio ter consulibus sexto Nonas Octobris die, sexta feria...

- 12) 396 A.D.(África)- Santo Agostinho, Epist.36 (Ad.Casulanum). É uma carta importantíssima. Trata do jejum: consta de 14 capítulos e ocupa 38 páginas do vol.69 da BAC (1951). ~~Na edição da BAC (1951) as 38 páginas reduziram-se a 19, porque a edição traz texto e tradução. O quadro de ocorrências de nomes de dias da semana que eu levantei nessas 38 páginas assim se resume:~~

<u>Sabbatum, dies sabbati, sabbati dies</u>	→ 109
<u>dominicus, dies dominicus, dominicus dies</u>	→ 68
<u>numeral + sabbati</u>	→ 12
<u>numeral(com sabbati oculto por zeugma)</u>	→ 9
<u>dies septimus</u>	→ 3
<u>Hebdomas, sabbatarius, dominicarius</u>	→ 6

bis in sabbato, ter in sabbato 9
quarta feria 1

Total 217

Aparentemente, aí, quarta feria é um humilde representante do sintagma. Mas vamos ao texto:

Cur autem quarta et sexta maxime ieiunet Ecclesia, illa ratio videtur, quod considerato Evangelio, ipsa quarta sabbati, quam vulgo quartam feriam vocant, consilium reperiuntur ad occidendum Dominum fecisse Iudaei (cap.13,30).

E esta parece ser a razão por que a Igreja jejua principalmente na quarta e na sexta: é que segundo o Evangelho, foi na própria quarta sabbati, que vulgarmente se chama quarta feria, que os judeus fizeram o plano para matar ao Senhor".

Santo Agostinho aí diz que a quarta sabbati é chamada pelo vulgo quarta feria. Não se trata, pois, duma fórmula eclesiástica: esta era quarta sabbati. E esse vulgo não pode ser o profano, porque este dizia dies mércuris. Era o vulgo cristão, que não entenderia bem quarta sabbati. Uma prova disso está na Epist.120 (ad Hedybiam) de São Jerônimo. Hedybia o havia consultado, não sobre a fórmula, mas sobre um problema de exegese do passo em que a fórmula ocorria. Apesar disso, São Jerônimo a explica. Veja-se o texto já citado (cf. nota 8 acima)

13) c.400 A.D.- Santo Agostinho, Ep.54 .

O segundo texto é a Epist.54 (Ad inquisitiones Ianuarii, liber primus) de 400 A.D. Respondendo a consultas sobre fatos do calendário religioso e particularmente sobre o que fazer na Quinta-feira Santa, Santo Agostinho emprega duas vezes quinta-sabbati:

Si aliquis peregrinus in eo forte loco, ubi perseverantes in observatione Quadragesimae, nec quinta sabbati lavant, relaxantve ieiunio: "Non, inquit, hodie ieiunabo..."(IV,5)-

Se alguém se encontrar como estrangeiro em algum lugar, onde todos perseveram na observância da quaresma e não se lavam na Quinta-Feira nem interrompem o jejum e disser: "Hoje não jejuarei"(...)

Si vero etiam in aliena patria cum peregrinaretur(...) vidit(...) bis offerri quinta sabbati hebdomadae ultimae Quadragesimae(...) veniensque in patriam suam...(ibidem).

Se, porém, estando em terra alheia(...), viu (...) oferecer-se a comunhão na quinta-feira da última semana da quaresma(...) e, vindo para a sua pátria..."

Quaeris enim his verbis: Quid per quintam feriam ultimae hebdomadis Quadragesimae fieri debeat? (...) (V, 6).

Perguntas-me nestas palavras: "Que se deve fazer durante a quinta-feira da última semana da quaresma?"

Esse exemplo me parece muito importante: na linguagem do bispo é quinta sabbati; na do consulente é quinta feria.

Está explicado o vulgo: é o povo cristão mesmo. Está também explicado por que S. Jerônimo ignora a fórmula com feria. E, se o vulgo fôr o africano, como a quase totalidade dos exemplos, desde o séc. III até o limiar do V dá a entender, então a expressão com feria surgiu na África. Essa intuição eu tinha, mas achava perigoso avançar a hipótese. Quando, porém, o Rev. Prof. D. João Mehlmann, O.S.B., ao arguir a minha tese de Livre Docência, formulou a hipótese, achei que agora ela podia ser perfilhada. Muitos dos exemplos que aqui juntei, estranhos àquele trabalho, foram-me fornecidos pela generosidade daquele colega. Ora, fala-se sempre nas afinidades do Latim da Ibéria e da África. Não estaria aí um incentivo para a implantação das fórmulas com ordinal + feria em Portugal. Insisto: ela era popular, ao passo que o decalque com sabbati, até para nós hoje soa "barbaricius"

- 14) 403 A.D.-Santo Agostinho ainda, nas Enarrationes, num passo ^{ex}egético, de 403 A.D., vem a semana toda na fórmula do decalque, explicada pela do Gênesis: ordinal masculino + dies.

Quare et quinta sabbati?... Prima sabbati dicitur primus dies, quem dominicum etiam nominamus; secunda sabbati secundus dies; tertia sabbati tertius dies; quarta sabbati quartus; quinta ergo sabbati quintus a dominico die; post quem sexta sabbati sextus dies; et ipsum sabbatum(15) septimus dies (In Ps. 80, 2)

Por que também quinta sabbati?... Prima sabbati se chama o primeiro dia, que nós chamamos também "dominicus"; secunda sabbati é o segundo dia; tertia sabbati, o terceiro dia; quarta sabbati, o quarto; quinta sabbati, pois, é o quinto dia a partir do dies dominicus; depois d'ele sexta sabbati é o sexto dia; e o próprio sabbatum é o sétimo dia.

Parece-me de especial valor êsse passo, sobretudo se o compararmos com o mais famoso dos textos agustinianos de exegese da fórmula hebraica - ordinal + sabbati - explicando ao povo êsses decalques nas Enarrationes, que são homílias, e, portanto, acomodadas à compreensão da plebe: algumas delas vêm, até, com o título: Sermo ad populum ou sermo ad plebem (16). Aqui, Santo Agostinho estabelece as igualdades:

Secunda sabbati = secundus dies
Tertia sabbati = tertius dies

Naquela famosa homília (de 414 A.D.), in Is.93, que não transcreverei aqui porque já foi citada atrás na íntegra (17), a igualdade é tríplice:

<u>secunda sabbati</u>	=	<u>secunda feria</u>	=	<u>dies Lunae</u>
<u>tertia sabbati</u>	=	<u>tertia feria</u>	=	<u>dies Martis</u>
<u>quarta sabbati</u>	=	<u>quarta feria</u>	=	<u>dies Mercurii</u> (18).

A esta altura, êle faz a digressão sôbre o ritus christianus e o ritus paganus de designar os dias, que já nos ocupou. Mas parece-me que chegamos a confirmar o que atrás se disse: feria, desde o início, sem caráter religioso, foi tomada como simples "dia-da-semana." E note-se como, à medida que vamos avançando no tempo, Santo Agostinho vai aumentando suas atestações de fórmula com feria. Uma série longa de sermões seus trazem como título dias-da-semana na fórmula ordinal + feria.

- 15) Ante 417 A.D.(Roma) Papa Innocentius I - Epist.25 (ad.Decentium), cap.4 (PL, 96,510).

Sexta feria... sabbatum... sexta feria

- 16) Ante c.418 A.D.-João Cassiano - De Inst.Coen.,V,24 (PL,49,243 - 17,102)

Quartae sextaeque: feriae

Mas êle também usa sexta sabbati (Inst.Coen.,3,9).

- 17) Ante 428 A.D.(Norte da Itália) Maximino, bispo dos godos, De Lectionibus Evangeliorum, Hom.16,67 (Rev.Ben.40(1928),p.67)

Primus dies dominica, Secundus dies secunda feria, et sic omnes dies. Post sex dies, ut dictum est, sabbatum numeratur (PL,57).

- 18) Inter 437-453 A.D.(África)- Quodvultdeus, Sermo VI, De (Vltima) Quarta Feria (PL, 40,695-694).

Agora cessam os africanos e a fórmula passa a ocorrer com muita freqüência nos escritores eclesiásticos europeus. Só mais tarde começa também a ocorrer em inscrições, de que já citamos quatro (19). Já poderíamos parar; mas incluamos ainda alguns para enriquecer a lista: apenas indicação dos passos.

- 19) Ante 461 A.D. Leo Magnus(ante 461) - Sermo 75,5; 76,9; 78,4; 81, 4; sempre quarta et sexta feria (sôbre o jejum) (PL, 54, 403, 411, 418, 422).

- 20) Ante 507 A.D.-Rurício de Limoges-Epist., Liber II Ep.24 (CSEL,21, 410 = PL,58,103,ep.23); Ep.61 (CSEL,21,440 = PL,58,123, ep.61): tertia feria.

- 21) Sec.V - Vitorio Aquitano - Cursus Paschalis, Patrologia Latina Supplementum, 3, 382.
- 22) Séc.VI (início) - São Cesário de Arles - Ver pp.58 e ss.
- 23) Ante 580 A.D.-São Martinho de Braga - Ver pp.64 a 72, especialmente 71 e 72.
- 24) Ante 580 A.D.-Cassiodoro Hist.Eccl.Trip., XI, 17 (PL,69,1192.
Quarta feria et sexta.
- 25) Ante 634-A.D.- Santo Isidoro de Sevilha- Ver pp.79-85:
- 26) Ante 661 A.D.- São Cumiano- Irlandês- Ep.de Contr.Paschali (PL, 87, 971-972, 976, 986)
Sexta feria, sexta feria (bis)
Quarta feria et sexta.
- 27) 670 A.D.- Adamnano - De Locis Sanctis, III, III (In Itin.Hieros, CSEL, 39, pp.252,287, 296).
—Aperte ergo ostenditur Dominum in die quartae feria
biduo restante... (p.252).
—Sexta feria
—Sexta feria et sabbato.
- 28) c.730 A.D.-Ordo Romanus 1,5:
Nam prima feria regio tertia id est paschae, secunda feria regio quarta, tertia feria regio quinta, feria quarta regio sexta, feria sexta regio prima, sabbato regio secunda...
- 29) 735 - Venerável Beda - ver pp. 85 - 91
- 30) Séc. VIII (méd.) Sacramentarium Gelasianum, (PL,74,1049-1244)
Feria Secunda, Feria Tertia, Feria Quarta, Feria Quinta, Feria Sexta, Feria Septima- apenas quinta feria ocorre na ordem normal.

3 - Todos êsses textos nos dão elementos para resolver algumas das questões propostas no início dêste capítulo. Parece muito provável que a expressão começou a ser usada na África. Parece-me também quase certo que ela não tinha desde o início nenhum sentido místico: era simplesmente o resultado de uma evolução semântica talvez na linha abaixo exposta.

a) - Feriae = "dias feriados". As feriae Nundinae não eram "dias feriados", mas dias comuns para a gente rústica (20)°. Como, porém, as feriae Nundinae coincidiam com o dies Solis depois do famoso decreto Constantiniense, os dies Solis, depois dies Dominici, eram feriae, não pelo seu conteúdo religioso, mas pela coincidência com as feriae Nundinae. E, como estas e os

dies Solis > dies Dominici, se repetiam ^{da} ~~da~~ semana, o plural passou de plurale tantum a plural normal: cada nundina era uma feria; cada Dominicus era uma feria, como dia semanal que era, e não como dia religioso. Os outros dias também eram semanais: por isso feria passou a ser "dia -da-semana", não "dia-de-semana". Creio que esta explicação é válida e explica:

- 1) feria, "mercado" } que também passou a ser usada no singular;
 - 2) feria, "dia-da-semana", donde o uso no poema profano do séc. V, De Feriis, e secunda feria, e outros textos ~~citados~~ citados;
 - 3) o uso das expressões prima feria, para o "domingo" e septima feria, para o "sábado", encontradas nos textos acima transcritos(21);
 - 4) as próprias expressões "secunda feria, tertia feria" etc., pois como poderiam ser elas segunda, terceria, se, como férias, "dias de semana" (de-semana disse eu), se oporiam a "domingo" e "sábado", como é o caso hoje, depois dessa longa evolução semântica?!
 - 5) a sua aceitação tardia pela linguagem eclesiástica, pois ordinal + feria era uma criação popular sem nenhuma mensagem religiosa.
- b) - Essa última razão me parece importante. O silêncio de São Jerônimo seria uma reação contra a fórmula que não tinha nome de deus do paganismo, mas era uma concorrente profana e vulgar da fórmula que se calcava, se não na Hebraica, pelo menos na Aramaica veritas. Quarta feria ~~ante~~ quarta sabbati cheirar-lhe-ia a samba ante música sacra. Mas quarta sabbati o povo não entendia, sobretudo depois de ter aceito sabbatum como "dia da semana" e não como "semana". Quem examina os verbos para "amar" e os substantivos para "amor" na Vulgata tem impressão semelhante à do choque quarta sabbati X quarta feria X dies Mercuris. Só que aqui havia três concorrentes. No caso de diligere X amare e caritas X amor, a resistência eclesiástica foi improfícua. Mas, enquanto São Jerônimo não usa amor, Santo Agostinho, que era mais liberal no caso dos nomes planetários, também aí, sem escrúpulo nenhum, usou amare e amor:
- Paceat tibi Deus qualis est, ama qualis est; non te ipsum amat qualis es, sed odit te qualis es (Sermo 9, 8, 9 - PL, 38, 82);
 - Modo ergo cum in ista carne corruptibili vivimus, morum mutatione cum Christo moriamur, amore institiae cum

Christo vivamus (Sermo 181, 5 - PL, 38, 1106);

- Amando ascende: inde cantatur canticum gradum (In Ps. 83, 10 - PL, 37, 1063);

- Ecce quod martyres amaverunt, ideo praesentia et transitoria contempserunt. Nolite mirari fortitudinem: amor vicit dolorem. (Sermo 306, 11; 10 - PL., 38, 1405)

E' que a sua fórmula era:

- "Salvare" et "salvator" non fuerunt haec Latina, ante quam veniret Salvator; quando ad Latinos venit, et haec Latina fecit. (Sermo 299, 6).

4 - Estão praticamente respondidas as cinco primeiras questões do Decálogo das pp. 165 - 166. A 6a. questão não nos toma por muito tempo: a fórmula mais usual é ord. + feria: feria + ordinal é muito frequente, às vezes alternando com a outra, mas a solução portuguesa mostra a que se consagrou, o que concorda com a impressão de frequência que têm os leitores assíduos dos textos patrísticos.

a - Restaria agora examinar as três questões finais, mas parece-me conveniente dar, pelo menos, uma notícia das principais teorias que pretenderam explicar a semântica de feriae e o uso do singular. A meu ver, só a origem vulgar e profana, que explica feira, "mercado", pode explicar feira, "dia-da-semana", hoje "dia-de-semana". Mas exporei rapidamente, a título de curiosidade, a meia dúzia de teorias que surgiram, mesmo as mais fantasistas. Desde Beda ou de sua fonte, sente-se a preocupação com o uso do singular e da nova semântica. Recorro a Baier e a W. Kubitschek (22)

A análise geral das tentativas de explicação, desde as mais antigas, permite classificá-las em dois tipos: explicações religiosas (místicas ou dogmáticas) e explicações lingüísticas. Examinemos as principais delas, enumerando-as na ordem cronológica da sua proposição:

- 1 - Teoria dos Acta - A teoria da fonte mais antiga é a que ficou atrás no segundo texto de Beda e no Breviarium - aceita (ou simplesmente exposta?) por Duchesne. Quanto ao plural, nota apenas a oposição; quanto à semântica - invocando o salmo 45, 11 (LXX e Vulgata) e 2 Tim., 2, 4 -, justifica feria, dizendo que os membros do clero não devem trabalhar em misteres seculares. Essa concepção do clero como o "escolhido" e a "herança" de Deus está na explicação semântica da palavra clerus dada por S. Jerônimo (Epist., 52, 5) e é, até certo ponto, encampada por S. Isidoro (Etym. VII, 12, 1-2). Ficando os clérigos isentos de qualquer atividade profana, todos os dias para eles seriam feriados (feriae) e cada dia uma feria. Essa idéia de vacare (= "cessar", "ficar livre") para feriari, como ponto de partida para o exame da semântica de feriae, comporta vários matizes:

1) nos textos de Beda e do Breviarium, vacare Deo (= "estar li-

vre para Deus"), e, portanto, supõe dedicação total à carreira religiosa;

2) para o grande jurisconsulto do séc. XIII, Guillaume Durandus, é estar livre do pecado: "Vocantor ergo feriae, ~~id est~~ a feriando, quia toto tempore a vitiis feriari, id est vacare, debemus, non quod sit a necessariis vitae operibus feriando (23).

Mesma posição é a de Will. Brito (?), citada por Ducange (s.v.): Et nota quod Iudaei dies sabbati appellant, nos autem Ferias dicimus, quod omni die feriare i. e. cessare a peccato debemus, unde dicimus primam Feriam sc. Dominicum, secundam, tertiam... sextam, Sabbatum (24)

Seria estranho que, na exegese dos textos, Santo Agostinho omitisse uma explicação tão sugestiva para uma exortação aos fiéis. Digase o mesmo de Santo Isidoro, que nos oferece uma das suas etimologias menagianas para feriae em geral e outra explicação fantasista para a nova semântica.

- 2 - Teoria de Santo Isidoro - A explicação de Santo Isidoro deve ser apenas mencionada, para amenizar a leitura (aliás, o texto já foi transcrito atrás)(25).

A fando feriae nuncupatae sunt, quod sit in eis nobis tempus dictionis, id est in divino vel humano officio fari. Sed ex his festos Dies hominum causa institutos, feriatos divinorum sacrorum (Etym., V, 30, 12) (26).

A explicação da nova semântica não está nas Etymologiae, mas no De Natura Rerum, 3,1 (que também foi citado e traduzido na íntegra nas pp. 79-80)

Dies sabbati ab initio feriatus habetur. Inde dies solis prima feria nuncupatur, quia primus est a feria, item Lunae proinde secunda feria, quia secundus est a feria, etc.

Baehr, com razão, rejeita a teoria de Isidoro, do ponto de vista gramatical e por motivos de fato, lembra que o sabbatum perdera no Cristianismo o sentido de "dia-de-repouso". Realmente a hipótese não merece mais que simples menção.

-3 - Teoria de Du Cange - No seu Glossarium, s.v. Feriae, apresenta Du Cange uma explicação engenhosa. Eis as suas palavras:

Feriae - Singuli dies hebdomadis dicti, ut est apud Hieronymum, non quod iis feriandi necessitas incumbat, sed a septimana Paschalis, quae erat immunis ab opere faciendo, et feriatata. Vnde cum sex illi dies post Pascha feriatati essent, et ea esset prima anni Ecclesiastici

Feriae - Cada um dos dias da semana assim chamados, como está em S. Jerônimo, não porque nêles incumba a imposição de cessar o trabalho, mas tal nome lhes vem da semana da Páscoa, em que era vedado fazer trabalho e que era feriado. Daí, como os seis dias depois da Páscoa fôsem feriados e fôsse ela a primeira se -

hebdomas, inde factum, ut omnes dies septimanae vocarentur Feriae. Lex enim est Constantini Magni qui hebdomadas ante et post Pascha, ἀπὲρ ἅκτου set feriatas sancivit. Sed usus obtinuit, ut posterior tantum esset feriata, ut est in Syn. in Trullo, can. 66. (27)

mana do ano eclesiástico, veio em consequência que todos os dias da semana se chamaram feriae. Com efeito, há uma lei de Constantino, o Grande, que ordenou que fôsem ἀπὲρ ἅκτου (= "isentas de trabalho") feriatas a semana que precede e a que se segue à Páscoa. Mas o uso fixou que só a que se seguia fôsse feriada, como está no cânon 66 do Concílio Trulano."

Pode ser que Rohlf, apenas por brevidade, mencionasse como de Du Cange uma explicação por êste citada (28). Mas parece que Baher interpreta a modal ut est apud Hieronimum como se ela indicasse uma atestação de feria em São Jerônimo (29). Mas eu ousou perguntar se essa modal não se referiria antes às duas causais que se lhe seguem. Tenho a impressão de que ela não pode significar outra coisa: o período seguinte - Vnde... inde factum parece de discurso indireto, de modo que o mais natural seria subentender-se esse (e não est) após factum. Nesse caso, as palavras de Du Cange seriam as que se iniciam com Lex enim, e a explicação seria mesmo de São Jerônimo. Este, porém, ao que parece, nem usou nem explica feria: simplesmente ignorou a!

De qualquer forma, entretanto, são justos e bons os argumentos de Baher, quando êle declara a tese insustentável por motivos de ordem cronológica, pois, se a fórmula com feria já ocorre em Tertuliano, em um contexto que a faz supor entendida, no início do séc. III, talvez um século e meio antes da conversão de Constantino (30), sua semântica não pode explicar-se por nenhuma constituição d'aquele Imperador. Idêntica objeção foi formulada no início do séc. passado, segundo Robert Sinkler (31). Uma explicação tal seria válida, apesar de tudo, se se pudesse provar que os feriados da quinquena pascal, na vida interna da Igreja, já remontassem ao séc. II, antes de Constantino lhes dar expressão oficial no Império. Isso, contudo, é muito pouco provável, e invocá-lo agora seria explicar uma hipótese com outra.

- 4 - Teoria de Gundermann - Gundermann partiu da identidade entre a semana cristã e a judaica e da identidade semântica entre feriae e sabbatum (= "dia-de-reposo"). Daí a sua suposição de ser feria (sing.) uma tradução de sabbati. Assim, partindo da frase de Santo Agostinho do fim do texto atrás citado - quarta sabbatorum, quarta feria qui Mercurii dies a paganis e a multis Christianis dicitur - estabelece êle a identidade entre feria e sabbatorum.

Essa explicação é, aliás, anterior a Gundermann, cujo trabalho é de 1901. Já em 1880, Henry Browne apresentava, sem discussão, igual ponto de vista: "Este uso eclesiástico do termo feria, diz êle, é expli

cado de maneiras diversas. O Autor dêste artigo supõe que feria secunda, tertia, etc. vieram a ser usadas como equivalentes cristianizados de secunda sabbati, etc., rejeitadas como expressões judaicas" (32).

Discutindo a teoria de Gundermann (33) (ou Browne), Baehr observa, e não sem razão, que sabbatum (= "descanso") não é o mesmo que o sabbati de secunda sabbati, que antes significa "semana" e que a equivalência tríplice dos dias na fórmula hebraica, na cristã e na pagã não implica certamente na identidade de sentido dos complementos e adjuntos nominais sabbati, feria e Mercurii. Mas é aí que está a razão da proscrição da fórmula: até um filólogo tem dificuldade em ver em sabbati, "da semana".

- 5 - Teoria de Baehr - Baehr, ao discutir as várias hipóteses, insiste que, na verdade, o sentido de "dia de trabalho" assumido por feria - por oposição a "domingo, dia de descanso" - revelado pelo português feira, não pode ser antigo e, portanto, não deve interessar à explicação da sua semântica na nomenclatura eclesiástica (34). E, ao fim da discussão, propõe "um pensamento religioso, construtivo", para explicar a origem da fórmula com feria. Resumamos suas considerações. O crente viveria numa nova ordem. Para a Igreja tanto as fórmulas pagãs como o decalque seriam fórmulas sem sentido: a nova fé precisaria de nova designação dos dias. E o modo de reformar tudo seria tomar o termo do mundo para feriado e aplicá-lo a todos os dias. E Baehr invoca uma passagem de Tertuliano que "como testemunha é tanto mais bem-vinda, observa ele, porque está mais próximo do fato." Eis o passo de Tertuliano: Nobis certe omnis dies etiam vulgata consecratione celebratur (De Ieiun, 14). E Baehr conclui: "Em qualquer caso, parece transpirar dêsse passo a idéia de que todos os dias da vida da Igreja, por uma vulgata consecratio, se tornaram santificados, e, por isso, passaram a feriados religiosos. Talvez êsse passo de Tertuliano nos fornecesse um ponto de apoio aproveitável para a solução do problema" (35)-.

A hipótese é bastante engenhosa, mas um tanto forçada. Apesar da precariedade do argumentum e silentio, seria de estranhar que escasseassem referências a um fato de tal importância mística. Por outro lado, seria particularmente estranho que um termo de alto conteúdo místico se esvaziasse de tal modo que viesse a indicar o seu contrário, sem que restasse nenhum traço do conteúdo primitivo, se o seu emprêgo fôsse, por assim dizer, ostensivo.

Sem a elaboração e sem documentação curiosa, como essa de Tertuliano, Paiva Boléo, reportando-se ao artigo de Dom Cabrol (36), nota que se poderia perguntar se a "evolução de sentido não remontará ao uso, no tempo dos Apóstolos, de tratar cada dia da semana como

uma festa, um dia de oração, de reunião, de liturgia - como poderá depreender-se, com um pouco de boa vontade, dos "Atos dos Apóstolos" II, 46-47" (37):

Essa hipótese tem algo semelhante à de Baehr. Nos termos em que está expressa, não parece satisfatória. O próprio Paiva Boléo a sente forçada: reclama "um pouco de boa vontade" na interpretação do passo citado dos Atos, e, no parágrafo seguinte, parece repudiá-la, declarando que a "explicação de São Jerônimo" satisfaz mais o seu espírito.

b- Não teríamos objeção alguma a uma explicação teológica ou mística do uso de feriae: mais de uma substituição de expressões se deu no latim cristão por motivos religiosos. Mas êsses motivos ou foram depois confessados e repetidos ou foram sentidos, ao passo que nas explicações místicas atrás apresentadas - salvo o caso do texto isolado de Tertuliano invocado por Baehr - reina um silêncio absoluto sobre o fato. As que invocam razões linguísticas ou históricas, como a de Du Cange (ou São Jerônimo), seriam preferíveis, se não apresentassem sérias dificuldades de cronologia ou de construção sintática. Prefiro a que dei acima, pelo fato de ela explicar uma série de problemas.

5 - Passemos ao problema da implantação da fórmula em Portugal. Em 1940, num interessante artigo, a convocação da "segunda mesa-redonda de que eu falei na introdução deste trabalho, o romanista alemão Wilhelm Giese, tentou resolvê-lo invocando a possível influência árabe.

a- Resumamos seus argumentos (38):

a) A língua portuguesa formou-se em Lisboa: portanto, mais ao sul dos centros onde se formaram o castelhano (Burgos, Toledo), o catalão (Barcelona), o italiano (Florença) (p.200). Em nota, acrescenta Giese: "Aqui interessa-nos somente a formação da língua naquilo em que ela depende da vida da corte e da administração." Por que tal restrição é o que não nos parece justificável.

b) Em 1260, Lisboa, que contava de 12.000 a 15.000 almas, tinha um de seus arrabaldes povoado de mouros, os quais, havia quatro séculos, exerciam influência na vida da cidade (p.201).

c) Os árabes designavam os dias da semana pelos numerais cardinais determinando a palavra nahar (=dia): nahar al'ahad (= dia um), nahar alitnain (= dia dois), etc. (p.201):

d) "Êsses nomes correspondem aos nomes portugueses segunda-feira, etc., e aos latinos secunda feria, etc., com exceção do "domingo e da "sexta-feira", cujo nome árabe significa "dia de reunião na mesquita" (p. 201).

e) "A origem do português segunda-feira, etc., vem do uso medieval de secunda feria, etc., por Igreja e nos documentos jurí-

dicos escritos geralmente por clérigos".

f) Entretanto, essa "maneira dos mouros indicarem os dias" é que é a "razão" por que no português se conservou o sistema enumerativo: os contactos de 1147 a 1260 determinaram, a partir de então, a propagação do sistema pela corte e pelo governo português (p.201).

b - Criticando êsses: artigo de Giese, Paiva Boléo pondera que "não repugna admitir que o sistema enumerativo surja em vários povos sem qualquer influência, pois é o mais elementarmente lógico que um povo pode escolher". Observa a seguir que o sistema com feria "supõe, ao menos na origem, uma faculdade de relação com uma festa cristã" (G-B, 16).

Na sua resposta, sob o título Outra vez "Segunda feira", Giese parece atenuar um pouco a sua posição: insiste em que a influência moura foi um reforço do uso eclesiástico medieval (G-B,16)-.

Em conclusão do diálogo, Paiva Boléo escreveu um segundo artigo mais interessante que o primeiro. Faz um levantamento de expressões com feria em documentos latinos da Espanha publicados por Menéndez Pidal nas Origenes del Español (39), e nos Documentos Lingüísticos de España (nº 147, pp.195-196), num documento publicado no Manual de paleografia diplomatica española, de Muñoz y Rivero (p.378), e lembra, sem citar, nove atestações em documentos dos Annales Complutenses e do Chronicon Compostellanum, do ano 990 a 1096 (40); discute o caso do galego, estabelece algumas coincidências entre o galego e o português, por oposição ao espanhol, citando alguns interessantes documentos galegos do séc.XIII, dos quais cinco atestando nomes de dias-da-semana - lues, mercores, yoves e martes, e IIIj feyra (G-B, pp.24-25) - alude à ação de São Martinho e à referência ao Papa Silvestre.

c - Quanto aos Documentos Lingüísticos de España I, Reino de Castilla, 1919, dei-me ao trabalho de fazer o levantamento total de ocorrências de dias da semana nos 372 textos ali publicados. O resultado foi o seguinte:

nº	ano	forma	nº	ano	forma
9	1299	<u>Domingo</u>	62	1270	<u>sabadr</u>
11	1419	"	102	1262	"
28	1187	"	115	1237	"
110	1147	<u>Dominica</u>	132	1313	"
239	1263	<u>Domingo</u>	147	1196	"
319	1242	"	182	1277	"
321	1243	"	265	1206	<u>dia de sabado</u>
350	1270	"	288	1297	<u>sabado</u>
368	1270	"	317	1231	"
			335	1235	<u>in die sabati</u>

nº	ano	forma	nº	ano	forma
94	1242	<u>Via feria</u>	104	1270	<u>martes</u>
147	1255	<u>Via "</u>	145	1325	"
147	1255	<u>prima feria</u>	204	1309	"
			246	1449	"
131	1291	<u>lunes</u>	361	1369	"
134	1264	<u>die lune</u>	370	1274	"
146	1347	<u>lunés</u>			
232	1376	"	61	1269	<u>joieves</u>
286	1274	"	130	1289	"
295	1349	"	199	1276	"
346	1260	"	200	1272	"
			239	1258	"
24	1220	<u>dia mjercoles</u>	310	1207	"
28	1223	<u>mèrcoles</u>			
90	1231	<u>die miercores</u>			
126	1272	<u>miercoles</u>	60	1277	<u>vienes</u>
127	1275	"	62	1275	"
198	1270	"	64	1278	"
242	1333	"	129	1283	"
252	1226	"	201	1276	"
287	1277	"	240	1269	"
299	1371	"	282	1252	"
334	1372	<u>mjercoles</u>	297	1361	"
344	1256	<u>miercoles</u>	298	1368	"
349	1267	"	302	1414	"
367	1272	"			

O que é de especial interêsse notar é que Giese fala em "conservação" (grifo meu) do latim secundaferia no português "segunda feira" (G-B, p.14), e Paiva Boléo assim escreve no parágrafo final do seu segundo artigo:

"O que importa, como deixei dito, é determinar, em futuros estudos e à face de documentos, a partir de que época exata se observa o desaparecimento, em Espanha, dos nomes cristãos e a sua substituição por designações pagãs (grifos meus) (G-B, p.39)."

d- Ora, como notou Rohlf (141), Harri Meier, na sua apreciação ao opúsculo de Paiva Boléo, publicada em Archiv für das Studium der neueren Sprachen, tomo 181 (1942), p.140, mostrou o engano que se manifesta nessa análise dos fatos históricos, quando observou: "O português não conservou as formas antigas (isto é, as pagãs) mas em português, ao contrário do que se deu nas outras línguas românicas, foram as formas modernas cristãs, devidas à influência da Igre-

ja, que triunfaram".

Realmente, o que se deve discutir é a razão de não ter havido penetração popular da nomenclatura eclesiástica ~~senão~~ na região onde se formou a língua portuguesa.

Resumamos algumas das principais objeções que se podem fazer à teoria de Giese:

- 1a. - A nomenclatura portuguesa usa o ordinal e a palavra feira, continuando o sistema eclesiástico: distingue-se, pois, da árabe, que usa o cardinal modificando a palavra nahár (= dia). Não há muita analogia no caso.
- 2a. - Há outras línguas - e Giese mesmo o observa - que adotaram o sistema enumerativo, sem influência árabe: é o caso do hebraico, de outras línguas semitas, do grego moderno (continuidade do eclesiástico), das línguas eslavas. O próprio árabe deve ter recebido do hebraico o seu sistema enumerativo.
- 3a. - Na Ibéria, e precisamente no Ocidente, há textos latinos de cunho popular, dos sécs. IV e VI, e, portanto, bastante anteriores à invasão árabe, que documentam o uso popular do sistema com feria:
 - a) Um deles é a Peregrinatio, do séc. IV, onde ocorrem, como vimos, nomes de todos os dias da semana. É um texto singelo e espontâneo e cheio de vulgarismos. É notável que nem uma vez ali transpareça o uso da fórmula planetária!

Há também a inscrição já mencionada, de Braga, sede do bispado de São Martinho - de 618 A.D., um século antes da invasão árabe e meio século depois da reação de São Martinho:

Hic requiescit Remisuera in Kal. Maias era DC quinquagis VI, die secunda feria in pace amen (42).

- 4a. - Seria necessário postular influência externa, para se explicar que o português tenha consagrado uma fórmula corrente no latim eclesiástico medieval, que exerceu incontestável influência no romance?
- 5a. - As datas invocadas pelo romanista alemão parecem dar a entender que se imagina a formação do português literário, no séc. XII. É o que se pode depreender da sua afirmação de que, "quando a corte passou em 1260 de Coimbra para Lisboa, esta cidade, que estivera durante mais de 400 anos na posse da moirama, tinha apenas 113 anos de existência portuguesa" (p. 201), assim como da sua nota que estranhámos, posta à p. 200.
- 6a. - Finalmente, carece de fundamento a teoria de que a língua

portuguêsa se formou em Lisboa. A tese de influência árabe interessava insistir nisso. Mas tudo leva a crer que, alguns séculos antes do condado de Portus Cale, na região de entre o Douro e o Minho — e o bispado de Braga volta à tona —, com uma extensão maior para o Sul, se formou e consolidou o dialeto português.

a- Esta é uma questão de especial interesse. Num interessante artigo sobre "Dialetoлогия e História da Língua ("isoglossas portuguesas") (43), Paiva Boléo propõe, na introdução, o problema do lugar de formação do português. Rejeita aí a hipótese dos dois Portugais, formulada por Oliveira Martins, desenvolvida por Alberto Sampaio e explorada por A. Soromenho (pp.1-6). Ao final, na última (a terceira) das conclusões (pp.38-39), retoma o problema da região em que se formou o português. Cita os nossos filólogos, Said Ali e Mansur Guérios (44), que dão como dialeto básico o interamnense, de entre o Douro e o Minho, ou o galaico-português. Mas lembra a ausência do ditongo -ão no galaico-português, já invocada por Leite de Vasconcelos (Esquisse, p.15) e nota que aquêlê ilustre filólogo português na Etnografia Portuguesa, II, p.218 (45) —, aponta, em documento do séc.X, oposição entre o territorium Colimbrie e a Galecia, e declara que nos sécs. X e XI o nome de Portugal já atinge o Mondego e se opõe, cada vez mais, à Galiza. Parece, no entanto, que Leite de Vasconcelos aí se preocupa com a evolução da Reconquista. Não pude consultar o texto da Rev.Lus., III, p.48, citado por Paiva Boléo (46); mas os dos Opusc., IV, 799-800 não me parece concludente. As observações de Gama Barros, que falam em população preexistente como "explicação mais plausível" (47), não importam em conclusão quanto ao lugar de formação da língua. Por outro lado, Leite de Vasconcelos, nas Lições de Filologia Portuguesa (pp.16-17) e nos Textos Arcaicos p.120), afirma ser o galaico-português a língua portuguesa primitiva. Talvez valha a pena transcrever aqui as duas referências:

"O português antigo, à parte certas peculiaridades dialetais, intimamente correlacionado com o idioma da Galiza, ou galego: às faixas primeiras de ambos costuma até chamar-se galeco-português ou português-galego. Ao mesmo tempo em que o latim vulgar se transformava em português-galego na Lusitânia do Norte (tomo a expressão Norte em sentido lato), devia também produzir no resto da Lusitânia um idioma românico que por ora não sabemos ao certo em que relação estava com aquêlê: se lhe era igual ou se diferia dêle, muito ou pouco" (48).

Como, em nota, Leite de Vasconcelos chama romanzo moçarábaco a êsse idioma do "resto da Lusitânia", conclui-se que êle só pensava em dois dialetos básicos iniciais na Lusitânia: o moçárabe ao Sul e

o galaico-português ao Norte (Norte em sentido lato).

Eis o passo dos Textos Arcaicos:

"Por causa da íntima conexão que existe entre o português e o galego, agreguei aos textos propriamente portugueses seis documentos galegos antigos, ainda inéditos.

Nos dois lados do rio Minho desenvolveu-se do latim vulgar da Lusitânia, nos primeiros séculos da era cristã, uma língua substancialmente uniforme, embora, talvez desde sempre, com algumas particularidades dialetais".

6 - Esses textos são assaz explícitos e não estão, aliás, em contradição com o da Etnografia nem com o dos Opúsculos. É de interesse ressaltar que Leite de Vasconcelos não imagina, como não seria mesmo de imaginar, formação tardia para o galaico-português, que se desenvolveu "nos dois lados do Minho" (Galiza e Portugal setentrional) "do latim vulgar da Lusitânia". A formação do português não foi, certamente, determinada pelo condado de Portus Cale: preeexistiu-o e, talvez tenha, até, influído nos seus limites iniciais. Foi intensa a vida no noroeste ibérico, no reino dos suevos (409-585) e no dos visigodos, onde floresciam antigos centros urbanos, alguns anteriores à conquista romana e à romanização. Mais ao sul, entre o Douro e o Mondego, floresceram, desde o período romano - alguns de antes até -, vários outros centros (49). a - Citemos apenas aqueles que eram sedes de bispados no séc. VI A.D., segundo o Parochiale de 569 A.D. cuidadosamente estudado por Pierre David (50). Temos, na Galiza setentrional, do Oriente para o Ocidente: Asturica Augusta (Astorga) Lucus (Lugo), Aurium ou Auriensis sedes (Orense) Iria Flavia (Iria, atual Padron, pouco ao sul de Compostela), Tudae (Tui), na Sedes Britanorum (51); na Galiza meridional de então: entre o Douro e o Minho, Bracara Augusta (Braga), Dunium (Dume) e a Sedes Portugalensis (Pôrto) e na Lusitânia, entre o Douro e o Mondego: Lamecum (Lamego), Viseo (Viseu), mais ao sul Conimbrica (Coimbra), na margem norte do baixo Mondego, e, ao sul do alto Mondego, já na bacia do Tejo, Egitania (Idanha, a Velha). O número total de paróquias era de cerca de 132, assim distribuídas: 10 de Astorga, 4 de Lugo, 11 de Orense, 8 de Iria, 17 de Tui, 1 - o número é impreciso - da Sedes Britanorum; 30 de Braga, 1 de Dume, 25 do Pôrto, 6 do Lamego, 9 de Viseu, 7 de Coimbra, 3 de Idanha. São 107 na Galiza e 25 na Lusitânia, ou, tendo em vista a divisão atual, 81 em Portugal e 51 na Galiza (52).

b - Ora, segundo o Parochiale, a 1ª de janeiro de 569, Teodemiro, rei dos Suevos, reuniu um concílio em Lugo, e, depois dos trabalhos, dirigiu-se aos bispos, pedindo-lhes que aumentassem o número de dioceses e dividissem o reino em duas províncias, cada uma superintendida por um metropolitano. Das 13 dioceses, 9 pertenciam à Galiza, e 4 - as transdurienses, Coimbra, Lamego, Viseu e Idanha - à Lusitânia,

cuja metrópole era Mérida (Emerita Augusta), junto ao médio Guadiana, a leste de Badajoz, na Estremadura. Mas, como estas últimas faziam parte do reino suevo, foram ligadas a Braga. Assim, as duas províncias tiveram por sedes Lugo, na Galiza, e Braga na Lusitânia. Esse estado de coisas permaneceu até 666, quando, por insistência de Orôncio, metropolitano de Mérida - mas depois de sua morte -, retornaram as quatro dioceses transdurienses àquela província, como se vê do Canon 8º do concílio de Mérida, realizado em 666, sob a presidência do sucessor de Orôncio (54).

Estamos diante dum documento do séc.VI, que liga o norte de Portugal à Galiza, e estabelece uma conexão profunda, pois que, opondo às dioceses subordinadas ao metropolitano de Lugo, ao norte, as ~~subor-~~ ^{dioceses ao metropolitano de Braga, ao Sul -} reúne, na província de Braga, quatro dioceses da Lusitânia a três da Galiza meridional, que são as três dioceses situadas à margem direita do Douro: a de Dume, importante como centro cultural, e as de Braga e do Porto, que eram as que possuíam maior número de paróquias (55 ao todo). E quem era metropolitano de Braga? Era precisamente São Martinho de Braga, bispo de Braga de 561 a 580, o presidente do II concílio de Braga em 572, aquele cuja reação contra o modo pagão de enunciar os dias da semana, associando-o às superstições, só rivaliza com a de São Cesário de Arles.

São coincidências notáveis: A reação de São Martinho, na sua diocese, o seu prestígio na sua província e os contactos da diocese de Braga com as da província da Galiza, como já vimos atrás, podem explicar por que se implantaram, totalmente, as expressões com feria no dialeto portugalense e por que o galego foi, em parte, influenciado, pelo modo eclesiástico.

α- Como se viu, o galego chama, normalmente, à "segunda" e à "terça-feira" luz e martes, conhece mércoles, xoves e vernes para os três outros dias, mas usa preferentemente carta feira, quinta feira e se-feira. Giese (p.202) pergunta se essa preferência é já "antiga ou se corresponde a uma influência moderna do modelo português". Paiva Boléo responde (G.B., p.23) que não conseguiu documentação suficiente para dar resposta à pergunta, apesar das buscas que fizera em documentos galegos antigos. Os levantamentos de Francisco Lopez Estrada (54), na recensão ao trabalho de Paiva Boléo confirmam o que disse Cardinal Michaelis na nota a Das Liederbuch des Königs Denis (55), a conclusão de Paiva Boléo, e a nota de Lugris Freire. Por outro lado, o grande número de formas com dies anteposto - formas planetárias ou eclesiásticas - ampliam bastante a área da semana, que eu chamei meridional do ponto de vista românico. Parece que a semana de todo o norte da Península Ibérica era do tipo da catalã e da provençal num período mais antigo. No caso do galego, porém, deve ter sido influência do

sul - de Portugal - que a atingiu, não só com as formas com feria, mas talvez, com Dominicus e Sabbatum, sem dies. As formas mércoles, xoves e vernes, sem ditongação, parecem originárias na Galiza. Pode-se concluir que as formas planetárias são vernáculas. Será que "domingo" e "sábado", no período pré-histórico, não seriam ali precedidos de dies?

c- Quanto ao português, o núcleo básico de constituição da semana deve ter sido a faixa que fica entre os paralelos 40 e 42. Foi esse, provavelmente, o centro de irradiação para o Norte e para o Sul, antes já da formação do condado de Portus Cale (57), mas a influência da língua desse núcleo, por motivos vários - tais como a continuidade de civilização já antes da invasão árabe, a influência da Igreja (58), o processo da Reconquista, mais tarde a unidade administrativa do Condado, e, depois, do reino de Portugal - deve ter-se estendido, quando não na fonética, ao menos nos fatos lingüísticos que são expressões de civilização (usos, costumes, crenças, etc.). E, realmente, uma oposição fonética restou, como ficou demonstrado à sociedade nos oito mapas levantados por Paiva Boléo.

d- Se tomarmos um mapa da Hispânia do séc.VI (século de São Martinho e do Parochiale e do começo do reino visigótico) e ligarmos as oito sedes de bispado mencionadas no Parochiale, de Braga para o Sul, teremos um pentágono irregular, cujos ângulos são Braga (extremo norte), Lamego, Idanha (extremo sul), Coimbra e Pôrto, tendo Viseu no centro. Se tomarmos os mapas traçados e estudados por Paiva Boléo, veremos que as linhas de isoglossas coincidem em geral com os lados ocidental e meridional desse pentágono. Com exceção das do mapa nº8, que tomam orientação exatamente oposta, e das dos mapas nº5 e 6, que parecem denunciar um avanço de influência fonética num bolsão que se dirige para o Sul e para o Sudeste; nos demais a linha aponta na direção Braga-Mérida. Simples coincidência ou um símbolo sugestivo? Ou seria mesmo a indicação de que Braga, que, de 569 a 666, exerceu jurisdição e influência cultural sobre a faixa dos paralelos 40 e 41, ficou definitivamente ligada a Mérida, cuja hegemonia voltou a sentir-se a partir de 666?

e- Por outro lado, as dioceses da província de Lugo, ligadas na ordem Britônia, Lugo, Astorga, Orense, Tui, Iria, Britônia, formam um triângulo isósceles, cujo vértice é Astorga e cuja base é a linha Britônia, Iria, Tui, ficando Iria na altura da bissetriz. Isto, se se ligarem as sedes dos bispados, porque a ligação das paróquias daria, certamente, outra figura (58). Mas esse núcleo ao Norte e o pentágono logo abaixo ao Sul (quase ao centro da faixa ocidental) mostram os dois núcleos de formação das duas falas, tão semelhantes - à parte alguns traços individuais -, que são traços específicos das falas regionais. A onda da Reconquista não levaria muita gente para fixar-se;

portanto, não levaria muita influência fonética. Levaria fatos de cultura, porque era uma cruzada pátrioica e religiosa, conduzida por "aquêles reis que foram dilatando a Fé, o Império" (Lus., I, 2). Mas antes dela, um século e meio antes mesmo da invasão, a onda missionária já tinha descido. E é até de se perguntar se no moçárabe já não era o modo eclesiástico o conhecido; e não por influência moura, mas pela da reação do bispo de entre o Douro e o Minho. A ausência de qualquer hesitação nos leva a supor implantação mais antiga.

Há um outro fato a notar, talvez de interesse simbólico apenas. É que os Annales Portugalenses Veteres, ao narrarem os grandes fatos da Reconquista, levando as tropas vitoriosas para o Sul, vão marcando cuidadosamente o dia da semana, o dia do mês, a era, o santo do dia, e, às vezes, até a hora. E o dia da semana vem sempre pelo modo eclesiástico, o que é tanto mais curioso quanto o dia do mês é expresso pelo complicado sistema romano antigo. Eis os que levantamos dos vários textos publicados por Pierre David nos seus Etudes, pp. 29-312, aqui apresentados numa lista única, e na ordem cronológica (59):

- 29/XI/1057 - die sabbati, in die sancti Saturnini (in sabbato, var. dum dos textos: tomada de Lamego por D. Fernando.
- 25/VII/1058- in die sancti Cucufatis (sem o da semana): tomada de Vi-seu pelo mesmo.
- 25/VII/1064- feria 6a., in vespera sancti Christofori: tomada de Coimbra pelo mesmo.
- 27/XII/1065- die tertia feria, in die sanctae Eugeniae: morte de D. Fernando, famulus Dei, sepultado em Leão.
- 30/IV/1093- sabbato, hora nona: tomada de Santarém por D. Afonso VI de Leão.
- 2/ V/1093 - feria IIa. hora IIIa.: entrada de D. Afonso em Santarém.
- 5/ V/1093 - feria quinta: tomada de Lisboa pelo mesmo.
- 8/ V/1093 - sabbato: tomada de Sintra, por D. Afonso.
- 29/VI/1109 - (sem indicação do dia da semana): morte de D. Afonso.

Era a "marcha da vitória", com tomadas de cidades, mortes de reis, de chefes heróicos, e com alguns reveses. Um destes foi o introytus in castello Sancte Eolalie de gentibus Sarracénorum feria IIIa. ora VIIIIa., no dia 7 de julho de 1116. Outro revés indicado foi "uma grande fome que assolou a cidade de Coimbra e toda a região portuguesa desde o Minho até o Tejo no ano de 1122 (60)". Esse modo de dizer parece dar a entender que, às vésperas da batalha de São Mamede (em 1128), o condado se estendia do Minho ao Tejo.

É — E é assim que, seguindo caminho diverso, podemos por-nos de acôrdo com Paiva Boléo, que reconhece o papel importante desempenhado pela região de entre o Douro e o Mondego (boa parte do nosso pentágo-

no) tanto para a história do condado português como para a história da língua; e formula, no parágrafo seguinte, a hipótese de que o caso da língua portuguesa seria identico aos do francês e do italiano, isto é, elevação dum dialeto a língua nacional (61): Foi, sem dúvida, o que se deu, porque essa é a norma na România, e por tã-da a parte. Mas que dialeto foi êsse? O galaico-português ou o portugalense, desenvolvido na província eclesiástica de Brãga - de Braga para o Sul, bem no pentágono-, ou o dialeto de Lisboa, como afirma Giese, Serafim da Silva Neto (62), e como avento, aliás, com certa hesitação, Leite de Vasconcelos, na Esquisse (pág.15):

"A partir des XVe-XVIe siècles, diz êle, la langue littéraire présente quelques caractères qui sont en désaccord avec le langage de la province du Minho, et d'accord avec le langage actuel du Centre du pays (Beira) et du Sud, par exemple la terminaison -ão dans les noms de la IIIe déclinaison latine. Ainsi l'origine de notre idiome littéraire pourrait être, plutôt qu'ailleurs, cherchée à Coimbra ou à Lisbonne"(!)

Coimbra ou Lisboa, diz êle. Coimbra, na Beira, está dentro da região dos nossos bispados. E a generalização da fórmula com feria, cuja explicação única nos parece, agora, a reação de São Martinho e seus auxiliares, reclama o pentágono como centro de irradiação. Isso vem também mostrar que as origens da língua literária não devem ser procuradas na época da formação do condado português, mas pelo menos seis séculos antes, no início da época romance:

Ao princípio, eu estava mais hesitante, quanto a essa conclusão. Em 1954 - em tese de doutoramento ainda inédita, sobre A-Influência Lingüística do Cristianismo na România Antiga -, quase ao encerrar o capítulo que trata de Onomástica e Calendário e dedica vinte páginas à questão dos dias da semana, eu insistia, como explicação fundamental do problema, no traço mais culto do vocabulário português sobre o românico em geral e o castelhano em particular, sobretudo o vocabulário de cunho eclesiástico. E assim concluía aquêlê parágrafo:

"Dêsse modo, a nomenclatura eclesiástica em português deve ter penetrado na língua do povo já antes da invasão árabe, portanto, antes da formação de Portugal: deve já remontar ao romance do noroeste ibérico. Não será pequena a influência de São Martinho no caso, mas não nos parece que uma atitude isolada, apenas, explique o desaparecimento da terminologia pagã".

Agora, porém, cumpre alterar alguma coisa. É certo que o vocabulário eclesiástico tem, na Ibéria, traços mais eruditos -, ou menos populares -, que noutras regiões da România. Mas o que explica a ex-

tensão das expressões com feria na Lusitânia do Norte (e não, como antes eu disse e repeti, no noroeste ibérico) só me parece, agora, ser a reação organizada de São Martinho. Organizada. Dois concílios em Braga, e êle como o vulto mais proeminente. Seu tratado De Correctio-
ne Rusticorum, como se viu, não foi lido só na sua diocese, nem só na Lusitânia. Foi escrito a pedido dum bispo de Astorga. Mas exerceu influência no Norte da França e na Inglaterra. Além disso, foi uma reação confinada, num canto.

A cruzada de São Martinho desceu da Lusitânia do norte para o sul e formou a faixa de Portugal. Sem a mesma força e intensidade, estendeu-se pela Galiza, pela provincia eclesiástica de Lugo, donde o aspecto mestiço e incoerente do sistema galego até hoje.

Não foi menos insistente ou veemente do que a do bispo de Braga a reação de São Cesário. O outro, porém, era chefe de provincia, de uma provincia segregada num canto da România: teria, no clero, um auxiliar importante, e, na limitação geográfica, outro colaborador eficaz. São Cesário estava numa área de contactos muito constantes e variados; e, por isso, falando a uma população mais densa, mais móvel, "pregou no deserto".

Considerações Finais

E eu aqui fico. Seria bom um levantamento do quadro românico e até dos quadros germânico, céltico, eslavo e do grupo semita da semana. Mas eu já fiz um quadro geral na INTRODUÇÃO e desenvolvi em quadros boa parte da matéria.

Há, no fim, 26 mapas, alguns adaptações das criações de Rohlf e de Bruppacher, outros ideados por mim para esclarecer alguns dos problemas. Infelizmente, as circunstâncias em que foi redigido este trabalho não me permitiram reportar-me aos mapas, nos lugares convenientes porque não se tinha a certeza de que eles poderiam ser elaborados. Mas eles têm títulos e esses podem ser orientadores.

Tenho a impressão de que o problema da partição da semana na Ibéria, que é muito clara no período atual, se torna bastante complicada à medida que se levanta a documentação medieval. Por isso tenho que rever o meu quadro no que toca à área central do mapa XXVI. Parece que a área da semana de dies + dominicus e dies + sabbatum ia à Catalunha, entrava na Gália Meridional e ia morrer na Gália Cisalpina ou no Golfo de Gênova. Pus meio a medo o galego com o português por causa da forte influência que a semana portuguesa exerceu nele. Mas a princípio parece que o galego pertencia às zonas de Dies Dominicus.

Tenho a impressão de que há uma soma apreciável de resultados positivos. Um trabalho do tipo destes a gente termina cansado e desapontado. As exigências de pesquisa e de preenchimento de lacunas de informação obrigam-nos a adiar o início da redação e só iniciá-la quando não se pode mais adiar.

A ambição é muito maior do que a capacidade de realização. Agora, escrevendo estas reflexões, lembrando-me dos problemas todos de redação, das repetições inconscientes, pergunto-me se consegui o que me propus fazer na Introdução do trabalho, que foi de fato "introdução", a primeira parte escrita. Em vez de encarecer o valor do trabalho, faço um exame de consciência. Não saiu como eu queria. Mas não sou pai desnaturado: vejo um saldo positivo em todo o meu esforço.

Creio que alguns problemas ficaram resolvidos. A solução de outros ficou encaminhada.

Parece-me que ficou suficientemente destacada a ação da Igreja, mesmo através de correntes heterodoxas em certas inovações locais, que ficou ressaltado o interesse dos dialetos periféricos, que foram, e às vezes ainda são, pedaços da România. Parece-me que a "antologia" que eu ponho ao alcance do interessado é um serviço à cultura bra-

sileira. A tese não fica elegante, mas funciona. Parece-me que ~~na~~ explicação da inversão da ordem de dies e sobretudo ~~na~~ da causa da sua omissão ~~logo~~ ^{aparece} a solução do problema. A bibliografia especializada levantada, mesmo daquela que vem precedida de (+), como confissão cãndida de que é ignorada, tem interêsse pedagógico. Do ponto de vista do tratamento linguístico, apesar da modéstia da sua visão, creio que não é muito antiquado. E creio que ficou bem claro que o estudo da semana não é uma distração com a história de sete palavras ou fórmulas. Um dos maiores espantelhos - já secular - a semântica de feria, a meu ver, está ~~resolvido~~. E confesso que não alimentava esperança de solucioná-lo. É a história do ovo de Colombo. Como feria é da semana eclesiástica, a tendência era insistir numa solução mística. A solução que propus e que, a meu ver, resolve, é um lugar comum: feira, "mercado", e feira, "dia-da-semana", são solidários. Espero que os que lerem êste trabalho para julgá-lo não o achem tão fatigante como êle foi nestas últimas setenta e duas horas de redação.

NOTAS AO CAP. V

- 1) Cf. cap. II, p. 91
- 2) Cf. INTROD., p. 31 e notas 13 e 14.
- 3) No esp. a forma é erudita, nos dois sentidos.
- 4) No ingl. o uso é mais limitado e também a definição.
- 5) Tenho que fazer aqui uma ressalva: valorizei mais do que devia a informação do Dic. de la Real Academia Española e do Covarrubias. Reli o trabalho já mimeografado e veio-me uma dúvida: E, se isso fôr comum às outras línguas?!! Fui ver. E era! Por isso, esta nota retrata o que se disse no cap. II, 18, b e c, pp. 97-98, ou, antes, reduz o interesse do espanhol nesse caso a proporções mais justas: trata-se de uso muito restrito da linguagem eclesiástica no domínio da semana em todas as línguas românicas (cultas). E com isto o texto e a nota deixam de ser um parêntese ou uma digressão, pois esse é um problema lingüístico e pedagógico.
- 6) Apesar disso tudo, ainda lhes agradeço porque tenho aproveitado as suas lições, mas como um dos seus infelizes "filhos". Antes de fechar o parêntese, é preciso fazer justiça ao Littré, cuja lição e exemplificação são mais amplas e menos imprecisas.
- 7) Cf. INTROD. pp. 141-143.
- 8) Cf. Cap. II, p. 55 e nota 26, p. 102.
- 9) CSEL, 50, 165.
- 10) Cf. INTROD., p. 95.
- 11) Cf. Cap. II, 15, d e 16, b, pp. 92 e 93 (PL, 90, 609 e ss).
- 12) Cf. ibidem, p. 94 (PL, 94, 615).
- 13) Cf. INTROD., pp. 145 e nota 24 da p. 163.
Usei o vol. 39 do CSEL. O quadro da p. 145 contém alguns errinhos de contagem: a que dei acima é já revista.
- 14) Isso ^{te}força a observação de Baehr citada na p. 92.
- 15) Note-se como o próprio Santo Agostinho parece nessa frase confundir sabbati, "da semana", com sabbatum, "sábado". Se tal não fôsse, não diria ele "ipsum sabbatum", isto é, "o próprio sábado", mas ele não tinha falado até então de nenhum. Essas considerações mostram como seria abstruso para o povo o decalque que a língua vulgar da África teria substituído pelo ordinal + feria.
- 16) ~~Cf.~~ nota (14) ao capítulo IV pp. 136 e 158.
- 17) ~~Cf.~~ pp. 52 a 54 e notas 21 a 24, p. 102.
- 18) Santo Agostinho põe "qui Mercurii dies dicitur a paganis et a multis christianis". Como já mostrei, a posposição de dies não visa aí a caracterizar a forma: é apenas variação estilística. ~~Cf.~~ pp. 83 e 84.
- 19) ~~Cf.~~ p. 72: as que ali foram citadas são dos sécs. VI e VII.
- 20) Cf. INTROD., cap. II, pp. 28-38, especialmente pp. 33 e 35.
- 21) Hilar. Pasch. 15 (PL XIII, 1105-1141); Ps. Apr. De Pascha Computus (PL 4, 1033, 1034); Ambrosiaster, Questio XCV, c. III, De Ps. XXIII, 1: Id., Quest. V et Nov. Test., CXXVII; Isid., De Nat., 3, 1 (PL 83, 967); S. Ces. Sermo CXCI, 4; Ord. Rom. I, 5.
- 22) Grundriss der antiken Zeitrechnung, 1927, pp. 37 e 38.
- 23) Rationale divinarum officiorum, VII, 1, 11, cit. por Robert Sinker, s.u. feriae in Dict. of Chr. Antiquities, pág. 668. Guillaume Duranti (Durandi ou Durand) viveu de 1230 até o fim do séc., tendo assistido ao concílio de Lyon). Trad.: "Chamam-se pois, feriae de feriari, isto porque devemos feriari, isto é "estar livres" dos vícios e não porque se devam cessar as atividades necessárias à vida".

- 24) Ducange observa que Joannes de Janua assim também explica. Trad.: "E observe-se que os judeus chamam os dias, ~~com o ordinal~~ sabbati, mas nós os chamamos férias, porque todos os dias devemos feriar, isto é, cessar do pecado, e daí os chamamos prima feria, isto é "Domingo", etc.
- 25) ~~Confira~~ p.82. Aproveito a oportunidade para corrigir documentação Etym., V, XXX, 2-12, e não como saiu.
- 26) Trad. na p.82. Em De Natura Rerum, 3, 1 acrescenta êle algo: feria quoque a fando dicta est, quasi fari
- 27) Essa explicação não é de Du Cange mas de Escalígero de Emend. Temp. I, 6, quasi um séc. antes da 1a. ed. do Glos. de Du Cange. Ver Ideler, C. Handbuch I, p.180, nota 2.
- 28) Art. cit., p.89, nota 1: "La raison du passage, diz êle, est très bien expliquée par Du Cange...".
- 29) Cf. art. cit. págs. 37 e 38. Também Robert Sinkler, art. cit., pág. 667, dela fala como de Du Cange: "It is explained by Ducange (Glossarium, s.u.) as arising from the fact that the week following Easter Day was appointed by the emperor Constantine to be observed as one continuous festival, and that originally the year began with Easter".
- 30) Não pude localizar tal constituição de Constantino. Mas, entre as constituições dos Codices Theod. e Iust., há três que tratam dos quinze dias pascaes: 1) Cod. Theod., II, 8, 19 (ano 389 - Imps. Valentin., Teod. e Arcádio); 2) Cod. Iust. III, 2, 6 (ano 389 - os mesmos); 3) Cod. Theod., II, 8, 21 (e Cod. Iust., III, 12, 7) (ano 392 - os mesmos) - Este último só trata da quinzena pascal. Deve ser Cod. Theod., II, 8-19.
- 31) Art. cit., pág. 667: "The great objection to this view, which seems to have found many supporters (see, e.g. Pelliccia, De Christianae Ecclesiae Politia, I, 227, ed. Colon. 1829), is that long before the time of Constantine we find Tertullian speaking of Wednesday and Friday as quarta and sexta feria (de Ieiunio adv. Psychichos, c.2)".
- 32) "This ecclesiastical use of the term feria is variously explained. The present writer conjectures that feria secunda, tertia, etc. came into use as Christianized equivalents for the secunda sabbati etc., objected to as Jewish." (Art. Week in Dict. of Chr. Antiquities, pág. 2031).
- 33) Gundermann, DNWR, 1901, p.186.
- 34) Como já observei acima, o uso da expressão prima feria para designar o "domingo" parece presupor para feria um significado diferente de "feriado" ou "dia-de-trabalho": basta apenas que seja equivalente de "dia". Cf. Hilarion, Pasch. 5, Isid., De Nat. rerum, 3, 1, Pseudo-Agost., Quaest. test., I, 111, 1, citados pelo Th. L. L., s.v. feriae.
- 35) ZtW in Romanica, 1957 p.42. Kurt Baldinger, La Formación de los Dominios etc. p.183, 229, refere-se a essa explicação como "un nuevo y interesante intento de explicación del problema de feria". Entretanto, como já me manifestei atrás, explicação mística não vai bem com a apresentação de Santo Agostinho de quarta feira como fórmula vulgar.
- 36) Em DACHL, s.v. fêtes chrétiennes, tome V, 1ère partie, cols. 1403, 1452.
- 37) Os nomes etc. p.8 (Os grifos meus)
- 38) Na exposição das idéias de Giese, indicaremos por números entre parênteses as pp. do Bol. de Fil., tomo VI (1940) que publicou seu artigo. Em outras referências ao diálogo Giese-Boléo, os números

das pp.são precedidos de G-B. e reportam-se ao opúsculo de Paiva Boléo, Os nomes dos dias da semana em português.

- 39) pp.32 a 43 da edição de 1926 (28 a 39 da 3a.edição de 1950)
- 40) Cabe notar, porém, que de todos esses documentos, só o dos DLE, nº 147 é em romance (aliás, é latino, mas bem deturpado); os outros são em latim bárbaro: só provam que os tabeliães influenciados pela linguagem dos eclesiásticos, usaram certamente fórmulas que não pertenciam ao uso comum.
- 41) Les noms des jours etc. in Bol.Fil, 1949 p.89.
- 42) Essa inscrição já foi citada atrás, quando se tratou de São Martinho, p.72, mas o maior interesse dela está na presença de die antes de secunda feria.
- 43) Publicado em Bol.de Fil., tomo XII, pp.1-44, seguido de 8 mapas.
- 44) Ver: Said Ali, Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Ed.Melhoramentos, Pref.de 1931, pág.3; Mansur Guérios, O romance moçárabico. Vestígios fonéticos do latim meridional, in Língua e Linguagem (Rio), ano I nº Iº, de 1947, pp.90-98.
- 45) Será de proveito a leitura dessa parte da Etnografia II, 217-255, que faz a história do território de Portugal, particularmente, a delimitação da fronteira.
- 46) Art.cit., pp.2 e 3, nota 3. Nossa "coleção" da Rev.Lus. inclui o vol. 23º e termina com o 37º, mas começa com o 16º (1914)!
- 47) Gama Barros, Hist.da Adm.Públ.em Port., V, pág.23.
- 48) Lições, 2a.edição 1926, pp.16-17. Em nota, à chamada 2 aposta pouco antes, envia o Autor à Rev.Lus.XI (1908), pp.354 (art.seu) e a Os Serões, nº46 (1909, (art.de Adolfo Coelho), e declara "Chamei a esta linguagem romance moçárabico."
- 49) A respeito da presença dos romanos na Galiza e na Lusitânia e da Lusitânia e Galiza pré-romanas se pode ler com proveito S.S. Neto, Hist.da L.Port., pp.55-65 e 67-106; a respeito de São Martinho, das 11 dioceses, (13 no período visigótico), dos dias da semana, pp.324-331. Essa obra do pranteado romanista brasileiro é um pouco dispersiva, mas rica de conteúdo, de sugestões e de informação bibliográfica.
- 50) Pierre David, Etudes Historiques sur La Galice et le Portugal du VIe au XIIe Siècle (col.port.publicada sob os auspícios do Inst. Francês de Portugal), 7º vol., - Livr.Portugália Editora, 1947. São de particular interesse a introd.(Organ.ecles.do reino suevo no tempo de São Martinho) (págs.1-6), o cap.I (As paróquias rurais no ocid.latino do séc.IV ao VI) (pp.7-18), o cap.II (texto do parochiale) (pp.19-44) e cap.III (crítica do Parochiale) (pp.45-82).
- 51) Há várias formas nos vários textos: sedes Bretunica, sedes Britonacensis, sedes Bretonica, Britonia e Bretonia. Colônia de emigrantes Bretoes do séc.V e VI, que fugiam dos anglo-saxões. Alguns núcleos se estabeleceram ao norte, entre o Ferrol e a ria Eo; alguns chegaram até às Astúrias (Ver P.David, op.cit. pág. 57). Duchesne (L'Eglise au VIe siècle, p.562) diz que à frente da colônia, em 572, estava um bispo de nome Mahiloc. É a 13a. diocese (na lista das duas províncias). Assim se lê: XIII-1-Ad sedem Britonorum ecclesias que sunt intro Britones una cum monasterio Maximi et que in Asturiis sunt (P.David, op.cit., pág.44).
- 52) Cf. op.cit., cap.II, pp.31-44.

- 53) Todo êsse parágrafo foi traduzido livremente de Pierre David, op.cit. pp.19-20. Deixamos de reproduzir o texto crítico do Parochiale, porque os Etudes são recentes e acessíveis.
- 54) Rev.Fil.Esp. XXV (1941), pp.565; 566.
- 55) ZfrPh, XIX, 1895, p.614, nota 1.
- 56) O nome da sedes Portugalensis já figura no Parochiale de 569.
- 57) Foi êsse o maior fator cultural na Europa medieval, em boa parte, até, o inspirador e o animador da Reconquista.
- 58) Ver mapa.
- 59) Os Annales encontram-se na España Sagrada de Flórez e nos PMH, Scriptores, pp.1-20. Citamo-los pelos Etudes, que tínhamos à mão, e são de edição recente. A lista de textos foi extraída da Chronica Gotthorum, do Livro de Noa, do Homiliário de 1139 e da Summa Chronicarum.
- 60) Chronica Gotthorum, apud P.David, op.cit., ~~pp.~~ 302: "Era 1160 magna fames fuit in civitate Colimbrie et in tota Portugalensi regione a Mineo usque in Tagum."
- 61) Art.cit. p.39.
- 62) Hist.da L.Port., ~~pp.~~ 403.

B I B L I O G R A F I A

Esta Bibliografia é relativamente extensa, mas desigual. É um retrato vivo das vicissitudes da investigação histórica com a precariedade dos nossos recursos: é preciso aproveitar o que vier às mãos. Depois de aproveitar, é falta de consciência e de gratidão omitir a fonte. Os itens invocados com mais frequência no trabalho trazem a sigla ou a abreviatura com que são citados. Apesar da preocupação de uniformidade, nem sempre se conseguiu uniformidade de critério, nem nas abreviaturas nem nas siglas.

As obras dispõem-se em seis títulos: 1-Trabalhos de História e Estudos Gerais; 2-Trabalhos de Linguística e de Gramática; III- Dicionários, Concordâncias, Comentários e Edições Bíblicas; IV- Verbetes de dicionários ligados à semana ou à divisão do tempo; V- Estudos especializados; VI- Coleções de Textos e Avulsos. O sinal (+) indica que a obra só é conhecida por informação.

Apenas os itens IV e V são dispostos na ordem cronológica: os demais vêm na ordem alfabética do sobrenome dos autores. Consideraram-se artigos especializados, além de artigos e monografias, capítulos especialmente dedicados à semana sob quaisquer aspectos: arqueológico, astrológico, histórico, teológico, linguístico.

1 - ESTUDOS GERAIS e TRABALHOS DE HISTÓRIA

- Bardy, Gustave - La conversion du christianisme durant les premiers siècles, Aubier, Paris, 1949.
- Bäumer, Dom Suithert - Histoire du Bréviaire, 2 vols., trad. franc. de Dom Réginald Biron, Letouzey et Ané, Paris, 1905.
- Carcopino, Jérôme - La vie quotidienne à Rome à l'époque de l'empire, Hachette Paris, 1950.
- Clemen, C. - "Les Germains", in Histoire générale des religions, dir. de Gorce e Mortier, Librairie Aristide Quillet, Paris, 1948.
- Cohen, A. - Le Talmud, trad. J. Marty, Payot, Paris, 1950.
- David, Pierre - Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe. au XIIe. siècle, Collection Portugaise, Lisboa-Paris, 1947, (Abrev.: Études historiques, 1947)
- Deissmann, Gustav Adolf - Neue Bibelstudien, 1897, pp. 45 e segs. (= Bible Studies, trad. Alexander Grieve, Edinburgh, T. & T. Clark, 3a. ed., 1923, pp. 218-219.)
- Deissmann, Gustav Adolf, Light from the Ancient East, trad. do alem. por Lionel R. M. Strachan, Harper, London, (1908 1a. ed.) 1909, 2a. ed., pp. 357-358.
- Duval, Paul-Marie - La vie quotidienne en Gaule pendant la paix romaine, Hachette, Paris, 1958.
- Histoire de l'Eglise depuis les origines à nos jours, dir. de Augustin Fliche et Victor Martin, div. colaboradores, vols. 1 a 4 (até Gregório o Grande), Bloud et Gay, Paris, 1946-1950.
- Ideler, Ludwig, Handbuch der Chronologie, 2 vols., August Rücker, Berlin, 1824. (Abrev. Handbuch, 1825 ou HCh, 1825).
- Labriolle, Pierre de, Histoire de la littérature latine chrétienne, 2 T.; 3a. ed., Société d'Édition "Les Belles Lettres", Paris 1947.
- Lantier, Raymond, "La Religion celtique", in Histoire générale des Religions, dir. de Gorce e Mortier, Librairie Aristide Quillet, Paris, 1948.

- Lot, Ferdinand, Les invasions germaniques, Payot, Paris, 1945.
- Lyall, Archibald, A Guide to the Languages of Europe (a Practical Phrase Book), London, Sidgwick and Jackson, 2a ed., 9a reimpr., 1951.
- McKenna⁽⁺⁾, Rev. Stephen, "Paganism and Pagan Survivals in Spain up to the Fall of Visigothic Kingdom, "The Catholic Univ. of America Studies i in Mediaeval History". N.S. vol I, Washington, D.C., 1938.
- Nilsson, Martin P. (+), Primitive Time-Reckoning, a study in the origins and first development of the art of counting time among the primitive early culture peoples, Acta Societatis humaniorum litterarum Lundensis, I x, 1920 (sobre a semana especialmente, pp.324 e segs.)
- North, Eric M. (ed.), The Book of a Thousand Tongues, Publ. the American Bible Society, Harper and Brothers, N.York and London, 1938.
- Puech, Aimé, Histoire de la littérature grecque chrétienne, 3 t. Société d'Édition "Les Belles Lettres", Paris, 1928.
- Rietzmann, H., Histoire de l'église ancienne, trad. André Jundt, 4 vols., Payot, Paris, 1937:1950.
- Rönsch, Hermann, Itala und Vulgata das Sprachidiom der urchristlichen Itala und der Katholischen Vulgata unter Berücksichtigung der römischen Volksprache...., Zweite berichtigte und vermehrte Ausgabe, Marburg, Elwert, 1875.
- Salvatorelli, Luigi, Storia della Letteratura Latina Christiana dalle origini alla meta del VI secolo, Dottor Francesco Vallardi, Milano, 1936 (Abrev. StLLC).
- Tonnelat, Ernest, "La Religion des Germains" in Col. "Mana" vol 2, pp.321:385, P.U.F., 1948.

2 - TRABALHOS DE GRAMÁTICA E DE LINGÜÍSTICA

- Adolfo Coelho, Francisco, Questões da Língua Portuguesa, Livr. Internacional, Porto-Braga, 1874, pp.140-141.
- Ascoli, Graziadio Isaia, in Archivio Glottologico Italiano, Saggi Ladini, vol. I (1873) pp.325, 329, 272, 282, 285, 425, 503, 491, 489, 490, 529, 446 (Abrev. AGI, 1873).
- B. Moll, Francisco de - Gramática Histórica Catalana, Bibl. Rom. Hisp., Editorial Gredos, Madrid, 1952.
- Baldinger, Kurt, La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica, Gredos, Madrid, 1963.
- Bartoli, Matteo Giulio, Das Dalmatische, 2 vols., Alfred Hölder, Wien, 1906, §§ 39, 42, 45, 47, 92, 122, 350, 424 (abrev.: Das Dalmatische)
- Berlitz, Charles F., The Berlitz Self-Teacher Hebrew, Brosset and Dunlap, N. Y., 1953.
- Boonfield, Leonard, Language, Henry Holt, New York, 1933.
- Bodmer, Frederick, The Loom of Language, ed. Lancelot Hogben, W.W. Norton and Company Inc., N.Y., 1944. (abrev. Bodmer, Loom).
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso : Princípios de Linguística Geral, 4a.ed., Acadêmica, Rio, 1964.
- Dalman, Gustav : Grammatik des jüdisch palästinischen Aramäischen e Aramäische Dialektproben, 2a. ed., de 1905, Wissenschaftlich, Darmstadt, reimpr. de 1960.
- Garcia de Diego, Vicente, Manual de Dialectología Española, Inst. de Cultura Hispánica, Madrid, 1946.
- Hockett, Charles F. - A Course in Modern Linguistics, Macmillan, N.Y., 1958.

- Historische Grammatik der Italianische Sprache, 3 vols. A. Francke, Bern, 1946-1953.
- Jespersen, Otto - Language, its Nature, Development and Origin, New York, Macmillan, 1921.
- Jud, J., "Probleme der altromanischen Wortgeographie" in ZfrPh, XXXVIII, pp. 1-75, 1917.
- Kautzsch e Cowley (ed.), Gesenius' Hebrew Grammar, Second English Edition (1910), Clarendon, Oxford, reimpr.de 1952.
- Lang, Henry R. - Das Liederbuch von Königs Denis von Portugal, zum ersten Mal vollständig herausgegeben und mit Einleitung anmerkingen und glossar versehen von... Italle A.S. Max Niemeyer, 1894.
- Laurand et Lauras - Manuel des études grecques et latines, 2 vols. ed.refundida por A.Lauras et J.Picard, Paris, 1957 (Abrev.: Laurand-Lauras, Manuel, 1957).
- Lugris Freire, M., Gramática do Idioma Galego, A. Cruna, 1a ed. em 1922, p. 117, 2a ed. em 1931.
- Les Langues du monde, vários autores, dir. A. Meillet et Marcel Cohen, Société de Linguistique de Paris, CNRS, Paris, 1952.
- Maurer Junior, Theodoro Henrique, Gramática do Latim Vulgar, Livraria Acadêmica, R. de Janeiro, 1959.
- Meillet, A. - Linguistique historique et linguistique générale, I, Champion, Paris, 184 (1921) (Abrev: LNLG, 1948).
- Mendizabal, Isaac Lopez, La Lengua Vasca, Biblioteca de Cultura Vasca, Ed. Vasca Ekin, B. Aires, 1943.
- Menendez Pidal, Orígenes del Español, 3a ed., Espasacalpe S.A. Madrid, 1950 (Abrev: Orígenes).
- Meyer-Lübke, W., Historische Grammatik der französischen Sprache, 2 vols. Carl Winter, Heidelberg, 1934.
- Michaelis de Vasconcelos, Carolina, "Lang, das Liederbuch des Königs Denis von Portugal (Besprechung)", in ZfrPh, XIX, 1895, pp. 89-98.
- Millardet, Georges - Linguistique et dialectologie romanes-problèmes et méthodes, Montpellier, Soc. des Langues Romanes, e Champion (Paris) 1923.
- Paul, Hermann - Prinzipien der Sprachgeschichte, 6a Unveränderte Auflage, Max Niemeyer, Tübingen, 1960.
- Pop, Sever, La dialectologie, 2 vols. Chea l'auteur, Louvain, 1950. (abrev.: Dialectologie, 1950).
- Robins, R.H. - General Linguistics, an Introductory Survey, Longmans' Linguistics Library, 2nd impression, 1965 (1a ed. 1964).
- Sturtevant, Edgar H. - An Introductory Linguistic Science, New Haven, Yale Univ. Press, 1960 (1a ed. 1956).
- Rheinfelder, Hans, Kultsprache und Profansprache in der romanischen Ländern, Genève Firenze, 1933 (Leo S. Olschki, Bibl. dell'Arch. Rom., dir. por G. Bertoni vol. 18a) pp. 123-125 (dominicus. -a) pp. 20 e 436-440 (fariae).
- Silva Jr., Pacheco da, Grammatica Historica da Lingua Portuguesa, D.Y. Hazlett, Rio de Janeiro, 1878.
- Touzard, J., Grammaire hébraïque, 7a ed., J. Gabalda et Fils, Ed. Paris, 1932.
- Vendryes, J.(+), De hibernicis Vocabulis quae a lingua latina originem duxerunt. Dissertationem scripsit atque indices construxit J. Vendryes, Lutetiae Parisiorum, Klincksieck, 1902.
- Silva Neto, Serafim da, História da Língua Portuguesa, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1952.

Tagliavini, Carlo - Le Origini delle Lingue Neolatine, Casa Editrice Prof. Riccardo Patron, Bologna, 1963, (Abrev. Le Origine, 1963).

Vendryes, J. Le Langage, introduction linguistique à l'Histoire, La Renaissance du Livre, 1921.

Vidos, B.E. - Manual de Lingüística Románica (trad.do italiano por Francisco de B.Moll), Aguillar, Madrid, 1963.

Windish, E (+) - "Zur Theorie der Mischsprachen und Lehnwörter", na verh. d.sächsischen Gessellsch.d. Wissensch. XLIX, 1897, p.107.

3 - DICIONÁRIOS, CONCORDÂNCIAS, COMENTÁRIOS E EDIÇÕES BÍBLICAS.

Abbot-Smith, J., A Manual Greek Lexicon of the New Testament, 3a ed., T. and T.Clark, Edinburgh, reimpr.1948.

Bauer, Arndt e Gingrich, A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature, 4a ed., The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, 1952.

Blaise, Albert, Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens, 1a ed., "Le Latin Chrétien", Strassbourg, 1954 (Abrev. DLFaCh).

Boch, Oscar e W.v.Wartburg, Dictionnaire étymologique de la langue française 2aed., (refundida por Wartburg), PUF, Paris, 1950.

Buarque de Hollanda, Aurélio, Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Ed.Civ.Bras., 10a.ed., 1960.

Bíblia Hebraica, ed.Rud.Kittel, 10a ed., Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, Stuttgart, 1937.

Bíblia Sacra Juxta Vulgatae Exemplaria et Correctoria Romana, ed.de Aloisius Claudius Fillion, 10a ed.Letouzey et Ané, Paris, 1930.

La Sainte Bible, dir.por Louis Pirot et Albert Clamer, XII vols. 1946 e segs. ed. de Letouzey et Ané, Paris.

La Sainte Bible, version par les moines de Maredsous, Edition de Maredsous, Braine-le-Comte (Belgique), 1951.

The Holy Bible, Revised Standard Version, Thomas Nelson and Sons Ltd., Edinburgh, 1954.

Caldas Aulete, F.J., Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, 2 vds., 3a ed., Parceria Antonio Maria Pereira, Lisboa 1948.

Charles, R.H. - The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English, 2 vols. Clarendon, Oxford, 1913.

Du Cange, Carolo du Fresno, Glossarium ad Scriptores Mediae et Infimae Graecitatis, 2 vols., 1688, Reimpr.College de France, Paris, 1943.

Du Cange, C.du Fresno, Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis, 10 vols., 1678, Librairie des Sciences et des Arts, Paris, 1937.

Cary, M. e outros (ed), The Oxford Classical Dictionary, Clarendon, Oxford, reimpr.1950 (1a ed.1949).

Corominas, J., Diccionario Crítico : Etimológico de la Lengua Castellana, 4 vols., Ed. Gredos, Madrid, 1954 (Abrev: DCELC).

Covarrubias, Sebastian de, Tesoro de la Lengua Castellana o Española, impr.1611, adições de B.R.Noydens (1674), Reed.de Martin de Riquer, Barcelona, 1943.

Cheyne e Sutherland Black, (eds.), Encyclopaedia Biblica, 4 vols., Adam and Charles Black, London, 1901-1903.

Dezobry e Bachelet, Dictionnaire général de biographie et d'histoire, 10a ed. 2 vols. Librairie Delagrave, Paris 1888.

Dicionário Gramatical Português, Francês, Inglês, Espanhol, Italiano, Latim,

- e Grego (vários autores), espec. a parte de Português escrita por Silvío Edmundo Elia que foge ao plano da Gramática tradicional, e examina os fatos com uma visão lingüística renovada, Globo, R. de Janeiro, 1962.
- Ernout et Meillet, Dictionnaire étymologique de la langue latine, 2 vols., 3a ed., Klincksieck, Paris, 1951.
- Forcellini, Egidio, Lexicon Totius Latinitatis, ed. refundida em 6 T., T. V-VI, Onomasticon, elaborado por J. Perin, Seminário de Padua, Padua, 1940 (Abrev. LTL).
- Gesenius, Robinson, Brown e outros, A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament, 1a ed. em 1907, Clarendon, Oxford, Impr. revista de 1952.
- Hastings, J., (ed), A Dictionary of the Bible, 4 vols. (A to Zuzin) e "extra volume with indexes, articles and maps", T. and T. Clark, Edinburgh, 1898-1904.
- Hastings, J., (ed), Dictionary of the Apostolic Church, 2 vols., T. and T. Clark, Edinburgh, 1915-1918.
- Hastings, J. (ed), A Dictionary of Christ and the Gospels, 2 vols., T and T. Clark, Edinburgh, 1906-1908.
- Hatch, Edwin e Henry A. Redpath, A Concordance to the Septuagint, 3 vols. Clarendon, Oxford, 1897-1906.
- Jacquemet, G., Catholisme, hier, aujourd'hui, demain, tomes I-IV (A-Felix) Letouzey et Ane, Paris 1948 e segs.
- Kluge, Friedrich, Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache, 17a ed., refundida por Walter Mitzka, Walther de Gruyter und Co., Berlin, 1957 (Abrev: Kluge-Mitzka, 17, EWdSp).
- Levy, Emil - Provenzalisches Supplement Wörterbuch Berichtigungen und Ergänzungen zu Raynonards Lexique Roman, O.R. Reiland, 8 Bande, 1894-1924, Leipzig.
- Lidell and Scott, A Greek-English Lexicon, 2 vols., 9a ed. de H.S. Jones e R. McKenzie, Clarendon, Oxford, Reimpr. 1940.
- Little, Fowler e Coulson, The Shorter Oxford English Dictionary, 3a ed., (1944), Clarendon, Oxford, reimpr. 1956 (Abrev. ShOED).
- Littre, É., Dictionnaire de la langue française, 4 vols., Hachette, Paris, 1889-1910.
- (*) Meyer-Lübke, W., Romanisches Etymologisches Wörterbuch, C. Winter, Heidelberg, 3a ed., 1935 (Abrev. REW).
- H. Moulton, James and George Milligan, The Vocabulary of the Greek Testament, 1a ed., em 1930, Hadder and Stoughton, London, reimpr. 1952.
- Moulton and Geden (eds.), A Concordance to the Greek Testament, 3a ed. (reimpr.) T. and T. Clark, Edinburgh, 1950.
- Nascentes, A., Dicionário da Língua Portuguesa, 3 vols. (de A.P.), Academia Brasileira de Letras, Dep. de Imprensa Nacional, 1961-1966.
- Pallas, e E. Vallès, Diccionari Català Il·lustrat, Novíssima Edició Corregida i ampliada, S.A. Mota d'Impressions i Edicions, Barcelona.
- Paulys-Wissowa (ed.) Real Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft ed. de Wilhelm Koell, J.B. Metzlersche, Stuttgart.
- Peultier, Etienne, Gantois, Concordantiarum Universae Scripturae Sacrae Thesaurus, 2a ed., P. Lethiellieux, ed., Paris 1939.
- Prado e Silva, Prof. Adalberto (org.), Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado 4 vols. Ed. Melhoramentos, 1963.
- Robinson, H. Wheeler (ed.) - The Bible in its Ancient and English Versions, Clarendon, Oxford, 1940.
- (*) Merriam-Webster, Webster's New International Dictionary of the English Language, 2nd unabr. ed., 1946 (abrev. NIDEL).

- Rodriguez Gonzalez, Eladio, Dicionário Enciclopédico Gallego-Castellano, 3 vols., Vigo, Ed. Galaxia, 1960-1961
- Schmoller, Dr. Alfred, Concordantiae Novi Testamenti Graeci, 7a ed., Privilegierte Württembergische Bibelanstalt.
- Segal, M.H., A Practical Pocket-Dictionary English-Hebrew, with the English Pronunciation, Ed. "Ever", Jerusalem, 1957.
- Septuaginta, ed. de Alfred Rahlfs, 2 vols. 5a ed., Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, Stuttgart, 1952.
- Skeat, Walter W., An Etymological Dictionary of the English Language, 2a ed. (1909), Clarendon, Oxford, reimpr. 1953.
- Smith and Cheetham (ed.), A Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology, 3 vols., John Murray e outros, London, 1859-1861.
- Strack, Hermann L. und Paul Billerbeck - Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch, 4 vols., C.H. Beck'sche, München, 1922-1928.
- Strong, James, The Exhaustive Concordance of the Bible, 19 ed., Abingdon-Cokesbury Press, N.Y., 1950.
- Swete, H.B. - An Introduction to the Old Testament in Greek, Cambridge, University Press, 1914.
- Tur-Sinai, N.H., Hebraish Taschen-Wörterbuch, neunte Auflage, Dvir Verlag, Tel-Aviv, 1936.
- Young, Robert, Analytical Concordance to the Holy Bible, 8a ed., Lutterworth Press, London, reimpr. 1952.
- Zingarelli, Nicola, Vocabolario della Lingua Italiana, nova edizione VIII, aggiornata ed annotata a cura del Prof. Giovanni Balducci, Nicola Zanichelli, Bologna, 1959.
- Zorell, Francisco, Lexicon Graecum Novi Testamenti, 2a ed., P. Lethielloux, Paris, 1931.

4 - VERBETES DE DICIONÁRIOS

- 1712: D. Raphael Bluteau, arts. "Feira" e "Feria" in Vocabulário Portuguez e Latino, etc., Coimbra, Collegio das Artes da Companhia Jesu, 1712-1727, 8, vols + 2 supl., v.4, pp.61-63 e 77.
- 1878: Leonhard Schmitz, "Nundinae", in A Dict. of Greek and Roman Antiquities, de William Smith, 1878 pp.815:816 (Abrev. Nundinae, 1878)
- 1880: Henry Browne, "Week", in Dict. of Christian Antiquities, de Smith e Cheetham, 1880, pp.2030-2033 (Abrev. Week, 1880).
- 1880: Alfred Barry, "Sabath", in Dict. of Christian Antiquities, de Smith and Cheetham, 1880, pp.1822:1826 (Abrev. Sabath, 1880).
- 1880: Alfred Barry, "Lord's Day" in Dict. of Christian Antiquities, de Smith and Cheetham, 1880, pp.1042-1052 (Abrev. Lord's Day, 1880).
- 1887: Ch. Emile Luell, "Calendarium", in Dictionnaire des antiquités grecques et romaines, I, 2a parte, 1887 pp.822-842, espec. 833-835. (Abrev. Calendarium, 1887).
- 1892: G. Humbert, "Dies" in Dict. des antiquités grecques et romaines, de Daremberg et Saglio, III, parte 1a, 1892, pp.168-177 (Abrev. Dies, 1892)
- 1892: Salomão Reinach, "Dolichenus Deus Jupiter", in Dictionnaire des antiquités grecques et romaines, dir. Daremberg et Saglio, Hachette, Paris, t. II, 1ere partie, 1892, pp. 329-331.
- 1902: I. Abrahams, "Time" in a Dictionary of the Bible, de J. Hastings, vol. IV, 1902, pp.762-766 (Abrev. Time, 1902).

- 1902: N.Y.D.White, "Lord's Day" in A Dictionary of the Bible, de J.Hastings, vol III, 1902, pp.138-141 (Abrev.Lord's Day, 1902).
- 1902: S.R.Driver, "Sabbath", in a Dictionary of the Bible, de J.Hastings, vol.IV, 1902, pp.317-323, (Abrev.Sabbath, 1902).
- 1902: Gustav Adolf Deissmann, "Lord's Day" in Encyclopaedia Biblica, de Cheyne e Black, vol.II, 1902, cols.,2813-2816 (Abrev.Lord's Day, 1902).
- 1903: W. Robertson Smith, K. Marti, e T.K.Cheyne, "Sabbath", in Encyclopaedia Biblica de Cheyne e Black, 1903, cols. 4173-4180 (Abrev.Sabbath, 1903).
- 1903: K.Marti, "Week" (in Encyclopaedia Biblica de Cheyne e Black, volIV, 1903, cols. 5290 -5292. (Abrev. Week, 1903).
- 1908: David Smith, "Preparation", in Dictionary of Christ and the Gospels, de J.Hastings, vol.II, pp.409 - 410 (Abrev.: Preparation, 1908).
- 1908: G.Gordon Scott - "Time", in Dictionary of Christ and the Gospels, de J.Hastings, vol.II pp.731 (Abrev. Time, 1908).
- 1920: H. Dumaine - "Dimanche", in Dictionnaire d'archéologia chrétienne et liturgie, de Letouzey et Ané, 4, 1, 1920, cols. 858-994, espec. 858-931 (Abrev.Dimanche, 1903).
- 1922: Dom F.Cabrol, "Les fêtes chrétiennes", in Dictionnaire d'archéologie chrétienne et liturgie, de Dom Cabrol e H.Leclercq, tomo V, 1a. parte, 1922, cols.1403-1453, espec.1403-1414. (Abrev.:Fêtes, 1922).
- 1934 - Walther von Wartburg, art. "Dies" e Diebus in FEW, 1934, pp.71-73 e 105-106.
- 1938: Foerster, "Kýrios", in Kittel, Theologisches Wörterbuch, vol.III, 1937, pp.1095-1096.
- 1950: Walther von Wartburg, art."Luna mond.", in FEW, V, 1950, pp.450-455.
- 1959: Walther von Wartburg, art."Venus" in FEW, XIV, 1959, pp.270-271.
- 1961: Walther von Wartburg, art.Sabbatum Samstag, in FEW, XI, 1961, pp.2-5.
- 1964: Lohse, "Sábbaton", in Kittel TwzNT, vol.VII, 1964, pp.1-34.

5 - OBRAS ESPECIALIZADAS

- 1687: John Mäbius (+), De Planetaria dierum denominatione, Lipsiae, 1687.
- 1773: P.Joseph Fuchs (+), Abhandlung von den Wochentagen aus den Geschichten der alten Hebräer, Griechen, Römer und Deutschen zur Erklärung eines bei Mainz gefundenen alten heidnischen Altars mit acht Gozenbildern, Mainz, 1773.
- 1747: Wachter (+), Glossarium et Dissertatio historico-philologica de hebdomade gentilium et dierum a planetis denominatione, Berlin, 1747, 4.
- 1832: Y.C.Hare, "On the Names of the Day of the Week", in Philological Museum, I, pp.1-73, Cambridge, 1832 (Abrev. ONDW, 1832).
- 1844-1846: Lersch (+), "Der planetarische Götterkreis", in Jahrbücher des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande, IV, 1844, pp. 144-176; V-VI, 1844, pp.144-176; V-VI, 1844, pp.299-314; VIII, 1846, pp.145-148/149-152.
- 1848: J.B.Biot, "The Oriental Astronomer, etc." ("L'astronome d'Orient, offrant un système complet d'astronomie indienne", etc.) trad. de texto em inglês publicado em Jafna, Ceilão, 1848, in Journal des Savants, julho de 1859, pp.401-418.
- 1860: J.A.Hessey (+), Sunday :its origin history and present obligation, London, 1860 (5a.ed.de 1889).
- 1864: O.V.Reinsberg (+)-Düringsfeld, "Volkstümliche Benennungen von Mo-

- naten und Tagen bei Romanen", in Jahrbuch für romanische und englische Philologie, V-1864, pp.361-392.
- 1867: E.L.Rochholz, Deutscher Glaube und Brauch im Spiegel der Heidnischen Vorzeit, Ferd.Dürnlers Verlagsbuchhandlung, Berlin,1867.(Cap. I: "Die deutschen Wochentage Geschildet nach dem Grund ihrer Wechselnden Namen und Zeitbräuche").
- 1874: Schrader (+), "Der babylonisch Ursprung der siebentägigen Woche" in Theologische Studien und Kritiken, 1874, pp.343-353.
- 1876: Franz Miklosich - "Die christliche Terminologie der slavischen Sprachen" in Deutschriften des Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Wien, 1876, 24 Band, Cap.5, pp.19-21 (Abrev: DChTSlSp,1876).
- 1877-1879: De Witte e François Renormant, arts,"Les divinités des sept jours de la semaine", in Gazette Archéologique, 1877 (3e année), pp.50-57/77-85 e 1879 (5e année), pp.1-6 (Abrev: Divinités, 1877).
- 1883: W.Lotz (+), Historia Sabbati: Quaestionum de Historia Sabbati libri duo, Leipzig, 1883.
- 1883: E.Mayer (+), "Ursprung der sieben Wochentage", in Zeitschrift der deutschen morgendländischen Gesselschaft, XXXVII (1883), p.453.
- 1890: Haug, "Die Wochengöttersteine" in Westdeutsche Zeitschrift f"ur Geschichte und Kunst, 9, (1890) pp.17-53.
- 1893: J.Babel, "Samedi" in ZfrPh, 17(1893), p.564.(Abrev: Samedi,1893).
- 1894: E.Maas, (+), "Die Tagesgötter" in Rom und den Provinzen aus der Kultur des Niedergangs der antiken Welt, Indogerm.Forsch,4 (1894), pp.326-334.
- 1895: Fr.Kluge(+), "Die deutschen Namen der Wochentage Sprachgeschichtlich erklärt" in Beheft 8 zur Zeitschrift des allgemeinen deutschen Sprachvereins, 1895, pp.89-98.
- 1895: W.Schulze (+), "Samstag", in Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung, XXXIII,1895,pp.266-286 (=kleine Schriften, Göttingen, 1933, pp.231-296).
- 1896: J.Gilliéron, "Notes dialectologiques", in Romania, 25, 1896, pp.424-440 (espec.429-435,"Les noms des jours de la semaine en Savoie").
- 1897-1898 J.Bolte (+) -"Die Wochentage in der Poesie" in ASTnSp, 98 (1897), pp.81-96/281-300; 99 (1897) pp.9-24/100 (1898) pp.149-154.
- 1898: Th.Zahn (+), "Geschichte des Sonntags vornehmlich in der altenkirche, in Skizzen aus dem Leben der alten Kirche, Leipzig, 1898.
- 1900: H.Fischer (+), "Die Namen der Wochentage in Schwäbischen" (Schwäbischen" (SA aus den Württembergischen Vierteljahrsheften f"ur Landesgeschichte) Neue Folge, IX, Stuttgart,1900.
- 1901: G.Gundermann, "Die Namen der Wochentage bei den Römern", in ZfdW, I, Strassburg, 1901, pp.175-186 (Abrev.DNWR, 1901).
- 1901: P.Jensen, "Die siebentägige Woche im Babylon und Ninivch", in ZfdW, I, 1901, Karl J.Trübner, Strassburg, pp.150-160 (Abrev. DsWBN, 1901).
- 1901: W.Meyer-Lübke, "Die Namen der Wochtage im Romanischen", in ZfdW, I, Karl Trübner, Strassburg, 1901, pp.192-193 (abrev.DNWR, 1901).
- 1901: Albert, "Die Namen der Wochentage in Griechischen", in ZfdW, I, Strassburg, 1901, pp.163-173 (Abrev.DNWG, 1901).
- 1901: Albert Thumb, "Die albanesischen Wochentage" in ZfdW, I, Strassburg, 1901, pp.173-175 (Abrev.DaW, 1901).

- 1901: R.Thurneysen, "Die Namen der Wochentage im den keltischen Dialekten" in ZfdW, I, Karl Teubner, Strassburg, 1901, pp.186-191 (Abrev.DMWkd, 1901).
- 1904: G.Bilfinger (+), "Der Krumme Mittwoch", in ZfdW, 4 (1904), p.253.
- 1904: Pinches, "Sapattu", in Proceedings of the Society of Biblical Archeology, vol.XXVI, 1904, pp.51-56.
- 1904: Zimmern (+), "Sabbat" in Zeitschrift der deutschen morgenlandischen Gesellschaft, vol.58, 1904, pp.199-202 e adendo pp.458-460.
- 1905: J.Meinhold (+), Sabbat und Woche im Alten Testament (= Forschungen zur Religion und Litteratur des Alten und Neuen Testaments, V) Göttingen, 1905.
- 1905: E.Schürer, "Die siebentägige Woche im Gebrauche der Christlichen kirche der ersten Jahrhunderte", in ZfNTWissenschaft und die Kunde des Urchristentums, Giessen, VI, 1905, pp.1-66 (Abrev.DsWGChK, 1905).
- 1907: J.Hehn (+), Siebenzahl und Sabbat bei den Babylonien und im Alten Testament, Leipzig, 1907.
- 1908: G.Gilliéron e Mario Roques, "Les noms Gallo:romans des jours de la semaine", in Revue de Philologie Française et Provençale, XXII, 1908, pp.268-290 (Abrev.Les noms gallo-romans, 1908).
- 1909: H.Schulz (+), "Die Namen der Wochentage in der Sprache der freiburger Urkunden und Protokolle", in ZfdW, 9 (1909), p.182.
- 1925: K.Pietsch (+), "Zur spanischen Grammatik : Die Namen der Wochentage" in Homenage Menéndez Pidal, t.I, 1925, p.42.
- 1925: Petar Skok, "La semaine slave", in Revue des Études Slaves, V, 1925, pp.14-23 (Abrev.RESl, 1925).
- 1926: N.Durnovo, "La semaine slave", in Revue des Études Slaves, VI, 1926, 107-108.
- 1927: Th.Frings und J.Niessen (+), "Zur Geographie und Geschichte von "Ostern, Samstag, Mittwoch" im Westgermanischen", in Indogermanische Forschungen, XL, 1927, pp.276-310.
- 1928: W.Kubitschek, Grundriss der antiken Zeitrechnung, C.H.Beck'sche, München, 1928, pp.30-40 (98: Antike Woche).
- 1928: Petar Skok, "Les noms des jours de la semaine", in Revue des Études Slaves, VIII, 1928, pp.87-88 (Abrev.RESl, 1928).
- 1929: Eberhard Kranzmayer (+), Die Namen der Wochentage im den Mundarten von Bayern und Osterreich, Wien-München, 1929.
- 1929: F.Schürer, (+), Aus romanische Wort- und Lautgeschichte 1 Frz. samedi und mb umi, m", in Wörter und Sachen, 12, 1929, pp.245-248.
- 1934: A.Ferrua S.J., "Dal Giorno di Dio al Giorno degli Dei" in Civiltà Cattolica, ano 850, vol.II, Roma, 1934, pp.128-143, (Abrev. Dal Giorno, 1934).
- 1935: W.O.E.Oosterley, Le sabbat, trad.S.Jankélévitch, Payot, Paris 1935.
- 1935: M.Zobel (+), Der Sabbat, sein Abbild im jüdischen Schriften seine heutige Gestalt, Berlin, 1935.
- 1936-1938: Al.Procopovici, "Despre a zi 6, probleme de fonetica i fonologie in Dacoromania, vol.IX, 1936-1938, pp.76-77.
- 1940: José Pedro Machado, "Curiosidades Filológicas", in Boletim de Filologia, VI, 1940, pp.403-407, espec.422-427 (Subtit."segunda-feira, etc.")
- 1940: W.Giese, "Segunda-feira, etc.", in Boletim de Filologia, VI, 1940, pp.197-203 (Abrev. Segunda-feira, 1940).

- 1941: Manoel de Paiva Boléo, Os nomes dos dias da semana em português (influência moura ou cristã?), Coimbra Editora Ltda. (Col. de Est. Linguísticos e literários, históricos e pedagógicos-Universitas), pref. de 1941 (Abrev. Os nomes, 1941).
- 1941: M. López Estrada, Resenha do diálogo Boléo-Giese sobre "Os nomes dos dias da semana em português", Rev. Fil. Esp., XXV(1941), pp. 562-568.
- 1941: W. Giese, "Outra vez "Segunda-feira", transcrito por M. P. Boléo, in Os nomes dos dias da semana em português (influência moura ou cristã?), col. Universitas, Coimbra, 1941, pp. 13-16.
- 1942: José Pedro Machado, "Os nomes dos dias da semana em português", Revista de Portugal, Série A, Língua Portuguesa, vol. I, 2, nov. de 1942, pp. 91-97.
- 1942: G. Rohlfs, "Zu den toskanischen Wochentagsnamen", in Archiv für das Studium der neueren Sprachen, 180, 1942, pp. 117-120 (Abrev. ZtW, 1942).
- 1942: Walther von Wartburg, Recensão a M. Paiva Boléo, "Os nomes dos dias da semana em português", Coimbra, 1941, in ZfrPh, 62, 1942, p. 133.
- (+)
- 1942-1943: H. a. J. Lewy, "The Week and the West Calendar", in Hebrew Union College Annual, (Cincinnati), XVII, 1942-1943, pp. 1-152.
- 1942: M. Seabra, "Besprechung der Arbeit Paiva Boléo" in Romanische Forschungen, 56(1942), pp. 202-204.
- 1943: José Pedro Machado, "Ainda a propósito dos dias da semana em português", in Rev. de Port., série A, L. Port., Vol. I, nº 4, jan. 1943, pp. 210-214.
- 1948: Hans Peter Bruppacher, "Die namen der Wochentage in Italianischen und Rätoromanischen" (Romanica Helvetica, vol. 28), Bern, 1948 (Abrev. DNWiR, 1948).
- 1948: Gerhard Rohlfs, "Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes", in Boletim de Filologia, t. X, 1949, pp. 88-94.
- 1948: Philipp Schmidt (+), S. I., "Wochentagsnamen als astrologisches Urgut", in Stimmen der Zeit, vol. 142, 1948, p. 471.
- 1949: Giuliano Bonfante, "Tracce del Calendario Ebraico in Sardegna?" in Word, V, 1949, pp. 171-175. (Abrev. Tracce, 1949).
- 1949: Walther von Wartburg, art. "Les noms des jours de la semaine", in Von Sprache und Mensch (Gesammelte Aufsätze) Francke Verlag, Bern, 1956, pp. 45-60 (=Les nombres de los días de la semana, in RFE, 33, 1949, pp. 1-14).
- 1950+ Hans Peter Bruppacher, Resenha ao art. de Walther von Wartburg "Los nombres de los días de la semana", na RFE 33 (1950), 1-14, in Vox Romanica, XI, 1950, pp. 354-357.
- 1950: Henrich Schmid (+), Recensão do trabalho de Hans Peter Bruppacher, Die Namen der Wochentage in Italianischen und Rätoromanischen RH 28, A. Francke, Verlag, Bern, 1948. Vox Romanica, 1950, pp. 327-339.
- 1951: Albert Henry, "Les noms des jours de la semaine en ancien français", Romania LXXII, (1951), pp. 1-30; 224-226 (Abrev. Les noms, 1951).
- 1953: José Van den Besselaar, "Quaestiunculae Chronologicae" in Anuário de 1953 da Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientiae" da Univ. Católica de São Paulo, pp. 163, (Abrev. Quaest. Chron., 1953).
- 1953-4: Per Nykrog, "Dilun-lun-lundi: une mise au point", in Studia Neophilologica, a Journal of Germanic and Romanic Philology, vol. XXVI, 1953-1954, Uppsala, A-B Lundequistska Bokhandeln, pp. 127-142.

- 1954: W.Giese, "Die Namen der Wochentage und Monate in Albanesischen", in Homenage a Fritz Krüger, t.I, Mendoza, 1954, pp.59-69.
- 1954: Gerhard Rohlfs, Diferenciación Léxica de las Lenguas Románicas, (trad. Manuel Alvar), Publ.Rev.de Filología Española, n.XIV, Madrid, 1960 (Abrev: DLLR) (Original alemão de 1954 - Die lexikalische Differenzierung der romanischen Sprachen Versuch einer roman Wortgeographie (mit 50 Karten). Sitzungsberichte der Bayer A Kad.der Wiss., Phil.-Hist.Klasse, Jahrgang, 1954, Heft 4, München).
- 1956: W.v.Wartburg, Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes (neuarbeitete "Übersetzung von "Los nombres...") in v.Wartburg Sammelband "Von Sprache und Mensch", Bern, O.J., 1956, pp.45-60.
- 1957: J.A.Jungmann, (+) "Der liturgische Wochenzyklus", in Zeitschrift für Katholische Theologie, LXXIX, 1957, pp.45-68.
- 1958: Rudolf Baher "Zu den romanischen Wochentagsnamen", in Romanica (Festschrift für Gerhardt Rohlfs) Veb Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1958, pp.26-56 (Abrev.: ZrW, 1958).
- 1958: Constant Maneca, "Consideratii cu privire la numele zilelor saptamini in limbele romanice", in Onagiu lui Iorgu Iordan, Editura Academiei Republicii Populare Romine, Bucuresti, 1958, pp.547-55 (Abrev: Consideratii, 1958).
- 1959: A.Degrassi (+), "Un nuovo fragmento di calendario romano e la settimana planetaria di settegiorni" in Atti del III Congresso Internazionale di Epigrafia Greca e Latina, Roma, 1959, pp.95-104.
- 1963: Carlo Tagliavini, Storia di Parole Pagane e Cristiane attraverso i tempi, Marcelliana, Brescia, 1963 (Abrev: Storia di Parole, 1963)

VI - COLEÇÕES DE TEXTOS E AVULSOS

- Migne, J.P. - Patrologiae Cursus Completus Parisiis, Series Latina, 844 et ss., Series Graeca 1857 et seq., apud Garnier Fratres.
- 1- Series Graeca (alguns volumes indicados em notas; Abrev. Migno, PG.)
 - 2 - Series Latina (numerosos volumes indicados em notas; abrev: Migne, PL).
- Biblioteca de los Autores Cristianos (sob os auspícios e direção da Pontificia Universidade de Salamanca) Editorial Católica S/A, Madrid.
- Coleção Enchiridia da Editorial Herder, Barcelona, 1947-1951
- Kirch S.J., Veding S.J. - Enchiridion Fontium Historiae Ecclesiasticae Antiquae
 - Denzinger - Bannwart - Umberg - Enchiridion Symbolorum,
 - Rollet de Jouruel S.J. e Dutilleul S.J. - Enchiridion Asceticum,
 - Rouët de Journel S.J. - Enchiridion Patristicum,
- Coleção "Sources Chrétiennes", dir.de H.de Lubac, S.J. e J.Danielou, S.J. Les Editions du Cerf, Paris - Ethérie: Journal de Voyage, Texto latino da Peregrinatio ad Loca Sancta.
- Collection des Universités de France, publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé. (Alguns volumes que aparecem citados nas notas).
- Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, Lipsae, in Aedibus B.G. Teubneri.
- Friedericus Hultsch(ed.), Censorini De Die Natali Liber.

- Ambrosii Theodosii Macrobiani, Saturnaliorum Libri VII, Commentariorum in Somnium Scipionis Libri II, Somnium Scipionis, ed.de Franz Eyssenhardt.

Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, Oxonii e Typographo Clarendoniano.

- espec.Isidori Hispaensis Episcopi, Etymologiarum sive Originum Libri, 2 v.

Classiques Garnier, Librairie Garnier Frères, Paris.

(alguns volumes que aparecem indicados nas notas).

Edições Firmin-Didot, Paris

- Flavii Josephi, Opera Graece et Latine, Ed.de Dindorf, 2 t.
- Dionisii Halicarnassensis, Antiquitatum Romanarum quae Supersunt.

The Loeb Classical Library, William Heinemann Ltd., London (Harward Univ. Press, Cambridge, Massachussets).

- Vários volumes de Filão de Alexandria citados em notas.

Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, Vindbonae F.Tempsky (Abrev. CSEL)

- espec.Itinera Hierosolytanitana Saeculi IIII-VIII, Introd., recensão e índices de Paulo Geyer, vol.32 39.
- outros vols.citados em notas.

Corpus Christianorum

- Itineraria et Alia Geographica, Turneholti, Typographi Brepols, Editores Pontificii, 1945.
- Sancti Caesaris Arelatensis Sermones, Idem, 1953
- Clovis Patrum Latinorum, Steenbrugis, in Abbatia Sancti Petri, 1951.

Vetus Latina, Verzeichnis der Sigel, Verlag Herder Freiburg, 1949.

Anciens Glossaires Romains, corrigés et expliqués par Frédéric Diez, Librairie A.Franc, Paris, 1870.

Antologia del Latin Vulgar (Biblioteca Románica Hispánica), Ed., introd.e notas de Manuel Diaz y Diaz. Ed.Gredos, Madrid, 1950.

Breviarium Romanum Pii Papae X auctoritate reformatum, Editio VI juxta typicam, amplificatam IV, Ratisbonae, 1923, Pars Hiemalis (Cectio VI, pp.410-411).

Claude W.Barlow (ed) - Martini Episcopi Bracarenensis Opera Omnia, Publ. The American Academy in Rome, Yale Univ.Press, New Haven, 1950.

Epigrafia Cristiana, (trattato elementare con una silloge di antiche iscrizioni cristiane principalmente di Roma). Manuali Hoepli, Ed.de Orazio Marucchi, Hoepli, Milano, 1910.

Gregorii Episcopi Turonensis, Zehn Bücher Geschichten (Historiarum Libri Decem), 2 v.Wissenschaftliche Buchgesellschaft E.V., Darmstad, 1955-1956.

Inscriptiones Christianae Verbis Romae, etc. ed. de Jean-Battista Rossi, ed. de Silvagini.

Ramón Menéndez Pidal, Documentos Lingüísticos de España, Centro de Estudios Históricos, Madrid, 1919.

Sancti Benedicti Regula Monasteriorum cum concordantiis eiusdem, ed.de D. Gregorius Arroyo, O.S.B., Editio iubilare. Regallis Abbatia S.Dominici de Silos, Burgis in Hispania, 1947.

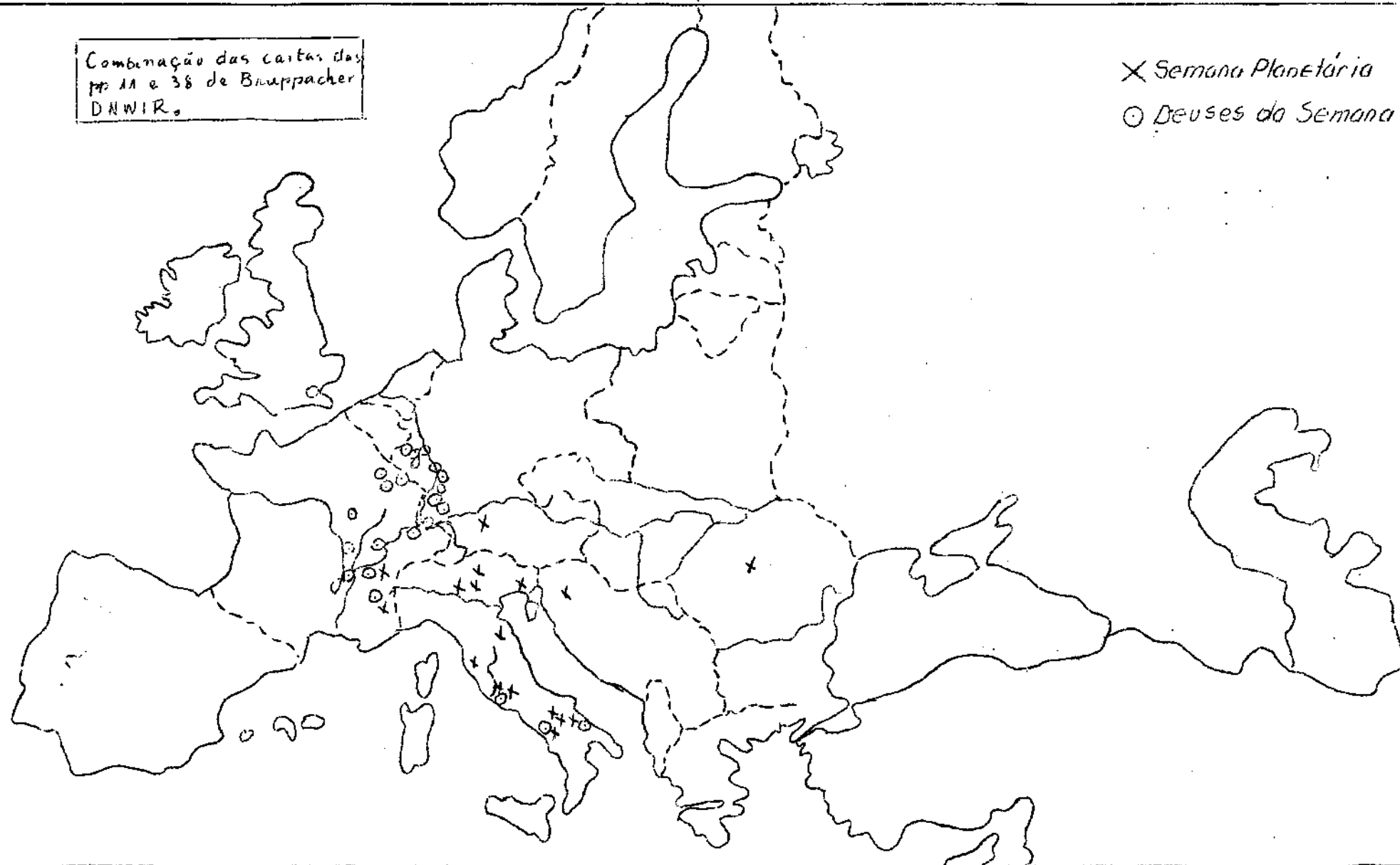
S.Benedicti Abb.Rom.Regula Monasteriorum, Testo, Introduzione, comento e note del Card.A.Idelfonso Schuster. Instituto Missionário, Pia Società S.Paulo, 1945.

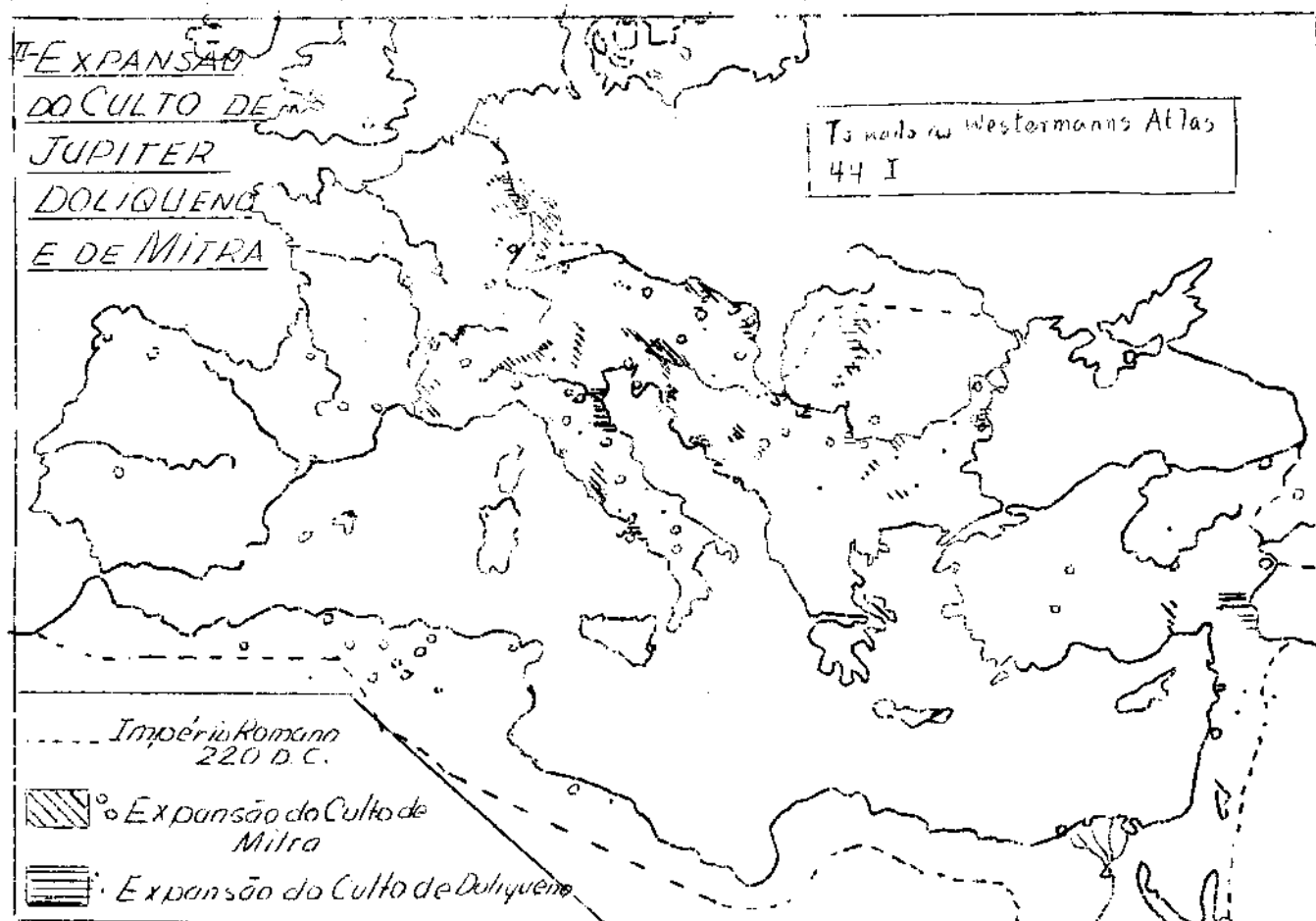
W.Foerster und E.Koschwitz, Alfranzösisches Übungsbuch, etc., 7a.ed., Leipzig, O.R.Reisland; 1932.

I - DIFUSÃO DA SEMANA PLANETÁRIA E DOS DEUSES DA SEMANA

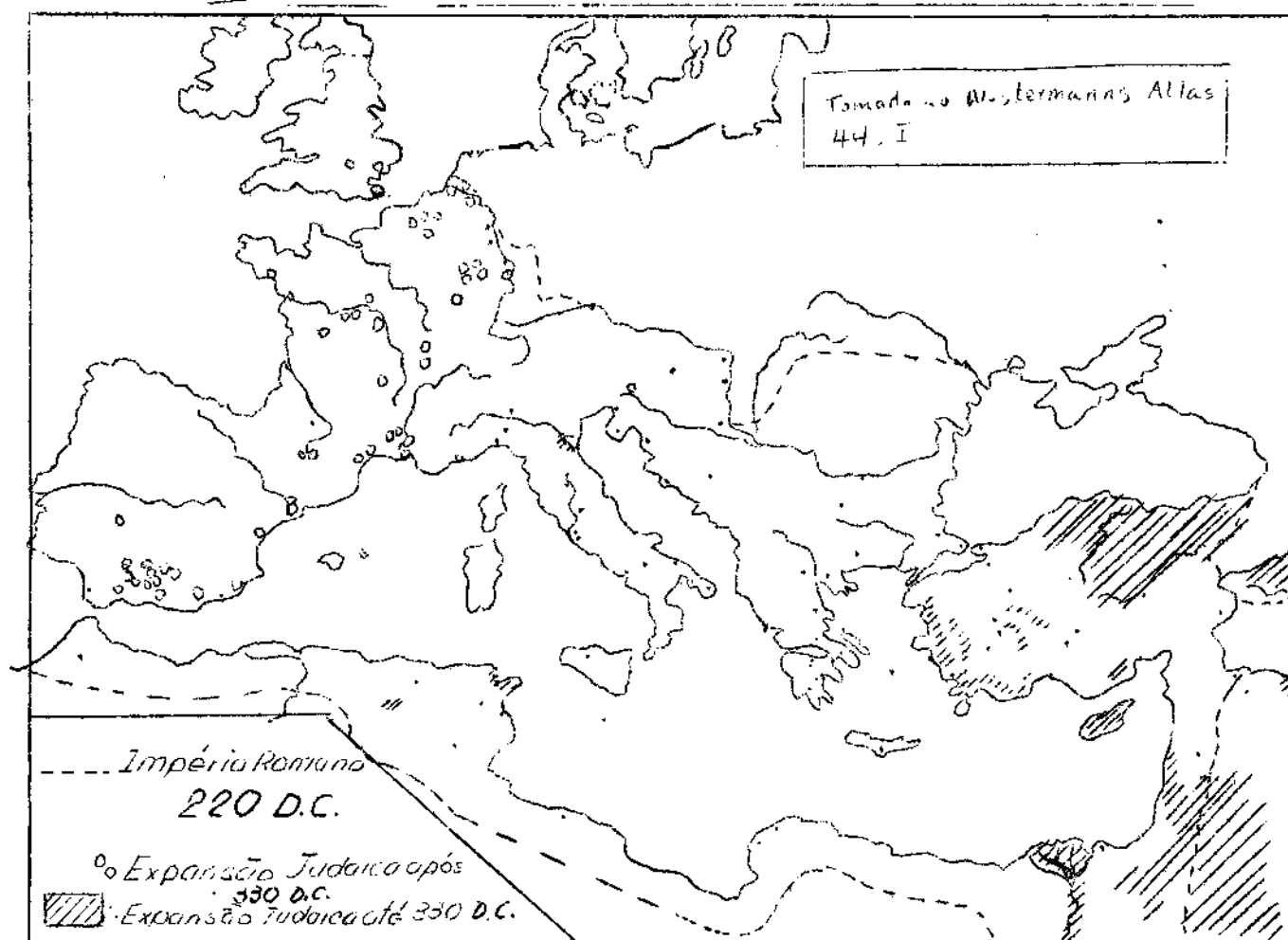
Combinação das cartas das
pp. 11 e 38 de Bruppacher
DNWIR.

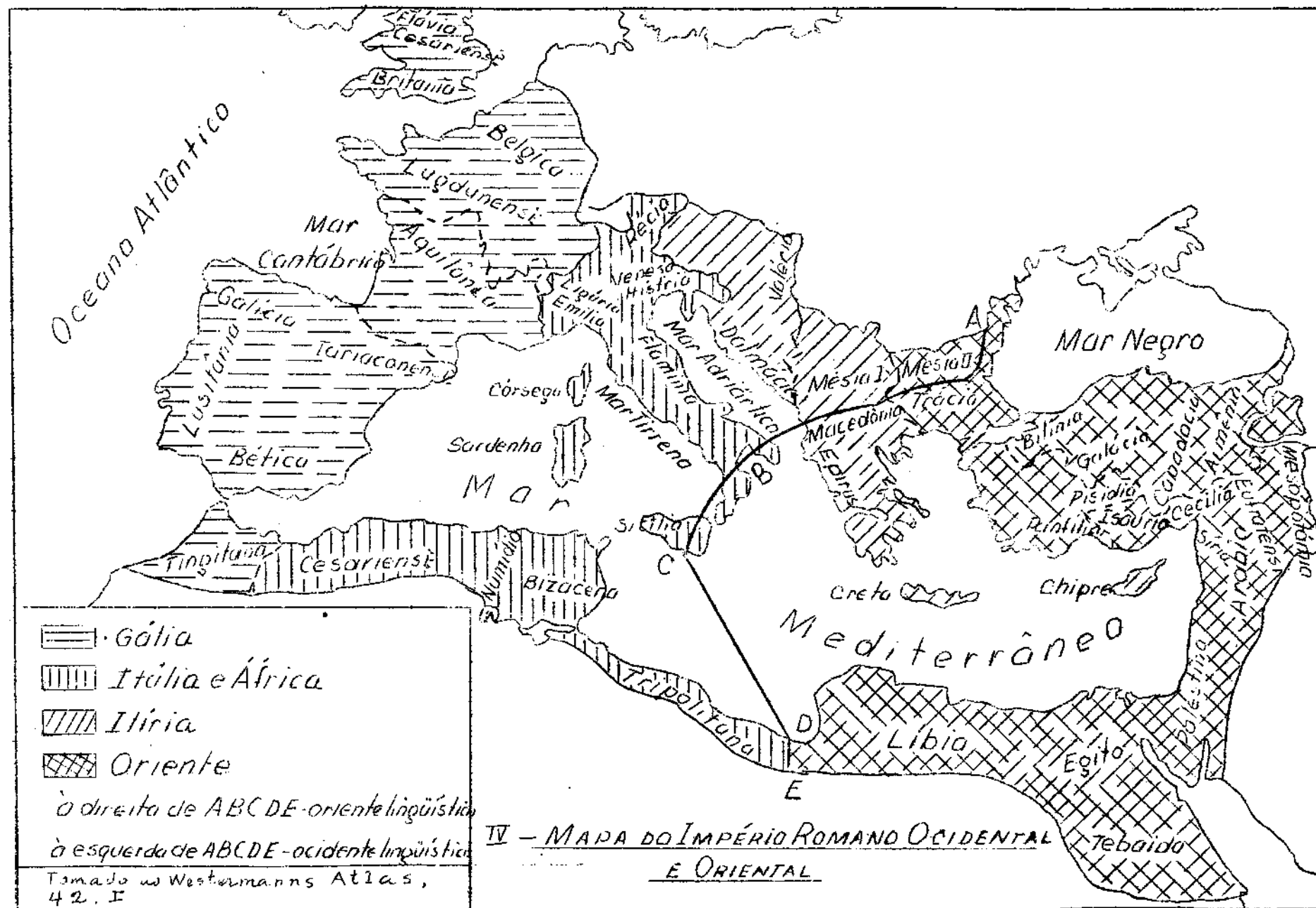
X Semana Planetária
○ Deuses da Semana



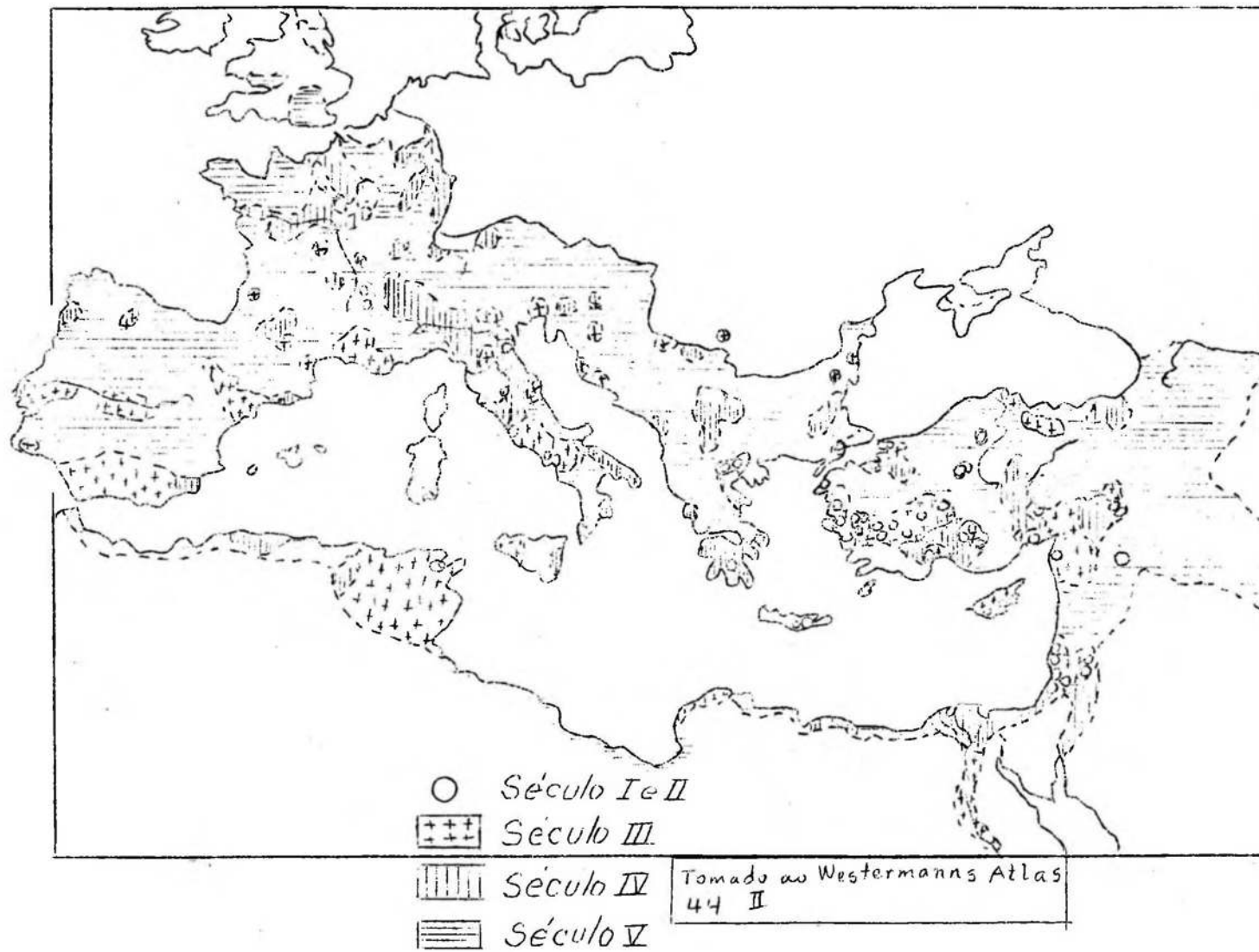


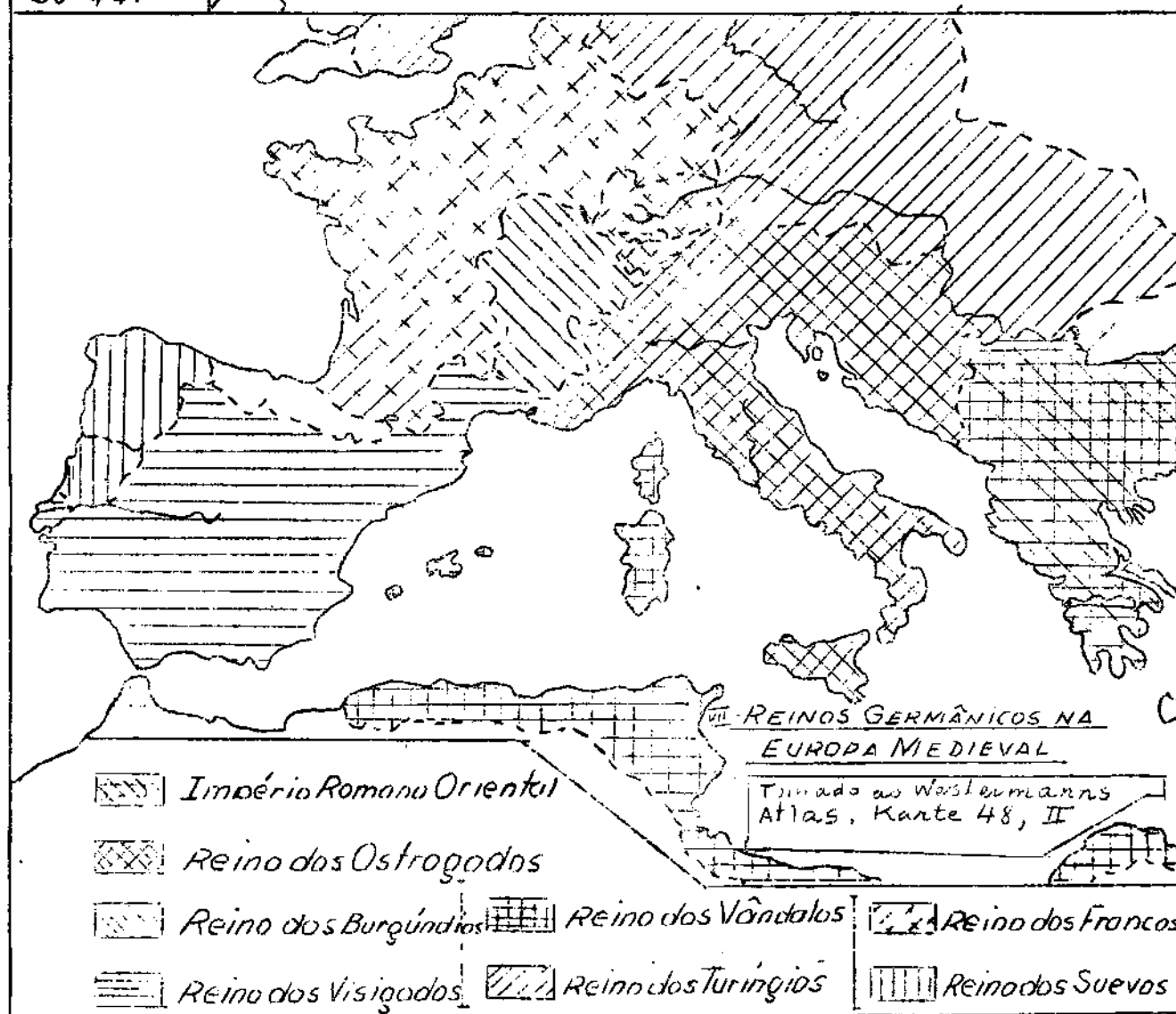
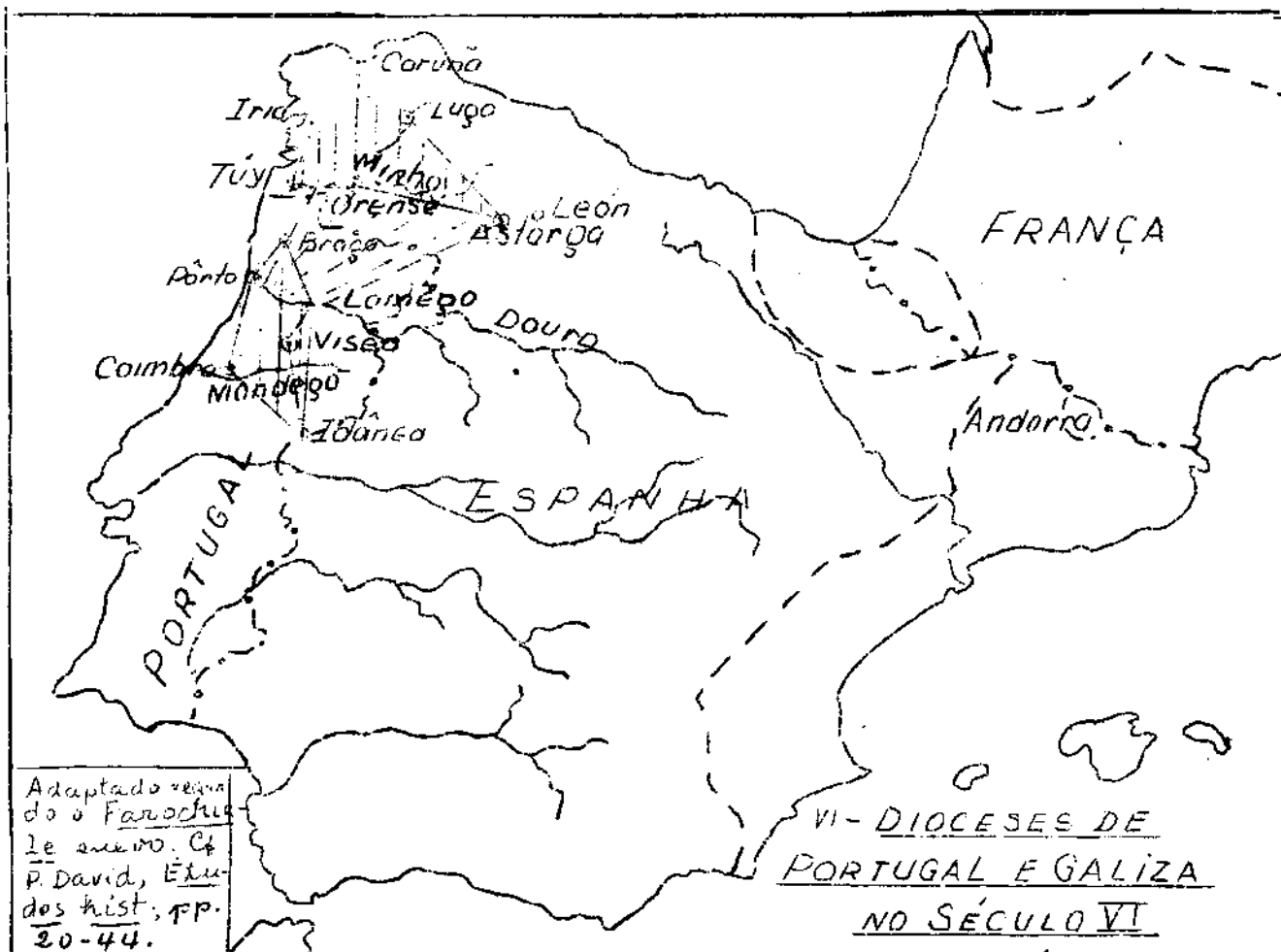
III - EXPANSÃO JUDAICA ATÉ 330 D.C. E APÓS 330 D.C.

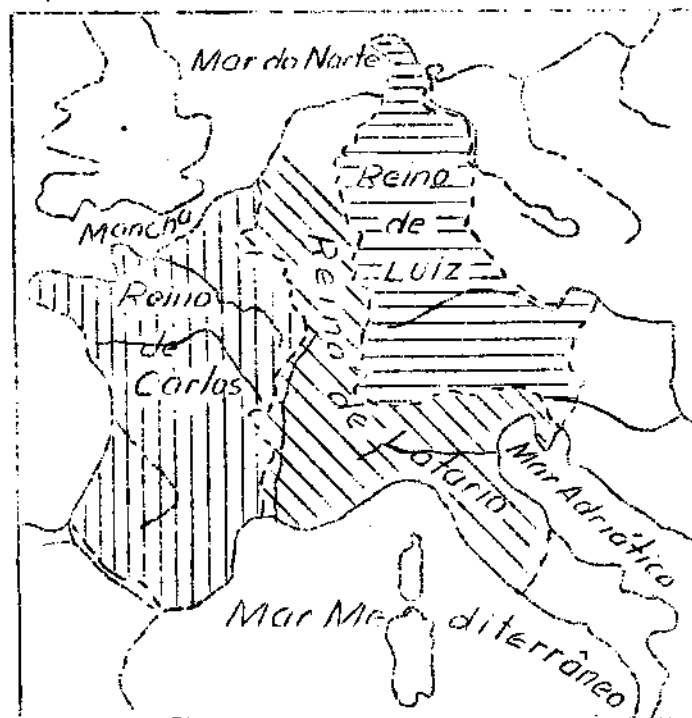




V- EXPANSÃO DO CRISTIANISMO ATÉ O SÉCULO V







VIII - TRATADO DE VERDUM

(Extraído de Mallet-Isaac "Le Moyen Age" pág. 157)



IX - A ÍTÁLIA SOB O DOMÍNIO LOMBARDO

(Idem, Ibidem, pág. 87.)

XI-

LÍNGUAS DA EUROPA

(Presença no I de
las llinguas do mundo)
(1973)

Oceano Atlântico

Mar Negro

Germânicas

- 1 Islandês
- 2 Alemão
- 3 Neerlandês
- 4 Norueguês
- 5 Sueco
- 6 Inglês
- 7 Dinamarquês

Românicas

- 8 Francês
- 9 Provençal
- 10 Franco-Provençal
- 11 Espanhol
- 12 Português
- 13 Italiano
- 14 Corso
- 15 Sardo
- 16 Romeno

Grego

Albanês

Bálticas

- 17 Letão
- 18 Lituano

Célticas

- 19 Irlandês
- 20 Gaélico
- 21 Bretão
- 22 Gaules

Eslavo

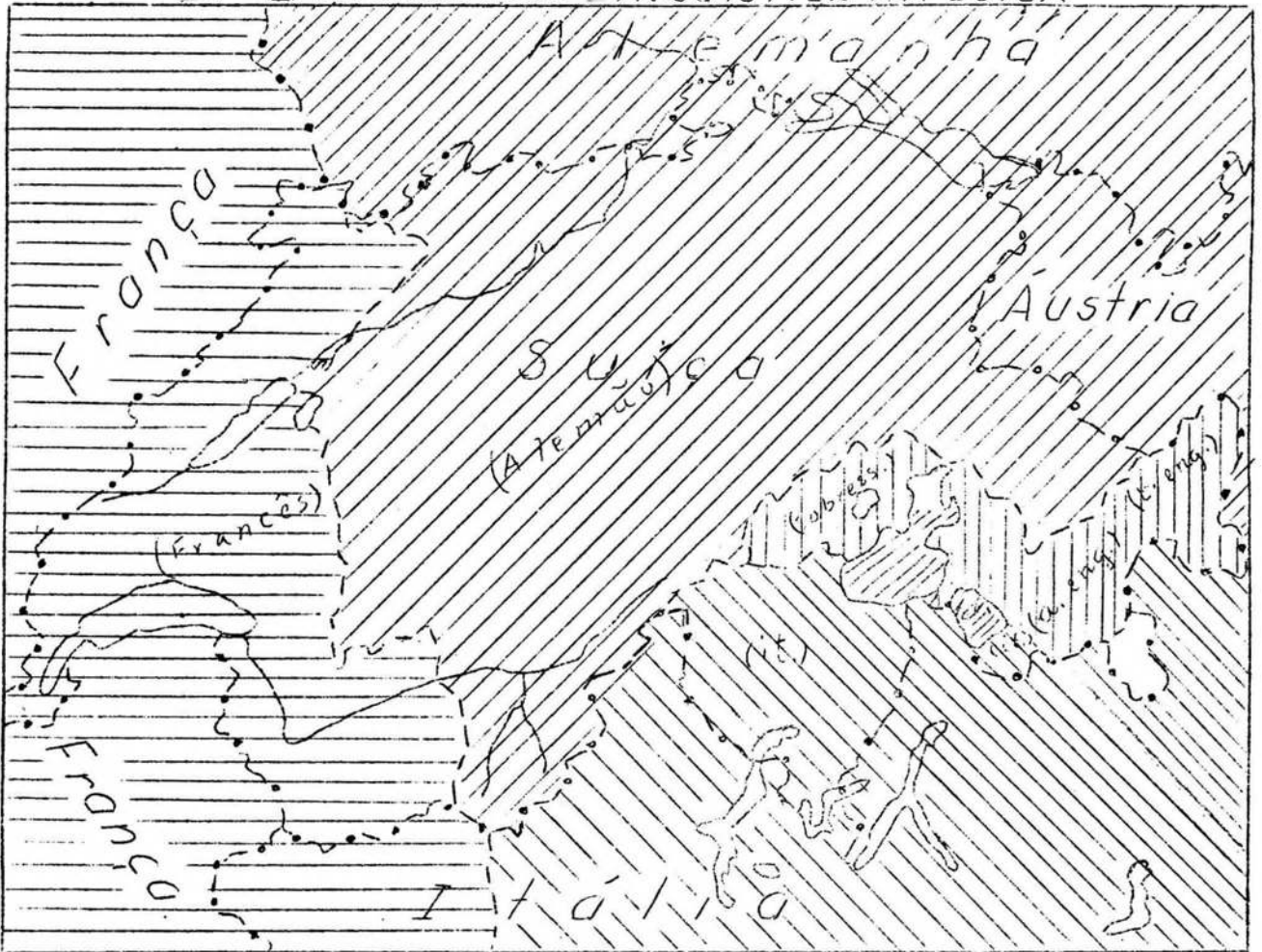
- 23 Grande Russo
- 24 Russo Branco
- 25 Búlgaro
- 26 Polonês
- 27 Tcheco
- 28 Ucrainiano
- 29 Servo-Croata

Línguas Ural-Altaicas

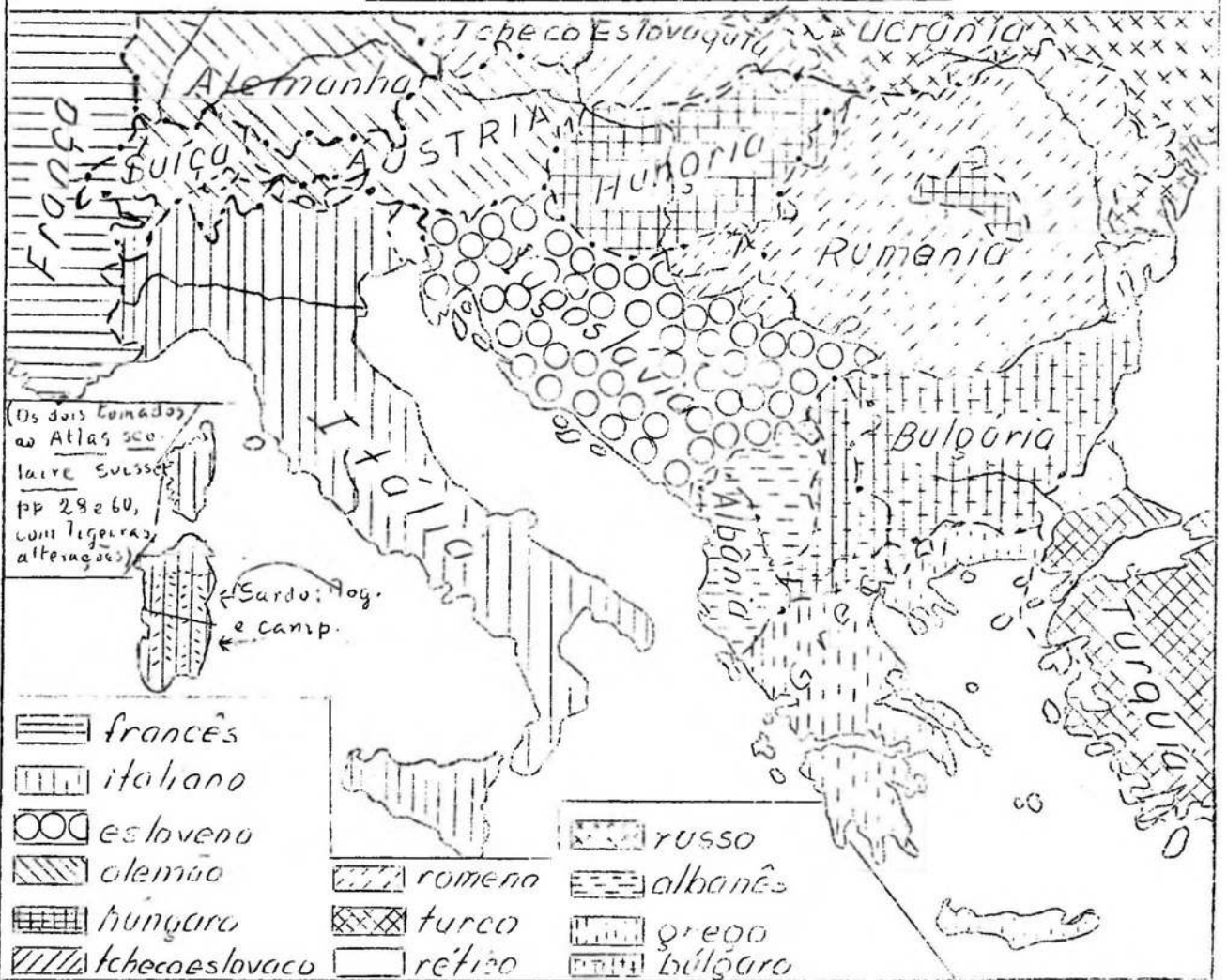
Iraniana

Árabes e Berberes

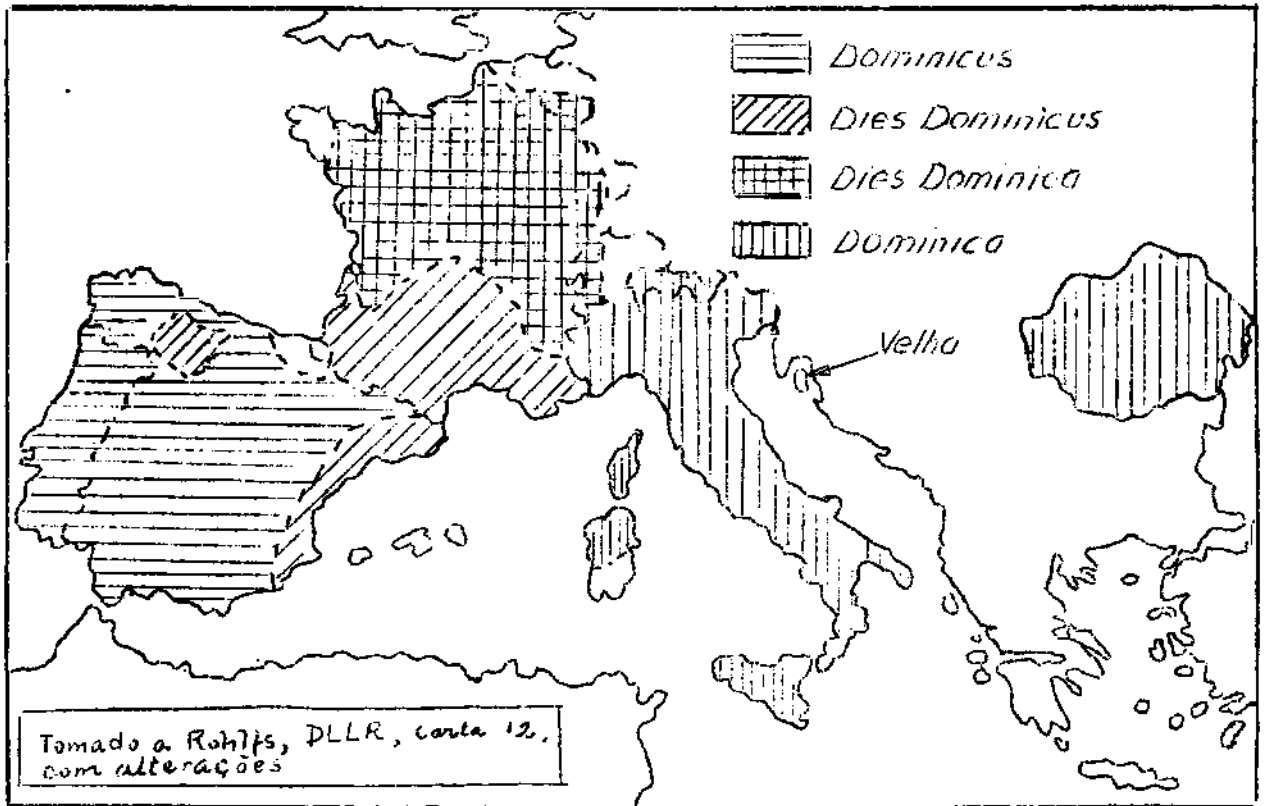
XII - DISTRIBUIÇÃO LINGÜÍSTICA NA SUÍÇA



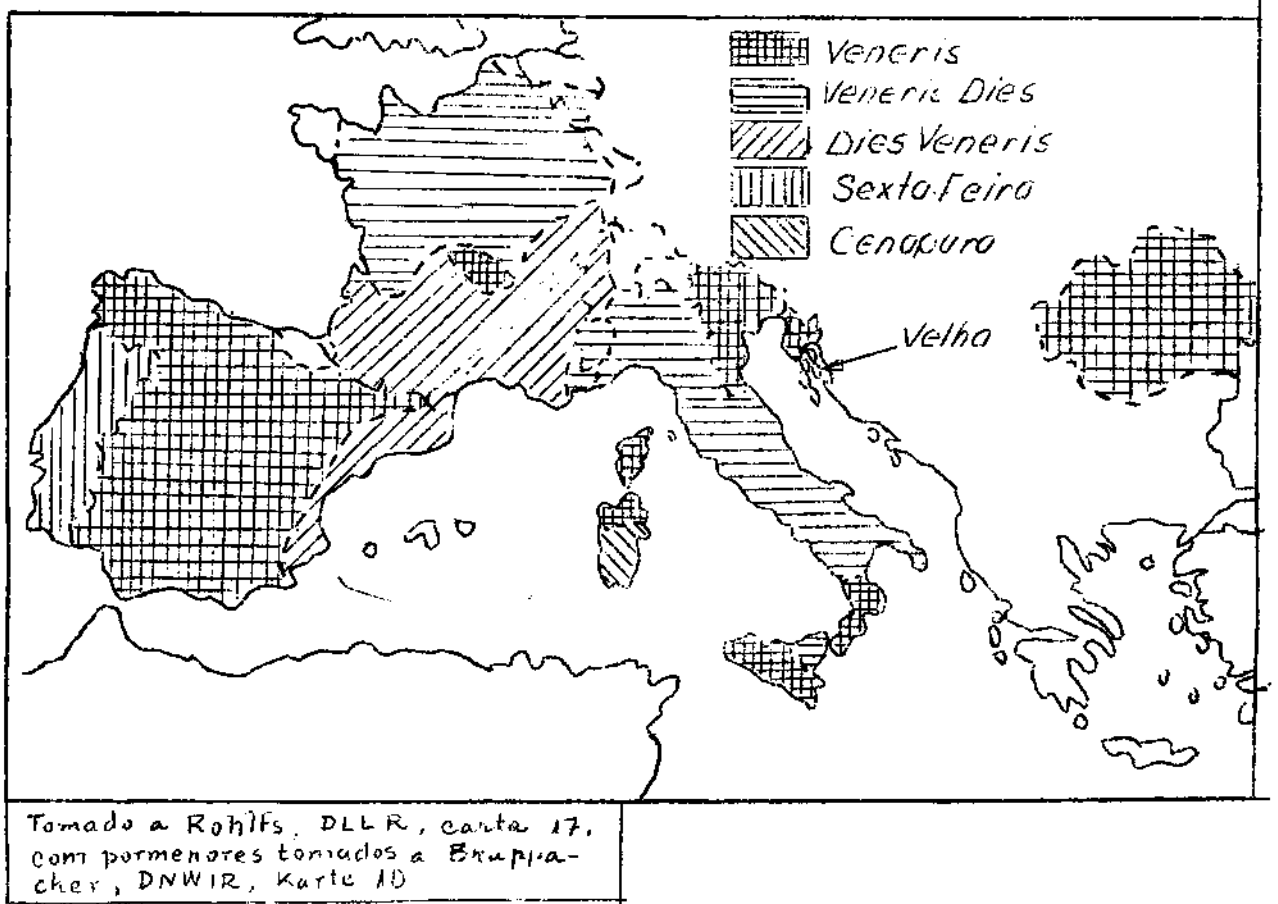
XIII - LINGUAS DOS Balcãs

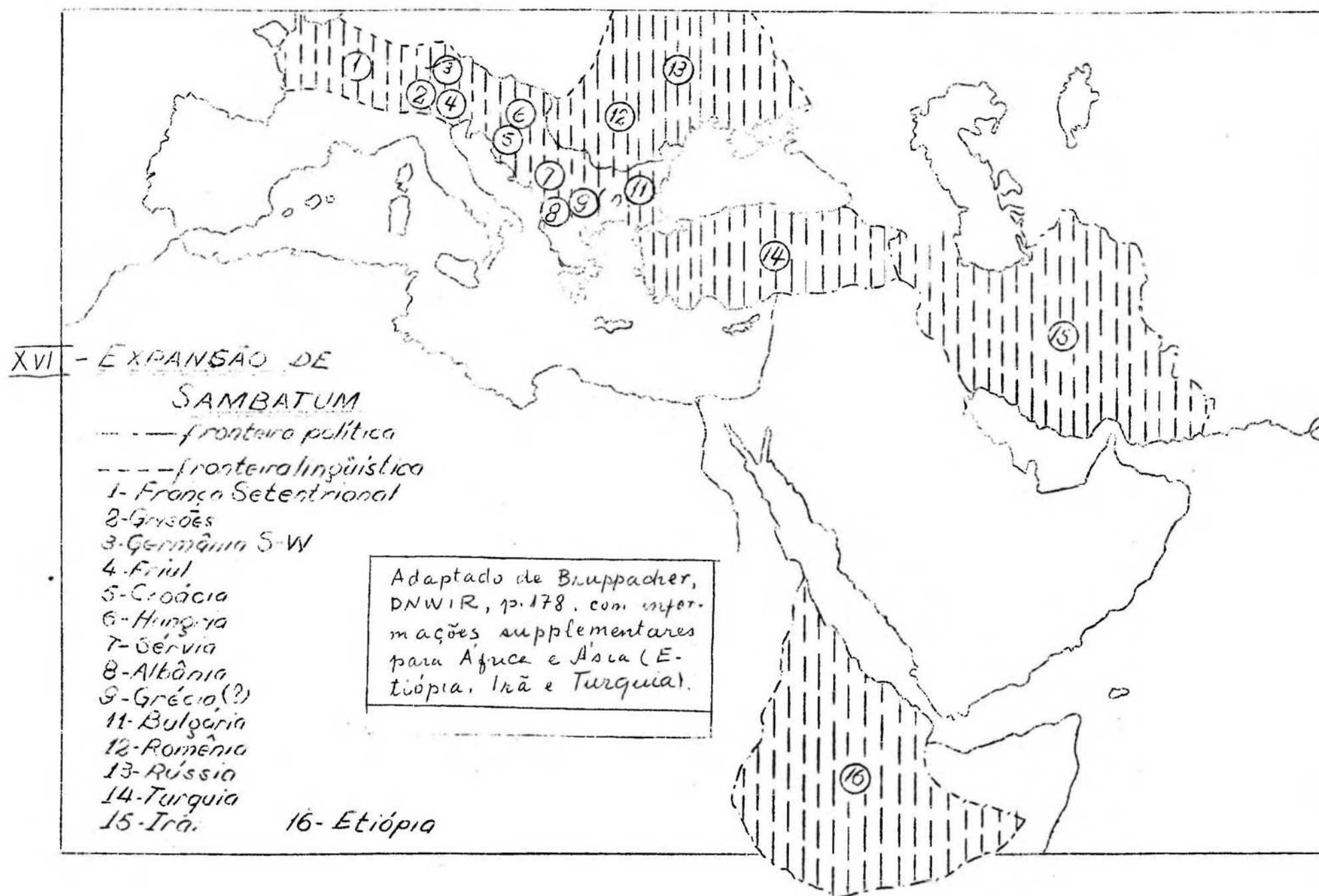


XIV - OPÇÃO DOMINICUS-DOMINICA



XVI - "SEXTAFEIRA" NA ROMÂNIA





XVIII - "QUARTA-FEIRA" NO DOMÍNIO ITALÍCO



-  *mercoledì*
-  *mercoledì*
-  *mercuris*
-  *media hebdomas*
-  *carmine.*

Tomado a Bruppacher, DNWIR,
Karte 5, p. [239]

XIX — EXPANSÃO DE JOVIA



XX - "SEXTA FEIRA" NO DOMÍNIO ITALIANO



 Venendi

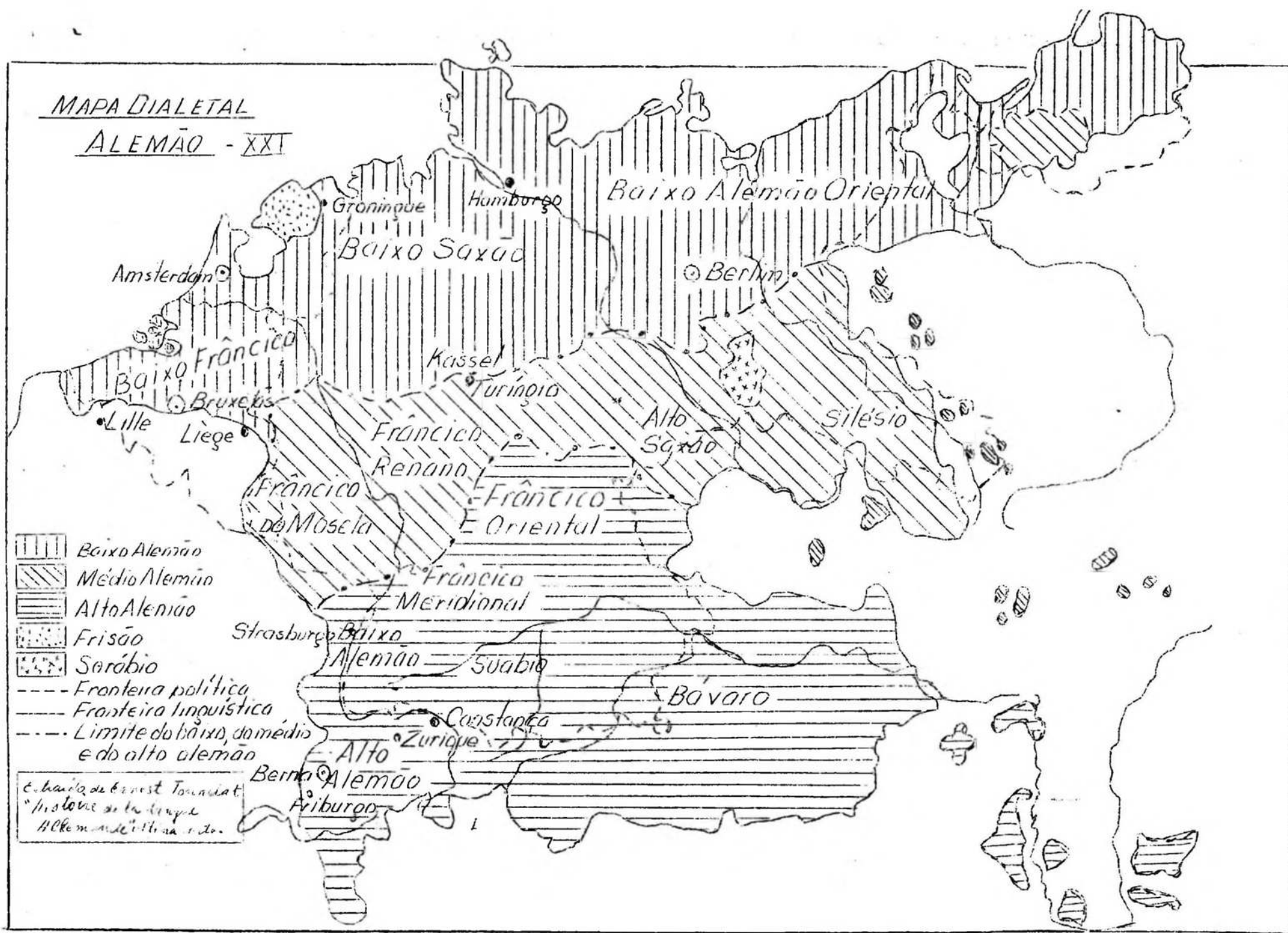
 Venere

 Vinars

 Kenôpera; Kenôpara; Kenôpura

Tomado a Bauppacher,
ONWIR, Karte AD

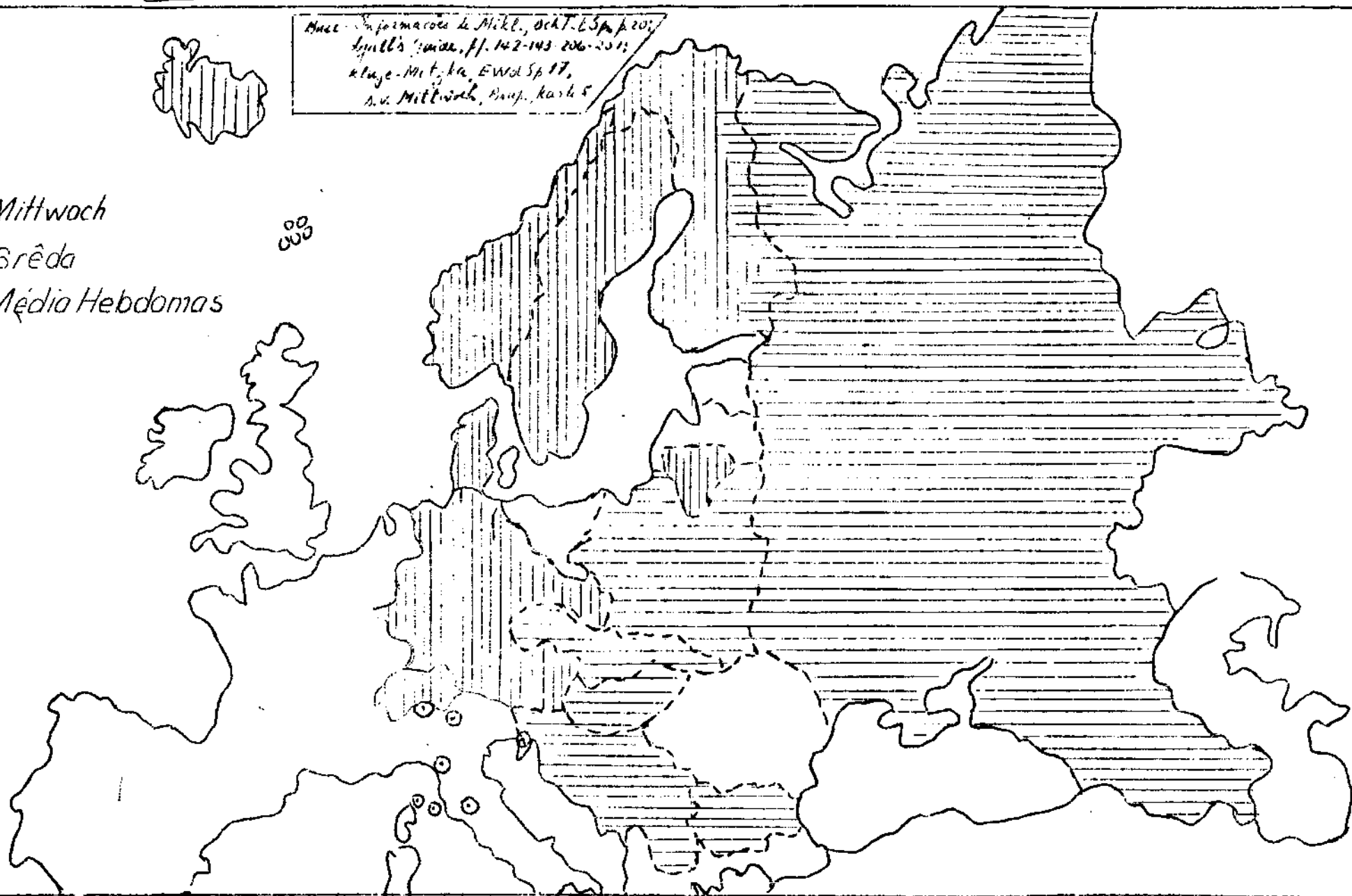
MAPA DIALETAL
ALEMÃO - XXI

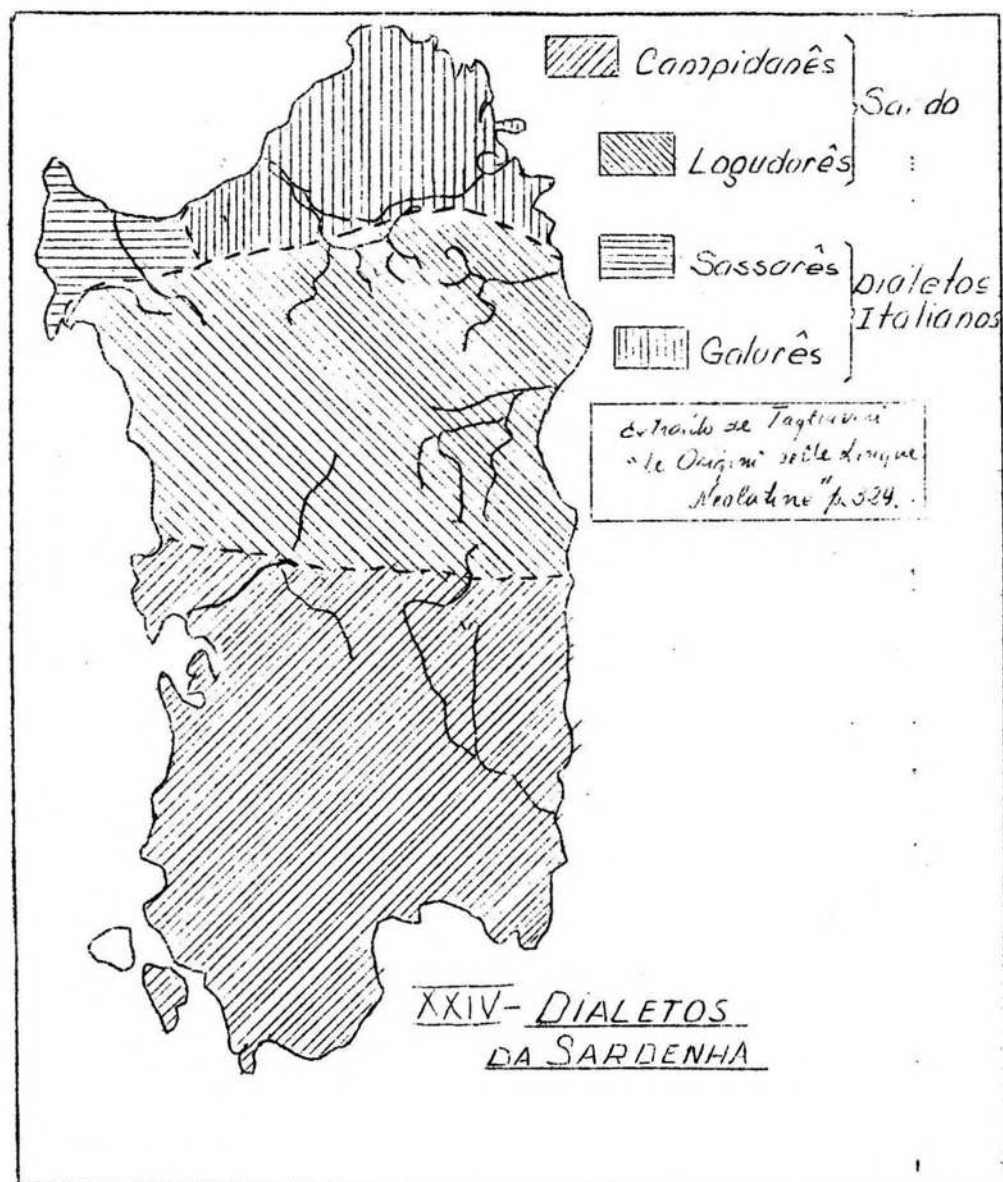


XXII

TIPOS "SRÊDA", "MITTWOCH" E "MÉDIA HEBDOMAS" NA EUROPA.

Buss - *Informações de Níckl*, OcT. ESp. p. 20;
 Lyell's *Guide*, ff. 142-143, 206-207;
 Kluge - *Mit. ka*, EWOL Sp. 17,
 A. v. *Mittwoch*, *Paup.*, kar. 5


 *Mittwoch*
 *Srêda*
 *Média Hebdomas*


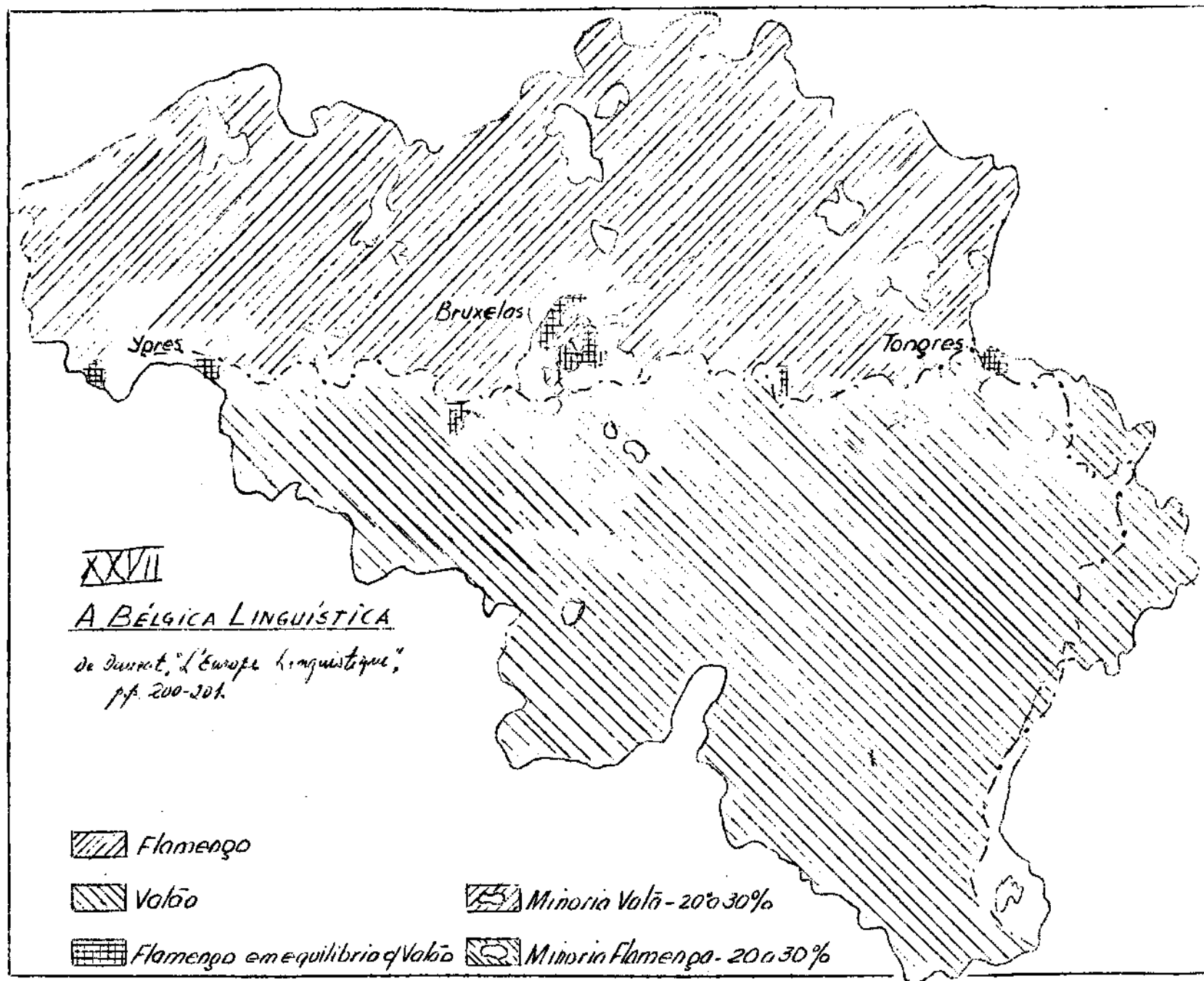


XXV - DIALETOS DO GALO-ROMANCE.



XXVI - AREA DE
DIE DOMINICA NA
ESPAHA NA EPOCA
MEDIEVAL



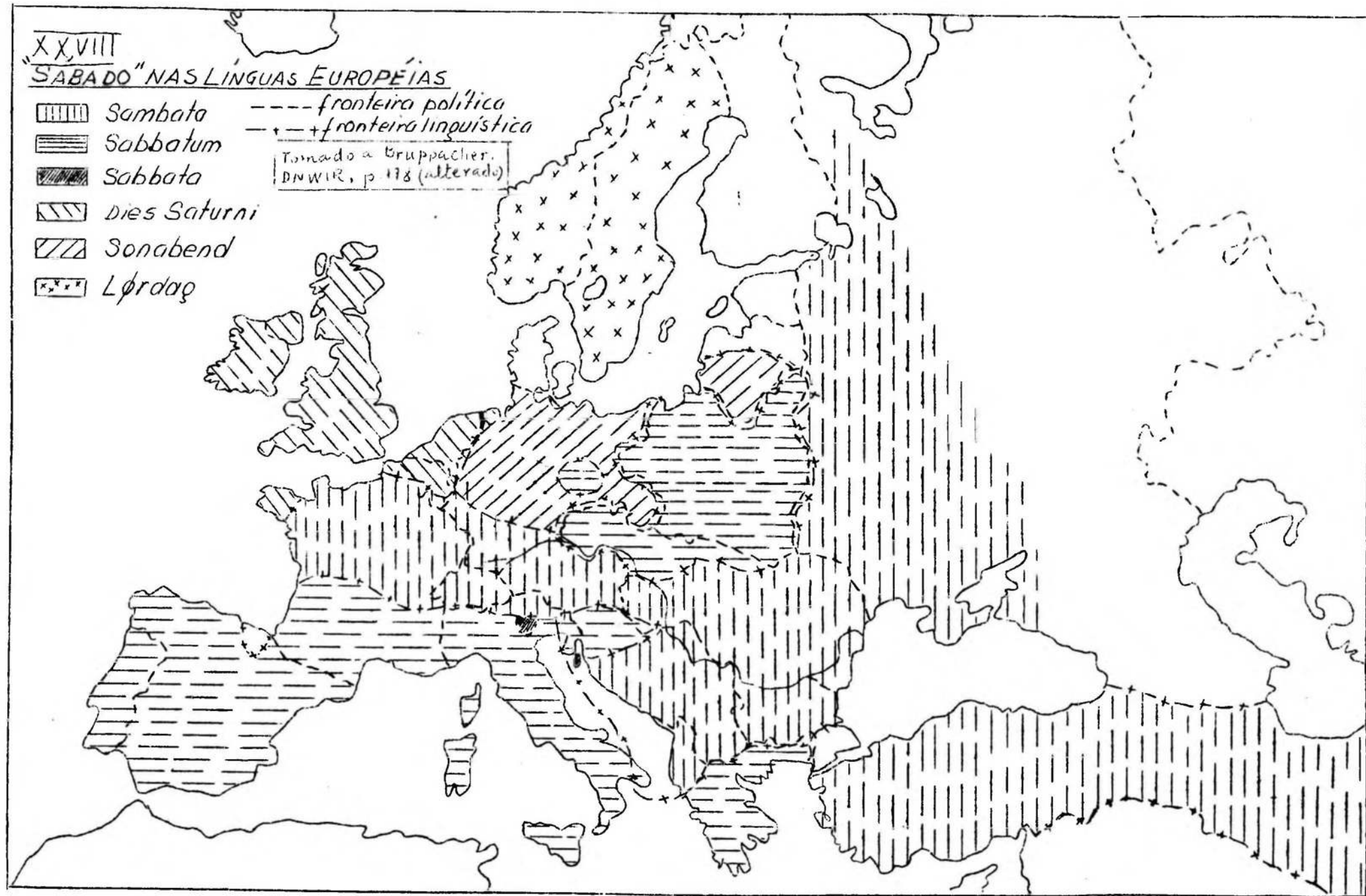


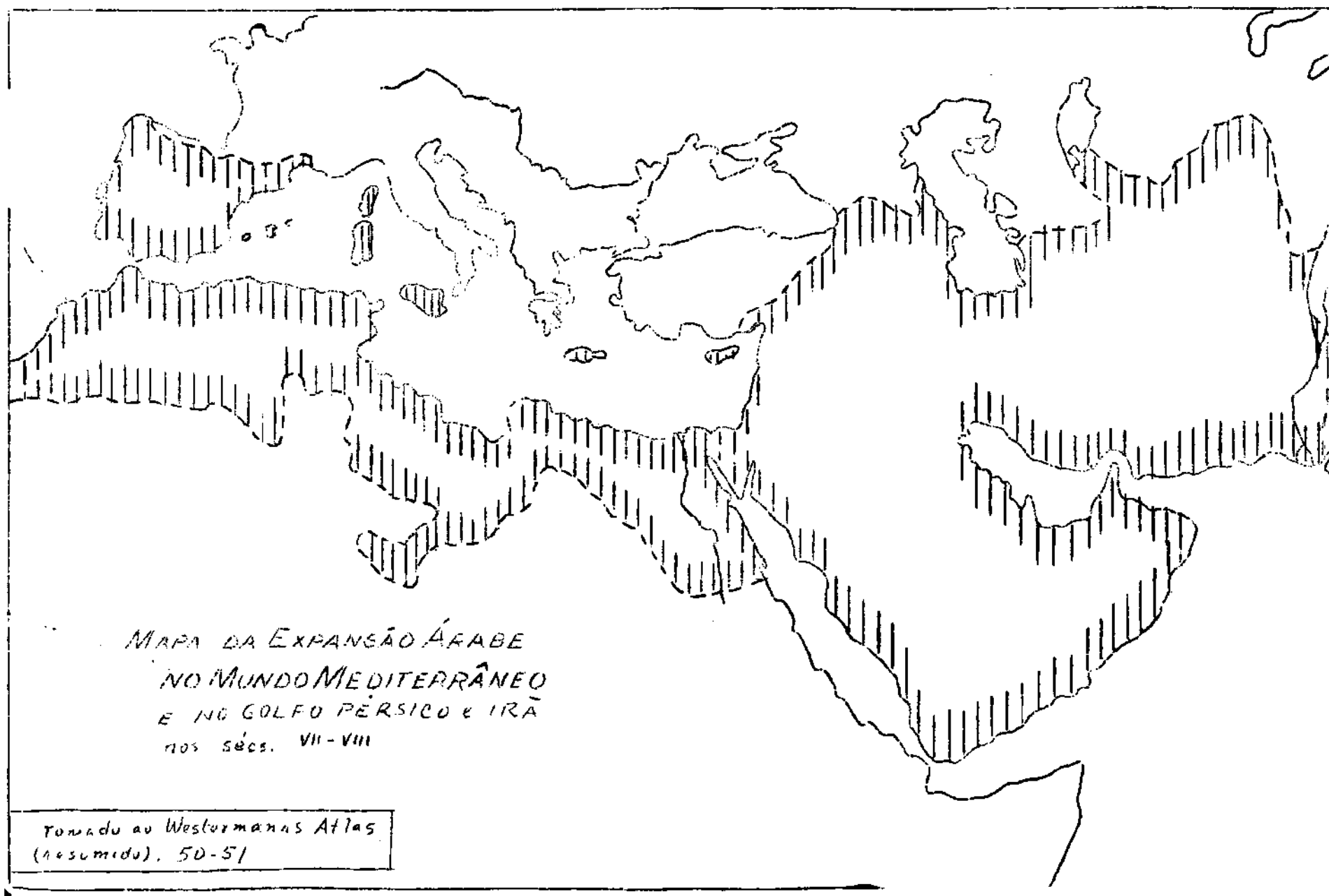
XXVIII

"SABADO" NAS LÍNGUAS EUROPEIAS

-  *Sambata* - - - - - fronteira política
 *Sabbatum* - + - + - fronteira linguística
 *Sabbata*
 *Dies Saturni*
 *Sonabend*
 *Lørdag*

Tomado a Bruppachier,
DNWIR, p. 178 (alterado)





MAPA DA EXPANSÃO ÁRABE
NO MUNDO MEDITERRÂNEO
E NO GOLFO PÉRSICO E IRAQUE
nos sécs. VII-VIII

Tomado do Westermanns Atlas
(resumido), 50-51